**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL**

TIAGO ROSA MACHADO

A medicalização no futebol brasileiro: discursos, saberes e práticas (1950-1966)

São Paulo

2014

TIAGO ROSA MACHADO

A medicalização no futebol brasileiro: discursos, saberes e práticas (1950-1966)

Dissertação apresentada à Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo, para
obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: História Social

Orientador: Prof. Dr. Flavio de Campos

São Paulo

2014

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

M113m Machado, Tiago Rosa
A medicalização no futebol brasileiro: discursos, saberes e práticas (1950-1966) / Tiago Rosa Machado ; orientador Flavio de Campos. - São Paulo, 2014. 296 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de História. Área de concentração: História Social.

1. Futebol brasileiro. 2. Medicalização. 3. Medicina Esportiva. 4. Preparação Atlética. 5. Regimes discursivos. I. Campos, Flavio de, orient. II. Título.

TIAGO ROSA MACHADO

A medicalização no futebol brasileiro: discursos, saberes e práticas (1950-1966)

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: História Social

Aprovado em:

Banca Examinadora:

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

Para Orlando, Berenice e José Claudio, por
ensinarem o caminho das pedras.
Do Largo das Pedras.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, como não poderia deixar de ser, ao Prof. Dr. Flavio de Campos, pelas longas jornadas na orientação e na formação intelectual.

À Capes, pela concessão da imprescindível bolsa de estudos e ao programa de Pós-Graduação do Departamento de História da FFLCH-USP.

Aos Profs. István Jancsó e Júlio Groppa Aquino, por iluminarem caminhos em momentos de penumbra.

À Fátima Antunes e José Paulo Florenzano, pelas orientações, exemplos e condutas admiráveis.

À Vivian Augusto, pelo amor, carinho e companheirismo, transformando longas e extenuantes jornadas em momentos de felicidade e vida.

Aos meus pais, José Claudio e Berenice, por todo o apoio, desde sempre.

Às irmãs Vanessa e Luciana, por sempre estarem ao lado na formação humanitária, contestatória e íntegra.

Aos familiares Orlando, Helena, Regina, Antonio Carlos “Toninho”, “Orlandinho”, Edna, Manoel, Rosa, Karina, Raquel, Vítor, Gustavo, João, Carmen, Guilherme, Dennis, Neíza.

Aos amigos Tiago “Itapira” Machado, Baltazar Sena, Rafael Godoi, Eduardo “Tião” Barbosa, Gislene Moura, Ion Fernández, Bianca Briguglio, Érika Kulesa, Rodrigo Ceretta, Ester Fer, Ramón Arnús, Pedro Felizes, Paolita Solis, Wilq Vicente, Eduardo Portela, Oliver Cauê Cauã, Juliano “Japa” Tuboni, Ana Paula Martins, Fernanda Reis, Sean Purdy, Antonio Vieira, Poliana Lima, Isabela Lima, Rodrigo Lima, Tarciso Furquim e Eduardo Cereto, fundamentais e verdadeiros.

Aos companheiros do Gief, em especial, Max Rocha e Sérgio Giglio.

Aos colegas do Ludens, nominalmente Sabrina Matuda, William Contini, Willian Maranhão e Enrico Spaggiari.

Aos craques do Tô Ti Venu, sobretudo Pedro Moura, Luís Massagardi, Glauco Gonçalves, Fábio Pitta, Pedro Rocha e Luís Fellin; também aos outros peladeiros da vida: Carlão, Pitta, Olívia, Niel, Fadão, Juba, Bílu, Rafael, Samuel, Tita, Juninho, Flávio, Paulinho, Luís Tadeu, e tantos outros driblados pela memória. Como se atribui a Camus, fundamentais para se conhecer a moral e os deveres dos homens.

Às amizades cultivadas nas arquibancadas do Morumbi: Malu Lopes, Diego Cuesta, Vinicius Campos, Tobias Sena.

O técnico planeja 95% do que vai acontecer
num jogo de futebol; alguma coisinha,
como 5%, ele tem que deixar
para os jogadores, não é?
(Otacílio Gonçalves, técnico de futebol)

RESUMO

MACHADO, Tiago Rosa. **A medicalização no futebol brasileiro**: discursos, saberes e práticas (1950-1966). 2014. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Universidade de São Paulo (USP), 2014.

A presente pesquisa aborda diferentes manifestações discursivas verificadas em um segmento da imprensa escrita brasileira nos processos de preparação das seleções brasileira ao longo dos anos delimitados pelas Copas do Mundo de 1950 e 1966. Nesse contexto, procuramos perquirir a emergência dos saberes associados à autoridade do médico da CBD e sua determinante correlação na autorização e assentamento de novas *expertises* acionadas com o intento de maximizar a eficiência atlética dos jogadores de futebol. Procuramos investigar de quais modos se manifestam alguns aspectos relacionados à afamada modernização da gestão inaugurada pela chegada de João Havelange à presidência da CBD, em 1958 e, dessa forma, como se encadeiam permanências e rupturas no âmbito das questões técnicas atinentes ao preparo dos futebolistas. O período aqui enfocado contempla os processos seminais de especialização do condicionamento físico dos jogadores, da submissão dos futebolistas a uma verdadeira plêiade de especialidades médicas, incluindo a preparação psicológica, e, por conseguinte, da afirmação de um regime de economia de poder e controle centrados no corpo dos sujeitos jogadores de futebol.

Palavras-Chave: Futebol brasileiro. Medicalização. Medicina Esportiva. Preparação atlética. Regimes discursivos.

ABSTRACT

MACHADO, Tiago Rosa. **A medicalização no futebol brasileiro**: discursos, saberes e práticas (1950-1966). 2014. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Universidade de São Paulo (USP), 2014.

This research deals with the different discursive expressions found in a segment of the Brazilian press during the preparations of the Brazilian national soccer team for the World Cups from 1950 to 1966. In this context, we aimed to investigate the emergence of a discourse of expertise among physicians of the Brazilian Sports Confederation (CBD) and their role in the authorization and implementation of new techniques intended to maximize the athletic efficiency of Brazilian footballers. We explored the ways in which some aspects of this process were related to the famous modernization of football management inaugurated by the arrival of João Havelange to the presidency of the CBD in 1958 and the subsequent consequences for continuities and discontinuities in technical questions related to the athletic preparation of players. During this period, the preparation of players on the national team involved initial specialized physical conditioning and the submission of players to a veritable host of medical specialties, including psychological preparation. As a result, this process contributed to the construction of a regime of power and control centered on the bodies of the footballers.

Keywords: Brazilian football. Medicalization. Sports Medicine. Athletic preparation. Discursive regimen.

RESUMEN

MACHADO, Tiago Rosa. **A medicalização no futebol brasileiro**: discursos, saberes e práticas (1950-1966). 2014. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Universidade de São Paulo (USP), 2014.

La presente investigación aborda diferentes manifestaciones discursivas observadas en un sector de la prensa escrita brasileña en los procesos de preparación de las selecciones brasileñas a lo largo de los años delimitados por las Copas del Mundo de 1950 y 1966. En este contexto, procuramos inquirir en la emergencia de los saberes asociados a las autoridades médicas de la CBD y su determinante correlación en la autorización y asentamiento de nuevos expertismos accionados con la intención de maximizar la eficiencia atlética de los jugadores de fútbol. Buscamos investigar de qué forma se manifiestan algunos aspectos relacionados a la afamada modernización de la gestión inaugurada por la llegada de João Havelange a la presidencia de la CBD, en 1958 y, de ese modo, como se encadenan permanencias y rupturas en el ámbito de las cuestiones técnicas relativas al preparo de los futbolistas. El periodo aquí enfocado contempla los procesos seminales de especialización del condicionamiento físico de los jugadores, de la sumisión de los futbolistas a una verdadera pléyade de especialidades médicas, incluyendo la preparación psicológica, y, por consiguiente, de afirmación de un régimen de economía del poder y del control centrados en el cuerpo de los sujetos jugadores de fútbol.

Palabras clave: Fútbol brasileño. Medicalización. Medicina Deportiva. Preparación atlética. Regímenes discursivos.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01 – A Noite, 30 de janeiro de 1944, p. 3	p. 59
Imagem 02 – Capa do Relatório oficial da Copa de 1950	p. 60
Imagem 03 – Organograma da Organização Administrativa da CBD para a Copa do Mundo de 1950 seguida pelas formações das Comissões, p. 10.	p. 61
Imagem 04 – continuação do rol nominativo das Comissões seguida de imagens de encontros dos dirigentes.....	p. 62
Imagem 05 – JB, 01 de abril de 1958, 2º Cad., p. 1.	p. 71
Imagem 06 – JB, 22 de abril de 1958, 2º Cad., p. 1.	p. 141
Imagem 07 – DN, 26 de maio de 1954, 2ª seção, p. 8.....	p. 151
Imagem 08 – JB, 16 de abril de 1966, p. 19.	p. 175
Imagem 09 – JB, 09 de abril de 1958, 2º Cad., p. 1.	p. 189
Imagem 10 – OESP, 31 de janeiro de 1959, p. 12.	p. 217
Imagem 11 – JB, 07 de abril de 1966, p. 20.	p. 240
Imagem 12 – JB, 13 de abril de 1962, p. 12.	p. 241
Imagem 13 – JB, 07 de maio de 1964, p. 15.	p. 242
Imagem 14 – JB, 17 de setembro de 1959, p. 12.	p. 256

LISTA DE SIGLAS

FIFA	Fédération Internationale de Football Association
CBD	Confederação Brasileira de Desportos
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
FMF	Federação Metropolitana de Futebol
FPF	Federação Paulista de Futebol
CTF	Conselho Técnico de Futebol
PPMC	Plano Paulo Machado de Carvalho
ISEB	Instituto Superior de Estudos Brasileiros

JB	Jornal do Brasil
OESP	O Estado de S. Paulo
DN	Diário de Notícias
CM	Correio da Manhã
JN	Jornal de Notícias

SUMÁRIO

I. Introdução.....	15
II. Capítulos	22
1. <i>Preparando o campo de jogo: A territorialização do saber médico, as incitações discursivas e os enunciados oficiais</i>	23
1.1. <i>Defesa, armação e ataque do discurso médico</i>	24
1.2. <i>Discursos nas derrotas e nas vitórias</i>	32
1.3. <i>A gestão Havelange: diálogos com os discursos oficiais</i>	45
2. <i>O paradigma ou a reinvenção em 1958: referências, modulações técnicas e redefinições médicas</i>	63
2.1. <i>A formação dos plantéis brasileiros: anúncios, convocações e pertencimento à seleção</i> 65	
2.1.1. <i>Copa de 58</i>	66
2.1.2. <i>Copa de 54</i>	72
2.1.3. <i>Copa de 50</i>	77
2.1.4. <i>Resenha: “A formação dos plantéis brasileiros: anúncios, convocações e pertencimento à seleção” em vista das Copas de 50, 54 e 58</i>	84
2.2. <i>Corpo burocrático, corpo técnico: o Conselho Técnico de Futebol, a Comissão Técnica e as divisões dos poderes na seleção brasileira</i>	89
2.2.1. <i>Copa de 50</i>	90
2.2.2. <i>Copa de 54</i>	102
2.2.3. <i>Copa de 58</i>	111
2.2.3.1. <i>Paulo Machado de Carvalho</i>	114
2.2.3.2. <i>João Havelange</i>	121
2.2.3. <i>Copa de 58 [continuação]</i>	126
2.2.4. <i>Resenha: “Corpo burocrático, corpo técnico: o Conselho Técnico de Futebol, a Comissão Técnica e as divisões dos poderes na seleção brasileira” em vista das Copas de 50, 54 e 58</i>	142
2.3. <i>O processo de medicalização do futebol na seleção brasileira</i>	152
2.3.1. <i>Copa de 1950</i>	154
2.3.2. <i>Copa de 1954</i>	159
2.3.3. <i>Copa de 1958</i>	166
2.3.3.1. <i>A questão médica no Plano Paulo Machado de Carvalho</i>	167
2.3.3.2. <i>O Preparador físico</i>	170

2.3.3.	<i>Copa de 1958 [continuação]</i>	176
2.3.3.3.	<i>O psicotécnico</i>	190
2.3.4.	<i>Resenha: “O processo de medicalização do futebol na seleção brasileira” em vista das Copas de 50, 54 e 58</i>	197
3.	<i>A era 1958-1966: replicação e aperfeiçoamento de um modelo</i>	207
3.1.	<i>Organização, planejamento e reordenamento das práticas</i>	208
3.2.	<i>Afirmção discursiva, evolutiva e pedagógica das práticas médicas</i>	218
3.3.	<i>Interdição, subjetivação e estimulação</i>	243
3.4.	<i>Ressignificação, negociação e compartilhamento de saberes na Comissão Técnica de Futebol</i>	257
III.	<i>Conclusão</i>	270
IV.	<i>Bibliografia citada</i>	272
V.	<i>ANEXO 1 – PPMC</i>	277

I. Introdução

A presente pesquisa aborda algumas manifestações da temática médica a partir das produções discursivas verificadas em determinados setores da imprensa escrita (majoritariamente em jornais), em relação à seleção brasileira de futebol, entre os anos de 1950 e 1966. Tal perspectiva despontou ao partirmos da ideia de realizarmos uma contextualização dessa temática, com o objetivo inicial de centralizarmos nossas atenções nos processos desencadeados na seleção brasileira após a derrota na Copa de 1966, quando pretensamente se iniciaria um regime de preparação física disciplinada, de rendimento, e norteadas pelos preceitos militarizados. Contudo, ao imergirmos no universo documental, fomos tomando ciência da real necessidade de perquirirmos os pressupostos que fundamentaram a instauração de determinadas *expertises* no interior da seleção brasileira de futebol; *expertises* essas de importância díspar para os preceitos segundo os quais a tecnocracia militar se apoderaria do comando técnico da seleção nos anos de 1970.

No âmbito da importância que a seleção brasileira de futebol assume ao longo do século XX como símbolo detentor e agregador de múltiplas significações sociais, políticas, econômicas e simbólicas, partimos dessas condições procurando verificar, em linhas gerais, em relação ao período circunscrito: 1) as veiculações discursivas que alteraram os regimes de enunciação acerca da preparação dos jogadores brasileiros; 2) os agentes autorizados, que foram assumidos enquanto portadores de discursos recepcionados como verdadeiros; 3) os próprios discursos acionados e seus teores; nesse contexto, ganhou destacada importância os enunciados acerca das questões médicas. Sua inserção assumiu papel de destaque na pavimentação e a instauração de novos saberes que se alinhavaram sob a perspectiva da orientação técnica dos futebolistas brasileiros.

Uma condição inicial compartilhada por diversos segmentos que se atém ao futebol diz respeito ao reconhecimento da preparação da seleção de 1958 como o marco de um processo de modernização no futebol brasileiro. Ao mesmo tempo, de modo parcialmente contraditório, se focalizarmos os estudos acerca da Copa do Mundo de 1950, no Brasil, analogamente encontraremos um discurso similar; como também é possível verificarmos em relação a 1970, no México. De toda forma, entendemos que os presentes resultados aqui apontados ajudam a delinear, com algum teor temático, os sentidos associados a essa afamada modernização do futebol brasileiro.

Manteremos diálogo, de modo direto ou indireto, com as apropriações promovidas, em diversos momentos e por variados atores, acerca dos desempenhos – não somente vitoriosos – das seleções brasileiras. Tal questão, seguramente de importância destacada, ganha contornos e objetividades distintas ao longo da história brasileira. Para tomarmos um exemplo banal que sequer norteou alguma análise mais apurada nesta pesquisa, podemos apontar a notabilizada responsabilidade atribuída à derrota em 1966 como substancialmente decorrente da convocação prévia de quatro times, ou seja, de 44 jogadores para o período de treinos – o que teria gerado atritos e disputas no interior do grupo da seleção. Contudo, em 1958, o objetivo sempre foi montar um grupo com 40 jogadores, que não chegaram a ser reunidos de uma única vez, mas com segurança podemos afirmar que um número maior que 40 futebolistas passou pelas mãos da Comissão Técnica que preparou o time levado à Suécia. Em 1962, do mesmo modo, foram inicialmente chamados 41 jogadores, com a possibilidade de inclusão de outros nomes ao longo do processo de concentração e treinos.

Em termos metodológicos, buscaremos apurar as questões que nos eram pertinentes a partir da eleição de dois grandes jornais de circulação em âmbito nacional: O Estado de S. Paulo (OESP) e o Jornal do Brasil (JB). A escolha desses periódicos atendia à clara demanda de contemplar a cobertura do futebol e da seleção brasileira a partir de publicações centralizadas nos dois principais estados brasileiros, tanto do ponto de vista político, como econômico e também futebolístico. Não era nosso interesse primordial eleger determinado periódico em função do engajamento ideológico impresso em sua cobertura; evidentemente que tal questão tem fundamental determinação na abordagem editorial de todo o jornal, mas interessava-nos, mais, verificar a discursividade que atravessava a cobertura do futebol, quase alheia à filiação política norteadora de seus editorialistas, e chegava ao leitor/torcedor carregando os símbolos de uma época em transformação; tampouco objetivamos ou realizamos qualquer forma de cotejamento dessas fontes. Também em função disso, optamos por não trabalhar com periódicos esportivos especializados – o que sugeriria, por exemplo, o Jornal dos Sports, no Rio de Janeiro, e Gazeta Esportiva, em São Paulo –, a fuga da restrição representada por essas opções, entendemos, se justifica pela tentativa de proceder a uma interpelação em escala mais larga, como se quiséssemos responder a um questionamento que se dirigiria ao público comum, e não somente àquele consumidor de notícias estritamente vinculadas ao futebol ou aos esportes.

Dessa forma, duas observações necessitam serem feitas: primeiramente, não ficamos restritos unicamente às coberturas jornalísticas¹ desses dois periódicos, já que abrimos a consulta a outros jornais, diários, tabloides – sobretudo em vista de algumas lacunas observadas no JB e no OESP – e eventualmente revistas, ou mesmo a algumas crônicas contidas no próprio JB/ o que não significou, obviamente, que preterimos as coberturas dos dois jornais previamente definidos. Em segundo lugar, o desenvolvimento da pesquisa fez com que o JB se tornasse uma referência para nossos levantamentos documentais; isso se verificou em função do periódico carioca apresentar matérias mais consistentes e frequentemente mais proveitosas para nossos escopos, o que creditamos tanto à proximidade que o jornal teve – em relação ao acesso de seus repórteres, colunistas e jornalistas – do núcleo administrativo da CBD (em sua grande parte formada por diretores oriundos do Rio de Janeiro), como também em relação à posição privilegiada do JB em termos de acesso a fontes, especialmente no acompanhamento *in loco* da maior parte dos acontecimentos internos da seleção. Tal aspecto também se verificou no JB nas viagens nacionais e internacionais, inclusive nas de menor monta, como nos pequenos torneios, excursões e amistosos, o que possibilitou uma cobertura mais rica e com maior potencialidade de características a serem exploradas. Nessa medida, ao usarmos o JB como referencial majoritário em alguns momentos, assumimos também um determinado risco que, acreditamos, teve sua compensação em função do alargamento da cobertura por nós realizada. Em contrapartida, OESP manteve uma cobertura da seleção que deu maior relevância a aspectos relacionados com a dinâmica do momento econômico da cidade e do estado de São Paulo, parecendo concentrar os esforços mais em dados, números e desempenhos que propriamente em análises, reportagens ou crônicas – até mesmo, às vezes, o jornal esteve mais voltado para os próprios clubes paulistas que em relação ao selecionado. Nas viagens da seleção a outros países, OESP utilizou-se bastante de matérias oriundas de agências de notícias internacionais, o que inevitavelmente tornava tal cobertura mais pasteurizada e menos proveitosa em termos daquilo que estávamos dispostos a pesquisar. Outro detalhe mais perceptível nas coberturas jornalísticas do OESP indicava uma forma de afirmação da mídia paulista, que inevitavelmente se dava em contraposição à carioca, com a valorização de algumas figuras alinhadas aos ideais do estado paulista, destacadamente por meio de Paulo Machado de Carvalho e de Vicente Feola. Ao longo da pesquisa passaremos pela questão do reequilíbrio

¹ Por vezes empregamos o termo “crônica esportiva” para nos referirmos, de modo geral, ao jornalismo esportivo. De modo similar, mantivemos uma tradição bastante comum no meio do jornalismo associado ao futebol de não sermos tão rigorosos nas distinções necessárias no emprego de termos como “reportagem”, “matéria”, “cobertura”; na maior parte das vezes, tais designações são usadas como simples sinônimos.

do centro de poder no futebol brasileiro que se processa nesse período, ressignificando a rivalidade Rio x S. Paulo destacadamente a partir da ascendência ao poder do grupo de João Havelange. Em alguns momentos, essa tensão manifestou-se de modo mais acirrado no OESP, mas também de modo acentuado no JB.

Ainda é preciso destacarmos que acessoriamente fizemos uso de algumas outras fontes; merecem destaque, dessa forma, as biografias e autobiografias de personalidades envolvidas com o futebol. Ao assumirmos essas fontes, incorremos no risco de trabalharmos com narrativas extemporâneas, já sobrecarregadas pelas leituras históricas assentadas pelo passar dos anos. De toda forma, elas foram também importantes dispositivos indiciários para problematizarmos diversas questões aqui apresentadas. Fizemos uso também de alguns documentos oficiais, produzidos pela própria CBD, a saber, o relatório da Copa do Mundo de 1950 e o “Plano Paulo Machado de Carvalho” (PPMC). Compreendeu esse relatório uma espécie de balanço catalográfico acerca do mundial disputado no Brasil; embora fugisse do *corpus* por nós escolhido, sua inclusão se deu em função da riqueza e da preciosidade de seu material e, adicionalmente, do parcial rareamento das fontes jornalísticas circunscritas a esse período. Com relação ao PPMC, embora não tenhamos encontrado sua publicação em documentos de época, o obtivemos por meio de uma das autobiografias consultadas (o que pode até abrir um questionamento acerca de sua oficialidade); de todo modo, seu conteúdo nos foi também bastante instigante e profícuo.

Outro reconhecimento necessário diz respeito a uma possível parcimônia nos debates com a historiografia de fundamentação social ou econômica. Ao optarmos por restringir nossa análise às manifestações envoltas pelo “universo do futebol” não o fizemos, em absoluto, com o objetivo de deslocá-lo de qualquer outro entorno; tampouco compreendemos que o futebol, por si só, possa ser alçado à condição de pleno e suficiente sintetizador dos fenômenos sociais. Se assim o fizemos, foi com o intento de reconhecer a necessidade de serem aprofundados os estudos documentais da área, que se desvinculem de leituras totalizadoras ou mesmo de ensaios generalizantes, ao menos enquanto sobre-existirem lacunas suficientemente amplas nos trabalhos desta área.

Também é necessário mencionarmos, ainda a título introdutório, que operamos dois métodos de abordagem documental em relação ao intervalo temporal coberto. No período que se estende de 1950 a 1958, ficamos restritos aos momentos prévios verificados em relação às Copas do Mundo. Dito de outro modo, circunscrevemos nossa análise documental às épocas compreendidas como antecedentes às Copas, identificando os momentos nos quais são iniciados os registros da preparação do selecionado brasileiro com vistas à disputada das

Copas, passando pelo anúncio das convocações, bem como os cuidados observados no período de treinamento e concentração. Após a Copa de 1958, e até chegarmos a 1966, procuramos analisar os entornos de todas as convocações brasileiras, desde os anúncios preparativos até os momentos que antecederiam aos jogos. A justificativa para as diferentes metodologias de apuração documental encontra amparo ainda naquilo que apontamos logo no início desta introdução: a reformulação do recorte temporal de nossa pesquisa impôs que retrocedêssemos a um período bastante distante de nossa prévia prospecção. Dessa forma, fomos obrigados a selecionar os períodos antecedentes às Copas como prioritário – acaso houvesse maior tempo de pesquisa e, evidentemente, fôlego acadêmico, poderíamos também no intervalo 1950-58 esmiuçar todas as convocações brasileiras. Há ainda uma particularidade presente nos dois períodos temporais trabalhados: embora amiúde tenhamos flertado com um levantamento quase enciclopédico dos dados da seleção, tanto antes como após 58, procuramos fugir das análises jornalísticas realizadas no calor dos acontecimentos, ou seja, tentamos nos afastar dos discursos produzidos de modo imediato às disputas realizadas pela seleção, fossem elas vitoriosas ou não. Tal perspectiva ganhou forma logo nas sondagens iniciais por nós realizadas, quando entendemos que não era esse o melhor momento para ser realizada uma análise mais ponderada acerca dos valores evocados pela cobertura jornalística, sobretudo em função de as questões estarem majoritariamente polarizadas, nesses momentos, em exaltações (nas vitórias) ou expiações (derrotas).

Em termos estruturais, dividiremos nossas apurações em três capítulos distintos. No primeiro apresentaremos uma introdução na qual se inserirão nossas questões, perpassando desde a bibliografia com a qual manteremos diálogos, até os pressupostos discursivos com os quais trabalharemos ao longo da pesquisa. Sua subdivisão em três itens determina as fases de assentamento de um discurso médico, as proposições discursivas encampadas em diferentes períodos e as reivindicações que emergem a partir das significações atribuídas aos eventos históricos, sobretudo quando vistas a partir da lente da história oficialista. O teor mais generalizante desse capítulo pode ser entendido como uma preparação do terreno no qual o jogo irá se desenvolver, salientando o claro propósito de explicitar que nossa pesquisa não guarda o desígnio de investigar a origem do movimento médico no futebol ou na seleção brasileira. Igualmente, procuraremos enfatizar que tampouco voltaremos nossas atenções aos periódicos sem atentar para a intrínseca relação estabelecida entre os esportes modernos e a cultura física do corpo nas sociedades disciplinares. Se nos ativéssemos à incipiência dos ideais de mentes e corpos sãos, nos remeteríamos, talvez, à antiguidade clássica! O que abordamos nesse capítulo inaugural diz respeito à emergência de um determinado discurso,

num contexto demarcado, produzindo efeitos concretos que se refletem nas regras enunciativas assinaladas.

Dessa forma, iniciaremos uma contextualização de nossa problemática, estabelecendo os pontos de ancoragens e propondo alguns questionamentos que serão retomados ao longo do desenvolvimento da pesquisa. Iniciaremos investigando a difusão de um determinado discurso num período prévio à Copa de 1950 – momento reconhecidamente entendido como um marco da modernidade brasileira e da retomada das disputas das Copas do Mundo e, em seguida, passaremos a analisar as condições que determinaram as incitações discursivas, sobretudo a partir das derrotas brasileiras em Copas, como propulsoras do surgimento de um discurso alçado à condição de estatuto de verdade; também dessa forma, delinearemos como as vitórias da seleção brasileira também compõe o repertório de afirmação enunciativa e de revisão histórica das derrotas. Encerrando esse primeiro processo, enfocaremos os discursos oficiais e as disputas em torno das apropriações dos eventos históricos como propositoras para nossas questões.

No segundo capítulo empreenderemos uma reconstituição de três diferentes elementos verificados em relação às Copas de 1950, 54 e 58. Sobre cada uma das edições do mundial procuraremos apontar, primeiramente, uma recontagem de elementos factuais noticiados pelos jornais; embora este seja um exercício um pouco maçante e até mesmo cansativo, entendemos que a retomada de determinados eventos tidos como factuais acerca da história do selecionado brasileiro de futebol – que de certo modo podem até se aproximar a valores memorialísticos ou até mesmo jornalísticos – é importante para alicerçarmos a discussão que estabeleceremos na parte final da pesquisa, situada após a primeira conquista mundial brasileira. Ainda, cabe destacarmos que partimos de uma desconstrução regressiva no primeiro item, partindo de 1958, para retornarmos a 54 e depois a 50, para só então, no segundo item, então assumirmos o cronograma linear e crescente observado nas outras abordagens. Desse modo, tentaremos esmiuçar se, de fato, 1958 se constitui como um capítulo inovador ou revolucionário na história do futebol brasileiro e, sobretudo, se essa hipótese for válida, quais são os elementos que invalidam ou comprovam essa versão. Num segundo momento deste capítulo, quando finalizarmos cada um dos subitens apresentados nas três Copas, apresentaremos uma “Resenha”, que se propõe analítica e propensa às questões apresentadas por nossa pesquisa, procurando identificar as permanências, rupturas ou ressignificações encampadas. Nesse momento procuraremos evidenciar as singularidades do modelo adotado em 1958 e as designações que a atuação do médico da CBD, Hilton Gosling, passariam a simbolizar. Também metaforicamente, poderíamos dizer que após a preparação do terreno de jogo

verificada no capítulo inaugural, iniciariamos aqui um treinamento daquilo que é posto em prática no terceiro e terminante capítulo.

Finalmente, o último capítulo está restrito ao período pós 1958, e se estende até 66. Esse estágio se define enquanto uma fase de replicação e aprimoramento dos cuidados verificados em 58. Nele, o desempenho do médico do selecionado atinge proporções maiores e se estende a setores antes alheios aos seus afazeres; fica patente nesse momento a emergência de um futebolista tratado como um atleta, amplamente assessorado por profissionais técnicos e acadêmicos que visavam a incrementar sua preparação física e maximizar suas performances. Novamente flertaremos com os discursos históricos reivindicativos e trataremos das subjetivações que se verificaram em meio aos futebolistas brasileiros. Por fim, finalizaremos enfocando as renegociações dos saberes a partir da Comissão Técnica brasileira.

Em todos os momentos desta pesquisa procuramos evidenciar as mecânicas por trás das regras de enunciação e de autorização a determinados agentes a produzirem e portarem a discursividade em torno dos saberes técnicos sobre futebol. O período aqui abrangido compreende um reequilíbrio dos jogos de poder verificados no futebol, sobretudo em relação ao robustecimento dos agentes do campo futebolístico que atuam fora das quatro linhas de jogo. Poderíamos afirmar, sem qualquer exagero, que esta faceta da modernização do futebol brasileiro, ao lado de seu lastro autoritário, conservador e centralizador, compreende uma importante dinâmica observada no interior da CBD num processo que, anos mais tarde, seria a esteira da afirmação de um conhecimento militarizado do futebol nacional.

II. Capítulos

1. Preparando o campo de jogo: A territorialização do saber médico, as incitações discursivas e os enunciados oficiais

No início do ano de 1944 o diário “A Noite”, vespertino carioca fundado no início do século por Irineu Marinho, publicava uma grandiosa matéria sobre medicina esportiva, ocupando duas páginas do jornal que tinha grande circulação e forte apelo popular. Com uma estrondosa manchete “A medicina nos desportos”², e ricas fotografias do atacante Perácio, ídolo brasileiro ao lado de Leônidas da Silva na Copa de 1938, sendo submetido a variados exames médicos, a matéria começava evocando os progressos da atividade humana, que elevavam a “educação corporal” a um novo patamar (Imagem 01); o então vívido exemplo da 2ª Guerra Mundial era evocado como modelo de preparação física na constante batalha travada contra homens e máquinas. Com a assertiva de que “o problema da educação física e do desporto é um problema eminentemente médico”, a matéria exaltava o esforço do governo federal, que por meio da Escola Nacional de Educação Física e Desporto passava a prestigiar a formação profissional especializada e a “cultura física”. A conclusão apresentada pelo diário era que a investida médica assumida pela seleção carioca de futebol havia cumprido um fundamental papel na conquista do Campeonato Brasileiro de Seleções, recém-terminado em 30 de dezembro de 1943. O desempenho dos cariocas, após passarem por tratamentos específicos, “repouso desintoxicante”, e um especial “regime dietético”, foi apontado pelo periódico como demonstrativo do “estado elevado de resistência física e fisiológica dos jogadores campeões”³.

² A Noite, 30 de janeiro de 1944, **A medicina nos desportos**, p. 3.

³ Ibid., p. 3 e 6.

1.1. *Defesa, armação e ataque do discurso médico*

Controle Médico

Os rapazes que jogam football quando sofrem qualquer restrição do médico, entendem que é perseguição ou má vontade do clínico. Em vez de agradecer ao médico pelo cuidadoso exame feito, o jogador, recusado ou posto em quarentena, revolta-se, fica zangado com o facultativo, como se este fosse o culpado das enfermidades ou deficiências físicas que outros apresentem.

Não é raro, em tais casos de recusa, ouvir-se de interessados torcedores ou do próprio atleta, que o médico errou, que aquilo é besteira, que o atleta jogou sempre, e nunca sentiu nada!

Muitos até insistem na pratica desaconselhada deste ou daquele esporte.

Um dia a casa cai...

Quando o médico acusa um defeito é porque o encontrou. E se o encontrou é porque prestou boa atenção ao exame, teve zelo, e por isso só pode ser elogiado. O interesse não é de quem examina, mas do examinado. Tentar iludir o médico é iludir-se a si mesmo.

Agora no Rio Grande do Sul aconteceu um fato sobre o qual devem meditar todos os atletas.

Um rapaz de vinte e dois anos, forte, entusiasta, que era dianteiro de um clube de Osorio, morreu em pleno impulso de um lance esportivo. Apoderou-se da bola, driblou toda a defesa adversária, e quando entrou na área do goal, sozinho, frente a frente com o keeper sem defesa, e todos esperavam o goal, o dianteiro caiu morto, fulminado por um ataque cardíaco.

Se esse rapaz se sujeitasse a controle médico e o obedecesse, talvez, estivesse vivo até hoje, ou quem sabe, até muitos anos.

O controle médico é uma necessidade para o desportista (VARGAS NETTO, 1947, apud COUTO, 2011, p. 166).

Ao longo de sua análise por cerca de vinte anos (1931-50) de publicações do *Jornal dos Sports* (JS), Couto (2011) demarcou importantes aspectos que determinam a relevância desse especializado periódico no processo da constituição identitária nacional e, de modo correlato, como esse movimento estabelece conexões com a constituição e estabelecimento da imprensa esportiva no Brasil. Dentre as variadas linhas temáticas abordadas pelo JS no período, mereceram substancial relevo aquelas associadas à defesa das representações sociais modernas e ao papel central que os esportes – e, mais diretamente, a prática desportiva – poderiam cumprir na busca por tais aspirações. Outras questões também se fazem frequentes nas coberturas e nas crônicas esportivas trazidas pelo jornal, merecendo especial registro as representações tendentes à valorização heroica dos personagens esportivos do Brasil, majoritariamente aqueles ligados ao futebol (jogadores, dirigentes e torcedores); tal aspecto verificou-se com maior intensidade principalmente na década de 1940. Também vale registrar que, embora o cenário analisado seja o Rio de Janeiro, Distrito Federal, em semelhante escala tais concepções foram bastante difundidas, mormente ao longo do segundo quartel do século XX, como arquétipos para as grandes cidades brasileiras.

Nas crônicas do JS, as tratativas acerca de assuntos geralmente relacionados às transformações na moderna vida cidadina, não raramente estabeleciam com os leitores uma relação tendo a mediação pautada pelas flagrantes dificuldades que impossibilitavam ou comprometiam a aceitação dos novos valores sociais defendidos pelo jornal junto ao público receptor das mensagens impressas. Em vista disso, registra Couto, os cronistas amiúde valiam-se de personagens ou eventos reais que, mesclados a estórias cotidianas e fantásticas, conseguiam conduzir a narrativa de modo mais maleável e atrativo para a consecução de determinadas ideias finais defendidas pelo periódico.

A passagem da crônica acima foi retirada da coluna de um dos cronistas de maior renome no cenário esportivo brasileiro da época: Vargas Netto⁴. Embora não seja nosso objetivo perscrutar de quais modos as relações familiares determinaram a ascendência da carreira de Vargas Neto, é fundamentalmente importante atentar para o parentesco do cronista com Getúlio Vargas, que há pouco tempo, então, exercia como presidente dos Estados Unidos do Brasil um governo pretensamente orientado para abreviar o “arranjo oligárquico” (FAUSTO, 1997, p. 22) imperante até 1930, e que supostamente seria portador de ideais democráticos e fundamentados pelas prerrogativas modernizantes. A crônica é apresentada por Couto com o cuidado da delimitação de alguns nuances importantes para melhor entendimento de sua recepção junto ao público leitor; como ressalta, a estratégia de abordagem adotada pelo autor, no intuito de potencializar os efeitos de seus intentos e repercutir no universo dos “desportistas”, envolve junto à narrativa presumivelmente verídica o incremento de uma boa dosagem ficcional. No caso específico em tela, além desses elementos, adicionalmente podemos apontar que um clima terrificante fica evidenciado, aventado pela possibilidade da morte do personagem; o elemento da dramaticidade também se faz visivelmente presente, tal e qual aludiu DaMatta já nos precursores estudos sobre a temática dos esportes e do futebol. Para o afamado antropólogo “o futebol e o esporte como drama” possibilitam abordagens a “essas atividades como modos privilegiados através dos quais a sociedade se deixa perceber ou ‘ler’ por seus membros”, logo, tanto nas crônicas como nas matérias de cunho jornalístico, seria possível explorar algumas dimensões pelas quais a “sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir” (DAMATTA, 1982, p.40).

⁴ Manoel do Nascimento Vargas Netto, sobrinho do ex-presidente Getúlio Vargas, além de poeta e advogado, foi deputado federal e procurador do estado do Rio de Janeiro. Também exerceu a presidência da Federação Carioca de Futebol, foi presidente do Conselho Nacional de Desporto e Vice-Presidente do Comitê Olímpico Brasileiro. (Fontes: Diário Oficial da União e sítio <http://www.estanciadapoesiacrioula.com.br> . Acesso em: 07 jun. 2012).

Dentre as abordagens possíveis para a crônica que dá abertura ao presente trabalho, as evidências por nós eleitas como prioritárias não são diretamente ligadas aos legados acerca da identidade nacional, seja ela vinculada à tutela exercida pelo Estado, durante a Era Vargas – obviamente de fundamental importância e já perscrutada sob diversos vieses (GUEDES, 1998; AGOSTINO, 2002; SOUZA, 2008; PARDINI, 2009; PEREIRA, 2000) – ou mesmo inserida num recorte temporal mais estendido, considerando componentes culturais, morais e étnicos, como demonstrou Antunes (2004) por intermédio das crônicas de José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues.

Da mesma forma, em relação às questões contidas no âmbito do trabalhismo ou relacionadas à inserção nos valores da ambiência urbana das camadas sociais subalternas, podemos dizer, de certo modo, que elas apenas subjazem em relação a algumas temáticas mais transversais e sobre as quais já se tem uma compreensão bastante sedimentada, sejam elas acerca do discurso da disciplina (MANHÃES, 2002, p. 29-64), da configuração da educação física como vetor de atuação do Estado na busca por maior salubridade e higienismo social (CASTELLANI FILHO, 2006) ou mesmo numa inter-relação entre essas temáticas e as pungentes questões raciais em torno do projeto de nação que se alongava desde fins do XIX (HELAL; GORDON JR., 1999).

Em uma análise mais alargada, podemos interpretar a crônica de Vargas Netto como pertencente a um estágio posterior ao impulso normativo que ganhou corpo no início dos anos 1940, ou seja, já num estágio posterior à suplantação do amadorismo por um modelo pautado pelo profissionalismo. Essa década, como é sabido, é marcada como o período do governo Vargas que determina, em relação aos esportes, a fase de mais intensa padronização interna e de estabelecimento de suas estruturas burocráticas. Em 1941, por meio da fundação do Conselho Nacional de Desportos (CND), órgão diretamente vinculado ao Ministério da Educação e Saúde, procedeu-se o alinhamento das diretrizes esportivas brasileiras às orientações internacionais em relação às associações desportivas⁵. É quase desnecessário querermos enfatizar o gerenciamento direto pelo Estado, já indelevelmente marcado no Artigo 2º do Decreto-Lei 3.199/194, explicitamente assim estabelecida: “O Conselho Nacional de Desportos compor-se-á de cinco membros, a serem nomeados pelo Presidente da República,

⁵ Em um estágio anterior ao CND, Manhães (*op. cit.*) alinha a questão organizativa das confederações à existência, por exemplo, de mais de um órgão representativo da mesma modalidade. Isso não significava, propriamente, uma situação conflitiva, como ocorreu nos Jogos Olímpicos de 1936, no qual o Brasil foi representado por duas delegações, procedendo-se uma coexistência de mais de uma entidade do direito privado (confederações, federações, ligas e clubes) que, à margem do poder regulador do Estado (artigo 30, alínea c, do Decreto-Lei 3.199: “decidir quanto à participação de delegações dos desportos nacionais em jogos internacionais”), experimentavam outras dinâmicas organizativas.

dentre pessoas de elevada expressão cívica, e que representem, em seus vários aspectos, o movimento desportivo nacional”.

Com efeito, embora não seja de nosso imediato interesse a abordagem da questão sob o ponto de vista do flagrante autoritarismo que reveste a criação do aparato burocrático/administrativo do CND, enxertado verticalmente no universo desportista por meio da criação do supracitado Decreto-Lei e concebido inclusive com poderes “normativo, executivo, judicante e de controle” (MANHÃES, *op. cit.*, p. 39), não podemos perder de vista essa fundamental referência tanto no processo histórico-político brasileiro como no ajustamento das diretrizes de governo às padronizações referenciais das sociedades modernas disciplinares, nos moldes daquilo definido por Foucault (1999a). De todo modo, voltaremos nossos esforços, mais especificamente, para essa espécie de povoamento da subjetivação coletiva que, mesmo sem ser diretamente capitaneado pelo Estado ou direcionado por processos políticos e jurídico-normativos, se afirmam de modo correlato a esses dispositivos e se tornam consensos socialmente compartilhados. Por meio de larga e difusa produção discursiva, e sem contrariar o legado autoritário por meio do qual se afirmam, os referenciais esportivos de saudabilidade – seja ela coletiva ou individual – estão inevitavelmente atreladas às subjetividades produzidas, incitadas e buscadas de diversos modos, sobretudo pela dispersão de um conceito de saúde que se estabelece e se constitui numa relação de normativas para a vida e para a conduta humana que se caracterizam pela capacidade de admitir variações da própria norma que a compreende (CANGUILHEM, 1995).

Clavreul (1983), psicanalista francês e estudioso da história da medicina, explora uma dimensão já observada por Foucault (2002a) em relação à socialização da medicina. Mesmo sem observar o seccionamento proposto pelo filósofo, que subdividiu a medicina a partir de sua inserção na esfera da ciência e da socialização, seja enquanto vetor por meio do qual assume a roupagem de uma “ciência do Estado”, como determinante veículo de ordenamento da urbanidade, ou ainda como veículo ideológico a serviço da força de trabalho, Clavreul aborda o duplo aspecto autoritário das políticas médicas de governamentais e dos atributos próprio da medicina enquanto portadora de um discurso específico. Em relação a esta última propriedade, ressalta o potencial de penetração do discurso médico por todo o tecido social, acionado e validado como estatuto paradigmático, mormente em relação à sujeição que impõe ao sujeito-paciente:

A ordem médica é mais poderosa que o mais poderoso ditador [...] Não se pode resistir a ela, porque não se tem nenhuma ‘razão’ a se lhe opor. [...]

Ninguém pretende sair indene de sua relação com a medicina, quer seja médico, doente ou futuro doente. Precisamos fazer a constatação de que a medicina nos deixa subjetivamente divididos. Cada um de nós é seduzido, conquistado, menos por seus resultados terapêuticos que pela extensão e certezas do saber médico, e menos por estas que pela permanência de sua ordem no momento em que nosso próprio corpo nos abandona. Mas também, a medicina nos reduz ao silêncio. Nenhuma razão é objetável à razão médica, e o médico não recolhe de seu paciente senão o que pode ter lugar no discurso médico (CLAVREUL, 1983, p. 47).

Chancelados pelos saberes emanados da medicina, “formados de maneira regular por uma prática discursiva e indispensáveis à constituição de uma ciência” (FOUCAULT, 2008, p. 206), a autorização e enunciação de um discurso alçado ao estatuto de legitimidade e de veracidade, de quase inquestionável *status* capaz de induzir condutas e nortear o comportamento dos sujeitos envolvidos por seus signos, se atrelam aos repertórios da vida moderna, citadina e civilizada brasileira e ganha projeções inéditas por intermédio dos meios de comunicação em massa. Na seara esportiva, esses saberes, que seriam flagrantemente alinhados aos preceitos do cientificismo, atingem a um só tempo a totalidade e a singularidade dos sujeitos, sejam eles profissionais, amadores, praticantes assíduos ou esporádicos. Assim, “se impõe ao indivíduo, doente ou não, como um ato de autoridade”, ilustrando aquilo que Foucault chamou por “Intervenção autoritária da medicina em um domínio cada vez mais amplo da existência individual ou coletiva” (2011, p. 383, et seq.).

Rapidamente transformada em uma manifestação positiva do exercício de poder, a afirmação dos saberes enunciados e postos a serviço dos esportistas é apresentada ao público leitor de modo acachapante pela crônica de Vargas Neto. Numa vertente, a crônica apresenta a possibilidade de longa vida, noutra, em oposição, a trágica realidade da morte de um jogador que não se sujeitou ou não obedeceu ao “controle médico”. Talvez aquele que possa ser considerado o principal argumento do cronista é o de que “O interesse não é de quem examina, mas do examinado. Tentar iludir o médico é iludir-se a si mesmo”, com isso, o autor praticamente propõe uma inversão da lógica em torno do conceito de paciente⁶ da ação médica, transferindo a ele a responsabilidade e o interesse da atividade da qual será alvo. Além disso, o flerte direto em relação à necessária veracidade da conduta do sujeito frente ao médico engendra relações de introjeção dos cuidados aos quais estão sendo submetidos, de modo a instigar uma forma consequente de autorregulamentação dos indivíduos. Portanto, a um só tempo, um movimento discursivo externo aos indivíduos, direcionado a eles, e tendente a produzir efeitos capazes de serem introjetados.

⁶ Segundo o Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, etimologicamente a palavra apresenta a seguinte definição associada ao latim: “*patiens,ēntis* 'que suporta, que resiste'.” Versão Beta, disponível em www.houaiss.uol.com.br, acesso em 03 jun. 2013.

Tomando de empréstimo conceito de Mauss (2003), aplicado ao futebol, ou seja, entendendo-o como um fato ou fenômeno social total, é possível verificar que Vargas Netto traz à cena uma série de elementos que, embora não sejam evidenciados de imediato, são profundamente reveladores dos processos em disputa sobre os saberes e as práticas discursivas que estavam se consolidando ou que buscavam afirmação no período no qual a crônica se insere. Segmentando analiticamente o discurso enunciado em diferentes níveis, podemos compreender que diretamente a crônica estabelece relações com três grupos que se inter-relacionam e se completam.

Primeiramente, ela propõe um diálogo a respeito dos “rapazes que jogam football”, portanto, os futebolistas, praticantes, tais como o forte rapaz de vinte e dois anos, personagem em torno do qual a estória é contada. Esses futebolistas, uma vez arredios ou desrespeitosos em relação às prescrições e aos cuidados médicos, mesmo no momento apontado como o de esplendor físico (“rapaz”, “forte, entusiasta”), podem sucumbir a qualquer hora. Evidentemente nesse momento a crônica estabelece um diálogo mais direto pautado por uma segmentação de classe social, afinal é neste período que “os campos e as arquibancadas tornavam-se espaços destinados aos grupos subalternos” (FRANCO JR., 2007, p.86). Contudo, também de modo manifesto, o autor não está limitado a esse grupo social, já que o futebol, incontestável e ambigualmente, constituiu-se em veículo capaz de amalgamar a vivência de diferentes estratos sociais. No limite, a crônica aponta que o afastamento das recomendações sugestionadas pelo “facultativo”⁷, qualquer que seja o motivo, pode conduzir a um desfecho fatal no imediato instante que se aproxima, até mesmo no momento de glória iminente, aqui metaforizada pela narração de um lance genial no qual o atacante, empolgando a assistência (torcida) que acompanhava o jogo, dribla toda a defesa adversária e se vê prestes a marcar um gol, já sem possibilidade alguma de intervenção do oponente, mas sucumbe vitimado por um ataque cardíaco.

Se quisermos alargar um pouco mais a compreensão até um plano intermediário, podemos inserir nessa mesma categoria dos futebolistas a generalidade dos desportistas, atingindo assim aqueles que, de alguma forma, se dedicavam à prática de outras modalidades, além do futebol. O cronista menciona que contrariando as orientações médicas “Muitos até insistem na prática desaconselhada deste ou daquele esporte”, ou seja, a questão abordada estende-se não só aos futebolistas que se opuseram ao prescritivo médico, mas também aos praticantes de outros esportes que não o próprio futebol – mesmo que o entendimento se

⁷ Segundo o Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa: s.m.: indivíduo que exerce legalmente a medicina; médico. Versão Beta, disponível em Houaiss.uol.com.br. Acesso em: 05 fev. 2013.

estendesse, neste caso, aos próprios futebolistas que, deixando de praticar o futebol por alguma recomendação médica, insistissem na prática de outras modalidades. Também aqui, por meio da refração à diretriz médica, é apontada a infalibilidade do resultado: “um dia a casa cai...”. Temos, então, um segundo nível de interlocução da crônica, que partindo do futebol alonga-se até incluir outras modalidades esportivas.

É possível ainda desdobrar as questões levantadas por Vargas Netto a um terceiro plano, estendendo a compreensão ao nível das dinâmicas sociais, já que a figura dos torcedores é evocada como portadora de uma concepção semelhante à do jogador que não compactua com a restrição e o prescritivo médico: “Não é raro, em tais casos de recusa, ouvir-se de interessados torcedores ou do próprio atleta, que o médico errou, que aquilo é besteira [...]”. Aqui, além do discurso e do interesse do próprio futebolista – “recusado ou posto em quarentena” – se chocar com a orientação do médico, reforçam seu coro aqueles que tecnicamente não estão diretamente envolvidos pela atividade física esportiva, qual sejam, os torcedores. Apesar do cronista claramente separar desportistas e torcedores como diferentes atores no processo em questão, é bastante comum, até meados do século XX, encontrarmos nas coberturas jornalísticas a designação “desportivas” ou “esportistas” para fazer referência também aos meros componentes da “assistência”, que não necessariamente se exercitavam fisicamente antes, durante ou após a partida de futebol à qual tinham ocorrido. Por essa mesma vereda lexical, Malaia (2011, p. 80-81) realiza levantamentos acerca dos significados etimológicos da palavra “torcer” em diferentes fases do futebol no Brasil; em 1926 encontra a seguinte acepção para o verbete: “No *desporto*, animar com gestos a vitória dos jogadores (Brasil)”; e em 1949, “pugnar pela vitória de seu clube desportivo”. Também é preciso atentar que ao longo do desenvolvimento do futebol no território brasileiro, a preocupação em relação ao tratamento dispensado ao “torcedor”, de modo geral, assume variadas configurações; Holanda aponta que nos anos de 1950, 60 e até 70, “a esfera disciplinar e a esfera festiva” (Ibid., p. 100) foram insistentemente impressas às torcidas organizadas, centralizando uma série de investimentos modulares em torno desta figura, que, a modo da crônica aqui abordada, não estavam restritos às ações ou investimentos capitaneados do poder público.

Assim, temos então envolvidos num mesmo discurso, numa única crônica, três níveis de diálogo: 1) os futebolistas jogadores de futebol; 2) a amplitude representada pelos praticantes e adeptos da generalidade dos esportes; e 3) o grupo dos torcedores, da assistência. Três dimensões que, uma vez congregadas, são capazes de dar uma abrangência bastante grande da relevância do futebol com fenômeno capaz de unir significativa amostra do corpo social. Ao exemplificar da forma mais trágica possível, por meio da morte daquele que

poderia ser considerado o mais saudável dentre os três níveis envolvidos, o cronista transmite uma mensagem clara, direta e carregada de significados.

Embora ainda em uma fase de afirmação um tanto conflitiva, o estatuto de verdade (Foucault, 1999b) representado pela palavra e pelo “controle médico” – como propõe o próprio nome da crônica propõe –, exercido num primeiro momento pelo profissional da medicina, mas paulatinamente diluído no contexto social, seria gradativamente alçado à condição de “uma necessidade para o desportista” e um conceito que incessantemente passaria a ser buscado pelos próprios sujeitos da ação. Poderíamos considerar desmesuradamente anacrônico comparar os valores sociais associados hodiernamente à medicina e ao controle médico com estes do final da primeira metade do século XX, no entanto, a referência pode ser válida para pensarmos, à moda de Marc Bloch, acerca das maiores semelhanças guardadas pelos homens em relação ao seu tempo do que, propriamente, em comparação à sua imediata geração passada.

A representação quase incontestável assumida pela medicina em meio ao universo esportivo e, particularmente, como agente no processo de definição do futebol enquanto esporte de rendimento e veículo para padronização disciplinar e atlética do corpo do jogador (FLORENZANO, 1998, 2009) nos conduziram a direcionar nossos esforços na tentativa de melhor compreendermos os meandros dessa sua afirmação. Acreditamos também, que objetificar tal viés por meio do futebol encontra amparo tanto naquilo que Guedes (2000) pontuou acerca das representações sociais, suas idealizações e legitimações a partir do esporte enquanto zona livre para pensarmos as estruturações sociais; particularmente, em relação à estreita vinculação estabelecida entre a seleção brasileira e as invenções e reinvenções da identidade nacional, sobretudo a partir do fim dos anos 30, como demonstrou Souza (2008), entendemos ser válido considerarmos a potencialidade e eficiência dos discursos veiculados socialmente por meio do selecionado brasileiro.

Desde sua gestação no período anterior à IV Copa do Mundo (1950), passando pelo período de desenvolvimento e assentamento na primeira conquista mundial da seleção brasileira (1958) e alcançando a legitimação nos anos seguintes (até a Copa de 1966), o saber e as determinações encampadas pelo(s) profissional(is) da medicina a serviço da seleção brasileira de futebol cumpriram um fundamental papel na reorganização das estruturas do futebol brasileiro e no realinhamento dos poderes em torno das questões enunciativas acerca da preparação dos jogadores de futebol, sobretudo no tocante aos trabalhos de resistência física, preparação atlética e determinação dos padrões de saúde corpórea e psíquica então desejados.

Entendemos que vasculhar as manifestações de tais valores cumpre uma tarefa primordial no processo de compreensão dos agentes envolvidos tanto no hiperdimensionamento do futebol enquanto fenômeno social como no deslocamento que se opera dentro e no seu próprio meio, passando de atividade esportiva praticada por jogadores à fundamental competição atlética respaldada por um grandioso aparato técnico-científico pautados pela eficiência e pelo rendimento. Enredados por essa trama, encontramos um terreno extremamente fecundo para problematizarmos tais questões principalmente a partir das derrotas brasileiras em Copas do Mundo, momento no qual a dramaticidade, tal e qual o sucumbido personagem da crônica de Vargas Netto, vem aplacar de modo inevitável a crônica e a cobertura jornalística sobre futebol com uma incitação discursiva profusa com vistas a justificar o insucesso brasileiro. De modo consecutivo ou mesmo substitutivo, a apropriação desse discurso justificativo igualmente também cumpriria um papel fundamental na consolidação dos novos modelos que buscavam legitimação pro meio da conquista.

1.2. Discursos nas derrotas e nas vitórias

Em 1956, fizemos a primeira excursão com a Seleção Brasileira à Europa. Antes, a Seleção só havia ido à Europa para disputar a Copa de 1954. O objetivo maior era de nos adaptarmos mais ao futebol jogado por lá, já que as participações do Brasil nas copas tinham sido duramente criticadas até aquele ano. A mudança principal seria a maneira de jogar. Chegaram a definir os times assim: “infantil em 30; imaturo em 34; inexperiente em 38; otimista exagerado em 50 e altamente tenso em 54”. (SANTOS, 1998, p.60)

A análise retrospectiva empreendida por Nilton Santos – lateral esquerdo do Botafogo F.R. e jogador da seleção brasileira nas Copas de 50, 54, 58 e 62 (só não foi titular em 50), e apelidado de “enciclopédia do futebol” pelo domínio que possuía acerca de variadas esferas do repertório futebolístico – elucida de maneira bastante pontual como foram impostos aos desempenhos dos selecionados nas Copas por ele citadas qualificações que gravitam em torno de justificativas para os insucessos dos brasileiros. As duras críticas sofridas pelos jogadores, como anuncia, demarcavam a grandiosa importância assumida pelo futebol junto ao imaginário popular; à cobrança realizada em função do clamor pela vitória, tanto da imprensa

especializada como dos torcedores, juntavam-se num mesmo coro os anseios de personalidades políticas e de ideólogos do sentimento nacional brasileiro.

Para Fraga (2009), a Copa de 1950, grandiosa celebração que conciliava importantes signos representativos da modernidade, constituía uma brilhante oportunidade da afirmação de um Brasil fragmentado e pré-moderno frente ao resto do mundo. Aos ideais de civilidade, a almejada unidade nacional brasileira poderia ser elevada mediante a conquista da taça, símbolo de uma vitória triunfal e retificadora que poderia tomar corpo no cenário preparado exatamente para esta finalidade:

Assim, a realização da Copa do Mundo de 1950 em solo brasileiro deveria proporcionar a oportunidade para que o país se apresentasse ao mundo como um integrante legítimo de um mundo “civilizado”, distante das perspectivas de selvageria que a ele se costumava atribuir. Ao mesmo tempo, deveria funcionar como um sedimentador da unidade nacional, fator que, diante da existência de bolsões de imigração dentro do país, não encontrava solução de continuidade. Para confirmar ao mundo nossa condição de civilizado e construir a tão almejada unidade em torno de um mesmo sentido de pertencimento, era mister, segundo a análise dos jornais da época, que o esforço de trazer o torneio para o país e construir o maior palco do mundo fosse coroado com a conquista do título máximo pela seleção brasileira (p. 210).

Impossível também não assinalar as evidências registradas em relação aos usos e associações da seleção brasileira a personalidades políticas do cenário carioca e nacional, mas, dessa feita, sob a ótica das pretensões políticas mais pragmáticas. Como analisa Franco Jr. (2007), os propósitos mais pontuais de utilização do futebol como impulsionador de votos, principalmente junto às massas populares, faziam políticos aliar suas imagens à da seleção: “1950 também era ano de eleições presidenciais e estaduais, que ocorreriam em 3 de outubro. Diante da certeza da vitória brasileira na Copa, os candidatos buscavam ampliar seu prestígio com o futebol (p. 89)”. O general Ângelo Mendes de Moraes, prefeito do Rio de Janeiro nomeado em 1947 pelo também general Eurico Gaspar Dutra, esteve na prefeitura carioca durante todo processo de construção do Estádio Municipal do Maracanã; a ele é atribuída a fala que talvez melhor sintetize esse pensamento, proferida aos jogadores brasileiros momentos antes da partida final da Copa:

Jogadores do Brasil! A batalha do campeonato do mundo se compunha de duas partes. A primeira a construção do estádio e ele aí está. A segunda a vitória do Brasil no campeonato. O governo municipal na parte que lhe competia, cumpriu com o seu dever. Brasileiros, cumpri os vossos (MORAES, 1950, apud FREITAS JR., 2009, p. 57)!

O governo sucedâneo, de Vargas, ainda retomando modelos nacionalistas da era 1930-45, deu continuidade à exaltação de símbolo identitários nacionais, celebrando valores

vitoriosos e agregadores em torno daquilo que o próprio Vargas definiu como “raça brasileira”. Na véspera do embarque para a Suíça, em 1954 – período bem próximo à viagem relatada por Nilton Santos – Vargas recebeu em “audiência especial” uma comissão dos jogadores que representaram o Brasil na Copa. Na oportunidade, junto do Chefe do Governo, estiveram também reunidos os representantes máximos da CBD e do Conselho Nacional de Desportos (CND); também marcaram presença no salão de despachos do Palácio da Guanabara o treinador Zezé Moreira, mais alguns cartolas e o médico da CBD, Paes Barreto. Vargas discursou em tom “de estímulo, desejando que a delegação do Brasil volte à Pátria com os louros da vitória”; o JB, que reportou com destaque o cerimonial, registrou que em sua fala Vargas enfatizou as adjetivações que distinguiriam os brasileiros dos outros povos, constituindo o torneio mundial uma oportunidade díspar para veicular uma mensagem afirmativa sobre os distintivos do povo brasileiro:

Frisou S. Exa. o interesse que o foot-ball desperta em todo mundo, principalmente porque os jogadores, pela sua dextreza, agilidade, resistência e técnica são um exemplo da vitalidade da raça. E por serem assim, temos que apresentar perante o mundo, nos nossos jogadores, a vitalidade da nossa raça⁸.

Considerando esse breve repertório em enfeixa elementos governamentais, ideológicos, raciais e identitários vale retomarmos as adjetivações “infantil”, “imaturo”, “inexperiente”, usadas por Nilton Santos para as Copas de 1930, 34 e 38, e “otimista exagerado” e “altamente tenso”, para 1950 e 54. Facilmente podemos agrupá-las em duas modalidades distintas de análise; enquanto as três primeiras edições da Taça do Mundo são atribuídas a uma leitura que atribui certa ingenuidade aos futebolistas brasileiros, as referentes à IV e V edições são vinculadas a um diagnóstico que apontava os brasileiros como portadores de um perfil psicológico tíbio e de formação incompleta. Por um longo tempo, as leituras psicologizadas em torno do caráter geral dos jogadores brasileiro – e, por extensão, do próprio povo brasileiro – estiveram bastante em voga e ajudaram na constituição de uma determinada linhagem da abordagem jornalística do futebol. Mais adiante (capítulo 3.), retornaremos a esta questão quando pretenderemos, de modo mais detido, nos debruçarmos a respeito da consolidação de um aparato médico multidisciplinar no interior da seleção brasileira de futebol.

⁸ JB, 26 de maio de 1954, **Campeonato Mundial de Foot-ball**, p. 12.

Por ora, acreditamos ser importante ter claro que o hiato que se estabelece entre as três primeiras edições das Copas (1930, 34 e 38) e as Copas do pós Guerra (50⁹ e 54) marca em relação ao selecionado brasileiro, por um lado, a intensificação das rivalidades sul-americanas, sobretudo com as seleções argentina e uruguaia – que para Franco Jr (2007, p. 87) determina “certo complexo de inferioridade diante das poderosas seleções platinas” – e, por outro, o completo afastamento das seleções europeias. Após a disputa pelo terceiro posto na Copa de 1938, com uma vitória por 4x2 sobre a seleção sueca, o Brasil só voltaria a enfrentar um adversário europeu na primeira fase da Copa de 1950, quando mediu forças contra os suíços no Pacaembu, num jogo que terminou empatado em 2x2. Como já mencionado, esses anos de interstício marcam, no Brasil, primordialmente no campo das instituições que regiam os esportes, a suplantação de um futebol desregulamentado e amador por um novo modelo profissionalizado e normatizado institucionalmente.

Porquanto, fica desta forma mais evidente a diferenciação proposta por Nilton Santos tanto ao classificar o desempenho nas Copas como em relação ao objetivo da viagem realizada em 1956. Seguindo sua diferenciação e considerando as Copas anteriores à 2^a Guerra Mundial como pertencentes a um estágio de incipiência do futebol brasileiro, entendemos melhor a elucidação apresentada por João Saldanha, um dos técnicos que treinou o próprio Nilton Santos. Saldanha afirmou, já em 1968, que “Jogamos a Copa do Mundo de 1938 com dois zagueiros, quando a lei do impedimento já havia sido modificada há quatorze anos atrás” (PEDROSA, 1968a, p. 7-8), justificando uma elementar alteração na regra que ainda não havia sido implementada nas canchas brasileiras. Podemos, assim, deduzir que tanto em relação às performances brasileiras alcançadas nesses torneios como no processo de consolidação das narrativas que se cristalizaram acerca dessas primeiras Copas, sendo contadas e recontadas em diversas fontes ao longo dos anos, quase sempre registrando sua não tão ampla abrangência ou as constantes modificações no formato de disputa de uma edição para a outra (além da não participação inglesa nas três primeiras edições, ou a recusa do Uruguai, primeiro campeão sob a organização FIFA e anteriormente bicampeão olímpico em 1924 e 1928), que sobre-existe uma forma de atenuação acerca dos resultados dos selecionados nacionais. Em face desses e de outros elementos alheios ao próprio jogo disputado dentro de campo, como numa escusa para desempenhos não satisfatórios – a

⁹ A Copa do Mundo realizada no Brasil, em 1950, a primeira após a 2^a Guerra Mundial, compreende o marco fundamental para esta forma de questionamento; além de ser o primeiro dos campeonatos mundiais em proporções e significados mais amplos, nele, o selecionado nacional sucumbiu frente ao Uruguai, no último e decisivo jogo, em pleno Maracanã, numa atmosfera de absoluta crença brasileira na conquista do título.

despeito de considerar o terceiro posto em 1938 um feito notável – foram sendo veiculadas e sedimentadas leituras acerca das Copas anteriores à IIª Guerra como relacionadas a um período amadorístico, de um futebol brasileiro ainda em estágio seminal e cujas implicações em leituras generalizadas sobre o caráter ou a identidade nacional adquirem significados mais sutis e menos determinantes.

Entretanto, a partir de 1950, a queda sofrida frente aos uruguaios, no Maracanã, determinaria uma nova modalidade de abordagem em relação às eliminações/derrotas brasileiras nos mundiais; tal assunto passou a assumir proporções notoriamente maiores e determinar mudanças em quase todos os campos envolvidos na formação, preparação e atuação da seleção brasileira de futebol. A derrota não mais seria associada a esta puerilidade do futebol brasileiro, mas sim a elementos que se chocariam a formação miscigenada e psicologicamente inconclusa do jogador e do homem brasileiro que teria sucumbido na tentativa de afirmar precisamente os traços que demarcariam as singularidades nacionais.

Nessa esteira, Costa (2008) assinala que no futebol brasileiro as derrotas em Copas do Mundo, mais que as próprias conquistas, conduzem a uma ambiência propícia para a reflexão acerca dos distintos componentes característicos do universo futebolístico e, por extensão, de sua vinculação dialética com a própria identidade nacional. Se nas campanhas exitosas há uma nítida propensão para o surgimento de verdadeiros “heróis nacionais” (Ibid., p. 151), nas derrotas, as narrativas que se constituem são sempre mediadas por uma forma de expiação do vilão eleito como causador do fracasso brasileiro. Sobretudo em razão do grandioso potencial de penetração dos veículos midiáticos, de modo particular aqueles especializados em esporte/futebol, é possível verificar na imprensa brasileira que com a Copa de 1950 e de modo pragmático em todas as Copas seguintes, a qualquer derrota do selecionado nacional nos campeonatos mundiais de seleções sempre é imputado um valor pedagógico a partir do qual será produzido um discurso na tentativa de buscar a superação dos acontecimentos passados que impossibilitaram a vitória brasileira.

Costa toma de empréstimo um conceito desenvolvido por Eco, semiólogo italiano, para dar consistência às reiteraões discursivas verificadas na imprensa esportiva. As “narrativas da redundância”, organizadas e afiançadas de acordo com os ditames da grande mídia, rapidamente podiam ser alçadas a um estatuto de verdadeiro discurso sobre a história que, além de atribuir significações imediatas, rearticulam os próprios entendimentos sobre os eventos passados ao sabor das novas ocorrências. Nesse contexto, a autora reanalisa os enunciados sobre a derrota em 1950 à época e num momento posterior à vitória em 1958; para ela “a tragédia do Maracanã traçou o esboço e as glórias acimentaram a estrutura das

narrativas da derrota que até hoje podem ser percebidas” (Ibid., p.34s). Assim, a crença não correspondida na vitória ou o mero fracasso, sobretudo após a primeira conquista brasileira em 1958, passou a trazer sempre a indagação “por que o Brasil perdeu?” e, ato contínuo, a inevitável criação de uma ambiência propícia para uma pretensiosa e fértil interpretação dos fatores que impediram o triunfo brasileiro.

Na Copa de 1954 na Suíça, havia expectativa de que o clima de euforia criado no Brasil em 50 deixaria importantes ensinamentos para os atores envolvidos no campo esportivo; determinados equívocos como o anúncio antecipado de “Brasil Campeão” não poderiam ser repetidos. Entretanto, nas coberturas esportivas de uma boa parcela dos periódicos brasileiros, guardadas as proporções necessárias, não foi exatamente isso que se viu. Sem a pretensão de adentrar profundamente neste mérito, é importante demarcar que o jornalismo esportivo nacional destacou de antemão alguns valores que poderiam afirmar a superação de antigos fantasmas e traumas relacionados com a Copa de 1950 e, durante seus trabalhos, salientaram a boa preparação dos brasileiros e as qualificações positivas dos representantes nacionais. Brasil e Hungria foram colocados antecipadamente como os selecionados mais propensos a vencer o certame, e isso somente refletia os resultados alcançados por essas seleções nos jogos eliminatórios para o torneio e nos amistosos preparativos¹⁰.

O JB, em diversas oportunidades, inclusive reproduzindo ou citando jornais estrangeiros, não se cansou de apontar Brasil e Hungria como as seleções favoritas para a conquista da Copa na Suíça, salientando, além disso, que dentre as equipes que não apresentavam condições de competir pelo título encontrava-se justamente aquela que sagrar-se-ia campeã ao final do torneio: “(...) somente por uma destas aberrações do foot-ball o selecionado germânico poderia oferecer uma surpresa no próximo campeonato mundial a ser disputado na suíça”, destacava o JB na matéria de subitem “Inexiste perigo alemão em matéria de foot-ball”; além disso, enfatizava o jornal que o sentido negativo empregado no termo “aberração”, complementando que a seleção alemã despertava “profundo pessimismo dos observadores (...)”¹¹. Tal ponto de vista seria acentuado ao longo da cobertura que antecedia o mundial; às vésperas do início do torneio os “peritos” – como se intitulavam os

¹⁰ Dentre os jogos amistosos contra times locais, mereceu especial destaque pelo jornalismo brasileiro a cobertura de dois jogos entre os húngaros e o time do Young Boys, com dois placares iguais: 9x0 para os magiares, e também o Brasil derrotando o Bienne FC por 12x0. É registrada também uma espécie de observação dos adversários, com uma seleção acompanhando os jogos treino da outra. Cf. JB 05 de junho de 1954, p. 11, “Campeonato mundial de foot-ball – treinam hoje os brasileiros com o ‘team’ do Bienne FC”.

¹¹ JB, 29 de maio de 1954, **Campeonato Mundial de Foot-ball - Os brasileiros em Macolin – oferecimento de clubes suíços para treinamento – Resoluções da FIFA – Protesto dos belgas**, p. 11.

jornalistas esportivos – ainda lembravam o desorganizado futebol apresentado pelos alemães nas recentes partidas pelas eliminatórias da Copa.

Apenas para que não fique sem o devido registro, é bastante comum encontrarmos nas publicações periódicas dos anos 50 e 60, algumas semanas antes da realização dos jogos de Copa do Mundo (e de outros torneios importantes também), análises dos esportes que participariam dos certames, que não raro são seguidas de fictícias projeções das campanhas que as seleções poderiam realizar, em consideração ao histórico do time e jogadores de relevo. Por vezes alguns periódicos chegavam mesmo a imaginar os desempenhos e apontar os resultados dos jogos, com os selecionados que se classificariam para as fases eliminatórias e os postos que alcançariam ao final do torneio. Tal prática, embora ainda passível de ser encontrada nestes tempos contemporâneos, assumia àquela época um caráter de maior seriedade e objetividade na prática jornalística.

De todo modo, uma vez sedimentada a eliminação brasileira em 1954, as indagações acerca das razões para a derrota envolveram explicações que gravitavam novamente em torno de questões justificativas; foram acionados discursos depreciativos de ordem racial, moral e emocional relacionados ao perfil dos brasileiros, como apontou a própria Costa (Ibid., p. 43) retomando uma obra organizada pelos jornalistas Armando Nogueira, Jô Soares e Roberto Muiyaert que, vale ressaltar, tem o mérito de trazer em meio às reminiscências dos textos, embasamento documental de época.

Parece-nos que em boa medida o pensamento de Costa se alinha ao de Antunes, pesquisadora com larga experiência nas veredas do futebol e uma das pioneiras nos estudos da área, reconhecida também pelos seus trabalhos a respeito do desenvolvimento do futebol atrelado à cultura operária. Em 2010, numa entrevista ao *site* Ludopédio, Antunes abordou a relação que os brasileiros, de modo generalizado, estabelecem com as derrotas futebolísticas em campeonatos mundiais:

(...) o brasileiro está sempre insatisfeito com a derrota e remói explicações para encontrar o caminho da vitória. Apesar de parecer uma coisa doentia, acho que há algo de saudável nisso. Não é saudável refletir sobre erros e acertos, buscar soluções para novos problemas? De certa forma, é uma demonstração de que não há acomodação ou de que o brasileiro é um eterno insatisfeito¹².

A mesma autora, anos antes, já havia tratado das imbricações presentes nos discursos que entremeavam a constituição de uma pretensa identidade nacional e as análises de desempenho do futebol brasileiro por intermédio dos trabalhos dos cronistas já mencionados. Como

¹² Fonte: <http://www.ludopedio.com.br/rc/index.php/entrevistas/artigo/434> . Acesso em: 21 out. 2010.

observa, é bastante frequente a ocorrência, no imaginário coletivo, de uma análise da condição social brasileira e de suas organizações institucionais que são mediadas pelas performances dos selecionados nacionais em Mundiais. A autora identifica a influência de uma esfera na outra, ressaltando as diferenciações necessárias para uma análise mais depurada, mas assinala uma espécie de inversão na chave comparativa até aqui exposta. Nesse momento, ela toma como ponto de referência não somente a derrota, mas também o êxito alcançado por este “herói” desportista:

No Brasil, costuma-se avaliar a sociedade e suas instituições pelo desempenho da seleção de futebol, sobretudo em épocas de Copa do Mundo, quando o que se tem, de fato, são nações reunidas num confronto no âmbito do esporte. Se a seleção vai bem, há mais otimismo e tende-se a valorizar o potencial do *povo brasileiro*, sintetizado na imagem do herói pleno de atributos que se convencionou reconhecer como tipicamente nacionais. Se, ao contrário, sobrevém a derrota, os valores anteriormente exaltados são então interpretados como contendo os germes do insucesso (ANTUNES, 2004, p. 277).

Por esta via, Antunes indiretamente atenta para uma possibilidade de análise que não se restringe ao desempenho geral do esporte brasileiro ao final de um determinado mundial; de modo preciso, a autora deixa aberta a possibilidade da ocorrência de interpretações completamente antagônicas, situadas em polos opostos do ponto de vista analítico, e passíveis de serem acionadas com a ocorrência de qualquer derrota, mesmo que tal fato ocorra dentro de uma única competição.

Acreditamos, em acordo com a documentação por nós apurada, que esta leitura tenha melhor adequação em relação à ambiência criada em torno da Copa de 50, e também na Copa seguinte, em 54. Em ambas as Copas, extensível também às seguintes, os filtros de análise da crônica e do jornalismo esportivo, de modo bastante generalizado, são sempre pautados pela chave vitória-derrota, sucesso-fracasso, valorização-desprezo. As abordagens são capazes de oscilar de um lado a outro do pêndulo analítico em função de um erro, de um gol, de uma circunstância singular ou até mesmo fortuita capaz de definir os rumos de uma partida de futebol.

Com efeito, as projeções realizadas por pesquisadores do futebol teriam múltiplas abordagens em relação à crônica e o jornalismo especializado. Nesse campo, Pacheco (2010) percorre um alongado caminho entre os insucessos brasileiros, com início na Copa de 1950 e término em 1982, retomando justamente os trabalhos dos repórteres e cronistas de época. O autor, seccionando as Copas do Mundo de modo não cronológico e rearranjando as datas dos torneios propõe uma análise dos desempenhos dos brasileiros por meio de três vieses, a saber, tragédias, batalhas e fracassos. Nesta espécie de taxonomia das derrotas brasileiras, Pacheco

depura como os elementos atrelados à masculinidade e ao envelhecimento dos jogadores nacionais estabeleceram-se como fios condutores centrais no processo da constituição discursiva que objetivava o entendimento, justificação e eleição daqueles que seriam considerados os culpados pelas derrotas brasileiras.

Em relação à Copa de 1954, analisada conjuntamente com a de 78 sob o critério de “Batalhas”, Pacheco retoma os discursos que se seguiram ao jogo que eliminou o Brasil, na derrota de 4x2 frente aos húngaros.

Os discursos elaborados após a derrota consumada justificam o fracasso por duas vias: pelo excesso de masculinidade ou pela ausência dela. No primeiro sentido, a excessiva masculinidade, ao lado da agressividade, é justificada porque, em face da iminente derrota, nada mais restava a fazer senão a defesa, pelos jogadores, da sua honra. No segundo sentido, a ausência de masculinidade aparece como uma acusação de inferioridade e barbárie: homens civilizados controlam emoções de raiva ou medo, e, mesmo em momentos em que as adversidades são intensas, não tremem e nem agridem (Ibid., p. 109).

Sobre a “Batalha de Berna”, disseminado epíteto criado em alusão à briga generalizada que tomou conta do campo de jogo da cidade suíça onde foi disputada a partida das quartas-de-final, Pacheco recupera uma série de ideias e conceitos impostos ao selecionado; no centro das discussões estavam a ausência de autocontrole e as oscilações sobre a questão da masculinidade dos brasileiros, que se inclinavam ora no sentido extremo da virilidade e da violência, ora em direção à passividade e à inferioridade.

As suas considerações, centradas nos processos de produção discursiva desencadeadas após a derrota, podemos adicionar analiticamente outros trechos selecionados junto aos periódicos de época, que davam conta da atmosfera criada num período anterior ao jogo que definiu a eliminação brasileira. Se numa via posterior os brasileiros foram considerados incapazes de controlar suas emoções e seus ímpetos por violência, e por isso classificados como detentores de um estágio pouco avançado numa escala de desenvolvimento de civilidade, noutra linha, pouco antes do início do torneio, eram justamente os atributos de autocontrole que seriam exaltados pelo JB.

Na sede e concentração brasileira na Suíça, na recém-inaugurada Escola Federal de Ginástica e Desporto, na cidade de Macolin, a conduta dos brasileiros logo nos primeiros dias chamava a atenção do corpo de jornalistas, que veiculavam mensagens valorando a retidão e autodomínio dos futebolistas, que não perdiam o foco nos treinos e na disputa do certame. Em mais de uma oportunidade os atributos de controle diante da presença feminina foi exaltado

pela cobertura do JB. O famigerado “temperamento latino-americano”¹³, foi evocado para valorizar o feito de que os brasileiros não se desvirtualizaram de seus objetivos, sem se entregarem a prazeres físicos alheios ao torneio; para o jornal, a atitude dos jogadores surpreendeu até mesmo os dirigentes suíços, que se admiravam do empenho dos brasileiros: “Temos aqui um desfile da flor da beleza feminina Suíça, e, no entanto, é como se se tratasse de um desfile de postes, a julgar pela atenção que lhe prestam os brasileiros”. Noutro momento, o recato dos brasileiros foi registrado como “seriedade excessiva”¹⁴, já que os jogadores nacionais “se abstém deliberadamente de toda e qualquer relação com a juventude feminina que circula em torno dos alojamentos de todos os participantes do campeonato”.

A temática em torno da ausência ou exacerbação da virilidade e da jovialidade em meio ao futebol, como apresentou Pacheco, talvez sirva aqui como um exemplo primoroso para ilustrarmos como a operação de determinados discursos varia em relação ao desempenho alcançado no campo de jogo. Sob a sombra de determinada derrota ou até mesmo em condições normais, acionar discursos mais liberais acerca da temática sexual pode desencadear cerceamentos mais severos sobre o tema e reascender o debate em torno da necessidade de controle e limitação de tal comportamento. Hodiernamente, apenas para termos uma referência pontual, tal questão volta à baila sempre que são questionados os regimes de concentração dos atletas nos períodos anteriores à realização de algum jogo. Como ilustrado a partir do exemplo de 1954 na Suíça, o acionamento de tais discursos certamente se fez com o intuito de dar provas do amadurecimento e do equilíbrio emocional e físico dos jogadores brasileiros.

Tal debate poderia tranquilamente assumir parâmetros diametralmente opostos após 1958, ano que marca a primeira conquista nacional em Copas. Se outrora a retidão e o moralismo deveriam ser valorizados nas crônicas que registravam o dia-a-dia dos jogadores que se preparavam para a disputa do mundial, a partir da conquista na Suécia, seu oposto ganharia destaque em algumas narrativas. Por meio dos exemplos da dupla de maior relevância do selecionado brasileiro campeão do mundo, Pelé e Garrincha, podemos rapidamente traçar um paralelo a respeito de mesma questão, nesta oportunidade manejada de modo a exaltar os relacionamentos entre os jogadores nacionais e mulheres estrangeiras como conquistas simbólicas que salientavam a virilidade e os atributos raciais dos brasileiros. Pelé

¹³ JB, 02 de junho de 1954, **Campeonato Mundial de Foot-Ball – O 1º treino dos brasileiros em Macolin – chegam à Suíça italianos e húngaros**, p. 12.

¹⁴ JB, 04 de junho de 1954, **Campeonato Mundial de Foot-Ball – Novo treino dos jogadores brasileiros – Preparados os austríacos – Vai prevalecer o sorteio para as quartas de finais e semi-finais**, 2º Caderno, p. 3.

conta em sua autobiografia¹⁵, numa narrativa bastante dissoluta, o sucesso que os brasileiros negros obtiveram quando da passagem pela Suécia:

As suecas nos adoravam, especialmente os jogadores negros. Acho que éramos uma novidade. Lembro-me de que todas as meninas de 14 e 15 anos corriam atrás de mim. Normalmente, os rapazes que chamavam mais atenção eram os mais altos e bonitões, como Mauro, Gilmar, o goleiro, ou Nilton Santos. Mas não – aquelas garotas só queriam saber dos crioulinhos: eu, Didi, Moacir. Diziam que éramos lindos! Foram dias maravilhosos. Cheguei mesmo a ter um flerte com uma sueca linda chamada Ilena, que não era tão fascinada pela minha pele escura como eu era pelos olhos azuis e pelo cabelo louro dela. Em Hidas, também tivemos a oportunidade de sair para pescar, o que eu adorei. Naquela calma silenciosa, os meus pensamentos puderam voar... (NASCIMENTO, 2006, p. 89).

Virilidade e masculinidade; juvenilidade e lascividade; exaltação à raça brasileira; fertilidade etc. A essa libidinosa memória de Pelé juntam-se outras passagens, como aquelas mencionadas por Castro acerca estada brasileira na Suécia, em Hidas, um “acampamento de verão” no qual se punha em prática a “alegre liberdade sexual dos suecos” (CASTRO, 1995, p. 148); lugar ladeado, complementarmente, por uma ilha de nudismo que poderia ser avistada da janela do alojamento¹⁶.

Os elementos anteriormente negativos atribuídos à personalidade dos brasileiros e pretensamente reflexionados no campo de jogo até então, considerados condicionantes para as derrotas, pareciam então superados nas narrativas com a conquista brasileira. A exemplo do ocorrido com a Taça Jules Rimet, a vitória se traduziria em superação de um passado e faria emergir uma personalidade segura e despertadora da admiração junto ao exigente público torcedor.

Semelhante viés podemos depreender de outras narrativas desenvolvidas acerca de Garrincha. Saldanha (1988) percorre caminhos semelhantes àqueles atravessados por Pelé para discorrer sobre a inserção de Garrincha na sociedade sueca. O trecho selecionado apresenta também a questão racial, mas rapidamente retoma seu mote central, que por meio do filho sueco do jogador, retoma as noções de virilidade:

Foi lá que Tião Macalé virou “ponto de história natural”. Acho que nunca tinham visto negros e tão retintos. Mas ficamos lá mais de vinte e quatro horas. E pronto: bateu, levou. Nunca vi tanta fertilidade. Aliás, aqui no Brasil, Mané Garrincha,

¹⁵ Mesmo sabedores dos riscos de se fazer uso de narrativas biográficas ou autobiográficas ou mesmo de materiais de cunho memorialístico, sobretudo aqueles extemporâneos em relação ao período no qual está centrada a presente pesquisa, destacadamente pelo risco da própria narrativa histórica oficial tomar lugar junto à memória destes agentes esportivos, optamos por utilizá-las em relação a algumas personagens notórias, assumindo a responsabilidade, com devido resguardo metodológico que a questão apresenta.

¹⁶ Castro detalha os acordos existentes entre a Comissão Técnica e os jogadores e descreve passagens acerca das libertinas práticas conduzidas por jogadores e até mesmo membros da Comissão. Cf., CASTRO, 1995, p. 145-165, “O Sputnik fulminado”.

segundo se propalava, tinha dez ou onze filhos. Os oito da Nair e mais uns avulsos. E no hotel de Umea, pequeno mas confortável, foi só o Tomé sair do quarto que uma camareira, desprevenida, entrou. Era baixinha, sardenta, muito vermelhinha e bem feinha. Mas estava “viva”. E, na filosofia do Garrincha, o coração bateu, está viva, tudo bem.

Acontece que a suequinha engravidou. E não era só isso: tinha menos de dezesseis anos (SALDANHA, 1988, p. 26 e 27).

Notabilizada mais recentemente sobretudo por meio da biografia escrita pelo jornalista Ruy Castro (1995), a personalidade de Garrincha seria envolta pela questão da sexualidade em muitas outras oportunidades. No livro “Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha”, embora o autor praticamente jogue com a inclinação sexual do jogador ao longo de boa parte do texto, detalhando desde suas primeiras experiências sexuais na cidade de Pau Grande e até mesmo pormenorizando a eminência de seus dotes¹⁷, não por acaso concentra na fase após a Copa de 58 o período intitulado de “1959-1961: A máquina de fazer sexo”, no qual detalha as constantes imersões amorosas do ponta direita: “Garrincha era uma máquina de fazer sexo, nada ou ninguém o impedia (...) Todas as tardes havia um mínimo de três ou quatro mulheres na porta do Botafogo, esperando-o ao fim do treino” (p. 217).

Tais questões, embora não constituam o escopo central deste trabalho e tenham até mesmo sido apresentadas *en passant*, constituem-se parte do repertório que circunda nosso objeto principal, nos auxiliando, desta forma, a compreender o enredo por meio do qual se inscreve a produção discursiva do período em questão.

A conquista do bicampeonato em 1958-62 e a mudança no panorama acerca de antigos entraves presentes no cotidiano futebolístico seriam ratificadas nas releituras oficiais das Copas do Mundo; no imaginário dos traumas e recalques outrora fustigantes da identidade brasileira manifestada em seus jogadores, um mar de calma se instalaria nos caminhos atravessados pela seleção da CBD. Com alguma intensidade, mas sob outro viés analítico e com outro panorama histórico, somente a partir da derrota de 1966 seriam retomadas as problematizações e os questionamentos sobre erros, elementos culpados e mudanças necessárias para realinhar a seleção nacional àquele estado natural que era considerado pela

¹⁷ A narrativa de Castro gerou entre os herdeiros de Garrincha um grande desconforto sobre o fato de ter abordado até mesmo as dimensões do órgão sexual do jogador. Tal contenda se traduziu em ação judicial. Se a descrição do jornalista já havia causado furor entre o público leitor, maior ainda foi a repercussão da sentença publicada pelo desembargador João Wehbi Dib, na qual julgou improcedente a ação e afirmou, consoante àquilo que estamos debatendo, que “As asseverações de possuir um órgão sexual de 25 centímetros e de ser uma máquina de fazer sexo, antes de ser ofensivas, são elogiosas, malgrado custa crer que um alcoolista tenha tanta potência sexual. Contudo, tamanho e potência não se confundem. O sonho dos brasileiros é ter os dois”. (fonte: Mané não era mole não, Revista Isto é Online, <http://www.istoe.com.br/reportagens/detalhePrint.htm?idReportagem=42472&txPrint=completo> . Acesso em: 27 ago. 2013.)

crônica esportiva como sendo sua sina: um escrete vitorioso, fadado ao sucesso e às conquistas.

Discorrendo acerca das práticas de liberdade encetadas pela Democracia Corinthiana, Florenzano (2009) busca retomar o processo de constituição do percurso que irá desembocar na inédita experiência de gestão adotada pelo clube do Parque São Jorge. O autor atenta que dentre os fatores que contribuíram para a auto-organização dos jogadores corinthianos, em fins da década de 70 e início dos anos 80, contribuiu sobremaneira o histórico de diálogos e decisões assumidos por um grupo de jogadores na Copa do Mundo de 70, no México. Para o autor, a negociação entre os jogadores e o corpo técnico acerca do que deveria ser feito dentro do campo de jogo envolveu muitas questões além daquilo que frequentemente se veiculou no senso comum: “Se a função da direção técnica, em 70, não estava restrita à distribuição das camisas, em contrapartida, a do elenco não se limitava a acatar e seguir passivamente as suas instruções” (p.89); Florenzano menciona ainda um “equilíbrio de forças” que se estabeleceu entre estes agentes, conduzindo de modo ponderado à conquista definitiva da Taça.

Tal aspecto é destacado pelo autor em vista da instauração, ao longo da década de 60, de um aparato multidisciplinar no seio da seleção brasileiro de futebol. Até 1966, tal aparato, traduzido na formação da Comissão Técnica da CBD para a Copa do Mundo, teria funcionado sem maiores questionamentos, quando finalmente na Copa da Inglaterra a derrota precoce “partiu em mil pedaços a identidade do atleta brasileiro”, dando início ao movimento de “investigação das causas, distribuindo os processos e determinando os culpados” (p. 30) numa tentativa de expiação dos responsáveis pela derrota.

No mesmo diapasão acionado por Florenzano, Agostino (2002) já havia ressoado algumas notas acerca dos impactos causados pela derrota na Copa de 1966. Em consideração à ampliação dos papéis sociais atribuídos ao futebol no Brasil, haja vista a recente alteração na ordem política nacional por meio do golpe militar instaurado em 1964, o autor aponta diversos elementos que associam o futebol ao regime autoritário. Sobre a Copa de 1966, exemplifica que além de ter sido necessário providenciar guarda do SNI (Serviço Nacional de Informações) aos jogadores brasileiros recém-chegados da Inglaterra, chegou-se a cogitar até mesmo a criação de uma CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) para apurar as causas da repentina eliminação brasileira do torneio mundial.

De tal modo, esses últimos exemplos, tomados num momento posterior à conquista do bicampeonato, são trazidos a campo para cotejarmos diferentes vertentes discursivas acionadas no intento de justificar alterações organizacionais no futebol brasileiro em relação às derrotas em Copas do Mundo. Evidentemente que tal debate se estabelece em função dos

elementos e valores sociais que estão em constante reorganização e modulação e trocam de roupagem de acordo com as reeleições propostas pelo próprio desenvolvimento da história. Contudo, assim como a vitória brasileira em 1958 é capaz de alterar as bases sobre as quais será analisado o desempenho da seleção e, por conseguinte, os enunciados produzidos a partir dos resultados brasileiros, é mister atentar para um fator de ordem institucional relacionado à organização do desporto brasileiro. O ano de 1958 marca também a subida ao poder, na CBD, de João Havelange. O homem que 16 anos após a conquista inaugural brasileira se tornaria o personagem mais poderoso do futebol mundial, ocupando tal posto até o fim do século XX, deixou importantes marcas no esporte nacional; marcas essas que não estariam restritas às questões de ordem burocráticas e organizativas, mas também e sobretudo nos meios pelos quais seriam narradas as páginas seguintes da história do futebol brasileiro. Impõe-se uma tarefa fundamental tentar compreender as relações que são acionadas a partir de seu nome, tomando como ponto de partida o panorama autorreferencial que seria criado em torno de sua figura ao longo dos anos.

1.3. A gestão Havelange: diálogos com os discursos oficiais

Logo, Havelange abraçou com entusiasmo e colocou em execução um plano de trabalho elaborado pelo empresário Paulo Machado de Carvalho, dono de emissoras de rádio e de TV, com alguma cancha de dirigente em São Paulo. O projeto terminou com o poder quase intocável que caracterizara, até então, os treinadores da seleção, e estabeleceu uma Comissão Técnica, também integrada por um supervisor, um psicólogo e uma equipe médica. (NAPOLÉÃO; ASSAF, 2006, p. 56)

O modelo de preparação do selecionado incorporou uma nova forma de se pensar a organização desportiva. Em lugar de uma estrutura minimalista, onde o técnico dividia com o chefe da delegação todas as responsabilidades sobre o elenco, Havelange estabeleceu uma grande comissão técnica, com funções especializadas e responsabilidades claramente fixadas. Para a chefia da delegação, a CBD indicou um dos membros de sua diretoria, Paulo Machado de Carvalho, empresário paulista pertencente a uma família de tradicional vínculo com o São Paulo Futebol Clube. Carvalho já havia contribuído para a preparação da seleção nos anos da administração Sylvio Pacheco, mas retornava agora em condições particulares para implantar o novo modelo de administração. Fiando-se no bordão “cada macaco no seu galho”, que insistia em repetir em reuniões e entrevistas, montou uma equipe de apoio jamais vista no futebol brasileiro. A secundá-lo, estava Carlos de Oliveira Nascimento, na função de supervisor. Antigo companheiro de Havelange nas equipes de natação do Fluminense, Nascimento exercia na equipe suburbana do Bangu o papel de grande administrador que era desejado na equipe técnica do selecionado nacional. Sua função ia além do assessoramento do chefe da delegação.

Ele era o grande e meticuloso planejador de toda a programação de trabalho da equipe. Do Fluminense, foi trazida a dupla José de Almeida Filho e Adolfo Ribeiro Marques Junior, respectivamente assessor administrativo e tesoureiro da comissão. Também se optou por manter um médico e um preparador físico inteiramente dedicados aos atletas que serviriam à CBD. Os escolhidos foram Paulo Amaral, que treinava o Botafogo, e Hilton Lopes Gosling, do corpo médico do Bangu. A presença de um médico servia para padronizar as avaliações e diagnósticos. Muitos jogadores que serviam à seleção traziam de seus clubes fichas médicas extremamente imprecisas. O papel atribuído a Gosling e Amaral estava associado ao projeto “civilizatório” do selecionado. Se, no imaginário nacional, o homem médio brasileiro era uma figura associada às doenças da miséria, à inanição e às verminoses, o modelo de atleta (e, portanto, do homem brasileiro moderno) que se buscava construir deveria por princípio ser saudável, fisicamente perfeito. (SARMENTO, 2006, p. 97s)

Rememorada como uma “organização empresarial” (GUTERMAN, 2009, p. 122), as medidas implementadas pelo então recém-eleito presidente da CBD, João Havelange¹⁸, no ano marcado pela Copa do Mundo de 1958, foram rapidamente celebradas como um divisor de águas em relação às concepções assumidas no processo de preparação do selecionado brasileiro de futebol para a disputa de torneios ou amistosos. O próprio Guterman¹⁹, pesquisador a um só tempo jornalista e historiador, assinala que a formulação da comissão técnica de 1958 “além do habitual até então – treinador, médico, massagista e roupeiro” - envolvia “dois administradores, um preparador físico, um psicólogo, um dentista e mais um massagista”, além, ainda, do pedicuro “Geada”. Esse último personagem, por sua função, seria capaz de condensar a manifestação de posições bastante reveladoras dos valores simbólicos encampados pelo futebol e de preceitos arraigados no imaginário coletivo, incluindo-se aí o próprio presidente da CBD capitaneador desse movimento. Havelange, anos mais tarde comentou acerca de “Geada”: “Fui ridicularizado, diziam que era um time de bichas só porque tinha um pedicuro”.²⁰

Com efeito, a importância da preparação da “seleção da CBD”²¹ com vistas a disputar a Copa de 1958, mesmo quando rememorada com alguma ressalva, ficou plasmada no imaginário torcedor e nas narrativas oficiais como produto de uma verdadeira revolução

¹⁸ Ainda segundo Sarmento (2006, p. 96) a chegada de Havelange à CBD em 14 de janeiro de 1958 inseria-se em um ciclo de renovação dos dirigentes esportivos no Brasil. Encerrava-se o período marcado pelo “modelo centralizado de gestão”, dos dirigentes formados durante a fase de consolidação do profissionalismo, para a entrada em cena de uma nova mentalidade de gestão, mais “equitativa” em relação às outras modalidades além do futebol e com uma mentalidade mais alinhada às determinações modernas de época.

¹⁹ Ibid.

²⁰ Folha de S. Paulo, 29 de junho de 2008, **Começa um Reinado**, apud GUTTERMAN, p. 122.

²¹ Nas pesquisas realizadas em periódicos de época, antes da primeira conquista de uma Copa do Mundo, em 1958, e com uma tendência a ser elidida, mas ainda perceptível até a metade da década de 1960, nos deparamos com o uso do termo “Seleção da CBD” ou “Seleção Cebedense” para referência ao selecionado brasileiro de futebol. Após a conquista mundial em 1958, expressões como “Seleção Nacional”, “Seleção brasileira”, “Brasil” e outras, à medida que passam a ter um uso mais corriqueiro fazem a expressão “Seleção da CBD” quase cair em desuso. Hoje em dia, tal designação assumiu uma conotação pejorativa, usada para atrelar o selecionado aos interesses econômicos da entidade, e não ao futebol brasileiro.

promovida pela administração de Havelange à frente do futebol brasileiro. As citações que abrem o presente tópico, retiradas respectivamente das obras “Seleção brasileira, 1914-2006” de autoria dos jornalistas Antônio Carlos Napoleão e de Roberto Assaf – espécie de manual oficial da história da CBF (herdeira direta da CBD no que tange ao futebol) – e de “A regra do jogo: uma história institucional da CBF”, de Carlos Eduardo Sarmento – uma versão também oficial da história da entidade, mas revestida de um verniz mais academicista – somente repercutem o discurso que sempre é anunciado como exemplo de planejamento, de preparação, de formação de uma “equipe também vitoriosa fora dos gramados²²” ou outras adjetivações do gênero, de tão frequentes usos especialmente nos períodos que de quatro em quatro anos circundam as disputas das Copas do Mundo.

A trajetória da seleção brasileira a partir de 1958 e até meados dos anos 70, em relação aos seus aspectos organizacionais e em sua política de bastidores, acaba de certo modo sendo confundida com a história de João Havelange – evidentemente, até os dias de hoje, é permanente e indelével o legado deixado por Havelange no futebol brasileiro e mundial. Ex-atleta, tendo sido nadador e jogador de polo aquático dos anos 30 aos 50, Havelange constituiu uma respeitosa e rápida ascendência no restrito mundo dos dirigentes esportivos, tendo iniciado sua escalada junto às organizações esportivas ainda durante o período em que atuava como *sportman*. Chegou à CBD em meados dos anos 50, ganhou a eleição em 58 e acumulou sucessivas reeleições até 1974, quando assumiu como presidente da FIFA. Homem que cultivou a fama de possuir uma personalidade centrada, sisuda e reservada, capaz de se impor pelas alianças ou pelo temor reverencial que despertava, Havelange é entendido como o mentor do um projeto de empreendedorismo do futebol mundial. As inovações atribuídas a ele, em 58, encontraram parcerias em diversos outros atores do campo esportivo futebolístico e se mantém até hoje como um dos feitos mais notáveis de sua história.

No centro desse processo estava também Paulo Machado de Carvalho, personagem que certamente é portador de relevantes significados para traçarmos um panorama acerca das estruturas de poder vigentes ao seu tempo. Empresário de sucesso e grande influência no ramo midiático, com experiência como dirigente esportivo à frente do São Paulo F.C. e nomeado vice-presidente da CBD em algumas ocasiões, Carvalho foi escolhido como chefe da delegação, e sua conduta foi valorizada e reconhecida como fundamental “liderança paternalista e agregadora” na campanha de 1958 (e também em 1962) sem a qual, em uma fase posterior à sua passagem, “a preparação tinha se transformado num caos clientelístico”

²² **A delegação completa que foi buscar o título**, retirado do site www.cbf.com.br/noticias. Acesso em: 20 ago. 2012.

(WISNIK, 2008, p. 293). O reconhecimento institucional e o destaque dado à sua figura são também reveladores, em outro sentido, do reordenamento de forças no plano exterior ao campo de jogo, como na homenagem que recebeu, por exemplo, com o emprego de seu nome em 1961 ao Estádio Municipal do Pacaembu, famoso centro esportivo, cívico e cultural da cidade e do estado de São Paulo.

Além desses fatores, duas alcunhas pelas quais Carvalho passaria a ser reconhecido sinalizam alguns aspectos acerca dos processos então em transformação nesse período, notoriamente reconhecido como uma fase de “modernização” das estruturas do futebol brasileiro, mas que, inevitavelmente, dialogavam com um presente bastante tradicionalista e conservador: o primeiro deles, mais simples e bastante direto é “Dr. Paulo”. Tal epíteto, além de traduzir alguns traços de uma sociedade fundamentada em princípios reverenciais, com fortes tendências senhoriais e de submissão, alude diretamente a uma autoridade – seja ela genérica, como nesse caso, ou a uma autoridade médica, o que é particularmente interessante não somente nos termos de nossa pesquisa. A segunda designação, “Marechal da Vitória”, ao mesmo tempo em que vangloria sua figura como signo vitorioso, a reveste com a mais alta patente do militarismo brasileiro em uma quase encenação de uma exitosa campanha bélica, além, evidentemente, de enaltecer valores disciplinares oriundos da caserna em uma alusão a um traço bastante acentuado do militarismo como recorrente representação de sucessos e conquistas ao longo de nossa história republicana.

O “projeto civilizatório” datado de 1958 passava pelo anúncio de uma profunda reformulação da Comissão Técnica brasileira e, nesse contexto, a imposição de determinados cuidados médicos aos jogadores passaria a figurar como um dos feitos mais notáveis, algo que guarda muita similitude com as significações esportistas atribuídas às proposições de Elias (1994), um tanto recontextualizadas no processo de reivindicação dos alicerces modernos do futebol brasileiro. Profissionais relacionados à área da saúde humana – como Hilton Gosling, contratado como médico da seleção, Mário Trigo, como dentista, e João Carvalhaes e Athayde Ribeiro da Silva, como psicólogos – ganhariam maior destaque e seriam apontados, em um curto intervalo de tempo, como responsáveis por elevar a questão médica do restrito ambiente clínico para o patamar de composição e preparação da seleção, mais do que nunca, então, realinhados sob a lógica da eficiência e pautado pelos princípios modernos e científicos da organização e do planejamento.

Em relação a esses personagens, tanto João Havelange, Paulo Machado de Carvalho, como o “Dr. Gosling”, tentaremos abordar mais detidamente suas passagens pela seleção brasileira de futebol; atuando junto ao time brasileiro, esses atores fornecem importantes

pistas sobre os processos em transcurso e suas atuações personificaram ideais que, uma vez exitosos na disputa mundial pelo título de melhor seleção de futebol do mundo, gradativamente colocam a CBD como exemplo de organização para as agremiações – mesmo considerando a dialética questão acerca do modelo clubes/CBD – e também para outros esportes congregados pela organização central da Confederação. No limite, suas atuações repercutem fenômenos sociais em processo de mudança durante o período no qual estiveram em atividade.

Com efeito, as pesquisas realizadas nos periódicos de época, perpassando desde o final da década de 40 até meados dos anos 60, apontaram que paralelamente à anunciada reorganização institucional da CBD, as mudanças atreladas aos conceitos de preparação dos jogadores passou fundamentalmente pelas atividades concentradas pelo corpo médico da seleção. Convocação e corte de jogadores, preparação física e psicológica, manutenção de condições atléticas e recuperação de lesões, orientações relacionadas à saúde e ao desempenho no campo de jogo são apenas alguns exemplos mais flagrantes de como o saber médico encampado por múltiplos profissionais realinhou uma série de práticas em torno da seleção. Verificar os meandros de sua emergência e as conexões ativadas a partir de sua prática podem nos ajudar a traçarmos um panorama das transformações da sociedade brasileira refletidas tanto no futebol como pelo futebol.

O que julgamos ser importante destacar em consideração às citações oficiais acima apresentadas é que, a exemplo da apontada fertilidade discursiva posterior às derrotas brasileiras, também no caso das vitórias em Copas procedeu-se uma extensa exaltação das pretensas inovações postas em prática a partir daquele ano de 1958. Se nas derrotas o elemento agregador e mote principal dos discursos objetivava a expiação dos culpados, nas vitórias, a extensa exaltação dos méritos e dos feitos ditos heroicos trouxeram também outra modalidade discursiva, centrada na disputa pela atribuição de significados àqueles eventos históricos marcantes que eram as conquistas das Copas do Mundo. Por meio desse viés julgamos ser pertinente analisar as rupturas, permanências e vicissitudes dos processos históricos em torno da seleção brasileira de futebol, tentando, desse modo, nos esquivar de algumas sedutoras armadilhas encontradas pelo caminho. A sedimentação dos processos históricos e as disputas em torno daquilo que Guedes (2000) chamou por “discurso autorizado”, ou seja, os enunciados habilitados por especialistas que consagram determinadas leituras sobre o futebol e desqualificam outras, impõe alguns preceitos metodológicos sem os quais estaríamos nos arriscando por veredas eivadas de interesses não declarados e obscuros

jogos de poder que passam ao largo do decoro ansiado para um tema de tamanho interesse e repercussão pública.

Decerto, tal empreitada requer o cuidado de não perdermos de vistas que os membros da alta cúpula do esporte nacional (CBD, CND, Federações etc.), os mesmos que de alguma forma reivindicaram o caráter revolucionário destas transformações na seleção brasileira de futebol, tinham envolvimento direto ou bastante estreito com os grandes veículos de comunicação do país. Elucidar tal ponto se faz necessário pois o recorte documental por nós empreendido concentrou-se na cobertura realizada por grandes jornais dos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo que, pela mesma razão de serem veículos associados à grande imprensa brasileira, nos moldes delineados por Aquino (1999), além de requererem os cuidados metodológicos concernentes à boa prática da história, são potencialmente capazes de refletir os movimentos ideológicos representativos do período abordado.

Outrossim, lançar luz sobre modalidades discursivas que emergem nestes veículos não especializados na cobertura esportiva/do futebol, justifica-se não pela pretensão de desvelar intenções ocultas que subjazam aos enunciados veiculados, que hipoteticamente seriam buscadas por meio de indícios que escamoteiam verdadeiros interesses ocultos, mas sim por residir na própria enunciação dos discursos um regime de aceitação/veracidade daquilo que é apresentado que só se justifica na medida em que encontra legitimidade no meio social em questão. Os diversos fatores que se associam e se articulam para efetivar e dar ao discurso o status de veracidade, fazendo com que seu significado se torne soberano e compartilhado entre aqueles com os quais dialoga, compõe os escopos deste trabalho.

Como destacado anteriormente, nos discursos oficiais foi dada evidência ao caráter inventivo da organização de uma verdadeira rede de experts e profissionais que envolveria os jogadores numa minuciosa preparação e na execução de um plano preparativo com vistas à disputa da Copa de 1958. Mereceria amplo destaque, nesse contexto, o ineditismo dos cuidados prévios e da supervisão médica à qual foram submetidos os futebolistas no período que antecedeu o início das atividades de treinamento. Contudo, um recuo temporal até o ano de 1950, marco que delimita a retomada das Copas do Mundo com organização e abrangência bem mais ampla que aquelas anteriores à 2ª Guerra Mundial, como assinalamos, coloca-nos questionamentos e propõe algumas reflexões acerca do tão afamado e difundido caráter inventivo e originário da organização empreendida pela gestão de João Havelange, a partir de 1958. Seria tal gestão um marco que realmente compreende uma nova etapa no futebol brasileiro? Se sim, as justificativas seriam mesmo somente aquelas veiculadas ao discurso oficial, ou outros fatores elididos ou pouco explorados compreenderiam esse repertório mais

amplo de alterações? Caso seja possível uma resposta negativa a essa questão, o que compreenderia uma continuidade e a manutenção dos processos até então em voga na organização da CBD?

Num rápido recuou temporal, sob a presidência de Rivadávia Corrêa Meyer, a CBD, como organizadora da Copa de 1950, editou sob a direção do jornalista Isaac Cook, após o término do certame, o caderno “IVº Campeonato Mundial de Futebol Taça ‘JULES RIMET’ BRASIL 1950”²³. Neste relatório oficial do campeonato, dedicado “ao Governo do Estádio Municipal do Maracanã”, são arrolados em meio a fartos e exaltantes registros fotográficos, dados de todas as seleções participantes, das cidades sedes e seus estádios, dos resultados das partidas finais, dos árbitros que participaram do torneio e de todo o corpo de dirigentes nacionais e internacionais envolvidos na preparação e no acontecimento da Copa. Também é apresentada a “Diretoria” da CBD (Presidente, Vice Presidente, Secretário Geral, 1º e 2º Secretários, Diretor de Esportes Terrestres, Diretor de Esportes Aquáticos e Presidente da Comissão de Assuntos Internacionais), os “Órgãos auxiliares do IVº Campeonato Mundial de Futebol” e, na forma de um organograma seguido de um rol, o “Quadro da Organização Administrativa do Campeonato Mundial de Futebol de 1950” (Imagens 02, 03 e 04).

O que julgamos pertinente observar é que, além da segmentação de funções, na formação das “Comissões” acima expostas e das suas subseqüentes divisões em “Serviços”, mais de 200 nomes são elencados pela CBD; dentre eles, 43 são relativos a médicos, sob direção do “Dr. Alberto Ision Ponte”, que foram disponibilizados para atendimento dos selecionados que disputaram o torneio. Temos, então, um grande destacamento de responsáveis encarregados, das mais diversas ocupações, postos a serviço das delegações que disputariam o torneio mundial; vale salientar também que, na melhor das hipóteses, de acordo com a documentação apresentada, esse grupo foi composto por um corpo de profissionais ou técnicos que poderiam ser acionados, a serviço da organização do campeonato, na medida das necessidades do momento.

Por óbvio, constituiria tarefa hercúlea e até mesmo inócua para os escopos da presente pesquisa esmiuçar as funções realmente executadas por cada nome listado pela CBD; evidentemente, também, que este relatório compõe uma documentação geral sobre toda a Copa do Mundo, de modo a não nos permitir aferir pragmaticamente que tal comitiva de doutores (para se tomar o exemplo dos médicos) estava posta de prontidão para atender aos

²³ CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS, IVº Campeonato Mundial de Futebol – Taça “JULES RIMET”, (Brasil, Direção Isaak COOK) Disponível em <<http://www.ludopedio.com.br/rc/index.php/biblioteca/recurso/1211>> . Acesso em: 10 ago. 2013.

chamados da CBD, como até pode parecer numa primeira vista. Tampouco podemos concluir, somente por intermédio deste relatório, que os jogadores brasileiros tenham sido submetidos a qualquer análise por parte desses profissionais elencados e, além disso, é também prudente observar que a divulgação de um grandioso catálogo com referências nominais, sobretudo por ter sido editado num momento posterior à disputa dos jogos, tenha implicância com a transmissão de uma imagem organizada e competente da CBD e até mesmo do Estado Nacional brasileiro frente à comunidade esportiva internacional (o relatório em questão é apresentado em português e na língua inglesa). De qualquer modo, tal relatório apresenta alguns indícios que, resguardado o princípio da prudência, não devem ser ignorados.

Passando a um levantamento documental selecionado, já no início daquele ano de 1950 o “Diário de Notícias” (DN), do Rio de Janeiro, publicou em sua “Terceira Seção” uma matéria que tratava dos preparativos da Copa e da organização da CBD com vistas à participação no Congresso Internacional de Futebol, que ocorreria concomitantemente à disputa da Taça do Mundo. A matéria destacava as resoluções tomadas pelo “Diretório Central da CBD” em relação a duas questões a serem levadas para o Congresso: a primeira, irresoluta mesmo “depois de vivos debates”, tratava da proposta de permitir aos times a troca de três jogadores durante o transcorrer da partida; a segunda, aprovada sem maiores problemas, previa a utilização de cronometristas durante os jogos oficiais. Além dessas matérias relacionadas às padronizações regulamentares do futebol, uma terceira questão foi ainda apresentada pela reportagem, tendo sido submetida ao crivo do “Diretório Central”: o planejamento dos serviços médicos que seriam postos a serviço dos participantes do torneio. Com condições de “oferecer irrepreensível assistência” em “todos os serviços de traumatologia, clínica e socorros urgentes”, o plano foi respaldado por “numerosa equipe de reputados médicos e cirurgiões” que “ofereceram seus serviços à CBD”. Sem questionamentos de quaisquer ordens, “mereceu dos membros do Diretório os maiores louvores e foi imediatamente aprovado”. A reportagem ainda concluía, na mesma linha argumentativa, que “os planos para a organização do Departamento Médico do Estádio Municipal do Maracanã”, como as mesmas especialidades listadas para serem disponibilizadas aos participantes da Copa do Mundo – acrescida ainda da peculiaridade dos serviços de hidroterapia – estavam bem encaminhados com a colaboração do médico Amílcar Giffoni.

Giffoni foi um médico com larga experiência e importância no cenário do futebol brasileiro. Desde meados da década de 1940 seu nome esteve atrelado à Federação Metropolitana de Futebol (entidade organizadora do futebol profissional do Rio de Janeiro e

uma das precursoras da atual FFERG – Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro), na qual desenvolveu marcante trabalho à frente da seleção carioca de futebol. De fato, Giffoni ganhou notoriedade pelo trabalho desenvolvido no C.R. Vasco da Gama, sobretudo pela marcante fase do time conhecida por “Expresso da Vitória”. Na equipe cruzmaltina, Giffoni teve a companhia do técnico Flávio Costa e do massagista Mário Américo; concomitantemente, a exemplo de vários jogadores vascaínos, atuou também na seleção brasileira na importante conquista do Campeonato Sul Americano de 1949²⁴ e depois na campanha da Copa de 1950. Na CBD, provavelmente em razão da exitosa passagem de Flávio Costa pelo Flamengo, onde conquistou o inédito tricampeonato de 1942-43-44, ganhou a companhia do médico do clube da Gávea, Newton Paes Barreto (que por sua vez também atuou junto ao Botafogo num momento posterior). Ao seu lado, formou a dupla de médicos responsáveis pelos trabalhos junto ou grupo vice-campeão do mundo em 1950 no Brasil.

Passada a Copa de 50, Amílcar Giffoni retoma suas atividades no Vasco da Gama. Paes Barreto, por sua vez, voltaria a ocupar as funções médicas da CBD em 1952, quando novamente se reúne o selecionado brasileiro, sob o comando técnico de Zezé Moreira. A exemplo dos jogadores, que se reuniam ao serem convocados, também o médico da CBD foi requisitado, àquela época, por meio de convocação: “O Conselho Técnico retificou também a indicação do médico Newton Paes Barreto, cujo nome foi apontado por Zezé Moreira”, indicava a matéria do DN²⁵ quando Zezé Moreira assumiu “a direção da equipe brasileira” e fez a convocação dos jogadores que representaram o Brasil na Taça Rio Branco e do Campeonato Pan-americano, disputados respectivamente no Uruguai e Chile, em março e abril de 52. Paes Barreto seguiria os trabalhos médicos à frente da CBD, integrando a comitiva que representou o Brasil na Copa de 1954.

Temos, portanto, assumindo os referenciais da Copa de 1950, da Copa de 1954 e seus respectivos entornos, que a CBD e o Conselho Técnico de Futebol da CBD configuram-se como instituição e organização responsáveis pelas ações acerca da Copa do Mundo e da seleção brasileira de futebol. Ambas, em suas associações, dispunham de estruturas relativamente organizadas, aparelhadas profissionalmente e amparadas por equipes e médicos capazes de atender as demanda que surgiam em referência aos jogadores de futebol. Assim, não nos parece verossímil considerar de antemão que nos anos anteriores a 1958 dispunha a CBD de “uma estrutura minimalista”, como menciona Sarmiento (op. cit.), tampouco nos

²⁴ O Campeonato Sul Americano de 1949, com sede no Brasil, foi o terceiro vencido pela seleção brasileira. Antes desse título, o Brasil havia sido campeão somente outras duas vezes, nos anos de 1919 e 1922.

²⁵ DN, 11 de março de 1952, **Marcação por zona, o sistema da defesa brasileira**, terceira seção, p. 1.

parece verdadeiro – ou, no limite, bastante inconsistente – afirmar que dispunham os técnicos de “poder quase intocável” em relação às escolhas e métodos de trabalho junto ao time. Seguramente, podemos afirmar que o estabelecimento de uma “Comissão Técnica de Futebol”, assistindo aos jogadores e ao técnico, com variáveis configurações e interações que assumem ao longo dos anos por nós abordados, data de um período bastante anterior a 1958.

Tais aspectos, longe de objetivarem reescrever a história oficial da CBD/CBF ou praticar qualquer espécie de denunciismo acerca da utilização do grandioso potencial do capital social e futebolístico proporcionado pelas conquistas brasileiras, tentam, muito antes, lançar um pouco de luz sobre algumas questões ainda turvas acerca desta fundamental fase de estabelecimento e criação de laços identitários sobre o futebol nacional. Os parâmetros aqui adotados para as perscrutações somente referenciam elementos comumente compartilhados pelo imaginário torcedor e, de certo modo, vinculados a uma história oficial do futebol brasileiro. Isso posto, queremos destacar também que da mesma forma que as rupturas, as inovações e os ineditismos podem significar marcantes inovações para alterarem as estruturas de funcionamento do aparato futebolístico brasileiro, também as falsas permanências, as sutis discontinuidades, as quase imperceptíveis alterações na pequena ordem cotidiana dos trabalhos podem traduzir transformações nos jogos de poder que se estabelecem nos diversos campos articulados pelo futebol. Atacar tais pontos e obter alguma conquista, nesses moldes, pode constituir distinta contribuição para os estudos desta área.

Na instigante seara da medicina esportiva – ou, mais objetivamente, na medicina a serviço do futebol – encontramos indícios bastante fecundos para pensarmos as variáveis que se articulam em torno dos eixos do rendimento e da eficiência no processo de assentamento de novas expertises e de suas segmentações a serviço do futebol. Esta autoridade médica, objetivamente uma autoridade respaldada pelo conhecimento científico, que vai se consolidar no seio da seleção brasileira de futebol com a conquista de 1958, vinha paulatinamente exercendo influência no preparo e na prontificação do jogador brasileiro desde pelo menos meados da década de 1940; se quisermos ser bastante rigorosos, sua origem pode ser atrelada aos primórdios dos esportes modernos e ao impulso normalizante e civilizatório que acomete indistintamente todas as organizações disciplinares em fins do século XIX. Contudo, cabe indagar: pois quais mecanismos esses saberes se tornam preponderantes no final da década de 50? Quais articulações são acionadas ou rearticuladas para fazer prevalecer uma determinada forma de saber em detrimento de outras?

A significação e importância deste saber médico, alçado a um estatuto quase inquestionável na década de 50 e 60, acena para alterações significativas no processo de

negociação e reequilíbrio dos agentes do campo esportivo; em sua esteira, as preparações física, psicológica e técnica ganhariam novas referências nos processos de condicionamento dos jogadores de futebol e na transposição de um modelo de futebolista jogador para um modelo de futebolista atleta. Nessa mesma linha, os valores associados à preparação dos futebolistas ganhariam novas dimensões, suplantando o ideal tradicionalmente relacionado aos treinadores de futebol por uma nova modulação, mais técnica e especializada, não rara vinculada a uma comissão de trabalho. Sobre esse último ponto é particularmente importante atentar para o deslocamento do eixo de conhecimento e das relações de poder que se desenvolvem no campo de jogo; delineia-se uma transposição de um sistema centrado nos conhecimentos dos próprios jogadores para outro modelo condicionado por valores que escampam do repertório dos futebolistas.

Nosso escopo, entretanto, não se limita a tentar compreender a preparação para a Copa de 1958 em uma perspectiva de ampliação desse viés médico em função da entrada em cena de uma verdadeira plêiade de especialistas, que, como veremos, não se restringiam a um médico com funções gerais, ao odontólogo e ao psicólogo – outra especialidade que igualmente passou a ser uma presença constante em fases preparatórias para Copas do Mundo. O período abrangido pela presente pesquisa, (passando pelos preparativos das Copas de 50, 54, e concentrando suas atenções nos estágios preparatórios para 58, 62 até as vésperas de 1966), marca também uma verdadeira reorganização em torno dos saberes legitimados a compor o conhecimento acerca do futebol no Brasil. Em relação à CBD, seu órgão conhecido por “Conselho Técnico de Futebol da CBD”, formado por membros eleitos em assembleias ordinárias²⁶, configurava-se como instância responsável pelos atributos organizativos do futebol brasileiro e, com o passar dos anos aqui abrangidos, esta instituição é alçada a condição de maior expressão dos saberes sobre futebol brasileiro até ser suprimida pela imposição vertical da Comissão Técnica preparada para a Copa de 1958.

Se no começo dos anos 50 partia do Conselho Técnico a formação da “Comissão Técnica da CBD para a Copa do Mundo”²⁷, e esta tinha uma dinâmica de funcionamento para

²⁶ No período apurado, encontramos menções às eleições dos “Conselhos Técnicos” – de variados esportes – que eram realizadas pela CBD, de acordo com os votos das Federações Estaduais. Não pesquisamos a estruturação do estatuto da CBD e tampouco os mecanismos eleitorais da mesma, mas, ao que tudo indica, a exemplo do que hoje (2013) ocorre em relação à escolha do presidente da CBF, os votos unitários de cada Federação estadual tinham a mesma representação paritária à época.

²⁷ Há uma diferença de vínculo institucional e de formação entre o Conselho Técnico de Futebol e a Comissão Técnica, ambos vinculados à CBD. Por ora, cremos, não é importante enfatizar as diferenciações entre ambos, sobretudo em função de se sobreporem, frequentemente, designações comuns que guardam pouco rigor no momento de discernir o que competiria ao “Conselho” e o que competiria à “Comissão”. Sobre isso, nossa percepção vai no sentido de que não se restringem aos periódicos analisados a imprecisão no trato dispensado às duas instâncias, mas também ao próprio aparato técnico/burocrático da CBD, de tal modo que órgão e

além da seleção brasileira de futebol, sendo evocada quando da reunião da seleção, em fins dos anos 50 e até meados dos anos 60, a Comissão Técnica que se formava predominantemente para a disputa das Copas passaria a dispor continuamente de uma estrutura mais definitiva, com membros como o superintendente/supervisor de futebol (Carlos Nascimento, na maior parte do tempo), o técnico de campo (primeiro Vicente Feola, depois Aymoré Moreira e novamente Feola) e o preparador físico (Paulo Amaral e também Rudolf Hermann), além de passar a contar oficialmente com participação ativa também do médico oficial da CBD, Hilton Gosling.

O que os resultados delinearam e que se constituem como fundamentais para melhor entendimento dessa fase é aquilo que chamaremos de um processo de medicalização²⁸ do futebol e da seleção brasileira. Entendemos por medicalização um conceito bastante utilizado por Foucault (1977, 2002b, 2011) que toma a medicina como saber capaz de estabelecer múltiplas medidas de controle tanto sobre o corpo individual dos sujeitos como sobre o corpo coletivo, maximizando o exercício de poder sobre as vidas de modo mais sofisticado e permanente, sem que isso se traduza numa manifestação negativa ou impositiva para os sujeitos envolvidos. Em vista da trajetória por nós a ser seguida, voltaremos a abordar tal conceitualização (item 2.5.) em atenção à documentação embasada ao longo desta dissertação.

Ademais, verificamos também um definitivo compartilhamento acerca dos saberes em torno da formação, avaliação e manutenção/permanência dos jogadores junto à seleção brasileira. Antes praticamente restritos aos “treinadores” (técnicos, assessores ou preparadores) e aos próprios jogadores e, a partir de então, submetidos de alguma forma ao constante crivo médico (médicos, odontólogos, psicólogos). Além disso, esse novos saberes não estão circunscritos a esse seccionamento apontado, de tal forma que antes de provocar um seccionamento de expertises, determinam uma nova modulação dos repertórios a serem dominados por aqueles que exerciam funções técnicas no futebol. Seja por meio de debates (consultas, reuniões, fóruns) ou disputas (tratamentos, afastamentos, vetos) a emergência desses agentes médicos, devidamente autorizados após a conquista na Copa da Suécia, impõe

instituição, não raras vezes, acabam se confundindo enquanto instâncias deliberativas. Abordamos tal questão no decorrer deste trabalho (item 2.3.).

²⁸ Em “Crise da Medicina ou Crise da Antimedicina” (2011), Foucault utiliza o termo “*médicalisation*”, que segundo *Le Dictionnaire* (<http://www.le-dictionnaire.com/> acessado em 05 de agosto de 2012) tem as seguintes acepções: “1) *action de médicaliser, de recourir à la médecine*; 2) *installation d'équipements médicaux, développement de soins médicaux dans des régions qui en sont dépourvues*”. Na tradução (Vera Lúcia Avellar Ribeiro) da obra de Foucault para a língua portuguesa *médicalisation* ficou como medicalização, conceito já depurado nas ciências humanas e que não se confunde com outras acepções como “medicação” ou “medicamentação”.

uma reestruturação não somente na ordem dos saberes, mas sobretudo em relação aos discursos e aos agentes autorizados a proferi-los no campo futebolístico.

Nesse campo, cabe ainda registrarmos que De Certeau (1982), a propósito de analisar a composição da narrativa historiográfica, observou determinados aspectos que modularam tanto a cientificidade ocidental – isso posto em relação comparativa direta com a história e a medicina – como as formas de envolvimento que tomaram o corpo do sujeito da modernidade como limite primordial de inscrição de suas formas de poder – alinhando-se a algumas problemáticas apontadas por M. Foucault. Para o jesuíta, historiador e filósofo francês, essas questões, metodologicamente determinantes, aproximavam alguns aspectos das duas ciências por meio da ideia de corpo, tanto o humano (objetivado na medicina), como o social:

Uma estrutura própria da cultura ocidental moderna está, evidentemente, indicada nesta historiografia: a inteligibilidade se instaura numa relação com o outro; se desloca (ou "progride") modificando aquilo de que faz seu "outro" – o selvagem, o passado, o povo, o louco, a criança, o terceiro mundo. Através dessas variantes, heterônomas entre si – etnologia, história, psiquiatria, pedagogia, etc. – se desdobra uma problemática articulando um saber-dizer a respeito daquilo que o outro cala, e garantindo o trabalho interpretativo de uma ciência ("humana"), através da fronteira que o distingue de uma região que o espera para ser conhecida. A medicina moderna é uma imagem decisiva deste processo, a partir do momento em que o corpo se toma um quadro legível e, portanto, traduzível naquilo que se pode escrever num espaço de linguagem. Graças ao desdobramento do corpo, diante do olhar, o que dele é visto e o que dele é sabido pode se superpor ou se intercambiar (se traduzir). O corpo é um código à espera de ser decifrado. [...] Uma medicina e uma historiografia modernas nascem quase simultaneamente da clivagem entre um sujeito supostamente letrado, e um objeto supostamente escrito numa linguagem que não se conhece, mas que deve ser decodificada. Estas duas "heterologias" (discursos sobre o outro) se construíram em função da separação entre o saber que contém o discurso e o corpo mudo que o sustenta (1982, p. 14).

Em síntese, tais processos ganham relevância, sobretudo, para um melhor esclarecimento dos mecanismos que instauraram um padrão futebolístico concebido como mais evoluído, portador dos valores científicos e vinculados à tão buscada modernização das estruturas brasileiras. Também na esteira desse amplo processo modernizador reivindicado pela gestão iniciada por Havelange à frente da CBD, os novos saberes que emergem indicam, como perspectiva a ser mais bem perscrutada, a pavimentação de um largo caminho que, uma vez legitimados e reconhecidos, alguns anos mais tarde seriam trilhados pela tecnocracia militarizada que ocuparia as fileiras do futebol brasileiro.

Sem embargo, analisá-las consistentemente requer um longo e até exaustivo exercício de retomar os processos inerentes à seleção brasileira desde pelo menos 1950 até o ano emblemático de 1958. Para tanto, recorreremos às fontes já apresentadas e executamos um percurso subdividido em alguns eixos que julgamos fecundos para analisarmos os

componentes verificados em cada uma das Copas de 1950, 54 e 58. Procuraremos apresentar, num primeiro momento, essencialmente a inserção e a representação de cada eixo escolhido, demonstrando como determinada temática se manifestava e quais elementos eram acionados a partir de suas anunciações. Num momento posterior, por meio de farta documentação selecionada, cumprimos a tarefa de desmembrar a abordagem em cada uma das três edições das Copas, apresentando e delineando algumas análises à medida que fornecemos os dados documentais coletados; finalmente, num terceiro momento, realizaremos um apanhado analítico ao final de cada eixo, em vista das três edições. Somente após isso poderemos voltar a analisar 1958 e seus posteriores desdobramentos.

— 30-1-1944 —

A NOITE

— 3 —

A MEDICINA NOS DESPORTOS

COMO FUNCIONA A SELEÇÃO DOS JOGADORES CARIO-CAS - PERÁCIO, O "CRACK" PERFEITO

PERÁCIO, O "CRACK" PERFEITO — Dentro os jogadores de futebol da Federação Metropolitana do Futebol, Perácio foi o que obteve o melhor índice nos exames médicos. Num daqueles exames, apresentou o famoso player, que sempre na gravura, submetido à prova do "medido de envergadura".

O progresso atual em todos os setores da atividade humana atingiu bem de perto o terreno dos desportos e da educação corporal, dando-lhes um grau de relevância e destaque. O problema da guerra está condicionado ao problema do homem. Para que os exércitos de hoje vençam as dificuldades de terreno e de máquina, é indispensável um preparo físico excepcionalmente assim os seus homens poderão resistir aos embates dos batalhões sangrentos. Ao desporto e à educação física — fatores decisivos na formação de uma raça forte — cabe portanto um papel de transcendental relevância na vida dos povos modernos.

Mas o problema da educação física e do desporto é um problema eminentemente médico. Poucos imaginam certamente a importância do valor que na prática dos desportos incutem ao médico especializado. Hoje em dia, com o progresso da ciência, e mais ainda, com as medidas impostas pelas leis, não é permitida, nos clubes ou agremiações desportivas, a prática dos desportos sem vigilância médica permanente. O próprio governo, criando a Escola Nacional de Educação Física e Desportos, veio prestigiar a cultura física, dando-lhes caráter médico e profissional especializado. A finalidade elevada do poder público ao diplomar tais elementos foi a de defender a própria (CONTINUA NA 4ª PÁGINA TIPOGRÁFICA)

CRAVOS AMERICANOS
Bonsolitos, Ceto, Crs 6,99. Desalito, 1. rua Maria e Barros, 126 — Próximo à Praça da Bandeira. T. 28-0281

Roupas de Banho
Artigos de Sport, Viagem e Praia
Batas sem boca — Banho — Pajamas — Calças, etc.
CASA SPORTSMAN
RAUL CAMPOS — Oliveira, 27

VAI VIAJAR?
VISITE ANTES A MALA CARIOCA
ALI ENCONTRARE A MALA QUE DESEJA POR PREÇO SEMPRE MELHOR.
• POSSUIREMOS ENCOMENDAS, VIZ. SORTEIO DE MALETAS ESTOJOS.
Rua do Carioca, 13 - Rio
Tel. 22-5570

MALAS
Para cabines-avião - malas - valises e Chapeleiras, o melhor sortimento, os menores preços.
UMA NOVA E BEM ORGANIZADA SEÇÃO

PARA EMBALAGEM E CORREIO - Cof 10,00 p.pax

31 - RUA URUGUAIANA - 33

DO PRODUTOR AO CONSUMIDOR -- ARMAZEM MUNDIAL -- AV. LAURO MULLER, 86/90 - TEL. 28-4733

Imagem 02 – Capa do Relatório oficial da Copa de 1950

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS

Quadro da Organização Administrativa do Campeonato Mundial de Futebol de 1950

Comissões

DIRETÓRIO CENTRAL

Dr. Rivaldo Corrêa Meyer (Presidente)
 Dr. Maria Pollo
 Dr. Jurandyr Lodi
 Sr. Joaquim Luiz Pizarro Filho
 Sr. Plínio Segurado Pinto
 Dr. José Lins do Rego
 Professor Manoel Ferreira de Castro Filho
 Sr. Manoel Furtado de Oliveira
 Dr. Celso Nogueira de Barros
 Dr. José Maria de Mello Castello Branco
 Sr. Anibal Arthur Peixoto
 Professor Roberto José Fontes Peixoto
 Dr. Herbert Masas

COMISSÃO DE RECEPÇÃO E ASSISTÊNCIA SOCIAL

Prof. Roberto J. Fontes Peixoto (Presidente)
 Coronel Sylvio Americo Santa Rosa (Recepção e Atendimento)
 Dr. Alberto Isian Ponte (Assistência médica)
 Capitão Joaquim Couto de Souza (Transportes)
 Major José Duarte Alves (Alojamento)
 Serviço de Recepção e Atendimento
 Cel. Sylvio Americo Santa Rosa (Diretor)
 A. Sylvestre da Costa Leite
 Abel de Moraes Bello
 Alberto Neves Bragança
 Alcides de Barros Paiva
 Alex de Moraes Bello
 Dr. Alfredo Bello

Dr. Alois Eurico da Silveira Batista
 Dr. Almir Tavares
 Alvaro Americo de Oliveira e Souza
 Dr. Alvaro Ramos Nogueira Junior
 Cap. Antonio Barcelos Borges Filho
 Ch. Antonio Borges da Silveira Lobo
 Dr. Antonio Gomes de Avelar
 Dr. Antonio Leite
 Dr. Antonio Reis Carneiro
 Dr. Arthur Braga Rodrigues Pires
 Carlos Eduardo Neiva
 Carlos Magalhães
 D. Christiana Teixeira Labão
 Cidre da Silva Carneiro
 Edgar Hargreaves
 Dr. Egoz Muniz Santos Correia
 Ernani Campos
 Francisco Agostinho Martinelli
 Francisco Cavalcanti Leite
 Prof. Francisco Gomes Maciel Pinheiro
 Dr. Fernando Rabies
 Dr. Gastão Soares de Mouro Filho
 Heitor da Silveira Carneiro
 Helio Torres Pereira
 Hugo Fraccaroli
 Dr. Isaura Brailh Franca
 Ivan de Figueiredo Raposo
 Ivan Segurado Pinto
 Dr. Izalide Hildebrand
 Jaime Sterling
 Major Jerônimo Bastos
 João Teixeira de Carvalho
 Joaquim Guimarães
 Major Jozelyn de Souza Lopes
 Jorge Amaro de Freitas
 José da Costa Lima
 Dr. José da Silva Rocha
 Dr. José Matos da Graça

José Romalho Junior
 Luciano Pereira do Cabo Junior
 Tenente Coronel Luiz de Castro Silva
 Luiz Maria Pollo
 Luiz Paulo Abreu Nogueira
 M. de Toledo Piza
 Manoel Caballero
 Dr. Manoel de Moraes Barros Netto
 Marçal Pinto de Almeida Filho
 Mario Garcia de Souza
 Nelson da Silva Santos
 Dr. Ney Cavalcanti Campos
 Norival da Silva Cavalcanti
 Ouzar de Andrade Adler
 Oswaldo de Castro
 Oswaldo de Castro Dolabella
 Dr. Octavio Pinto Guimarães
 Paschoal Segreto S. Brinha
 Pe. Sandoberg
 Os. Benício de Paula e Silva Tavares
 Evadaria Tavares Corrêa Meyer
 Roberto Mazza Manha
 Dr. Rui Resurreição Cunha
 Silvan de Brito
 Consul Silveira Carneiro
 Coronel Sipena Sarmento
 Sylvio Corina Pacheco
 Sylvio Wright Netto Machado
 Ministro Waldemar Ferreira Marques
 Waldemir Santos

Serviço de Transportes

Cap. Joaquim Couto de Souza (Diretor)
 Rubens Espinal Pinto
 Waldemir Blanchart Gonçalves
 Dilson Guedes

Guilherme Melechi
 Oswaldo Nascimento Lopes
 Gastão Rodrigues Teixeira
 Geraldo da Cunha Ribeiro
 Mario Garcia de Souza
 Comandante João Batista Stivale

Serviço de Assistência Médica

Dr. Alberto Isian Ponte (Diretor)
 Dr. João A. da Fonseca Regala
 Dr. Jôria Salgado
 Dr. Ivan Figueiredo
 Dr. Adair Figueiredo
 Dr. Nelson Mendes Chustoff
 Dr. José Amaral Osorio
 Dr. Isaac Amer
 Dr. Estilac Leal
 Dr. Flávia Miguez de Mello
 Dr. Ademir Hupper Pinto
 Dr. Victor Jayme de Sá
 Dr. João Clemente de Rego Barros
 Dr. Aguiñaldo Rega
 Dr. Camila Abud
 Dr. Aluizio Cavalcanti Caminha
 Dr. Aurea Hara Brito
 Dr. José Ciríaco da Nascimento
 Dr. Mario Jardim Freire
 Dr. Paula Niemeyer
 Dr. Antonio Rodrigues Mello
 Dr. Silvio Abreu Fialho
 Dr. Silvio Campos
 Dr. Luthero Vargas
 Dr. Pedro da Cunha Filho
 Dr. Caio Amaral

Imagem 03 – Organograma da Organização Administrativa da CBD para a Copa do Mundo de 1950 seguida pelas formações das Comissões (p.10).

> Vicente Rondinelli
 > Ernesto Pedrosa Roseburg
 > José Carlos Machado da Costa
 > Edgar Graça Mello
 > Anibal Lur
 > Belgrado da Rocha Montalverne
 > Magalhães de Freitas
 > Alberto Gentile
 > Maurício Dourado Lopes
 > Antonio Martorelli
 > Fausto Veloso
 > Marcos Jalmovichh
 > Mario de Almeida
 > Crisinel Ratto
 > Renato Ceres
 > Nelson Miranda
 > Laue Studart

Serviço de Alojamento

Major Duarte Alves (Diretor)
 Adolpho Scherman
 Atílio Machado Soares
 Cleodaldo de Araújo
 Capitão Eduardo Rocha de Oliveira
 Fadel Fadel
 Tenente Helio Riccio de Mello
 Jarbas F. Deschamps
 José Moreira Basto

Capitão Rui Pinto Duarte

COMISSÃO TÉCNICA DE FUTEBOL

Dr. José Maria de Mello Castello Branco
 (Presidente)
 Sr. Afonso de Castro
 Dr. Alberto Bergerth
 Dr. Albino de Mesquita Pinheiro
 Dr. Alfredo Curvelo
 Capitão Carlos de Andrade Leão
 Cyrí Aranha
 Francisco de Paula Job
 Ivan Reys de Freitas
 Dr. Luiz Menezes
 Marcondilic Faria Alves da Cunha
 Mario Rodrigues Filho
 Comandante Maximo Martinelli
 Dr. Pindaro de Carvalho
 Dr. Roberto Pedrosa

COMISSÃO DE FINANÇAS

Anibal Arthur Peixoto (Presidente)
 Sr. Elzamar Magalhães
 Dr. Manoel Braz Moscozo
 Joaquim Manoel de Campos Amaral
 Silvano de Brito
 José de Almeida Alentejano

Lourival Dallier Pereira
 Major Azevedo Netto
 Antonio Rodrigues Tavares
 Gaspar Labarthe da Silva
 Francisco D'Angelo
 Dr. Moacyr Daria Ribeiro
 Sr. Americo Rodrigues
 Carlos Sammartin
 Dr. Felinto Epitacio Maia

COMISSÃO DE ASSUNTOS INTERNACIONAIS

Dr. Celio Negreiros de Barros (Presidente)
 Dr. Alvaro Bragança
 Dr. Ibsen de Rasil
 Dr. Joaquim Antonio de Souza Ribeiro
 Dr. Luiz de Rego Monteiro
 Dr. Luiz Machado Filho
 Ministro Manuel Alves Caldeira Netto
 Coronel Raul de Albuquerque
 Consul Sotero Cosme

COMISSÃO DE PROPAGANDA

Dr. Herbert Moses (Presidente)
 Altevir Valadão
 Alvaro Paes Leme
 Antonio Santasusagana

Antonio Teixeira Ricado
 Antonio Veloso
 Armando Santos
 Arnaldo Luiz de Assis
 Bruno Ferreira Gomes
 Durval Arqueles
 Francisco Pedro D'Araujo Netto
 Dr. Heitor da Silva Carneiro
 Dr. Isaac Amar
 Isaac Cook
 Jayme Amar
 José Drumond Netto
 José Scassa
 Lourival Dallier Pereira
 Lucio Guimarães
 Marcos Fichman
 Mauricio Fuchs
 Mauricio Rosa
 Nelson Cunha
 Nelson Mendes Schustof
 Octavio Silva
 Orlando Batista
 Oswald do Nascimento Lopes
 Paulino de Noronha Lima
 Consul Per Soederberg
 Romeu Gonçalves da Silva
 Sylvia Coelho
 Victor Jayme Sá
 Waldir Faria de Andrade
 Walter José Paulan

O sr. Bivadar Corêa Meyer, presidente da Diretoria e Castello Branco, presidente da Comissão Técnica assistem, com os técnicos Flávio Costa e Vicente Feola detalhes da organização da equipe brasileira.

Estudando alguns detalhes da organização do Campeonato Mundial, aparecem, da esquerda para a direita: o Sr. Mario Pollo, Irineu Chaves, Gaspar Labarthe Silva e Plínio Segurado Pinto.

2. *O paradigma ou a reinvenção em 1958: referências, modulações técnicas e redefinições médicas*

Quando começaram os treinamentos, em Poços de Caldas e Araxá, ninguém garantia que a seleção chegaria lá. O Brasil tinha perdido a Copa do Mundo de 1954, na Suíça, e os preparativos para a campanha da Suécia começaram num clima de desânimo. [...]

Entre os jogadores, havia falta de confiança nas possibilidades da seleção. As conversas eram de desanimar. Na concentração, após os treinos, a gente perguntava uns aos outros se o negócio ia dar pé; a maioria achava que não. Mesmo quando se puxava o assunto, havia alguém dizendo que “isso não vai dar certo”, “nós vamos perder mesmo”. Nós percebíamos que a decisão ia começar logo no primeiro jogo: se perdêssemos ia ser desastre um atrás do outro.

Uma prova desse clima foi o empenho da diretoria do Vasco para que eu não fosse à Suécia. Hoje em dia qualquer clube move mundos e fundos para garantir a escalação de seus jogadores na seleção, e até estabelece que o jogador passará a ganhar mais se for convocado. Naquela época o derrotismo era tal que o Vasco preferia que eu fosse liberado, para acompanhar o time numa excursão ao México, já contratada. (ALBUQUERQUE, 1973, p. 55)

O autor do relato acima é Almir, conhecido popularmente por “Pernambuquinho” – apelido que referenciava seu estado de origem – chamado até mesmo por “Pelé Branco”, em alusão à grande técnica que detinha, mas que ganhou fama negativa no meio do futebol por ter sua imagem associada a um jogador desleal e de temperamento irascível e inflexível. Poucos dias antes de sua breve e repentina morte, Almir concedeu entrevistas à Revista Placar, que as organizou na forma de textos (capítulos) a serem publicados na própria revista; posteriormente, foram editadas em livro, numa pretensa coleção, “Biblioteca Esportiva Placar”, que de fato nunca teve continuidade.

A curta passagem de Almir pela seleção iniciou-se pouco antes da Copa de 58. Então jogador do Vasco, com 20 anos de idade, Almir integrou por um determinado período o alargado elenco brasileiro que treinava para a Copa da Suécia, numa fase preparatória ocorrida nas cidades mineiras de Araxá e Poços de Caldas. Narrando tal passagem, Almir registra acentuadamente a “onda derrotista” que pairava sobre a seleção brasileira, a tal ponto estigmatizada pelas derrotas em Copas que o desejo alegado pelo jogador, e até em referência ao seu clube, era preterir a seleção e seguir para o México, onde a equipe cruzmaltina faria uma excursão para a realização de partidas amistosas. “Hoje eu me arrependo de não ter lutado por um lugar naquela seleção, que há de ser lembrada sempre como a responsável pela virada que o futebol brasileiro deu a partir de então” (Ibid., p. 56).

Pequenos relatos de cunho autoral, como esse de Almir, podem nos servir como disparadores para retomarmos determinadas passagens que nos permitam mais facilmente observar as relações de poder então vigentes no universo do futebol. De modo indiciário, pequenas histórias narradas, mesmo que realizadas num momento posterior à ocorrência dos eventos, também podem nos servir para indicar caminhos a serem percorridos apontando os elementos necessários às problematizações trazidas pela pesquisa. Temos em mente que relatos de tal gênero, muitas vezes produzidos em parcerias com jornalistas, biógrafos ou escritores da área, são quase sempre escritos de modo retrospectivo, trazendo em si os pesos que determinadas épocas impõe às leituras que são feitas sobre o passado. Entretanto, antes de tais aspectos configurarem-se como impeditivos para os atributos históricos que a eles queremos dar, pensamos que tais marcas além de trazerem os elementos que por alguns fatores se sobrepuseram e se validaram, fazem parte, de um ou de outro modo, de uma visão compartilhada pelo público torcedor sobre a história e sobre a própria história do futebol. Esses dois últimos pontos são sobremaneira importantes, pois o futebol se configura como um veículo de grandioso valor e potência para pensarmos as formas de apropriação e conservação da história por meio de uma intrincada consciência coletiva.

Essa breve passagem contada por Almir, aliada a outros elementos já expostos, ajudam a ilustrar o porquê a seleção de 58 se tornou tão legendária e paradigmática pela conquista inédita do mundial. De fato, o que nos parece significativo observar a partir de seu relato, primeiramente, antes mesmo do flagrante “desânimo” apresentado pelo jogador, a criação de um ambiente preparatório, por meio de uma concentração que ao mesmo tempo funcionava como uma fase de testes, com um número maior de jogadores, além dos habituais futebolistas que formavam os já tradicionais primeiro e segundo times da seleção.

2.1. A formação dos plantéis brasileiros: anúncios, convocações e pertencimento à seleção

Voltando ao relato de Almir, podemos a partir dele estabelecer algumas referências para dar prosseguimento à nossa pesquisa, sem que isso implique na pretensão de lhe impor um crivo de qualquer ordem hermenêutica ou que enseje uma abordagem de ordem justificativa para a sua não ida à Copa. Em vista disso, num primeiro momento é mencionado em seu relato que “começaram os treinamentos” nas cidades de Poços de Caldas e Araxá; embora as atividades com bola tenham de fato sido iniciadas nas estâncias climáticas das referidas cidades mineiras, a bem da verdade, o processo de preparação e avaliação do elenco enviado à Suécia começou um tanto antes da estada no estado de Minas Gerais, quando ainda nas cidades onde atuavam os convocados foi organizada uma primeira triagem médica dos selecionados. Também veremos que a passagem narrada por Almir não se configurou tão somente como uma fase de treinos e aprimoramento do aspecto coletivo da equipe, mas sim como um período que colocava sob análise as aptidões e capacidades corpóreas, físicas e de resistência dos jogadores. Para tanto, a Comissão Técnica brasileira, se não envolveu somente profissionais com funções até então inéditas no cenário do futebol, com segurança atribuiu a esses especialistas papéis com importância central na trama que envolvia a modulação do time nacional de futebol.

Tais aspectos ficam mais evidentes se analisados comparativamente ao transcorrido nos anos das Copas anteriores, nas quais a constituição da mesma Comissão e as relações estabelecidas a partir dela, atenderam a dinâmicas distintas daquelas observadas em 58; os próprios sistemas de treinamentos também adquiriram ao longo dos anos outras formas e funções. De todo modo, ainda que sobre-exista uma estrutura basilar na forma de organização da Comissão Técnica, inclusive com a repetição de funções, pessoas ou mesmo práticas, incumbe-se a ela outras ordens de atribuições e responsabilidades de tarefas; como verificaremos, estes agentes do campo esportivo que gravitavam em torno do ecrã de futebolistas adquirem significados proeminentes em meio aos regimes discursivos postos em prática. Atentar para estas relações que se estabelecem ao redor dos sistemas enunciativos cumpre tarefa produtiva e de grande valia no sentido de tentar decodificar as conexões que a partir dela são estabelecidas.

Outro fator a ser observado diz respeito à veiculação dos anúncios de convocações da seleção e os elementos presentes nas coberturas jornalísticas. Somos conscienciosos de que ao

longo dos anos o tratamento dispensado pela imprensa nacional à seleção brasileira e também a própria crônica esportiva em si passaram por diversas transformações que invocariam um repertório distinto do nosso para empreendermos razoavelmente algum debate sobre o tema. Igualmente somos também sabedores de que o título mundial inaugural em 58 transforma uma série de dinâmicas no cenário esportivo brasileiro. Contudo, procuramos observar nesses nossos levantamentos algumas pistas que apontem para os distintivos referentes a transformações, manutenções, similitudes etc., a partir dos valores e simbolismos evocados nos momentos em que era tornado público o anúncio dos jogadores convocados com vistas à formação dos esquetes brasileiros. Tais fatores, embora aparentemente de pouca importância e até mesmo bastante negligenciado nos estudos da área do futebol, verificaram-se fontes proveitosas no processo de análise discursiva.

Ainda neste processo primário de identificação dos fatores que se configuram ao longo dos anos anteriores a 1958, procuramos atentar para extensão do conceito de pertencimento – ou possibilidade de pertencimento – dos jogadores em relação à seleção brasileira de futebol. Essa abordagem levou em conta o processo de constituição dos selecionados brasileiros, considerando os jogadores que figuraram como titulares, os reservas e outros que poderiam ser convocados com o objetivo de substituí-los; com o passar dos anos, ou seja, com transformações que ocorrem ao longo dos anos 50, verificamos que um processo de testes e de análises substitui uma concepção plasmada acerca dos jogadores que seriam membros já habituais da seleção.

2.1.1. Copa de 58

Sob relativo tom de desconfiança de um segmento da crônica esportiva, ocorreu o anúncio da primeira convocação dos jogadores brasileiros chamados para os “treinamentos” com vistas a disputa do Mundial da Suécia. A manchete destacada pelo JB, em 01 de abril de 1958²⁹, anunciava enfaticamente: “Seleção: muita estação de água e poucos treinos” (Imagem 05), dando destaque negativo àquela que seria a programação voltada para preparativos que não aqueles diretamente voltados para os treinamentos coletivos de jogo; no subtítulo lia-se

²⁹ JB, 01 de abril de 1958, **Seleção: muita estação de água e poucos treinos**, 2º Cad. p. 1 e 4.

em letras destacadas: “Três coletivos, 10 individuais e 18 dias em Araxá e Poços de Caldas”. Também em relação aos nomes chamados, a lista anunciava que 31 jogadores³⁰ haviam sido convocados; tratava-se, no entanto, somente de uma primeira relação, já que estes jogadores foram previamente chamados e seriam pertencentes a uma “relação inicial que poderá chegar a 40”³¹.

O OESP, também no mesmo dia, embora sem colocar qualquer peso adverso em relação ao programa de “concentração e treinamento” nas cidades mineiras, igualmente dava destaque ao fato de tratar-se de uma relação ainda incompleta de convocados que seria ampliada num curto período: “a Comissão Técnica resolvera requisitar trinta e um elementos, devendo escolher os sete restantes dentro de quinze dias”³². O periódico paulista acrescentava ainda que as contusões poderiam significar a principal causa do afastamento ou substituição de algum jogador, mencionando, inclusive nominalmente, casos que exemplificavam dispensas ou não convocações: “(...) o Sr. Carlos Nascimento [supervisor] informou que essa escolha não teria caráter definitivo, uma vez que havia a possibilidade de contusões, citando os casos de Pavão e Paulinho, ambos nas cogitações para a seleção, mas afastados por causa de lesões”³³.

A questão da convocação dos jogadores que entrariam em regime de treinamento em um número razoavelmente maior que os 22 representantes que seriam enviados à Copa ganharia outros contornos nos anos anteriores a 1958 e também com o passar dos anos. Contudo, em 58, no momento da ocorrência de tal acontecimento, esse aspecto permeou os noticiários da seleção por quase toda a fase preparatória, gerando alguns questionamentos relacionados à sua pertinência e eficiência, sobretudo em relação aos efeitos negativos que gerariam nos jogadores, que se viam obrigados a conviver e treinar com a expectativa do corte e da concorrência. Esse aspecto ficou patente em diversos momentos e foi realçado pelo JB antes mesmo do início dos treinos coletivos, quando os jogadores ainda atravessavam o estágio de testes junto à seleção: “Já está sendo comentada a questão do ‘corte’ dos jogadores, pois apenas 22 elementos irão à Suécia”, mencionava o jornal quando ainda restava mais de um mês para a definição da lista final, salientando o período de incerteza vivido pelos

³⁰ Dida, Jadir, Joel, Moacir e Zagalo (Flamengo); Pampolini, Didi, Nilton Santos e Garrincha (Botafogo); Altair, Castilho e Cacá (Fluminense); Vavá, Belini e Orlando (Vasco da Gama); Ernani e Zózimo (Bangu); Dino, Gino, Canhoteiro, Mauro e De Sordi (São Paulo); Pelé, Pepe e Zito (Santos); Gilmar e Oreco (Corinthians); Carlos Alberto e Djalma Santos (Portuguesa); Formiga e Mazola (Palmeiras).

³¹ Ibid.

³² OESP, 01 de abril de 1958, **Relação oficial dos jogadores convocados**, p. 20.

³³ Ibid.

jogadores: “Somente a 19 ou 20 de maio será conhecida a relação dos dispensados, segundo disse o técnico Vicente Feola”³⁴.

De modo ainda bastante seminal, temos então num primeiro estágio uma lista que apresenta evidentemente alguns nomes que seriam contingentes e que, além da certeza da ocorrência de alguns cortes em relação aos 22 que seriam levados ao mundial, ainda acenava com a possibilidade de outros nomes serem convocados, se não em substituição aos jogadores contundidos, ao menos em complementação ao plantel chamado para o período de treinos. Tal fato pode ser associado a uma estratégia de sucesso da Comissão Técnica e do corpo diretivo da CBD – que, como veremos logo adiante, imprimiu a esse alargamento do número de convocados, num momento posterior, uma de suas marcas para o alcance do sucesso – mas, inevitavelmente, temos de atentar para o detalhe regulamentar imposto pela FIFA, que obrigava as seleções participantes do torneio a inscreverem, num primeiro momento, 40 jogadores e, a partir desta primeira relação, definir os 22 que de fato participariam do torneio. Tal regulamentação, aparentemente de ordem inédita em relação às outras Copas anteriores³⁵, ficou explicitamente mencionada pelo JB em algumas ocasiões; de modo a exemplificar tal fato, vale mencionar uma passagem verificada em 16 de abril³⁶, quando àquela altura já constava o plantel brasileiro com alguns jogadores a mais que os 31 inicialmente convocados, foi destacado que “A Comissão Técnica decidiu que, dia 20, encaminhará à FIFA a relação dos jogadores (40) para inscrição. O prazo concedido pela entidade máxima expirará a 25”; e, continuando a matéria, foi detalhado que “Está assentado que serão inscritos os 33 atletas presentemente em Poços de Caldas e mais sete, que serão escolhidos pela Comissão Técnica”.

Também é certo que uma hipótese não implica determinantemente na outra, ou seja, o fato de serem convocados 31, 33 ou 40 jogadores, chegando ao limite máximo daqueles que seriam previamente inscritos, não se esgota no aspecto regulamentar da Federação Internacional, afinal, mesmo com a imposição de uma lista com 40 nomes, poderia ter a Comissão Técnica brasileira treinado e concentrado, de fato, somente com 22 nomes. Em síntese, temos um cenário de inovação regulamentar e, junto a isso uma alteração significativa

³⁴ Ibid.

³⁵ De acordo com o título “Inscrições e jogadores qualificados”, do Regulamento - Taça “Jules Rimet” (Taça do Mundo 1950), seu artigo 7º previa nos seguintes parágrafos:

§1º - Para as provas eliminatórias, a relação de 22 jogadores deverá ser comunicada dez dias antes de cada jogo por cada Associação à Associação contrária e à Comissão Organizadora.

§ 2º - Para a Competição Final serão qualificados 22 jogadores por Associação. A relação e as duas fotografias individuais deverão chegar, à Secretaria da F.I.F.A., 30 dias antes do primeiro jogo da Competição Final.

³⁶ JB, 16 de abril de 1958, **Brasileiro treinarão esta tarde com recomendação de ‘soltar a bola’**, 2º Cad. p. 1.

nas dinâmicas dos trabalhos de preparação do selecionado – o que ficará mais aclarado na medida em que avançarmos para os semelhantes procedimentos nos anos de Copas anteriores.

Outra importante marca observada desde a primeira convocação ocorrida para a formação do grupo que iria à Copa de 58, que se enlaça com a última característica associada a um número de jogadores superior aos corriqueiros dois times (titular e reserva), diz respeito à mobilização de um número grande de pessoas e organismos vinculados institucionalmente ao campo esportivo brasileiro – ou, como já melhor definimos, ao campo futebolístico brasileiro. Tanto pelas narrativas do JB como pelas do OESP podemos perceber tal aspecto, embora os próprios periódicos não dessem maior destaque a tal questão; no jornal carioca era possível ler no corpo da mesma matéria que tratava da convocação: “Isso o que resolveram, ontem, em reunião, Conselho Técnico, Comissão de Assuntos Internacionais, Comissão Técnica, diretor de desportos terrestres, presidente e vice-presidente da Confederação Brasileira de Desportos, ao apresentarem, oficialmente, a lista de 31 (17 cariocas e 14 paulistas)”³⁷. Já no OESP, diferentemente do que se verificou ao longo das coberturas sobre a seleção no início da década de 50, foram apresentados mais detalhes, inclusive com a menção nominal dos envolvidos:

Estavam presentes os principais mentores da CBD e também os srs. Paulo Machado de Carvalho, o presidente da FPF e Vicente Feola, os membros do Conselho Técnico de Futebol, o presidente da Comissão de Assuntos Internacionais e o Diretor de Desportos Terrestres. Antes, os srs. João Havelange, o presidente da FPF, Luís Murgel, Ivã de Freitas, Paulo Machado de Carvalho e Vicente Feola conferenciaram no Banco Comercial do Estado de São Paulo, onde tomaram conhecimento da lista de jogadores a serem convocados, apresentada pelo supervisor da seleção, sr. Carlos Nascimento.

Desse modo, a apresentação dos nomes dos jogadores para os representantes da crônica especializada foi praticamente a ratificação do que antes fora resolvido em sessão secreta³⁸.

Embora desnecessário, vale registrar *en passant* que à época ocupava-se a CBD da organização geral do esporte brasileiro, envolvendo as mais variadas modalidades praticadas no Brasil. Em sua composição temos uma série de divisões organizativas que seccionavam e classificavam os esportes de acordo com normativas internacionais (aéreos, aquáticos e terrestres) e, paralelamente, de modo mais burocrático, outras instituições que se incumbiam mais da parte organizativa (chefia, supervisão, comissões, conselhos).

Estes dois primeiros tópicos levantados, quais sejam, o alargamento do número de convocados e o envolvimento de um grande número de pessoas respaldando as comunicações

³⁷ Ibid.

³⁸ Ibid.

oficiais dos convocados, uma vez destacados, suscitam alguns questionamentos acerca de suas significações; colocados em contraste com os aspectos semelhantes ocorridos em outros períodos deixarão mais evidentes suas particularidades e possíveis desdobramentos a serem aferidos. Para tanto, vale recorrer, num primeiro momento, às Copas anteriores a 1958 no intento de delinear como se apresentaram tais questões ao longo do tempo, sobretudo sob os vieses do envolvimento de novos personagens no campo esportivo demarcado pelo futebol e, contiguamente a isso, como esse primeiro fator determina a ampliação da atuação destes sujeitos junto àqueles que estariam submetidos aos seus trabalhos.

2.1.2. *Copa de 54*

Recuando a 1954 percebemos que não se verificou registro de ocorrência de uma solenidade ou qualquer evento de maior vulto relacionado com o anúncio oficial dos jogadores que iriam à Copa, nem mesmo algo que merecesse maior destaque dos periódicos analisados. Com efeito, não estaríamos incorrendo em erro ao afirmar que sequer havia demanda por um acontecimento desta ordem, como ocorreu em 1958 até mesmo em função da prévia convocação “alargada” dos jogadores. Tal aspecto pode ser atribuído ao fato de os jogos do Brasil na Copa da Suíça terem ocorrido de modo quase subsequente às partidas válidas pelas eliminatórias daquela Copa, que para o selecionado brasileiro foram somente quatro jogos, sendo dois em casa e dois fora, contra Chile e Paraguai. Tais partidas aconteceram num curto intervalo de menos de um mês – 28 de fevereiro, no Chile; 07 de março no Paraguai e 14 e 21 de março no Rio de Janeiro – a poucos dias da própria Copa, e a representação dos jogadores que vestiram o uniforme brasileiro nesses jogos foi praticamente a mesma que depois seguiu para a Suíça. De tal modo, pode ser entendida a “requisição” dos jogadores – ao invés de uma mais solene convocação – em número total de 27 futebolistas³⁹ em fins de janeiro, quando é registrada a comunicação da CBD às suas afiliadas, como noticiou OESP⁴⁰: “A C.B.D. dirigirá um ofício às entidades regionais, requisitando os jogadores para os treinos da seleção nacional, na próxima semana, quando também ficará decidido o caso da concentração dos jogadores”.

A simples reunião dos jogadores requisitados esteve entremeada por problemas de natureza organizativa, como, aliás, comumente ficou marcada para o Brasil a Copa de 54 – não sem os devidos méritos, registremos. Como demonstrado, uma vez definidos os jogadores que disputariam os jogos eliminatórios – evento que ocorreu após o término do Campeonato Carioca e Paulista de 1953, que de fato só tiveram fim, respectivamente em 20 e 24 de janeiro de 1954 – e programada a “concentração”⁴¹ do grupo, a apresentação dos jogadores foi postergada de modo a garantir uma margem de tempo para que todos os jogadores pudessem

³⁹ Os 27 jogadores convocados foram os seguintes: Alfredo (São Paulo), Índio (Flamengo), Brandãozinho (Portuguesa), Veludo (Fluminense), Caryle (Botafogo), Djalma Santos (Portuguesa), Rodrigues (Palmeiras), Gérson (Botafogo), Barbosa (Vasco da Gama), Pinheiro (Fluminense), Bauer (São Paulo), Pinga (Portuguesa), Dequinha (Flamengo), Escurinho (Vila Nova-MG), Julinho Botelho (Portuguesa), Cabeção (Corinthians), Mauro (São Paulo), Maurinho (São Paulo), Salvador (Internacional-RS), Nilton Santos (Botafogo), Osvaldo (Bahia), Baltazar (Corinthians), Paulinho (Vasco da Gama), Rubens (Flamengo), Walter (Santos) e Didi (Fluminense).

⁴⁰ OESP, 24 de janeiro de 1954, **Futebol**, p. 17.

⁴¹ Ibid.

se apresentar juntos no Estádio de São Januário, onde ficaram alojados e foram procedidos os treinamentos. Antes disso, porém, no dia 29 de janeiro de 54, OESP anunciava que estava “adiada a apresentação dos jogadores brasileiros”⁴², uma vez que só seria possível reunir a totalidade dos jogadores brasileiros na segunda semana de fevereiro, ainda em vista do calendário dos campeonatos regionais; lamentava, em função disso, o treinador Zezé Moreira que, “o seu trabalho de formação da representação com vinte e dois jogadores terá de ser feito em oito dias apenas”⁴³. Moreira apontava também que no curto tempo que lhe restava somente seria possível “realizar três treinos, para indicar 22 e dispensar do embarque, para Santiago, os cinco jogadores restantes”⁴⁴.

Com efeito, após a convocação e os percalços encontrados no processo de reunião e treinamento dos jogadores, o que se verificou, em verdade, foi a ocorrência de três cortes momentos antes do embarque para o Chile, onde foi disputada a primeira partida das eliminatórias. Do grupo inicialmente definido com 27 jogadores, Walter, Carlyle e Escurinho foram desligados por opção técnica de Zezé Moreira sem que pesasse sobre o desligamento qualquer explicação mais fundamentada. Ely, meio de campo do Vasco, foi reportado como parte da seleção, a despeito de não ser convocado por estar impossibilitado de participar dos jogos eliminatórios, apresentando um problema de ordem médica: “por se achar ainda com o pé sem condições de firmeza”⁴⁵. Mantido fora do elenco, muito embora houvesse uma grande expectativa em relação a sua recuperação, Ely em nenhum momento foi apontado como possível vítima de algum corte por parte do técnico. Em semelhante situação encontrava-se Castilho, goleiro do Fluminense que fora reserva em 1950 e seria titular na Suíça. O grupo embarcou para Santiago com 23 jogadores, um a mais que o limite de inscritos imposto pela FIFA, por haver ainda uma dúvida técnica em relação a escolha entre os zagueiros Pinheiro e Mauro.

Vencida a fase eliminatória com quatro vitórias nos quatro jogos, o grupo de jogadores ganhou folga, como anunciava e sugeria o DN de 23 de março⁴⁶, “devendo passar de 8 a 10 dias descansando com as suas famílias”, antes da reapresentação já com o intento de preparar o time para a Copa do Mundo. A mesma matéria do DN ainda relatava a reunião do Conselho Técnico de Futebol, contando com a presença do presidente da CBD, do “preparador” Zezé Moreira e do médico Paes Barreto, “a fim de que seja traçado o roteiro da seleção brasileira,

⁴² OESP, 29 de janeiro de 1954, **A seleção brasileira de futebol**, p. 10.

⁴³ Ibid.

⁴⁴ Ibid.

⁴⁵ JB, 16 de fevereiro de 1954. **Segue para o Chile a delegação brasileira de foot-ball**, p.11.

⁴⁶ DN, 23 de março de 1954. **Justo descanso para os jogadores**, 1ª seção, p. 2.

na sua fase final de preparativos, até o embarque para a capital suíça”; no encontro, além dos últimos ajustes, também seria definida a estratégia para a definição dos 22 representantes brasileiros, uma vez que além dos 23 que integraram o elenco que disputou as eliminatórias, também foram chamados a integrar o grupo os jogadores Castilho e Ely, reportados como “elementos com os quais conta Zezé para a equipe nacional”⁴⁷.

É importante registrar que a formação de um grupo com 25 jogadores não mereceu grande destaque na imprensa escrita por nós consultada, que tratou a questão de modo pacífico e sem maior atenção ao fato de que alguns nomes seriam desligados antes da viagem internacional. Não encontramos menção a possíveis fatores dados de largada, que determinariam o desligamento de três nomes do grupo, como por exemplo, contusões ou deficiência técnica; tampouco encontramos algum tipo de alusão à ocorrência de disputas ou testes dentro do elenco com vistas à definição do grupo final. Com efeito, não seria exagerado dizer que havia, à época, uma espécie de consenso acerca dos jogadores que pertenciam à seleção, tanto de seu quadro principal como do segundo quadro e que, além disso, alguns outros nomes que gravitavam em torno do selecionado, compondo o elenco em caso de impossibilidade de atuação daqueles titulares e reservas⁴⁸.

Em relação ao aparato pessoal que formava aquilo que chamamos por agentes do campo esportivo futebolístico, observamos que ao circundar o elenco de jogadores temos um grupo profuso de agentes que ora se apresenta de modo disperso, ora é representado por poucos nomes restritos e concentrados em algumas funções. Tal aspecto, paradoxal de algum modo, apresentou, por um lado, ao longo dos levantamentos realizados em torno de 1954, uma verdadeira plêiade de funções e personalidades que difere apenas parcialmente em relação aos nomes e cargos que anos depois seriam evocados na gestão de João Havelange, embora em 1958 estivessem operacionalizados de modo diferente. Se pessoas e funções, assim como os aparatos a elas atrelados, não se apresentavam no momento do anúncio das convocações, até em função da não ocorrência de eventos específicos voltados para essa finalidade, ao menos de modo diluído, no transcorrer do noticiário cotidiano da seleção, verificamos a menção nominal (melhor seria nuncupativa) de um numeroso séquito associado à seleção da CBD. Nomes como os de Mário Pollo, J. M. Castelo Branco, José Alves de Moraes, Irineu Chaves, Canor Simões Coelho, Luiz Vinhais e João Lyra Filho frequentemente

⁴⁷ Ibid.

⁴⁸ Do início de 1953 ao término das partidas eliminatórias para a Copa, em 54, a seleção brasileira disputou 10 partidas. Nestes jogos, excetuando-se a posição de goleiro, para a qual foram convocados os jogadores Castilho (6 atuações), Gylmar (1), Barbosa (1) e Veludo (4), foram utilizados, entre titulares e reservas que chegaram a atuar em alguma partida, tão somente 21 jogadores. Cf.: Napoleão; Assaf, **Confederação Brasileira de Futebol. Seleção brasileira: 1914-2006**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

eram reportados como membros do Conselho Técnico da CBD, como assessores da área do futebol ou alguma outra designação abrangente (por exemplo, superintendente, supervisor, responsável) em relação à CBD. Também encontramos menções a Paulo Machado de Carvalho, reportado já a esta época como membro do Conselho Técnico da CBD⁴⁹, além de Geraldo Romualdo da Silva e Isaac Cook, jornalistas amiúde convidados pela CBD para acompanhar os trabalhos da seleção, em atenção a uma imposição normativa do CND que previa tal designação.

Por outro lado, as atenções mais detidas às práticas cotidianas da seleção de 54, revelam outra faceta dessa *entourage* futebolística, que tinha sua dinâmica quase alheia ao genérico grupo envolvido com o Conselho Técnico de Futebol da CBD. Habitualmente, a relação dos jogadores de futebol se dava de modo quase direto com somente duas ou três figuras notoriamente presentes no dia a dia da seleção: o técnico Zezé Moreira, que por vezes poderia ser reportado tão somente como “preparador”, o médico da seleção, Paes Barreto, e, de modo não tão frequente como os outros dois mencionados, o próprio presidente da CBD, Rivadávia Costa Méier. Cabia a estas duas ou três personagens o contato imediato com os jogadores e as atividades de preparação e aprontamento para os jogos.

Ainda em relação ao Conselho Técnico de Futebol, sua formação ou mesmo representação, no entorno da seleção de 54, se dava basicamente a cargo das necessidades apresentadas, de acordo com as dinâmicas próprias dos calendários, jogos ou eventos associados eu futebol. Os anúncios das decisões tomadas em seu nome eram apresentados como legitimações das posições assumidas pela CBD, de modo que sua evocação chancelava um ideal de aparato técnico e especializado que fazia transparecer junto ao público do futebol uma imagem de organização e estrutura administrativa. Aparentemente, suas deliberações acerca das questões presentes nos momentos em que era evocada obedeciam a um quórum estabelecido por algum critério bastante particular, a ponto de não nos ser permitido depreender ao longo do material por nós consultado seus critérios e prerrogativas de funcionamento. Como dito, dentre o ampliado leque de nomes que figuravam como membros do Conselho Técnico de Futebol, não nos foi possível deduzir algum organograma que ilustrasse o funcionamento de sua estrutura ou as relações de interdependência estabelecidas

⁴⁹ Cf.: JB, 28 de abril de 1954, **Esportes, Campeonato Mundial de Foot-ball - Os jogadores brasileiros em São Paulo – partem hoje, para São Paulo os colombianos**, p. 13. Paulo Machado de Carvalho é elencado, ao lado de Vicente Feola e os presidentes dos grandes clubes de São Paulo como parte da comitiva que recepcionaria a seleção brasileira na capital paulista.

em seu interior⁵⁰, muito embora a veiculação nominal de seu presidente já se constituía como condição para avaliar quaisquer decisões assumidas.

Para tomarmos alguns exemplos de funcionamento dessa organização, ilustrativos das ocasiões em que tal estrutura era invocada, vale retomar algumas passagens veiculadas nos periódicos analisados. O OESP trouxe em tom de crítica, ainda no início de 1954⁵¹, uma reportagem que questionava “(...) os resultados da reunião efetuada, esta tarde, pelo Conselho Técnico de Futebol da C.B.D., e da qual participaram o técnico e o médico da seleção brasileira”, imputando a tais resoluções do Conselho os erros de organização, preparo e treinamento do time brasileiro: “Desse modo, repetem-se, como seria de se esperar, a ‘via crucis’ da representação do futebol brasileiro, organizada, preparada e treinada às pressas para jogos de responsabilidade como os das eliminatórias para o Campeonato Mundial de Futebol”. Ainda trazendo elementos para pensarmos seu funcionamento e formulação, vale destacarmos uma passagem do DN⁵², a meio caminho dos preparativos da Copa, na qual é dada ênfase à definição do cronograma a ser seguido pela seleção nacional: “Esta semana ainda, estará reunido o Conselho Técnico de Futebol da CBD, com a presença do presidente Rivadávia Correia Méier, do preparador Zezé Moreira e do médico Pais Barreto, a fim de que seja traçado o roteiro da seleção brasileira (...)”. Ou seja, três esferas distintas, quais sejam, presidência da CBD, Conselho Técnico de Futebol, médico e preparador, evocadas para dar sustentação às decisões assumidas em torno da seleção brasileira.

Por ora, o que procuramos salientar, então, em relação à seleção de 54, está vinculado a uma relativa predefinição acerca dos jogadores que representariam a seleção no mundial; à exceção de um caso mais pontual, antes mesmo da realização das partidas eliminatórias para o mundial, já se tinha de antemão, há algum tempo, quase uma definição do elenco que iria à Suíça. Em termos práticos, para os escopos aqui fundamentados, isso significa dizer que a esta época tinha-se uma representação pouco flexível acerca daqueles que formariam o escrete nacional, muito embora essa representação pudesse assumir algum número pouco mais alargado além daqueles 22 jogadores que seriam inscritos junto à organização da Copa. Os exemplos tomados a partir de Castilho e Ely, são ilustrativos de jogadores em relação aos quais foi prontificado um atendimento médico em caráter de recuperação; mesmo estando ambos fora da vitoriosa campanha dos jogos eliminatórios, há o claro intento de oferecer-lhe a

⁵⁰ Igualmente não compõe o escopo da pesquisa alguma pretensa abordagem junto ao material histórico institucional da Confederação Brasileira ou às suas federações filiadas.

⁵¹ OESP 29 de janeiro de 1954, **A seleção brasileira de futebol**, p. 10.

⁵² DN, 23 de março de 1954, **Justo descanso para os jogadores**, 1ª seção, p. 2.

assistência necessária para que estivessem aptos a voltarem a representar a seleção nos jogos da Copa do Mundo.

2.1.3. *Copa de 50*

Nos entornos de 1950, em relação à formação do time brasileiro, vemos algumas particularidades próprias e outras similitudes a respeito do que se desenhou 4 anos depois, na Suíça, como numa replicação de alguns movimentos verificados a esta época. É importante não perder de vista, contudo, que no cenário da Copa a ser disputada no Brasil, não havia necessidade de o selecionado brasileiro participar dos jogos eliminatórios; de tal modo, naquele ano, a seleção brasileira enfrentou tão somente 2 adversários (Uruguai, três vezes, e Paraguai, duas⁵³) momentos antes do mundial – além de algumas partidas amistosas não oficiais com caráter de treinamento – e, no ano anterior, entre abril e maio de 1949, disputou em território brasileiro o torneio Sulamericano, no qual sagrou-se campeã com uma campanha bastante exitosa⁵⁴.

Por meio dos periódicos consultados, apuramos que no início do ano de 1950 já era dispensado à seleção brasileira o tratamento relativo à preparação do escrete com vistas a disputa do torneio mundial, até porque, como dito, a então última atuação oficial do selecionado havia ocorrido somente no primeiro semestre de 49. Em 10 de janeiro de 50, o JB anunciava na seção “Notas esportivas” que no dia subsequente àquele seria realizado o “primeiro treino do scratch”⁵⁵; conforme lia-se no descritivo da matéria: “Dando início ao preparo dos jogadores selecionados para o scratch brasileiro que disputará o Campeonato Mundial de Football, será levado a efeito, amanhã, às 16.30 horas no estádio de S. Januário, o primeiro treino de conjunto”. A matéria apresentada pelo JB atentava ainda para o fato de que seriam cobradas entradas no valor de Cr\$10,00 para aqueles que quisessem assistir o treino – algo costumeiro ao longo dos anos 50 e 60 – entretanto, dentre os aspectos que talvez mereçam maior atenção nesta reportagem e no OESP⁵⁶, por destoarem daquilo que expusemos até agora, sobretudo em vista do observado em 1954, destaca-se o fato de figurarem nesta lista

⁵³ Taça Rio Branco, contra o Uruguai (3x4, 3x2 e 1x0) e Taça Osvaldo Cruz, contra o Paraguai (2x0 e 3x3).

⁵⁴ Campanha brasileira: 8 vitórias e 1 derrota (Paraguai); 46 gols a favor e 7 gols contra.

⁵⁵ JB, 10 de janeiro de 1950, **Notas Esportivas**, p. 10.

⁵⁶ OESP, 11 de janeiro de 1950. **Futebol – Treino do selecionado brasileiro**, p. 8.

um total de 29 jogadores e também as convocações estarem agrupadas de acordo com as federações estaduais, antes mesmo da divisão pelos respectivos clubes dos jogadores, sendo que a totalidade dos convocados estava contemplada por futebolistas associados às federações carioca (15 jogadores), paulista (9) e gaúcha (5). Tal ocorrência talvez explique-se em função da iminência de mais uma edição do Campeonato Brasileiro – posteriormente chamado de Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais – reunidos os principais jogadores brasileiros por meio dos estados nos quais atuavam e, a partir destas seleções estaduais, termos a configuração da seleção nacional. Além disso, a matéria do OESP registra que os jogadores vinculados à federação gaúcha pediram dispensa e foram atendidos, ficando, de tal forma, restritos a 24 o número de selecionados.

Também é necessário dizer que o JB simplesmente anuncia os jogadores convocados sem qualquer menção ao técnico, ao Conselho Técnico ou a outro organismo burocrático da CBD – tal invocação só ocorreria quando da definição oficial dos jogadores que representaram o Brasil na Copa. Da mesma forma, sem maior esmiuçamento de detalhes e de nomes relacionados à organização, foi também noticiada pelo OESP os “jogadores inicialmente requisitados” para o “primeiro ensaio do que se pode chamar de ‘pré-selecionado’ brasileiro para o Campeonato do Mundo”⁵⁷. A imputação da “requisição” dos jogadores situa-se no mesmo campo da segmentação por seleções estaduais, haja vista que o processo burocrático de liberação e autorização dos jogadores para atuarem junto à seleção passava por um procedimento de pedido da CBD junto à federação à qual estava vinculado o clube pelo qual o jogador atuava para só então ocorrer sua habilitação

Em relação a esse primeiro encontro da seleção, em São Januário, seguiram-se outros semelhantes ao longo do início do ano. Em um deles, realizado no estádio do Pacaembu, os relatos publicados pelo OESP no dia da atividade e também no dia seguinte, são bastante profícuos para apurarmos algumas características presentes nas relações que se instituíam em torno da seleção:

Os jogadores convocados para a seleção brasileira treinam esta tarde, no Estádio Municipal. (...)

Pouco se pode esperar do ensaio desta tarde, pois quase todos os elementos convocados jogaram domingo e ontem a noite no Torneio Rio-S.Paulo. Como se sabe, o quadro apontado como provável titular conta nada menos de seis jogadores do Vasco da Gama, que, além de terem participado da peleja com o Corinthians, enfrentaram ontem a noite o conjunto do Santos F.C. O Flamengo e o Fluminense, que também deram jogadores para a seleção brasileira, defrontaram-se também na noite de ontem, no Rio de Janeiro. Isso sem falar nos elementos que atuaram sábado - Savério, Mauro, Bauer, Rui, Friaça e Jair. O público não poderia esperar no

⁵⁷ Ibid.

exercício desta tarde senão a poupança de energias por parte dos futebolistas, aos quais se está exigindo mais do que realmente podem dar. O pior é que os torcedores não entendem isso e acharão que, tendo pago ingresso, têm o direito de exigir dos dois quadros maiores esforços. E convenhamos que os jogadores, que bem poderiam ser chamados de moto-contínuos, não se sentirão obrigados a atendê-los.

O técnico brasileiro já ensaiou os dois conjuntos que estarão em atividade. Os elementos são os mesmos que participaram do último treino, havendo apenas uma novidade, a presença de Baltazar no centro de ataque do quadro reserva. O ótimo atacante corintiano irá disputar a posição de titular com Ademir e se se portar como o vem fazendo ultimamente não há dúvida de que o posto dificilmente lhe escapará

⁵⁸.

Embora um tanto alongado, o registro feito pelo OESP é importante pois pode ser revelador de uma série de pormenores em relação aos quais a imprensa por nós consultada costumava passar ao largo ao abordar a seleção. Sem perder de vistas questões como a extenuante sequência de jogos (com jogadores sendo comparados a moto-contínuos) ou mesmo a relação que se estabelecia entre torcedores que afluíam aos estádios e os futebolistas, iremos atentar, a prioristicamente, para duas questões mais pertinentes neste momento: a primeira delas está relacionada com o fato de a atividade dos jogadores se configurar como um “ensaio” e a segunda diz respeito, de certo modo similar àquilo verificado em 54, a uma relativa predefinição do elenco que formaria os times principal e reserva.

Sobre o primeiro elemento apontado, embora ao longo do texto até seja utilizada a expressão “treino”, a reportagem explicita que os jogadores iriam poupar suas energias – “pouco se pode esperar” – e que a atividade se configurava como um “exercício” ou mesmo um “ensaio de conjunto”, como se verificou na narrativa encontrada no dia subsequente⁵⁹ ao ocorrido, haja vista as recentes atividades dos clubes aos quais pertenciam os jogadores. Há ainda um dedutível intento de direcionar as possíveis reações contrárias da assitência, que uma vez afluída ao Pacaembu, pagando ingressos, exigiria uma exibição com maior empenho por parte dos jogadores. Portanto, sinteticamente, percebemos que o processo de preparação do time ao longo do início de 1950 se deu de modo bastante direto e pragmático em relação às três etapas: anúncio dos jogadores convocados, reunião dos mesmos e treinamento (ou “ensaio”). Ou, dito de outro modo, ao menos neste início de preparação, em dois ou três dias, sem que seja requisitada qualquer instância da CBD ou de seu corpo de profissionais, os futebolistas são convocados, agrupados e entram em campo para a realização de uma única atividade que opõe o quadro principal ao reserva, sem que haja algum plano de treinos definido e tampouco uma fase testes em maior escala.

⁵⁸ OESP 25 de janeiro de 1950. **Esporte - Treino da Seleção Brasileira de Futebol**, p. 9.

⁵⁹ OESP, 26 de janeiro de 1950, **Como transcorreu o ensaio de ontem da seleção brasileira de futebol**, p. 9.

O segundo ponto se confunde um pouco com o primeiro por destacar a questão da pré-definição dos jogadores que formavam o selecionado. À exceção de um único “elemento”, todos os outros convocados para o ensaio aqui enfocado eram os mesmos que haviam participado da última atividade, e, em diversas passagens, fica evidenciado um certo consenso acerca daqueles que seriam os representantes brasileiros:

Conforme era previsto, não houve grande empenho dos jogadores, notadamente dos que constituíram o quadro “Branco”, apontado como o arcabouço do selecionado nacional, senão o próprio selecionado. Os componentes do quadro “Branco” agiram com excessiva cautela, com grande poupança de energias, seguindo, naturalmente, determinações do técnico ou então porque se julgam donos dos postos⁶⁰.

A bem da verdade, os quadros reunidos para esses primeiros “ensaios” no início de 1950 congregaram, à exceção de um jogador (Adãozinho, do Internacional-RS) a totalidade dos jogadores que representaram o Brasil na Copa, ocorrendo variações, contudo, somente entre aqueles considerados titulares e reservas que se alternaram nos postos ao longo das partidas não oficiais disputadas em ritmo de treino.

Em meados de março, em meio ao Campeonato Brasileiro de Seleções (estaduais), estava criado o cenário para a convocação final com vistas à Copa. Alguns dias antes do anúncio, a crônica esportiva já criava bastante expectativa acerca da lista, como pode ser percebido por meio do JN de 17 de março:

Será apresentada hoje, ao Conselho Técnico da C.B.D. para a Copa do Mundo, a lista dos jogadores convocados para o selecionado brasileiro. (...) A lista deveria ser confeccionada, por Flavio Costa, na reunião de anteontem. Todavia, preferiu o assessor técnico aguardar o jogo de ontem, para depois se manifestar sobre o assunto. (...) alguns serão dispensados, por deficiência física, ao mesmo tempo que o plantel será enriquecido, sem limite, com novas requisições⁶¹.

Uma vez mais verificamos a menção à submissão das ações do “assessor técnico”, designação imposta à Flávio Costa, em relação ao Conselho Técnico, algo que, certamente, envolvia uma disputa um pouco mais conflituosa, como procuraremos salientar. Ainda no campo das relações entre a crônica esportiva e a agenda da seleção, encontramos várias menções a possíveis jogadores que seriam ou deveriam figurar entre os convocados, numa forma de prenúncio ou mesmo pressão com vistas a favorecimento de determinado nome. No mesmo JN, um dia antes⁶² da matéria acima exposta e ainda dentro da expectativa em torno do anúncio, o trabalho de Vicente Feola, técnico assessor que havia analisado o desempenho de vários

⁶⁰ Ibid.

⁶¹ JN, 17 de março de 1950, **Hoje a convocação oficial dos jogadores brasileiros**, p. 10.

⁶² JN, 16 de março de 1950, **Amanhã a convocação dos jogadores brasileiros**, p. 10,

jogadores e produzido relatórios enviados à Flavio Costa, é valorizado inclusive com a indicação de alguns nomes cujo desempenho havia despertado interesse do treinador paulista. De todo modo, não se verificou alternância de nomes e tampouco “novas requisições” que significassem mudança na rotina da seleção, e o fato de a nova convocação ser a definitiva para a Copa que se aproximava não impunha mudanças de grande monta nos trabalhos de Costa: “a apresentação da nova relação de jogadores” significaria tão somente que os jogadores chamados “continuarão os treinos preparatórios da seleção brasileira para a disputa da Copa do Mundo”⁶³, como se verificou.

A poucas horas da “convocação oficial”⁶⁴ para a Copa, a exemplo do que já houvera ocorrido em janeiro, as menções feitas pelo JN aos jogadores que possivelmente seriam convocados reforçam ainda mais a hipótese de ser o selecionado nacional uma forma de seleção supra estadual, ou seja, uma seleção brasileira formada a partir das seleções dos estados. Dentre os “nomes em foco”, destacavam-se “Adãozinho e Hermes, da seleção gaúcha” e Pinga, apresentado como “magnífico meia da seleção paulista” e “figura impescindível da nossa representação”⁶⁵. A própria crônica que destacava ou sugestionava determinados jogadores buscava parâmetros de análise de desempenho exatamente nas seleções estaduais.

Vicente Feola havia contribuído, ao que tudo indica, de modo determinante para a escolha dos jogadores e seu nome passa a ser frequente dentre aqueles que figuravam como associados ao “Conselho Técnico da C.B.D. para a Copa do Mundo”. Ao seu lado, compondo o grupo que dialogava diretamente com o Conselho, encontramos com frequência os nomes dos médicos Amilcar Giffoni e de Newton Paes Barreto. Podemos afirmar seguramente que os dois técnicos, Feola e Costa, e os dois médicos formam o “núcleo duro” da Comissão Técnica de Futebol, responsável pelos trabalhos extra-campo da seleção. A presença de outros membros relacionados à Comissão Técnica por vezes é mencionada, mas não raro tais referências estão associadas a uma certa quebra no ritmo dos trabalhos⁶⁶, como podemos

⁶³ Ibid.

⁶⁴ JN, 17 de março de 1950, **Hoje a convocação oficial dos jogadores brasileiros**, p. 10.

⁶⁵ Ibid.

⁶⁶ Outra referência a tal questão pode ser dada a partir de uma leitura feita posteriormente à derrota final para os Uruguaios, quando a mudança da concentração dos jogadores brasileiros, com vistas a gerar dividendos eleitorais para diversos personagens do cenário político nacional, saindo de Joá e indo à S. Januário em atenção à determinações superiores (MORAES NETO, 2000, *passim*.).

ilustrar a partir do exemplo observado no momento do anúncio dos 28 jogadores⁶⁷ inicialmente convocados para o período de concentração em Araxá⁶⁸:

Em agitada reunião, realizada anteontem, a Comissão Técnica da C.B.D. para a Copa do Mundo aprovou a lista apresentada pelo assessor técnico Flavio Costa, dos jogadores indicados para os trabalhos de organização da equipe brasileira. O sr. Máximo Martinelli, ao que parece, está empenhado em fazer oposição a Flavio Costa, pois impugnou dois nomes constantes da lista – Ipojucan e Alfredo – e acrescentou outros dois, do futebol paranaense, quais sejam Jackson e Fedato. Melindou-se o técnico com tal proposição, ameaçando renunciar. Os trabalhos tornaram-se agitados e somente foram concluídos depois que o sr. Martinelli, a pedido de Alfredo Corvina, resolveu retirar o veto, assim como a proposta de inclusão⁶⁹.

A mesma questão foi abordada de modo bastante semelhante no OESP, que no mesmo dia⁷⁰, a exemplo do DN, noticiou o desentendimento havido entre os membros da CBD e, na sequência, divulgou o cronograma inicial a ser seguido pelos 28 futebolistas: “embarque dos jogadores para Araxá será no próximo dia 25”.

Mesmo passando por alguns contratemplos, o processo inicial de preparação da seleção brasileira merceu destaque de alguns setores da imprensa escrita. Embora, por ora, não tenhamos o interesse de abordar os métodos e atividades colocados em prática pelos técnicos brasileiros nos treinamentos do selecionado, cabe registrar o elogio à definição de uma boa margem de tempo para treinamento – o que credenciaria o selecionado a realizar uma boa campanha na Copa que se aproximava – e a evocação de uma espécie de especialistas que abalizavam a opinião expressada pelo OESP:

A nosso ver, o selecionado da Confederação deve fazer bela figura, mesmo porque, desta vez, a entidade central do esporte brasileiro concedeu o tempo necessário para que os nossos melhores futebolistas pudessem recuperar as energias gastas durante as temporadas anteriores e houve tempo também para treinos metódicos que, aliás, conseguiram agradar os técnicos e entendidos⁷¹.

Ademais, em termos de organizações institucionais da CBD, percebemos a definição mais clara e mais atuante de duas instâncias principais relacionadas ao futebol em 1950: a

⁶⁷ Barbosa, Castilho, Augusto, Nilton Santos, Píndaro, Mauro, Juvenal, Bauer, Nena, Ely, Danilo, Rui, Brandãozinho, Noronha, Alfredo, Bigode, Tesourinha, Friaça, Zizinho, Maneca, Ademir, Baltazar, Adãozinho, Jair, Pinga, Ipojucan, Rodrigues e Chico.

⁶⁸ Numa das obras referenciais que se propuseram a estudar a Copa de 50, Perdigão (1986) comenta que: “Para a fase de treinamento, Flávio Costa, antes de se encerrar o campeonato brasileiro de 1950, em 23 de março, convocou 37 jogadores dos quais dez eram do Vasco. Com esse grupo, a Seleção seguiu para a estância hidromineral de Araxá, em Minas, no dia 27 de março de 1950” (p. 50). Entretanto, o levantamento feito pelo crítico talvez tenha levado em consideração todos os nomes chamados nos últimos encontros do selecionado. A despeito disso, em nossas pesquisas apuramos que somente os 28 mencionados acima rumaram para Araxá.

⁶⁹ JN, 19 de março de 1950, **Convocados os jogadores brasileiros**, p. 14.

⁷⁰ OESP, 19 de março de 1950, **Futebol – Requisição de jogadores para o selecionado brasileiro**, p. 16.

⁷¹ OESP, 06 de maio de 1950, **Defrontam-se esta tarde, no estádio municipal, as seleções uruguaia e brasileira de futebol**, p. 7.

primeira delas, já apontada, na verdade tratava-se de um órgão da CBD, o já apontado Conselho Técnico de Futebol, que poderia ser aditivado pelas presenças dos técnicos e médicos do selecionado. A segunda, voltada mais para os trabalhos gerais da Copa e para os contatos diretos com a FIFA (organizações interna da Copa, representação em congresso, definição de calendário de jogos, assuntos regulamentares), era chamada por “Diretório Central da C.B.D. para o Campeonato Mundial de Futebol”. Como já mencionado (item 1.3.), tal organismo configurava-se como uma supra-entidade, congregando os principais nomes da aristocracia esportiva brasileira. Não raras vezes as menções oficiais aos seus papéis estão relacionadas a episódios que buscam enfatizar sua organização e eficiência (aprontamento do Estádio do Maracanã, organização da Copa, recepção dos selecionados estrangeiros), tanto em perspectiva de configuração de uma imagem vinculada a uma identidade nacional integrada e moderna, como também para apresentar ao mundo um país a ser descoberto pela comunidade internacional, como apontou Freitas Jr. (2009, p. 30-68) acerca dos propósitos envoltos na realização da Copa no Brasil. Conquanto, verificamos também a ocorrência de passagens desabonadoras em relação a tal entidade, mesmo considerando que os noticiários veiculados pelos OESP e sobretudo pelo JB em relação às instituições da CBD quase sempre eufemizavam as questões em geral não respaldadas por este segmento da crônica esportiva; apenas a título demonstrativo, por ora – já que outros serão trazidos ao longo do texto – vale destacar um episódio no qual seriam debatidos assuntos de importância para a organização da Copa, quais sejam, relativos aos bilhetes de entrada da Copa e também questões relacionadas às relações entre o Diretório e à formulação da Comissão Técnica:

Esteve reunido ontem o Diretório Central da C.B.D. para o Campeonato Mundial de Futebol. Em virtude da ausência de vários membros não foram tratados assuntos de importância. A nova tabela de preço dos jogos da taça “Jules Rimet”, não pôde ser apreciada, sendo tudo adiado, inclusive o incidente Flávio Costa – Máximo Martinelli⁷².

Ambas instâncias estiveram vinculadas à seleção de futebol tanto antes como após a realização da Copa de 1950. Suas atuações materializam a forma de organização assumida pela CBD e revelam traços importantes da organização do futebol brasileiro. Tentaremos observá-las, a partir de agora, sob um viés mais crítico que a mera remontagem de seus funcionamentos.

⁷² OESP, 01 de abril de 1950, **Futebol - Reunião do Diretório Central da C.B.D.**, p. 8.

2.1.4. Resenha: “A formação dos plantéis brasileiros: anúncios, convocações e pertencimento à seleção” em vista das Copas de 50, 54 e 58

Apresentamos de modo sintético o processo de anúncio e convocação dos jogadores e também, parcialmente, o aparato técnico envolvido em torno da seleção de 1958 pois esses elementos podem, agora, ser melhor analisados. Percorrendo semelhante percurso em 1954 e em 50 conseguimos reunir alguns elementos para pensarmos tais questões; sempre que possível tentaremos impor uma relação comparativa entre os diferentes anos destacando os elementos que particularizam cada passagem.

Destacadamente há uma valorização exacerbada das inovações impostas pela gestão de Havelange à frente da CBD em relação ao futebol brasileiro. Dentre os componentes que dão sustentação à esse discurso, destacamos neste subitem a evocação de um corpo técnico especializado e a institucionalização de uma estrutura administrativa (hierarquizada e com funções definidas).

Nossos levantamentos apontaram a existência de uma organização administrativa bastante aparelhada em 1950, sobretudo em função da realização da Copa do Mundo no Brasil – o que impunha o diálogo direto com as instituições organizadoras do esporte e a recepção de várias delegações estrangeiras – por meio do Diretório Central da CBD para a Copa do Mundo. Entretanto, sua mera existência ou, no limite, a veiculação discursiva de sua existência nos periódicos e publicações oficiais não afiançam seu verdadeiro caráter organizativo e sua eficiência técnica. Procuramos demonstrar a ocorrência de falhas em sua organização sem, contudo, ousarmos caminhar pelos terrenos da preparação das praças dos jogos (reformas nos estádios do Pacaembu e Ilha do Retiro; construção dos estádios do Maracanã e Independência) e das relações da diplomacia esportiva entre as confederações estrangeiras (dentre as seleções convidadas e aquelas que haviam garantido direito de disputar o mundial vencendo jogos eliminatórios, por variadas causas muitas seleções desistiram de disputar o torneio de 1950), caminhos que certamente proporcionariam exemplos crassos dessa ordem⁷³. De todo modo, uma plethora de agentes associados com a organização do

⁷³ A despeito das contendas envolvendo as seleções francesa, portuguesa, húngara e argentina, vangloriou-se a organização local e da FIFA pelo sucesso na aceitação da participação dos selecionados inglês – pela primeira vez em Copas –, italiano e uruguaio. Assim descreveu Perdigão acerca desse episódio: “Dos dezesseis países classificados, três desistiram de participar: Escócia, Turquia e Índia. Convidados a substituí-los, França e Portugal também não quiseram participar, e assim a Copa ficou reduzida a treze contingentes, exatamente como

futebol brasileiro é frequentemente mencionada, sem que se verifique uma harmonização em torno de seu funcionamento e na consecussão de seus objetivos alardeados.

Mais detidamente em relação ao selecionado brasileiro, ainda em 50, ocorreu por meio do Conselho Técnico de Futebol a veiculação de uma organização fundamentalmente burocrática que, em verdade, em termos práticos, funcionava de modo muito mais pragmático e restritivo, em assuntos relegados à seleção brasileira que disputaria a Copa, por meio da Comissão Técnica da CBD para a Copa do Mundo. Podemos dizer que estruturalmente o Conselho Técnico de Futebol se reportava e estava submetida à CBD – como um órgão burocrático a ela vinculado – e ao Diretório Central, muito embora suas escolhas e determinações encontrassem por meio de Flávio Costa uma posição de autoridade já firmemente definitiva. De todo modo, as relações com o grupo de jogadores se davam majoritariamente pela atuação diretas de 4 profissionais, sendo 2 técnicos (Flávio Costa, o principal, e Vicente Feola, seu assessor) e 2 médicos (Amílcar Giffoni e Newton Paes Barreto) sem que se definisse deliberadamente que estes membros era parte da formação do Conselho Técnico de Futebol – embora atuando por meio dela –, mas vinculados à Comissão Técnica.

Já em 1954, em termos objetivos ocorre, por um lado, um enxugamento deste corpo de profissionais que compõe e assistem diretamente à seleção, de modo a embarcarem para a Suíça como membros associados ao Conselho Técnico de Futebol e de contato direto com o grupo de jogadores, somente o treinador Zezé Moreira e o médico Paes Leme; por outro lado, uma dispersa relação de dirigentes que circundava o selecionado mas não tinha envolvimento prático, também em função do desmanche do aparato organizado para a Copa do Mundo no Brasil, quatro anos antes, se mantém gravitando em torno dos futebolistas. Representativo disso foi a seleção brasileira, técnico e médico terem se concentrado num local “frio, ermo e afastado da cidade” (SANTOS, 1999, p. 69), como mencionou o lateral Nilton Santos sobre a Escola de Desportos de Macolin e, em contrapartida, para o corpo dos dirigentes, (a quem o próprio Nilton Santos reportou “não conhecer sequer o regulamento da Copa”⁷⁴) foi ajustada

na Copa de 30, no Uruguai. Para compensar ausências ilustres – como Alemanha, Hungria e Argentina, esta rompida com o Brasil desde os tumultos ocorridos no Sul-Americano de 1946 -, a competição contava com pelo menos três participações importantes: a Inglaterra, que pela primeira vez disputava uma Copa do Mundo; o Uruguai, que ganhara o título em 30 e desde então nunca mais lutou pela taça de ouro; a Suécia, campeã das Olimpíadas de Londres, em 1948. Já pouco se esperava da campeã mundial, a Itália, que perdera seus principais jogadores em maio de 1949, quando o time do Torino, tricampeão italiano e base da seleção, desapareceu em desastre aéreo em Superga (PERDIGÃO, 1986, p. 47-8).

⁷⁴ Ibid.

hospedagem na cidade de Bienne, o que se constituiu como “o paraíso das compras” para a “chefia da delegação”⁷⁵.

Também em 1950 verificamos que desde o início do ano se dissemina a ideia de preparação do selecionado com vistas à disputa da Copa do Mundo. Tal aspecto se articula com a não necessidade de participação brasileira em jogos eliminatórios e também em vista da relativa inatividade por parte do selecionado brasileiro, já que em termos de jogos oficiais somente havia atuado o selecionado na primeira metade de 1949; de tal modo, são programados encontros regulares, desde janeiro, até que se anuncie a formação prévia do grupo convocado para a Copa, em fins de março. Este período marca também um debate na crônica esportiva acerca da pertinência ou não da existência de um selecionado brasileiro de futebol que atuasse de maneira permanente; debate em relação ao qual a própria CBD, por meio do presidente do Conselho Técnico de Futebol, José Maria Castello Branco, já havia se posicionado contrariamente: “Com a atual estruturação, o selecionado permanente é de todo impraticável. A C.B.D. não tem no concêrto da vida desportiva brasileira, qualquer ligação com os clubes. Ela é mais uma entidade das federações estaduais, não deixando embora de ser dos clubes, porque estes são as células daquelas”⁷⁶.

Apesar disso, em nenhum momento se evidencia ao longo dos treinamentos da seleção nacional uma disputa renhida pelas 22 vagas do selecionado, de modo que os primeiros encontros realizados neste ano são pouco determinantes para a definição dos representantes e, como vimos, voltam-se para um ensaio/treino dos quadros brasileiros já tecnicamente traçados. Pudemos observar, nessa mesma linha argumentativa, que sobre-existia uma ideia de pertencimento ao plantel nacional, verificado por meio da existência de um time titular (amiúde chamada de “equipe A” ou “equipe principal”) e um time reserva (“equipe B” ou simplesmente “reserva”), com alguns jogadores além dos dois times figurando no plantel da seleção. Também confirmou-se a suspeita de que os jogadores convocados para o selecionado brasileiro passavam por um certo escalonamento até chegarem à seleção: obtenção de destaque nos respectivos clubes, convocação para a seleção do estado ao qual pertencia o clube, destaque no selecionado estadual e convocação para a seleção brasileira. Tal sistema meritocrático adquiria maior comprovação sobretudo além do eixo Rio-São Paulo; operava-se assim uma forma de subdivisão das responsabilidades acerca do preparo e manutenção das condições de jogo dos selecionados, o que desonerava as responsabilidades que anos mais

⁷⁵ Ibid.

⁷⁶ CM, 6 de janeiro de 1950, **Deve o Brasil ter a sua seleção permanente? “A tese é impraticável dentro de nossa organização”**, p. 11.

tarde seriam assumidas pela própria CBD, sobretudo com arrefecimento das disputas dos campeonatos brasileiros de seleções estaduais, a partir de 1956. Como o próprio presidente do Conselho Técnico chegou a afirmar acerca do Campeonato Brasileiro de seleções estaduais:

(...) através desse Campeonato, pode-se saber onde estão os verdadeiros valores do desporto nacional. Findo o certame e pelo seu próprio desenrolar, fornece margem para aferição de elementos, por meio do qual a CBD terá a base de formação do seu quadro. (...) Daí asseverar que a Confederação, acompanhando o certame, pode à vontade, sem interferência de ninguém, arregimentar para seu plantel⁷⁷.

É importante destacar, reforçando esse último ponto, que frequentemente os jogadores chamados para a seleção eram agrupados de acordo com as seleções estaduais que representavam, de modo que suas respectivas liberações para representarem o selecionado brasileiro eram concedidas pelas próprias federações locais.

Já em 54 pudemos perceber que em relação aos períodos de tempo, se repete um processo semelhante ao de 50 em relação ao calendário de preparação, com o anúncio dos convocados já em fins de janeiro. Há, entretanto, a fundamental diferença que ocorreriam os jogos eliminatórios (quatro partidas) entre o final de fevereiro e março. Com o êxito brasileiro nas partidas classificatórias, a despeito do pouco tempo para treinamento, deu-se prosseguimento aos trabalhos do selecionado com a manutenção quase completa do time reunido para as partidas seletivas. Também a esta época, a exemplo de 50, usa-se com bastante frequência a expressão “requisição” para o chamamento dos jogadores que representariam a seleção – o termo convocação é também empregado, mas seu uso se torna dominante somente em 58. Em relação ao escalonamento aventado quatro anos antes, não observamos menções aos selecionados estaduais, o que encontra argumento possivelmente no enfraquecimento e diminuição do campeonato brasileiro de seleções, disputado neste ano de forma regionalizada e com os estados de São Paulo e do Distrito Federal entrando somente na fase semi-final do torneio. Não mais se observou o destacamento dos jogadores requisitados de acordo com as seleções estaduais, mas igualmente se mantém a ideia de garantia e pertencimento dos jogadores que representavam a seleção, como numa catividade de suas vagas, só abalada em situações bastante excepcionais.

Mesmo levando-se em conta que mais adiante iremos voltar a este ponto, é importante destacar desde já que o número de jogadores convocados com vistas à preparação para as Copas, antes do anúncio final dos 22 a serem inscritos, cumpre um papel indiciário bastante relevante para o levantamento das relações instituídas em diversas esferas na seleção

⁷⁷ Ibid.

brasileira. Quase não se verifica variação nos anos de 1950 e 1954, tendo sido requisitados, respectivamente, 28 e 27 jogadores. Já em 1958, a propensão chegava a 40 nomes, tendo sido avaliados jogadores em quantidade semelhante a essa, embora nas concentrações e treinamentos o número estivesse sempre um maior que o de 30 jogadores.

Para os fitos desta pesquisa, são importante esses valores numéricos quando analisados em conjunto com as outras questões levantadas; nas Copas anteriores à primeira conquista brasileira havia um razoável estabelecimento acerca de quem eram os jogadores que pertenceriam ao selecionado, havendo poucas alternâncias, que quando ocorriam se davam sobretudo entre os futebolistas que formavam os quadros reservas e titulares; os excedentes aos 22 cumpriam mais um papel de suprir alguma ausência verificada em função de pequenas contusões ou situações temporárias que impossibilitavam a atuação do titular ou reserva do que propriamente disputar uma vaga em algum dos times.

A equação que modifica esse panorama em 1958 ficaria incompleta se resumida tão somente a implementação de uma visão empresarial. No cenário apresentado, o alargamento do número de convocados traz também a criação de uma série de incertezas acerca dos 22 que seriam finalmente inscritos. Essa indefinição que nasce da ampliação dos selecionados não se esgota, igualmente, na simples criação de uma maior disputa pelas vagas, entre os próprios futebolistas, mas se fundamenta principalmente pela estruturação de um corpo técnico-burocrático que submete os jogadores a um grandioso número de crivos, fazendo incidir sobre os jogadores a necessidade de enquadramento em padrões de saúde corpórea, como resistência e condicionamento atlético. Esse corpo técnico-burocrático que submeteria os jogadores a minuciosas radiografias em relação à disposição física e mental, mais do que inventado em 58 é reorganizado sob a nova gestão da CBD e revestido de inovados poderes; procuramos demonstrar que findada a Copa no Brasil, em 50, um grandioso aparato pessoal e institucional, se não em termos práticos e efetivos ao menos na ordem dos enunciados, se mantém como legado de um novo patamar dos signos esportivos e das competições modernas. Quatro anos depois, encontramos ainda os ecos desse aparato, mas agora muito mais sob o invólucro da autoridade e da representação do que propriamente da eficiência e da assistência aos jogadores.

2.2. Corpo burocrático, corpo técnico: o Conselho Técnico de Futebol, a Comissão Técnica e as divisões dos poderes na seleção brasileira

Com segurança podemos afirmar que os anos 50 marcam uma fase de profundas alterações na estrutura do futebol brasileiro. Tal afirmação, demasiadamente difundida e quase inquestionável, deve ser compreendida, a nosso ver, tendo em vista todo o aparato montado ou organizado para a organização da Copa no Brasil, em 1950, e que, de alguma forma, é deixado como legado para o futebol brasileiro em seus anos seguintes. Nesse contexto, foi arregimentado um notável corpo de profissionais cuja evocação faz parte de um movimento que flerta ao mesmo tempo com uma burocracia constituída em torno dos dirigentes esportivos e um tecnicismo/profissionalismo posto em prática no terreno ocupado pelo futebol.

Com efeito, tentaremos analisar algumas dinâmicas observadas em torno da formação do “Conselho Técnico de Futebol da CBD” e da “Comissão Técnica da CBD para a Copa do Mundo” – bem como suas seguintes derivações. Como já mencionamos, tais organizações mantêm contato com o Diretório Central da CBD para a Copa do Mundo, em 1950, e se mantêm, após esta Copa, como principais instâncias responsáveis pela preparação da seleção brasileira de futebol – mesmo que se observe em relação a elas organizações, funcionalidades e existência que se alteram ao longo do período estudado. Tanto por meio do Conselho como por meio da Comissão, são associados, num primeiro momento, os profissionais responsáveis pela preparação do escrete brasileiro e, posteriormente, são franqueadas as entradas de outros *experts* que impulsionarão o desenvolvimento de estratégias com vistas a ampliar o rendimento atlético e de resistência dos jogadores.

Abordar determinadas dinâmicas em torno dessas instâncias e suas correlações com outras esferas ou entidades do esporte nacional, envolve, antes de tudo, pontuar alguns objetivos e elucidar os alcances e restrições de tal empreitada. Como já procuramos delinear, Conselho Técnico e Comissão Técnica, por vezes, são mencionadas como aparatos organizativos capazes de invocar a chancela da oficialidade, muito possivelmente em atenção a dispositivos normativos da própria CBD. Fica patente, nessas ocasiões, o intuito de transmitir uma imagem respaldada pela institucionalidade, mas que, no limite, acaba se confundindo com a mera burocratização e oligarquização criada pela classe dos dirigentes esportivos (MANHÃES, 2002). Em outros momentos, seus representantes recorrem ao conhecimento técnico ou científico para demarcar suas posições; nesses casos, torna-se

particularmente interessante para nós analisarmos os mecanismos que engendram essas produções discursivas de modo a serem alçadas à condição de verdadeiros saberes que emergem no interior do futebol brasileiro. É pertinente questionarmos, em vista disso, quais os mecanismos que validam estes discursos nos meios de comunicação, como se dão as diferenciações entre as duas instâncias e, num nível mais ampliado, quais desdobramentos observados em relação ao futebol brasileiro podem ter correlação com estas instâncias.

Assim, deixamos claro que não objetivamos desenvolver um trabalho acerca da constituição histórica tanto do Conselho como da Comissão Técnica, em relação aos seus funcionamentos regimentares ou minuciosamente em torno dos membros que os compuseram – até mesmo em função dos riscos e inviabilidade de tal empreitada em vista dos alcances da presente pesquisa. Interessa-nos observar, particularmente, em que medida suas atuações se estabelecem como instâncias portadoras de um discurso verdadeiro capaz de alterar o equilíbrio de forças em relação ao futebol brasileiro, determinando a entrada em vigor de novas práticas discursivas, alterando as relações de poder e engendrando mecanismo de produções de verdade sobre este sujeito histórico representado pelo jogador de futebol no período delimitado.

Obviamente, à medida que formos abordando determinadas passagens sobre seu funcionamento, deixaremos transparecer o modo pelo qual buscaremos os contrastes que nos são interessantes para a presente pesquisa. Mais do que preannunciar nossos intentos, os deixaremos evidentes ao longo do percurso realizado. Outrossim, ao contrário do que fizemos anteriormente, faremos o levantamento a partir de 1950 e passaremos às Copa subsequentes. Tal opção metodológica justifica-se em função da já apontada constituição de um aparato no ano da Copa no Brasil; desse modo poderemos também perscrutar os contornos de tal pressuposição.

2.2.1. *Copa de 50*

Naquela época, era Flávio Costa no céu e Deus na terra. (Juvenal, zagueiro da seleção brasileira de 1950)⁷⁸

⁷⁸ Retirado do depoimento dado pelo zagueiro a Geneton Moraes Neto (MORAES NETO, 2000, p. 65).

Técnico da Seleção Carioca desde 1940 e da Seleção Brasileira desde 1944, Flávio Costa, na época treinador do Vasco, era sem dúvida uma das figuras mais prestigiadas do futebol brasileiro. Independente, de forte personalidade, disciplinador rigoroso, exigiu e obteve carta branca da CBD para a escolha dos jogadores do escute que iria disputar a Copa. Todo-poderoso, ninguém impunha restrições a seu trabalho, nem duvidava de seu grande talento, com o qual acabara de conquistar para o Vasco os títulos de campeão carioca invicto de 1945, 1947 e 1948 e de Campeão dos Campeões (Torneio Sul-Americano de Clubes promovido no Chile, em 1948), além de conquistar com a Seleção Brasileira o Sul-Americano de 1949, realizado no Brasil. Até seus adversários o respeitavam, como Obdúlio Varela, o capitão uruguaio de 50: “Era um dos grandes homens que vi atuar como técnico. Na derrota, o primeiro a sofrer é o técnico. Mas afirmo que esse homem era um sábio, de extraordinária personalidade e enormes conhecimentos”⁷⁹. (PERDIGÃO, 1986, p. 49)

Recorrer a Perdigão, multi profissional das áreas do jornalismo, cinema e filosofia, se faz útil para traçarmos um panorama geral acerca de Flávio Costa⁸⁰. A figura do treinador ganha substancial relevo nas narrativas que encontramos acerca da fatídica Copa de 1950 e, por certo, seu papel é central nas relações de poder que se estabelecem no futebol brasileiro de então. A epigráfica fala de Juvenal, embora hiperbólica, é em boa medida sintomática da importância assumida pelo treinador nos momentos que antecederiam a disputa da Copa no Brasil.

Flávio Costa é reconhecido como um discípulo de Dori Kruschner, futebolista húngaro do início do século e treinador de destaque em clubes da Alemanha e da Suíça nos anos 1920 e 30. Kruschner aportou no Brasil em 1937, sendo reconhecido por implementar inovações táticas no futebol brasileiro num período marcado pela suplementação de um modelo amador para um profissional. Tendo trabalhado ao lado do “Feiticeiro de Viena” – apelido com o qual o treinador húngaro passou a ser reconhecido –, Costa teve muito mérito no processo de

⁷⁹ Citado por Radamés Mancuso, **Obdúlio, el Último Capitán**. Montevideu, Edição do Autor, 1973. N.A.

⁸⁰ Assim é apresentado Flávio Costa pela coleção Livraria e Editora Gol Ltda. no Livro Na Bôca do Túnel, de 1968: *Flávio Rodrigues da Costa* é carioca, nascido em 14-9-1906. Cursou a Escola Militar de Realengo, de onde se retirou em 1924. Mais tarde diplomou-se em Técnica Desportiva, especializando-se em Futebol e Basquete, pela Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil. Começou a praticar futebol ainda no Colégio Militar. Jogou como médio do Helênico A.C. no Campeonato Carioca de 1924. Em 1925 transferiu-se para o C.R. Flamengo, no qual se tornou profissional e em que permaneceu até 1934. Em 1927 foi campeão, e vice, em 1928 e 1932. Em agosto de 1934 passou a treinador das equipes do mesmo clube. Desde então conta 34 anos como técnico de futebol, com atividade ininterrupta, passando por vários clubes no Brasil e em outros países. Assim, atuou também na Associação Atlética Portuguesa do Rio; no Santos F.C (SP); no Clube de Regatas Vasco da Gama, do Rio; no Futebol Clube do Porto (Portugal); na Portuguesa de Desportos, da F.P.F.; no Colo Colo (Chile); no São Paulo F.C. (SP), sendo que em vários destes e em diferentes períodos e, no Flamengo também como Supervisor. Possui inúmeros títulos conquistados no futebol brasileiro, entre os quais, os do Campeonato Brasileiro (1935); do Campeonato Carioca (1939, 1942, 1943, 1944, 1963, todos com o Flamengo e 1947, 1949, 1950, com o Vasco da Gama), além de numerosos torneios. Campeonatos Brasileiros de 1935, 1939, 1942, 1945, 1947, 1950. Campeonato Sul-Americano (1945, 1948, 1949); Vice-Campeonato Mundial (1950); Torneio do Atlântico (1955). Foi treinador, durante dez anos seguidos, da seleção carioca e, durante seis anos, da seleção brasileira (1944 a 1950 e 1955-56). Várias vezes selecionador em diversas Copas. Em 1968, treinador do América F.C. (Rio) (PEDROSA, 1968, p. 87).

abrasileiramento do WM, tática de jogo já difundida por Kruschner, mas que por meio do trabalho do treinador brasileiro foi transformada em “Diagonal” em terras tupiniquins:

Eu, que fui seu assistente no Flamengo, senti como poderia aplicar, com vantagem, as suas teorias ao nosso futebol e, especificamente, ao time do Flamengo. Em 1941, escolhendo homens de temperamento adequado para as várias finalidades e adaptando ao sistema inglês uma mobilidade mais adequada ao nosso temperamento, consegui impôr no time do Flamengo o futebol sistematizado. Assim surgiu, em 1941, a Diagonal, que iria revolucionar o futebol brasileiro, e com ela realmente começamos a nos tornar os líderes do futebol sul-americano. Este sistema, que como já foi dito, era uma adaptação brasileira ao rígido sistema inglês, consistia em dar muito maior elasticidade a determinadas posições, e com isso obter maior rendimento, quer ofensivo como defensivo na nossa equipe, pois teríamos a oportunidade de atacar com sete elementos e defender-nos com seis. Com a diagonal surgiu o *ponta-de-lança*, que consistia ao lançamento à frente do *meia*, que até então atuava recuado, e que passava a atuar como “cunha” entre o *defesa* central e o *lateral*, apoiado pelo *médio* de seu lado, que teria de ser, obrigatoriamente, um elemento de grande mobilidade em campo (COSTA in PEDROSA, 1968a, p. 91).

Segundo seu ponto de vista, Costa demarca os pontos que determinaram uma inversão na hegemonia futebolística sul-americana; de um futebol antiquado surgiu um novo modelo, “sistematizado”, tático, adaptado e imposto aos futebolistas brasileiros de modo a promover “maior rendimento” em todas as partes do campo de jogo. Cumpriria papel determinante, nesses termos, além de sua capacidade perceptiva e inventiva, a “mobilidade” e a “elasticidade” brasileira postas em contrapartida à rigidez inglesa característica do método tático adotado; também é interessante observar que por meio de seu relato, o surgimento da função “ponta-de-lança”, que à época de sua declaração tinha em Pelé o maior expoente do futebol mundial atuando nesta posição, é possibilitado em razão do desenvolvimento do seu sistema diagonal.

Talvez, contudo, o que desperte maior atenção, voltando ao trecho anterior retirado do trabalho de Perdigão, sejam os traços característicos atribuídos à personalidade de Costa: “Independente”, portador de “forte personalidade”, “disciplinador rigoroso”, “Todopoderoso”, tendo, segundo o apontamento do jornalista, imposto à CBD suas condições para a convocação dos jogadores brasileiros. Conforme já mencionamos, Costa conseguiu, em pelo menos um dos momentos por nós apurado⁸¹ – o que já é bastante sintomático –, limitar a atuação de outros membros da Comissão Técnica em relação à convocação de jogadores. E nos cabe mesmo indagar, de modo terminante, se de fato “ninguém impunha restrições a seu trabalho”, como Perdigão chega a afirmar, ou se tal afirmação é mais um indício que pode nos apontar algum norte, sobretudo tendo em vista as questões concernentes à Comissão Técnica

⁸¹ Cf. subitem 2.1.3., episódio no qual Máximo Martinelli impugna dois nomes convocados por Flávio Costa e, em contrapartida, sugeriu outros dois jogadores do futebol paranaense.

da CBD para a Copa do Mundo. Nessa busca, não podemos perder a referência já mapeada de que existia uma constituição mais sólida no interior da Comissão Técnica, à qual nos referimos como “núcleo duro”, e outros elementos que gravitavam em seu entorno, estabelecendo com ela e com os jogadores relações somente de ordem mais circunstanciais.

A questão por nós formulada encontra, inicialmente, alguns indicativos que ajudam a aclarar as inquietações que dela derivam no próprio trabalho de Perdigão. Um pouco mais adiante, retomando algumas declarações dadas por Costa para a revista *Manchete*, no ano de 1986, são apresentados detalhes sobre a participação de outros atores no processo de preparação da seleção brasileira de 1950:

O próprio Flávio Costa recorda: “Ao contrário do que se pensava, o Brasil em 50 tinha uma das melhores organizações em matéria de formação de plantel. Contávamos com dois grandes médicos efetivos, dr. Amilcar Giffoni e dr. Paes Barreto, e um dentista, que se manteve anônimo e cuidou com carinho de toda a Seleção. Era uma equipe de primeira (PERDIGÃO, 1986, p. 50)⁸².

Fica patente, de algum modo, a preocupação de Costa em valorizar a faceta organizada e aparelhada da seleção. Sem nos preocuparmos, por ora, com a inserção histórica de seu discurso e com as mediações que estabelece com a então recente mudança de presidência da CBF⁸³, ocorrida à época de suas declarações, nos é válido atentar para uma importante divisão, ao menos no plano das responsabilidades, no que tange ao processo de “formação de plantel” de jogadores. Para esse intento, compõe o repertório da “equipe” dois médicos efetivamente à serviço da seleção e também um dentista, personagem oculto em sua fala e jamais apurado em nossos trabalhos⁸⁴.

É pertinente também observarmos que a formação deste núcleo duro a partir do Conselho Técnico, no fim da década de 40 e início dos anos 50, ao que tudo indica, seguia os mesmos princípios observados acerca da convocação de jogadores, seguido uma escalada através dos clubes e das seleções estaduais. As conquistas sequenciais em 1943, 44, 46 e 50 da seleção do Rio de Janeiro (também chamada Seleção do Distrito Federal), treinadas por Costa, evidenciavam uma relativa hegemonia do futebol carioca à época e nos ajudam a compreender o credenciamento de Flávio Costa, que fica ainda mais patente em vista das então recentes conquistas da equipe que treinava, o Vasco da Gama. Não podemos olvidar

⁸² Revista *Manchete*, **Flávio Costa**, 8 de fevereiro de 1968. N.A.

⁸³ No início de 1986 a CBF tem uma retomada conservadora com o início da gestão Octávio Pinto Guimarães – Nabi Abi Chedid, que assumiam em lugar de Giulite Coutinho.

⁸⁴ A eventual atuação deste último personagem, ao menos na narrativa de Costa, tenha possivelmente conexão com a grande valorização empreendida acerca do trabalho realizado pelo dentista Mário Trigo nos preparativos para a Copa de 1958, quando seu atendimento aos jogadores foi apontado como de fundamental importância nos tratamentos profiláticos associados à recuperação e preparo físico dos futebolistas.

nesse contexto, sua função como funcionário da equipe do Vasco, de modo que exercer o cargo de treinador das seleções carioca e brasileira compõe funções assumidas concomitantemente àquela à frente do clube. Não sem uma boa dose de ressentimento, Costa afirmaria em relação à sua condição à frente da seleção da CBD, anos mais tarde, ainda sob o peso da derrota em 50: “Não ganhei nem carta de agradecimento da CBD. Eu trabalhava com o ordenado que ganhava do meu clube. Eu era treinador do Vasco” (MORAES NETO, 2000, 154). Sobre esse último aspecto, entendemos que sua vinculação à CBD sem formalidades de ordem empregatícias ou salariais, acenavam também com a possibilidade de seu pedido de descredenciamento a qualquer momento que julgasse pertinente.

Ao circundar Costa na seleção nacional encontramos outros antigos conhecidos seus, componentes de seu clube atual ou de tempos passados: o médico Amílcar Giffoni, à época, profissional também dedicado ao Vasco e o massagista Mário Américo, igualmente funcionário da equipe da Colina; também é chamado a integrar a equipe da CBD o então médico do Flamengo, Newton Paes Barreto, cujo trabalho em parceria com Costa já havia ocorrido com sucesso no princípio dos anos 40, quando Costa estava à frente da equipe rubro-negra. Além destes elementos com destacada trajetória no futebol carioca, complementando o grupo, Vicente Feola, treinador com extensa experiência à frente do São Paulo FC e de grande destaque na seleção paulista da época. Em torno destes quatro nomes, os dois técnicos e os dois médicos, configura-se a formação do grupo que responderia ativamente pela preparação do selecionado brasileiro.

Essa perspectiva que desmembra os quatro profissionais em relação ao restante dos dirigentes foi sendo delineada ao longo de nossos levantamentos junto aos periódicos e à correspondente bibliografia da área. Mais detidamente, vale elencarmos algumas passagens ilustrativas de certas divisões de responsabilidades em relação à estes agentes envolvidos com a Comissão Técnica e também em relação a outros componentes da mesma Comissão e também do Conselho Técnico. Buscar fundamentação pela forma organizativa destas organizações da CBD nos será útil também para melhor elucidarmos os papéis desenvolvidos pelos seus componentes.

Num primeiro estágio, entendemos ser importante apresentar alguns aspectos acerca da consituição e do funcionamento do Conselho Técnico de Futebol da CBD, órgão permanente, ligado à CBD. Para tal intento, apresentamos um trecho retirado do DN quando se aproximava um período de eleição dos delegados estaduais que comporiam a formação dos Conselhos Técnicos dos esportes organizados pela Confederação:

Estão convocadas para hoje as Assembléias Especiais da Confederação Brasileira de Desportos, para o fim de elegerem os Conselhos Técnicos dos esportes dirigidos por aquela entidade, que são o Atletismo, Ciclismo, Futebol, Tenis, Voleibol, Remo, Natação, Saltos e Polo Aquático, Tents de Mesa e Esportes Diversos.

Missão das mais delicadas, não tem encontrado, da parte de muitas das Federações filiadas, o interesse correspondente. Parece, de fato, que certas Federações consideram banalidade a composição de um Conselho Técnico, quando, na realidade, esse ato caracteriza um dos mais importantes aspectos do esporte brasileiro. Depende da capacidade dos membros de um Conselho Técnico – um órgão que tem a espinhosa atribuição de dirigir e orientar o esporte no território nacional – o progresso ou a decadência do esporte que dirijam. Entretanto, com o mais doloroso desprezo pelas consequências que surgirão, como tem surgido, elege-se na C.B.D. um Conselho Técnico, muitas vezes até sem que o eleitor conheça o candidato, e muitas vezes sem que este preencha, pelo menos parte dos requisitos para o posto.

Neste particular muito infeliz tem sido o Conselho Técnico de Futebol. Esporte-base da Confederação Brasileira, esporte-base do público esportivo brasileiro, o Conselho Técnico da C. B. D., de certo tempo a esta parte, muito tem ficado a dever, das suas atribuições. O que se tem visto, em certas reuniões do Conselho Técnico de Futebol e o que tem restado das decisões desse Conselho, são uma afirmação plena do que dizemos. Nem mesmo a experiência do sr. Castelo Branco, os conhecimentos e a boa vontade de outros elementos do Conselho tem evitado que por vezes o ridículo e a decepção recaiam sobre a C. B. D., minando o prestígio que a entidade deve manter sobre as suas filiadas. Decisões políticas, pareceres infantis, consultas e votos da mais alarmante ignorância, tudo de mau, enfim, tem concorrido nestes últimos anos para que o Conselho Técnico de Futebol da C. B. D. – que deveria ser o mais importante órgão esportivo brasileiro – se reduzisse a um instrumento inútil e inexpressivo.

E a culpa, em parte, cabe às Federações que, afinal de contas, vão sofrer mais tarde as consequências do seu desinteresse pelos destinos dos esportes⁸⁵.

O DN, notabilizado por se auto intitular “o matutino de maior tiragem da capital da república”, era um tabloide não sensacionalista que frequentemente apresentava uma linha editorial mais descolada das visões institucionais, contendo matérias com linguagem acessíveis e de relevante penetração junto ao público. Justamente por considerarmos tais características encontramos nele alguns indicativos que, ao menos em nosso trabalho de apuração dos periódicos primordialmente eleitos, haviam passado despercebidos. As funções de “dirigir e orientar” os esportes no território nacional já haviam sido delineadas como atribuições operacionais competentes aos Conselhos Técnicos; igualmente, já havíamos apontado a elegibilidade de seus quadros. No entanto, o relato do DN denuncia e escancara a existência de eleições condicionadas por interesses que passavam ao largo daqueles propriamente relevantes ao esporte, conduzidas por delegados estaduais que desconheciam os quadros nos quais estavam depositando seus votos, de modo a confiarem o esporte a pessoas cujas capacidades poderiam fazer pender o esporte nacional tanto para o lado do “progresso” como para a “decadência” – este último gerando especial preocupação da reportagem citada. Em decorrência desses fatores, continuava o DN enfocando o Conselho Técnico de Futebol da

⁸⁵ DN, 31 de março de 1950, **Serão eleitos hoje os conselhos técnicos da C.B.D.**, 3ª Seção, p. 1

CBD; teria prosseguimento o cenário de “decepção”, “decisões políticas”, “pareceres infantis” e manifestações da mais “alarmante ignorância” que haviam tornado o órgão da CBD em “instrumento inútil e inexpressivo”.

No dia seguinte à votação anunciada, o mesmo DN voltaria à carga, desta feita lamentando a escolha dos membros e, sobretudo, a ausência de vários representantes estaduais nas eleições paritárias:

Só o Conselho Técnico de Futebol continua na mesma! Má estrela vem perseguindo o nosso futebol... Basta dizer que, das 24 entidades filiadas em futebol, apenas 14 compareceram para votar. Faltaram Amazonas, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe, São Paulo, Goiás, Mato Grosso, Paraná, Rio Grande do Sul e Território do Acre.

Que estará acontecendo por detrás das cortinas do futebol brasileiro, o esporte predileto do público brasileiro ?

Foram os seguintes os resultados das eleições, tendo sido considerados empossados os eleitos:

(...)

CONSELHO TÉCNICO DE FUTEBOL: Marcionilo Cunha - Ivan Reys de Freitas - Albino de Mesquita Pinheiro - capitão Carlos de Andrade Leão e Alfredo Curvelo⁸⁶.

Se tomarmos a pergunta “Que estará acontecendo por detrás das cortinas do futebol brasileiro, o esporte predileto do público brasileiro?” como um interessante ponto de referência, haja vista tanto a diatribe empreendida pelo tabloide carioca como as questões já apresentadas neste nosso intento de perpassar algumas questões de ordem organizativa em referência ao futebol brasileiro, podemos respondê-la talvez somente com algumas deduções. Algumas delas, seguramente, são até bem fundamentadas, sobretudo tendo em vista o que os decênios seguintes – até os dias de hoje – nos reservaram a respeito da organização e da estrutura de poder profundamente oligárquica, autoritária e clientelista que emana dos quadros dirigentes do futebol brasileiro (CBD e posteriormente CBF); outras, no entanto, podem dificultar um pouco qualquer trabalho vinculado à ciência histórica mais tradicionalista, mormente em vista da objeção das Federações, Confederações e clubes em disponibilizar e publicizar documentos materiais e outros arquivos de importância ainda em poder destas instituições.

Pelo momento, sem absolutamente desconsiderarmos esse contexto e observadas as adjetivações que ainda hoje servem perfeitamente à alta organização do futebol brasileiro, nos é válido atentar para alguns detalhes acerca da constituição destes quadros esportivos que serão revestidos de grandioso poder por meio do Conselho Técnico de Futebol. Num primeiro plano, há o aspecto da organização *per se* do futebol, ou seja, regulamentos dos torneios, definição de datas, arbitragens, julgamentos disciplinares etc. Num segundo viés, estão as

⁸⁶ DN, 01 de abril de 1950, **Melhorados alguns dos Conselhos Técnicos da CBD**, 2ª seção, p. 8.

múltiplas condições relacionadas com a preparação do selecionado brasileiro. Sobre esse ponto, previamente, é fundamental compreendermos que o Conselho Técnico de Futebol é sempre invocado como instância capaz de articular as variadas forças que se manifestam nos momentos de formação da seleção (planejamento, convocação, formação e atuação), sobretudo quando tais ocorrências não estão relacionadas com a disputa de jogos da Copas do Mundo. A convocação de jogadores, por exemplo, sempre é reportada como tendo sido “apresentada pelo Conselho”, ou então “ao Conselho”, atestando um condicionamento ou submissão da relação dos futebolistas convocados aos membros que compunham esse órgão da estrutura organizativa. Em muitos outros momentos, as reuniões do Conselho são reportadas tendo como participantes, frequentemente, o(s) técnico(s) e médico(s) da seleção, de modo a transmitir um registro evidente de que estas funções, embora de destacada importância, não integravam o quadro permanente do Conselho. Para que não passe sem o devido registro, há ainda, a figura do presidente do Conselho Técnico, que até meados da década de 50 é uma função exercida quase exclusivamente por José Maria Castello Branco, dirigente com pelo menos duas décadas à frente das questões organizacionais do futebol brasileiro. Em relação a função da presidência, somente encontramos citação que explicitasse ser tal cargo de indicação discricionária do presidente da CBD após a eleição de Havelange, em 1958. De tal modo, podemos deduzir sem maiores receios que ao longo de toda a estada de Castello Branco à frente do Conselho Técnico, esteve a CBD orientada pelos mesmos pressupostos. Por último, é válido atentar para o fato de que são frequentes nos periódicos os registros de ocorrência de encontros, reuniões, ou quaisquer outras instâncias deliberativas do Conselho Técnico nos quais não há a menor preocupação em apresentar nominalmente os membros presentes, de tal forma que a simples menção ao órgão já avaliza as posições assumidas, independentemente do quórum de dirigentes reunidos. Excessão a esses relatos são os membros ao quais nos reportamos como “núcleo duro”, que sempre são destacados de forma a deixar evidente que suas presenças foram asseguradas, sejam como apêndices ao Conselho, ou mesmo tomando parte em reuniões para as quais foram deliberadamente convocados.

É importante também atentarmos para a diferença que pode ser estabelecida entre “Conselho Técnico de Futebol” e “Comissão Técnica” – esse último, em 1950, é reportada como “Comissão Técnica da C.B.D. para a Copa do Mundo”. Estamos colocando alguns condicionantes para nos referirmos às diferenças entre estas duas instâncias pois em muitos momentos há um verdadeiro quiproquó na crônica esportiva quando da referência a essa ou àquela; em verdade, essa troca de uma pela outra é até mesmo compreensível e exculpável

pois, em torno de 1950, a composição da Comissão Técnica é reportada como tendo entre seus membros todas as mesmas figuras presentes no Conselho, acrescidos daqueles aos quais nos reportamos como o “núcleo duro” da mesma e alguns outros nomes que não mereceram destaque.

Nesse mesmo sentido, algumas matérias apresentadas nos jornais consultados nos são úteis para pensarmos as implicações existentes entre o Conselho e a Comissão Técnica. Em uma delas, reportada no diário “A Noite”, no início de abril de 1950⁸⁷, é possível compreender algumas dinâmicas que ainda se relacionam com as adjetivações propostas em relação às instâncias organizativas do futebol brasileiro, agora estendidas tanto ao Conselho como à Comissão; nela ficam patentes as dimensões autoritária e arbitrária na condução de ambas organizações:

Está marcada para esta tarde a reunião semanal da Comissão Técnica da C.B.D. encarregada de tratar dos assuntos referentes à Copa do Mundo. Como matéria de principal relevo sobressai a que diz respeito à marcação das datas para a Copa Rio Branco. (...)

Sobre o assunto, a nossa reportagem ouviu hoje o Dr. Castelo Branco, presidente do Conselho Técnico e da Comissão Técnica da C.B.D. O veterano dirigente esclareceu-nos o ponto de vista dominante sobre a questão dos jogos da Copa Rio Branco (...) devendo hoje, na reunião da Comissão Técnica, ficar decidida a antecipação para o sábado, 6 de maio, do primeiro jogo dos orientais no Brasil⁸⁸.

Afora a questão da permanência e continuidade da veterana gestão da presidência, há a explicitação do acúmulo de funções nas mais altas representações do futebol brasileiro, tanto em relação às gestões dos clubes como na direção da seleção. Do mesmo modo, ficam evidenciados claros sinais de que, ao menos em alguns pontos, as decisões assumidas tanto por uma como pela outra instância, emanam de uma forma de organização do poder institucional que se manifesta de modo bastante centralizado; ao colocar a questão da mudança da data do jogo como ponderada a partir do “ponto de vista dominante” já se encaminha uma decisão que antecede até mesmo à própria reunião da Comissão⁸⁹, como de fato verificou-se *a posteriori*.

Relativamente às pretensas responsabilidades divididas em relação ao Conselho Técnico, à Comissão Técnica e entre os personagens que a compunham, cabe observarmos que só há de fato maior discernimento de funções entre uma e outra na realidade prática de

⁸⁷ A Noite, 5 de abril de 1950, **De qualquer forma, em São Paulo o primeiro jogo da Copa Rio Branco**, p. 10.

⁸⁸ Ibid.

⁸⁹ Até pelo menos a metade dos anos 1950, é bastante comum o jornalismo empregar o termo “orientais” para fazer referência aos uruguaios.

ambas instâncias. No exemplo abaixo⁹⁰, o desentendimento havido por conta da marcação de um encontro da Comissão Técnica não impede que sejam dados os encaminhamentos acerca de assuntos de grande importância para a seleção brasileira, tais como definição de calendários e selecionamento de jogadores, a despeito de terem comparecido à reunião somente uma parte do Conselho Técnico e Flávio Costa:

Com a presença unicamente dos membros do Conselho Técnico de Futebol e do assessor técnico, reuniu-se ontem a noite a Comissão Técnica da C.B.D. para a Taça do Mundo. A ausência dos demais elementos resultou, certamente, da confusão que se estabeleceu com a troca de datas das reuniões do Conselho e da Comissão, tendo sido anunciada, para ontem, a reunião do Conselho Técnico⁹¹.

Como dito, embora desfalcado de uma parte de seus representantes, o encontro “confirmou” encaminhamentos, “examinou” pedidos e “definiu” datas. Flávio Costa, uma vez mais, é reportado como tendo polarizado as discussões e decisões acerca da seleção.

O periódico CM, ainda no início de 1950 reportou os preparativos para o primeiro treinamento da seleção que ocorreria naquele ano; por meio de seu descritivo é possível analisarmos algumas dinâmicas concernentes à Comissão Técnica e às relações de poder que em seu interior determinavam os rumos práticos dos programas definidos para os trabalhos de preparação do time brasileiro:

Reuniu-se na tarde de ontem a Comissão Técnica da C.B.D., que continuou a focalizar assuntos da maior objetividade, dentre os quais a aprovação do plano médico, a fixação das datas para os treinos iniciais, e ainda a programação dos jogos com os chilenos.

PRESENTES OS ASSESSORES MÉDICOS

Os assessores médicos da seleção, drs. Amílcar Gifoni e Paes Barreto, fizeram entrega do roteiro médico, aprovado em linhas gerais pela Comissão. Além de questões de ordem estritamente técnica, figurou a designação da ilha de Brocoió como local da concentração.

NA PRÓXIMA QUARTA-FEIRA O PRIMEIRO TREINO

Flávio Costa, pondo termo a uma série de conjecturas em torno da data do primeiro treino da seleção, lembrou a data de 11 do corrente, quarta-feira. Imediatamente aprovada, tomou a C.T. a designação de convocar os jogadores sulinos para aquele dia (...)⁹².

Nessa mesma reunião, Flávio Costa ainda apresentaria a “interessante sugestão” em relação à defesa, pela representação brasileira na Comissão Organizadora da FIFA, da manutenção do tamanho do campo de jogo para a Copa nos grandes padrões (110m x 75m) aos quais estava

⁹⁰ DN, 25 de fevereiro de 1950, **Os convocados poderão viajar sem prejuízo da seleção**, 2ª seção, p. 6.

⁹¹ Ibid.

⁹² Correio da Manhã, 6 de janeiro de 1950, **Quarta-feira, o primeiro treino da seleção brasileira**, p. 11.

adaptada a seleção brasileira, em contraposição ao modelo inglês sugestionado pela própria FIFA (106m x 66m), o que foi encarado como uma “justa sugestão” do assessor técnico.

Fica bem demarcada, de saída, o poder de definição das propostas de Costa, Gifoni e Paes Barreto, apresentadas à Comissão Técnica. Não são observadas divergências em relação às ideias por eles defendidas e tampouco verificamos menção a quaisquer dos outros membros componentes da Comissão no sentido de encaminharem sugestões à etapas propostas para a seleção. Dessarte, vale atentarmos para o JN de 19 de março que, ao noticiar a convocação final dos jogadores brasileiros, já com vistas à disputa da Copa, prenunciou alguns detalhes do cronograma a ser seguido pelo selecionado. Nele ficam patentes as divisões de responsabilidades e o que incumbia a cada elemento designado pelas instâncias da CBD:

Os jogadores, acompanhados por dois médicos, dois massagistas, dois membros da Comissão Técnica e um funcionário da C.B.D., seguirão para a concentração no dia 25, sábado próximo. Ficou também decidido que Feola acompanhará os craques brasileiros, pois Flávio Costa irá ao estrangeiro, observar os nossos próximos adversários⁹³.

O que estes breves excertos bem representam e que ajudam a elucidar as questões do pertencimento à Comissão Técnica é que tal órgão, definido em 1950 como um papel eminentemente gerenciador da seleção brasileira, estabelece de alguma forma uma patente divisão entre seus membros – nesse último exemplo destacado, em número de dois representantes enviados à concentração – e os próprios personagens que iriam realizar as funções de trabalho diretamente junto ao grupo de jogadores – dois médicos e dois massagistas, além de Feola, em vista da outra ocupação assumida por Costa. Portanto, numa via, temos que os técnicos (treinador ou assessor), médicos e massagistas são definidos como associados à Comissão Técnica e não propriamente parte dela.

De fato, o período de exames e treinamentos em Araxá iniciou-se, como mencionado, sob a tutela de Feola, haja vista a excursão empreendida por Flávio Costa a terras internacionais para a observação de outras seleções. A matéria do JN reportava ainda a existência dos dois médicos já mencionados por nós, dois massagistas – já destacamos Mário Américo e, o outro, era Jonhson, legendário funcionário do Flamengo – e dois membros da Comissão, além de um funcionário da CBD. Embora o período em questão tenha sido satisfatoriamente estudado, pouca ou nenhuma referência encontramos em relação aos outros componentes reelecionados à Comissão, o que pode ser indicativo do papel e da influência

⁹³ JN de 19 de março de 1950, **Sábado, o embarque**, p. 10.

desenvolvida por tais personagens. Apenas no OESP⁹⁴ encontramos uma menção, mais próxima a uma mera formalidade, na qual era referida a participação do “sr. Álvaro Barbosa, diretor do Departamento Técnico da Federação Paulista de Futebol”, cujo então recente histórico revelava ter prestado “relevantes serviços ao selecionado brasileiro; tal destaque presumivelmente dá-se muito mais em função do viés regionalista encampado pelo periódico do que propriamente em relação aos eventuais trabalhos de relevo do cartola paulista.

Efetivamente, se voltarmos ao já mencionado relatório oficial da Copa do Mundo, o caderno “IVº Campeonato Mundial de Futebol Taça ‘JULES RIMET’ BRASIL 1950”, encontramos a relação dos integrantes da Comissão Técnica de Futebol dentro do “Quadro da Organização Administrativa do Campeonato Mundial de Futebol de 1950”. Nele estão elencados os seguintes nomes, conforme a ordem na qual são apresentados:

Dr. José Maria de Mello Castelo Branco (Presidente)
 Sr. Afonso de Castro
 Dr. Alberto Borgerth
 Dr. Albino de Mesquita Pinheiro
 Dr. Alfredo Curvelo
 Capitão Carlos de Andrade Leão
 Cyro Aranha
 Francisco de Paula Job
 Ivan Reys de Freitas
 Dr. Luíz Menezes
 Marcionillo Farias Alves da Cunha
 Mario Rodrigues Filho
 Comandante Maximo Martinello
 Dr. Píndaro de Carvalho
 Dr. Roberto Pedroza

Em vista dessa relação, cabe, de fato, constatar a discrepância observada entre a atividade prática apurada pelos nossos levantamentos, em parte aqui exposta, e a veiculação oficial divulgada pela CBD, na qual não são apresentados os nomes dos “assessores” técnicos nem dos médicos. Por certo, a transmissão de uma pretensa imagem por meio do relatório oficial faz transparecer o lado burocratizado das instituições organizadas pela CBD⁹⁵. Em contrapartida, a organização efetiva, muito mais restrita e enxuta, mas ainda assim aparelhada, aponta num outro sentido. De todo modo, a marcante atuação de Flávio Costa, mesmo sem ser reportado como integrante da Comissão Técnica, deixa evidenciar seu poder de gerenciamento junto à organização e na definição das decisões assumidas a respeito da seleção.

⁹⁴ OESP, 26 de março de 1950, **Embarcam hoje os jogadores paulistas**, p. 12.

⁹⁵ Adicionalmente, vale atentar que ao usarmos este conceito, estamos nos referindo também ao modelo burocrático associação à Administração Pública brasileira, em voga em meados do século XX.

As informações contidas no relatório reforçam ainda a tese de um aparelhamento burocrático institucional, muito associado ao legado estadonovista em relação ao esporte nacional (PARDINI, 2009); feito de modo posterior à realização da Copa, por meio dele também é possível deduzir uma diluição da principal instância organizativa da CBD, que nos momentos prévios à realização do certame era anunciada abrangentemente como “Diretório Central da CBD para a Copa do Mundo”, figurando no caderno oficial apenas como “Diretório Central”, à frente de uma série de “Comissões”, dentre as quais a “Comissão Técnica de Futebol”.

2.2.2. *Copa de 54*

Mesmo considerando que nossa pesquisa buscou referenciais que não necessariamente se alinhassem às perspectivas já quase cristalizadas acerca das Copas do Mundo – muito embora, em diversos momentos, usamos esses parâmetros como pontos de partida para pensarmos diversas questões – em relação à Suíça-1954 é praticamente inevitável flertar com o peso relacionado à questão da desorganização e falta de planejamento da seleção brasileira nos preparativos para a Copa. E afirmamos isso com referência a uma abordagem documental de época, e não em vistas a uma leitura posteriormente constituída acerca desta Copa, sobretudo após o título de 1958. É, de saída, importante termos isso em mente, pois determinados eventos relacionados com o campo esportivo do futebol passariam por mudanças em vista do malogro dessa campanha de 54.

Dessarte, podemos inferir que a derrota para o Uruguai, em 1950, promoveu uma forma de desalinhamento em torno dos aspectos organizativos da seleção, que após o *Maracanazo* voltou a atuar somente em abril de 1952. Nesse ano, entretanto, sob o comando técnico de Zezé Moreira⁹⁶, o Brasil disputou e venceu o Campeonato Pan-Americano de

⁹⁶ Assim é apresentado Zezé Moreira pela coleção Livraria e Editora Gol Ltda. no Livro Na Bôca do Túnel, de 1968: ZEZE MOREIRA (*Alfredo Moreira Júnior*) nasceu em Miracema (RJ), em 16-10-1908. Iniciou sua carreira de futebolista, como jogador, no E.C. Brasil, em 1928. Em 1933 transferiu-se para o América F.C., do Rio de Janeiro, como profissional. Em 1934 foi para o Palestra Itália, hoje S.E. Palmeiras (SP). Em 1936 passou ao Botafogo de Futebol e Regatas (Rio), onde permaneceu até 1943, ano em que se diplomou pela Escola Nacional de Educação Física e Desportos. Continuou no mesmo clube como auxiliar técnico de vários titulares que se sucederam. Em 1948 tornou-se o técnico do time principal, que foi campeão carioca. Em 1951 transferiu-se para o Fluminense F.C. (GB) e, em 1952, tornou-se o técnico da seleção brasileira (...). (PEDROSA, 1968, p. 174).

Futebol, disputado no Chile, naquele que seria o primeiro título brasileiro conquistado em terras internacionais. Na campanha invicta, o selecionado brasileiro superou inclusive a seleção uruguaia – que então já havia assumido no Brasil proporções míticas após a final de 50 –, mas no ano subsequente, quando a seleção se reuniria novamente, Zezé seria substituído por seu irmão, Aymoré, numa troca que oficialmente se deu em função de a opinião pública encontrar-se desgostosa com o futebol praticado pelo selecionado: “Em 1953, Aymoré Moreira assume o comando da Seleção no lugar de seu irmão, Zezé, que na opinião da torcida fazia o Brasil jogar feio” (NAPOLEÃO; ASSAF, 2006, p 133).

Já no ano da Copa, novamente a CBD traria Zezé Moreira para a função de técnico, sobretudo em razão de alguns desacertos disciplinares envolvendo jogadores e o corpo técnico do qual Aymoré era parte, no Sul-Americano de 1953, disputado em solo peruano. Assim, na virada de 1953 para 54 já estavam sendo acertados os detalhes acerca do comando técnico da seleção: “O Conselho Técnico da C.B.D. reuniu-se, ontem, para homologar a escolha do técnico para a seleção brasileira. Pela sequência de fatos, o nome de Zezé Moreira era fora de dúvidas (...)”⁹⁷; complementando ainda que Vicente Feola, a despeito de ter comparecido ao encontro da CBD, não seria o técnico escolhido. Na mesma toada, foi também selecionado o mais próximo parceiro de Zezé nos trabalhos com os jogadores, o já conhecido médico, com histórico recente de atuação junto à seleção, principalmente nos anos subsequentes ao mundial de 1950: “(...) não se poderá ter dúvida quanto a indicação do doutor Newton Paes Barreto para a chefia médica da delegação brasileira que concorrerá ao próximo campeonato mundial de foot-ball”⁹⁸. Acessoriamente, foi também tomada a decisão de “homologar a aprovação do novo uniforme”⁹⁹ da seleção, trocando a cor predominantemente branca por outro modelo que seria em breve definido.

Tão logo foram definidos os nomes de Zezé Moreira e de Paes Barreto no início do ano, o JB noticiou a escolha dos jogadores que iniciariam o treinamento com vistas à disputa das partidas eliminatórias para a Copa do Mundo. Fica manifesta, a partir de então, a divisão das responsabilidades que incumbiria a cada parte, cabendo ao próprio Conselho, com o auxílio do técnico então eleito, a definição da relação de jogadores:

Está marcada para hoje, uma reunião do Conselho Técnico de Foot-ball da C.B.D., à qual comparecerá o técnico Zezé Moreira, para a escolha dos jogadores que integrarão o selecionado brasileiro para o Campeonato Mundial de Foot-ball. A

⁹⁷ JB, 30 de dezembro de 1953, **Esportes**, p.10.

⁹⁸ DN, 24 de dezembro de 1953, **Anistia para os punidos de Lima**, 2ª seção, p. 1 e 7.

⁹⁹ JB, 31 de dezembro de 1953, **Esportes**, p.10.

relação dos players a serem convocados é o produto de observações de vários desportistas, bem como dos membros do C.T. e do próprio técnico¹⁰⁰.

Zezé Moreira, depreendemos, assiste aos trabalhos do Conselho; no limite, poderíamos considerar que ao assumir a função de técnico, Zezé passa a dividir com o Conselho as responsabilidades sobre o selecionado, de tal modo que o técnico é destacado como membro à parte do órgão da CBD, que comparece ao seu encontro de maneira a acorrer seus membros na escolha dos jogadores selecionados – o que é bastante plausível em vista de tal órgão ser formado por conselheiros eleitos.

Tal abordagem fica mais clarividente quando o DN noticiou os primeiros contratempos que obstaculizaram o desenvolvimento do trabalho preparatório tanto em relação ao técnico brasileiro como em relação ao grupo de dirigentes. A agora necessária disputa de jogos eliminatórios – tarefa enfrentada pela primeira vez na história, em relação ao selecionado brasileiro – apresentava, de saída, alguns percalços não muito inspiradores, que uma vez mais podem exemplificar as dinâmicas internas do órgão:

Pouco, muito pouco auspiciosos foram os resultados da reunião efetuada, esta tarde, pelo Conselho Técnico de Futebol da C.B.D., e da qual participaram o técnico e o médico da seleção brasileira. Depois de chegarem todos à conclusão de que para não cometeram injustiças nem abrir precedentes, seria melhor abrir mão da apresentação dos jogadores cariocas, no dia 2, de vez que os paulistas, os gaúchos e os mineiros só poderão apresentar-se a 8 de fevereiro (...) ¹⁰¹.

Ganha substancial relevo o fato de participarem da reunião decisória do Conselho Técnico – uma vez mais destacadamente apontado no texto – tanto o técnico Zezé Moreira como o médico Paes Barreto. Igualmente àquilo apresentado anteriormente, ambos não são referenciados como parte integrante do órgão, mas sim colocados como apêndices a seus membros. Mesmo não sendo possível inferir que são somente estes personagens que participaram do encontro – o que poderia nos condicionar à dedução de que as decisões foram tomadas por ambos, tão somente – nos é válido, novamente, refletir acerca veiculação destacada destes nomes/funções. Isso é posto não somente em relação às decisões assumidas, mas também sobre o impacto que tal resolução causaria ao trabalho de ambos, que a partir de suas “homologações”, passariam a responder nominalmente pelas decisões sobre a seleção. Mais adiante, na própria matéria do DN, é salientado o comprometimento negativo que a decisão acarretou ao trabalho do técnico e do médico da seleção que, em vista do ajuste no calendário, teriam pouquíssimo tempo de trabalho junto ao grupo de jogadores. Ainda

¹⁰⁰ JB, 8 de janeiro de 1954, **Hoje a escolha dos jogadores**, p. 11.

¹⁰¹ DN, 29 de janeiro de 1954, **Melancolia nos trabalhos da seleção**, 2ª seção, p. 1

lamentando o adiamento da apresentação oficial dos jogadores, Zezé Moreira seria reportado como “bem desapontado”¹⁰² com o exíguo tempo disponível para treino e definição dos quadros, e o médico do selecionado, atentando para as condições corpóreas dos jogadores que recentemente haviam disputado os certames regionais, igualmente demarcava as limitações de seu trabalho: “o dr. Newton Paes Barreto frisou que o período de oito dias não seria suficiente, nem mesmo por milagre, para a recuperação física dos jogadores”.

Neste ponto é fundamental atentarmos para uma divisão que se estabelece entre a Copa de 50 e a de 54, fundamentando aquilo que anteriormente apontamos acerca da criação de um aparato técnico e profissional em 50 e da qual derivou a formação da Comissão Técnica para a Copa do Mundo. Não vemos em 54 a manutenção do mesmo sistema de organização acompanhado pela potencial divisão de responsabilidades na preparação do elenco; à frente da organização da seleção brasileira que foi à Suíça, somente encontramos menções ao Conselho Técnico de Futebol da CBD, o que indica a não ocorrência da formação de uma Comissão Técnica especializada nos trabalhos com a seleção com vistas à disputa da Copa. Ou seja, não emanou do Conselho Técnico um destacamento específico para a preparação do time enviado à Copa, ficando o próprio Conselho, um órgão eminentemente de caráter burocrático e organizativo, com a incumbência dos serviços de preparação da seleção brasileira.

Como no presente momento é interessante analisarmos as condutas assumidas em torno da seleção e da organização deste aparato que a envolve, vale passarmos diretamente para o período mais profícuo, posterior aos treinamentos iniciais da equipe de 54, quando estava se definindo o embarque dos jogadores que iriam ao Chile e ao Paraguai para a disputa das primeiras partidas dos jogos eliminatórios. Reportou assim o JB, em meados de fevereiro¹⁰³, a formação da delegação que rumava para Santiago e depois para Assunção e, na sequência, disputaria os jogos no Brasil:

A delegação brasileira

Ficou assim constituída a delegação que vai ao Chile e ao Paraguai:

Chefe - Dr. Abelard França, acompanhado de seu filho; secretário - Dr. Henrique Barbosa; tesoureiro - Mozart Giorgio; médico - Dr. Paes Barreto; técnico - Alfredo Moreira Junior; técnico-administrativo - Luíz Augusto Vinhais; massagista - Mário Américo; cozinheiro - Laudelino de Oliveira; roupeiro - Aloísio Ferreira de Araújo; jornalista - Milton Pinheiro Bormes.

Jogadores - (...) ¹⁰⁴.

¹⁰² Ibid.

¹⁰³ JB, 16 de fevereiro de 1954, **Segue para o Chile a delegação brasileira de Foot-Ball**, p. 11.

¹⁰⁴ Ibid.

Dentre os profissionais diretamente comprometidos com o preparo dos jogadores, além do roupeiro e do cozinheiro, é importante frisarmos a figura do massagista Mário Américo e da dupla então anunciada há poucas semanas: o treinador Zezé Moreira e médico Newton Paes Barreto; os outros nomes envolvidos são ocupações de ordem mais burocráticas, em relação às quais talvez valham somente algumas pequenas pontuações: em primeiro lugar, vale atentar para o retorno da figuração de uma superior função hierárquica, qual seja, a designação de “Chefe”, ou “Chefe da delegação”, cargo não exercido durante a Copa de 1950 – muito possivelmente em função da não ocorrência de deslocamento internacional. Para tal posto foi nomeado o então presidente da Federação Metropolitana de Futebol, Abelard França, personalidade com pelo menos duas décadas de longa dedicação ao futebol carioca e a atuações no ramo imobiliário, e que, na oportunidade, viajou ao Chile na companhia de seu descendente¹⁰⁵. Também vale sublinhar a presença de Luís Vinhais, ex-treinador do selecionado brasileiro na Copa de 1934 e que em 54 desempenhava a função de “técnico-administrativo”, mas que cumpriria uma ocupação apenas secundária, se considerarmos as quase nulas referências reportadas a seu nome e à posterior genérica ocupação que lhe é atribuída quando do embarque da delegação para a Suíça.

Já após ser definida a participação brasileira na Copa, com as vitórias sobre os selecionados do Chile e Paraguai, outra passagem destacada indica a manutenção de uma ordem organizacional que continuava a colocar de um lado os membros do Conselho Técnico e de outro aqueles que mantinham o contato direto com os jogadores. Uma vez mais, médico e treinador são colocados como personagens adicionais ao Conselho, reforçando a manutenção daquilo que classificamos como o “núcleo duro” de *experts* que travavam contato direto com os jogadores na definição, então, do calendário de preparação da seleção:

O Sr. Rivadávia Corrêa Meyer, Presidente da C.B.D. promoveu, ontem, à tarde, em seu escritório, uma reunião com os membros do Conselho Técnico de Futebol, e mais o técnico Zezé Moreira e o médico Paes Barreto, a fim de decidir sobre as providências indispensáveis a treinamento, concentração e embarque da seleção brasileira, para a Suíça.

Ficou decidido que no próximo dia 2, após a apresentação dos jogadores, haverá um período de recuperação e treinamento, em Caxambu, até o dia 20, rumando então para S. Paulo, onde jogarão com a seleção do Perú, um match treino, e virão para o Rio, a fim de disputar outra peleja com os peruanos, esta no Maracanã, dia 25, domingo.

No dia 23 rumarão os players para Friburgo, onde ficarão concentrados até depois do dia 20 de maio, para embarcarem a 23 rumo à Suíça, onde se instalarão

¹⁰⁵ Não foram encontradas referências de qualquer ordem, sobretudo técnica ou profissional, em relação ao filho do Sr. Abelard França. De tal forma, tudo nos leva a crer que sua presença atendeu tão somente a um desejo pessoal do dirigente carioca.

em Macolin por cerca de 20 dias, para estreiar à 16 de junho jogando com a seleção do México¹⁰⁶.

Em verdade, a definição desse calendário serviu apenas como referencial ideal a ser seguido, já que foram verificadas, em mais de uma oportunidade, alterações substanciais no roteiro da seleção. O primeiro estágio em Caxambu, para “recuperação e treinamento” esteve sob risco de cancelamento em virtude, oficialmente, de discordâncias acerca da qualidade do hotel onde seriam acomodados os jogadores:

Isto porque, na noite de ontem, dirigentes da Confederação Brasileira de Desportos, estiveram em contato com autoridades de Caxambu a informar que o sr. Castelo Branco, presidente do Conselho Técnico de Foot-ball da entidade máxima brasileira não aceitou a concentração no Hotel Santa Cecília, preferindo o Brasil-Palace. Mas acontece que a decisão da CBD, em concentrar os cracks em Caxambu, foi tomada tardiamente, e os outros hotéis estão totalmente lotados¹⁰⁷.

A despeito de tal episódio constituir-se numa passagem com alguns aspectos indecifráveis, que envolviam as autoridades da CBD e do governo municipal da cidade, cabe observar que, às objeções à estada em Caxambu – apontadas pelo JB como a opção dos “dirigentes” – o técnico Zezé Moreira responde de modo oposto à posição da cúpula da CBD: “Zezé Moreira tem opinião contrária, mas consultará o médico Paes Barreto e os jogadores que, se quiserem ficar alojados em hotel que não seja dos maiores, então não terá dúvidas em opinar favoravelmente.” Com isso, além de Zezé ir num sentido contrário àquele dos dirigentes, o técnico se coloca abertamente ao lado do médico Paes Barreto e do grupo de jogadores, que seriam até mesmo consultados acerca de tal empreitada – algo seguramente extraordinário quando tratamos de decisões substancialmente organizativas.

Efetivamente, essa etapa da fase preparatória se deu mesmo em Caxambu. Os jogadores chegaram à cidade em 5 de abril¹⁰⁸ para um período de “treinamento e concentração”, hospedando-se no hotel Palace, onde todos os membros da delegação ocuparam 9 quartos, e iniciando os treinamentos no campo do Clube Recreativo Caxambuense. A estada em Minas Gerais foi estendida até o dia 28 daquele mês, de onde partiu a seleção com destino à capital paulista para uma sequência de dois amistosos contra um combinado colombiano (a maior parte era de jogadores do Millonários de Bogotá, acrescidos de alguns jogadores colombianos que atuavam na Argentina), adversário que substituiu a seleção do Peru e só chegou a São Paulo pouco tempo antes do primeiro jogo. A imprensa local supervalorizou o jogo teste dos brasileiros – “o grande embate com os

¹⁰⁶ JB, 27 de março de 1954, **Aprovado o roteiro da seleção brasileira**, 2º Cad. p. 2.

¹⁰⁷ JB, 31 de março de 1954, **Campeonato Mundial de Foot-ball**, p. 11.

¹⁰⁸ DN, 06 de abril de 1954, **Possivelmente amanhã o primeiro treino em Caxambu**, 2ª seção, p. 1.

colombianos”¹⁰⁹, “primeira prova de fogo” –, aditivando tal evento como parte de uma urdida comemoração do 60º aniversário da chegada do futebol ao Brasil, que contou com uma “visita ao túmulo de Charles Miller, introdutor do foot-ball no Brasil” e um “almoço íntimo aos capitães das seleções brasileiras”.

Novamente, o planejamento do selecionado seria refeito, agora em consideração à impossibilidade de cumprimento do cronograma inicialmente divulgado. A seleção chegou a Friburgo em 11 de maio para o último estágio preparatório antes do embarque para a Europa; novamente a recepção envolveu as autoridades locais, com festividades e promessas de prêmios aos jogadores (“Os esportistas da cidade, em companhia do prefeito dr. José Eugênio Muller resolveram sortear 6 lotes entre os jogadores da seleção, como uma homenagem da População desta Cidade aos defensores da jaqueta da C.B.D.”¹¹⁰). Em meio aos preparativos na chuvosa cidade serrana, em meados daquele mês, João Lyra Filho – desportista com atuação até os anos de 1930, dirigente do C. R. Botafogo, cartola da Federação Metropolitana de Desportos (RJ) e escolhido nominalmente por Vargas para presidir a CND quando de sua criação em 1941 – foi nomeado “chefe da delegação brasileira” que iria à Suíça. Antes do embarque dos jogadores brasileiros para a Europa, outra viagem, adiantada, envolvendo os membros da seleção, demonstraria ainda mais o distanciamento entre o corpo técnico e o grupo de dirigentes. Na matéria “Anteciparão a viagem os dirigentes da seleção”, o DN apresentou a programação – esta sim cumprida com mais rigor – das viagens dos dirigentes brasileiros, a ser realizada em datas distintas daquelas que seriam feitas pelos jogadores, técnico e médico:

Os dirigentes da CBD que irão à Suíça, já tem o embarque assentado. O sr. Rivadávia Correia Meier, presidente da entidade, seguirá no dia 30 corrente, pelo navio “Augustus”. O sr. Castelo Branco, seguirá dia 10 de maio pelo “Lavoisier”, enquanto que os srs. Irineu Chaves e João Lira Filho seguirão no mesmo dia, porém em avião, para se adiantar à delegação, a fim de solucionar assuntos pendentes.

O sr. João Lira Filho deverá chefiar a equipe, propriamente dita, enquanto que o sr. Rivadávia Correia Méier, dirigirá a delegação ao Congresso Mundial de Futebol que se realizará simultaneamente com o Campeonato. Terá sem dúvida o esporte brasileiro, desta feita, uma chefia à altura do conceito que desfruta no cenário internacional, como, de resto, serão honradas no exterior as nossas tradições de cultura e de inteligência, na representação de Rivadávia Correia Méier e João Lira Filho.

O EMBARQUE DOS JOGADORES

Por outro lado, confirma-se o embarque de toda a delegação nacional para o dia 25 de maio. Em Macolin ficarão apenas os jogadores, técnico, médico,

¹⁰⁹ JB, 02 de maio de 1954, **Esportes – Campeonato Mundial de Foot-ball**, p. 11.

¹¹⁰ JB, 12 de maio de 1954. **Esportes – A concentração dos brasileiros em Nova Friburgo**, 2º Cad. p. 2.

massagista, cozinheiro, roupeiro e o assessor-técnico, sr. Luís Vinhais, sendo que os demais dirigentes se hospedarão em Bienne, situado a 5 quilômetros de Macolin¹¹¹.

Ilustradas com fotos apolíneas do presidente da CBD e do chefe da delegação, a reportagem publicada pelo tabloide carioca explicitava a divisão entre o grupo que ficaria alojado em Macolin, no Instituto Federal de Esportes de Macolin – parte do complexo esportivo que abrigava o Escritório Federal dos Esportes da Suíça¹¹² – e que teria que viajar a 20 dias da estreia do torneio, e o corpo dirigente, que chegaria ao país sede com mais de 40 dias de antecipação e se hospedaria no centro urbano de Bienne.

Estas pequenas questões operacionais e de logísticas são reveladoras, em alguns sentidos, acerca de determinadas prioridades assumidas em relação ao aspecto organizativo e também sobre a demanda que tal empreitada exigia desses agentes do campo futebolístico. Obviamente, estamos apresentando detalhes que põem em xeque algumas questões relacionadas à efetividade dos trabalhos anunciados, o que pode ser ainda melhor ilustrado a partir de duas passagens ocorridas neste contexto. A primeira delas diz respeito à viagem antecipada dos dirigentes; dentre os pretextos veiculados para fundamentar a antecipação estava a necessidade de agendar amistosos preparatórios com as seleções de Portugal e Espanha e, posteriormente, como foi aventado, um embate com a seleção holandesa. De fato, essa empreitada dos amistosos não logrou êxito, e como treino preparatório o selecionado brasileiro enfrentou o Bienne FC¹¹³, uma agremiação local em relação a qual só podemos deduzir que tratava-se de uma equipe sem grandes atributos técnicos, haja vista o placar final de 12x0 para o Brasil – a bem da verdade, tal jogo-treino deve ter servido mais à seleção húngara, que destacou uma parte de sua delegação para acompanhar o desempenho dos brasileiros, já antevendo a possibilidade de um possível embate entre as duas seleções. A segunda passagem é ainda mais embaraçosa por envolver o corte de 3 jogadores às vésperas do embarque para a Suíça; na ocasião, contava o plantel brasileiro com 25 jogadores, sendo que alguns, dentre eles o centroavante Baltasar, encontravam-se em processo de recuperação de lesão física, o que justificava alguns jogadores a mais do que os dois quadros usuais; destes, somente os 22 que seriam inscritos para a disputa da Copa viajariam para a Suíça à custa da CBD e já havia uma predefinição de que três goleiros comporiam o elenco, de modo a restarem 19 jogadores de linha¹¹⁴. Em relação à previsão das dispensas, algo absolutamente

¹¹¹ DN, 11 de abril de 1954, **Antecipação a viagem os dirigentes da delegação**, Suplemento Esportivo, p. 2.

¹¹² Tradução livre de “Eidgenössische Hochschule für Sport Magglingen”, do “Bundesamt für Sport”.

¹¹³ Cf. nota de rodapé 10.

¹¹⁴ A relação final dos 22 inscritos só foi registrada junto à FIFA em 5 de junho, conforme noticiou o JB em 8 de junho de 1954, **Campeonato Mundial de Foot-ball**, p. 12.

normal no meio do futebol, um desconforto seria criado quando da visita, ainda em Friburgo, do “industrial Milton Lundgren, proprietário de uma das conhecidas fábricas de tecidos de todo o Brasil”¹¹⁵; a generosidade do burguês, mesmo “não conhecendo os nomes dos jogadores que seriam privados da viagem à Suíça, por motivos de ordem técnica, prontificou-se a custear a passagem dos mesmos, num gesto que calou profundamente no seio da delegação” e “ganhou também o técnico Zezé Moreira”¹¹⁶. A exemplo do malogro ocorrido na marcação dos amistosos com as seleções de relevante figuração, também no caso dos três jogadores que teriam financiadas suas idas à Europa pelo empresário industrial não se verificou sucesso da empreitada; o assunto foi sendo elidido das reportagens esportivas até não mais ser mencionado, revelando mais uma faceta das flagrantes desinteligências e prioridades assumidas pelo grupo dos gestores.

Após a definição dos 22 eleitos (dispensados Osvaldo, Gérson e Salvador), a delegação embarcou na madrugada do dia 27 de maio, após o já mencionado encontro com Vargas no salão de despachos do Catete. Sobre este evento oficial, fica agora evidente o porquê da presença de algumas autoridades que não estavam relacionadas diretamente com os preparativos da seleção, haja vista o fato de terem viajado antecipadamente os componentes do alto escalão da CBD. O embarque foi reportado pelo DN, que ilustrou a matéria com variadas fotos e um registro do encontro com o presidente, além da impressão de um cartão no qual constavam todos os autógrafos dos jogadores brasileiros, seguido de uma mensagem com “palavras de fé e de esperança”:

A delegação

Eis os que seguiram:

DIRIGENTES: Henrique Barbosa (chefe da embaixada), Canôr Simões Coelho e Gaspar Labarte da Silva.

TÉCNICO: Zezé Moreira.

MÉDICO: Pais Barreto.

JOGADORES: Castilho - Veludo - Cabeção - Pinheiro - Alfredo - Mauro - Santos - Djalma Santos - Dequinha - Bauer - Paulinho - Brandãozinho - Eli - Maurinho - Julinho - Didi - Rubens - Humberto - Bartazar - Índio - Pinga - Rodrigues.

JUIZ: Mário Gonçalves Viana

MASSAGISTA: Mário Américo

ROUPEIRO: Aloísio Araújo

COZINHEIRO: Laudelino de Oliveira

JORNALISTAS: Isaac Cook (representante do "Diário de Notícias"), Ricardo Serran, Tomás Mazzoni, Geraldo José e Claudenir Barbosa^{117 118}.

¹¹⁵ JB, 17 de maio de 1954, **Campeonato Mundial de Foot-ball**, 5º Cad. p. 2.

¹¹⁶ Ibid.

¹¹⁷ DN, 26 de maio de 1954, **Partiram os brasileiros**, 2ª seção, p. 8.

¹¹⁸ Talvez de modo sintomático em relação ao papel desempenhado, o rol apresentado não mencionou o nome de Luís Vinhais, anunciado numa fotos com a função genérica de “administrador da Concentração de Macolin”.

Se nos mantivermos alheios às menções feitas ao “juiz” e aos “jornalistas” – funções somente agregadas à delegação – e outras atribuições fundamentais que não desfrutavam do devido reconhecimento técnico (“massagista”, “roupeiro” e “cozinheiro”), a enxuta relação apresentada pelo DN é importante para pautarmos as representações técnicas dos personagens envolvidos com o selecionado.

2.2.3. *Copa de 58*

Após a derrota para a Hungria nas quartas de final da Copa de 54, a seleção brasileira voltaria a se reunir somente em setembro do ano seguinte, para a disputa das Taças Bernardo O'Higgins (duas partidas contra o Chile) e Oswaldo Cruz (igualmente duas partidas, contra o Paraguai). Para esses torneios amistosos, que ocorreram com jogos sequenciais (18 e 20 de setembro, contra o Chile, e 13 e 17 de novembro contra Paraguai) alternando Maracanã e Pacaembu, a CBD optou por escalar quatro técnicos e duas seleções diferentes: para os jogos no Rio de Janeiro, a seleção carioca, sob o comando de Zezé Moreira, primeiro, e Flávio Costa depois; para os confrontos em São Paulo, a seleção paulista foi comandada por Feola em setembro e Osvaldo Brandão em novembro.

Em janeiro de 56, Brandão novamente voltaria ao cargo de técnico do selecionado, desta feita para a disputa do Sul Americano “Extra” (denominação dada em função de ter sido organizado fora da inconstante cronologia bienal); numa campanha somente regular (duas vitórias, duas empates e uma derrota) que deixou o Brasil no amargo 4º lugar dentre os seis participantes.

Alguns outros jogos não oficiais se seguiram – bem como uma vitoriosa campanha brasileira representada pela seleção gaúcha nos jogos Pan-Americanos do México de 56 – e a CBD trouxe novamente Flávio Costa ao comando técnico do selecionado, que seguiria no cargo até o final daquele ano (8 vitórias, 3 empates e 3 derrotas). Em março 57, para mais uma disputa de Campeonato Sul-Americano, desta feita ocorrido no Peru, novamente Osvaldo Brandão seria chamado (4 vitórias e 2 derrotas, com quedas frente aos rivais Uruguai e Argentina); com vice-campeonato, Brandão seria mantido no cargo para a subsequente disputa das eliminatórias da Copa de 1958 (1x1 e 1x0 contra a seleção do Peru) assegurando a vaga para o mundial sob alguma desconfiança da imprensa e dos dirigentes esportivos.

Em meados de 57, numa desprezível e desorganizada convocação para a Copa Roca, seria iniciada a trajetória de Pelé pela seleção brasileira. À época, o jogador do Santos F.C. tinha somente 16 anos e 8 meses; reportou assim¹¹⁹ o JB os entornos de sua primeira convocação, que além de simbólica – por envolver o futuro jogador de maior relevo no futebol mundial – é reveladora do funcionamento da estrutura burocratizada dos então gestores do futebol brasileiro:

Cumprindo compromisso anteriormente assumido, a Confederação Brasileira de Desportos terá que apresentar um “scratch” brasileiro para enfrentar a seleção argentina de foot-ball em disputa da “Taça Roca”.

Trata-se, como se vê, de importante prélio em que se acha em foco o prestígio do foot-ball nacional. Não cabe, agora, malsinar o que já está feito, mas desejar apenas que a nossa representação, mesmo arrumada às pressas, sem o menor treino de conjunto, contando apenas com a boa vontade de uns jogadores e a virtuosidade de outros, possa fazer boa figura diante de um competidor de alto valor, como o argentino.

Até hoje não se sabe, ao certo, como será formada a equipe brasileira que jogará domingo. (...)

Oxalá seja esta a última vez que se fique estarrecido com o que está acontecendo. Há menos de quatro dias, os brasileiros ignoram como ficará constituída a sua representação para enfrentar tão possante rival ! Mas é uma triste realidade. Enfim, como dizem que Cristo é brasileiro...¹²⁰.

Mesclada a certa temeridade em relação ao selecionado argentino, tenta a matéria apresentar uma leitura sobre a “triste realidade” da organização do futebol brasileiro; segundo este viés, a “boa vontade” e o “virtuosismo” dos jogadores brasileiros eram as únicas armas terrenas para se enfrentar um “possante” adversário que recentemente havia conquistado o Campeonato Sul-Americano. Ademais, somente o apelo a uma intervenção divina – pelo que é deixado transparecer, tal fator não deveria ser desconsiderado – poderia mudar os rumos de uma árdua tarefa que se resignava em “fazer boa figura” diante da trágica situação que colocava em risco “o prestígio do foot-ball nacional”.

Na mesma matéria, mas em outro tópico intitulado “Conhecida a lista de jogadores paulistas para a seleção”, ainda seria possível tomar parte de algumas características veiculadas acerca do envolvimento dos dirigentes e, nominalmente, dos envolvidos no processo da convocação do time brasileiro:

Em reunião efetuada esta manhã na sede da FPF, com a presença dos Srs. Abílio de Almeida, presidente em exercício da CBD, Abraham Tebet, membro do CTF, Mozart Machado Di Giorggio, Deputado Mendonça Falcão, presidente da FPF, do supervisor Paulo Machado de Carvalho, do assistente técnico Vicente Feola e dos presidentes Cícero Pompeu de Toledo, Mário Beni, Luís Portes Monteiro, do

¹¹⁹ JB, 03 de julho de 1957, **As grandes partidas de Foot-Ball internacional – Domingo, no Maracanã, entre as seleções brasileira e argentina de foot-ball**, 3º Cad., p. 1.

¹²⁰ Ibid.

representante do Santos, Marcelo de Castro Leite, tendo a secretaria-la o Sr. Júlio Fantauzzi, foram escolhidos os jogadores paulistas que formarão na seleção brasileira para as duas peijas da Taça Roca contra os argentinos, ficando a lista apresentada de jogadores cariocas, para ser confirmada quando da chegada dos dirigentes cariocas à capital da República.

(...)

Hoje pela manhã a apresentação – A apresentação dos jogadores bandeirantes foi marcada para hoje, às 9 horas, na sede da Federação Paulista, para um exame médico, devendo seguir os jogadores para o Rio no dia seguinte para se apresentarem ao técnico Sílvio Pirilo. O médico será o Dr. Hilton Gosling, massagista Mário Américo e o roupeiro Francisco de Assis.

Falando à reportagem ressaltou o supervisor da seleção que a convocação dos jogadores paulistas obedeceu unicamente ao critério de serem escolhidos elementos que estejam aptos física e tecnicamente, no momento, para servir à seleção brasileira (...)¹²¹.

Por óbvio, é bastante relevante o fato de estarem praticamente desvinculadas a crítica apresentada no início da matéria e sua segunda parte, quando são anunciados os jogadores e um grandioso grupo de dirigentes envolvidos na convocação. Contudo, como não compõe nosso intento prioritário analisar as possíveis e notórias relações entre alguns segmentos da imprensa escrita e o corpo diretivo do desporto nacional, julgamos ser importante lançar luz sobre a apresentação de um rol de 11 personagens que, frequentemente elencados, passariam a figurar no noticiário esportivo ganhando ainda maior destaque ao longo daquele ano e dos subsequentes. Tal perspectiva fundamenta-se também por ser o segundo semestre de 1957, o momento da definitiva preparação para a eleição da nova presidência da CBD, como veremos no decorrer de nosso texto.

Nesse contexto é importante registrar, de modo particular, a emergência de Paulo Machado de Carvalho, então reportado na matéria, ou seja, já em meados de 57, como “supervisor” da CBD, e sobre o qual um longo debate iria se consolidar, nos meses subsequentes, em relação à suas ligações com os órgãos e instâncias da CBD.

Antes, porém, entendemos ser conveniente abrir dois breves parênteses para apresentar panoramicamente os personagens de Paulo Machado de Carvalho e de João Havelange. Ambos tiveram destacado papel no processo em torno do qual o corpo técnico que se constituiu ao redor da seleção foi alçado à condição do grupo dos atores principais no cenário futebolístico brasileiro.

¹²¹ Ibid.

2.2.3.1. *Paulo Machado de Carvalho*

Paulo Machado de Carvalho, notável dirigente esportivo, homenageado com a atribuição de seu nome ao Estádio Municipal do Pacaembu, em São Paulo, Chefe da delegação brasileira nas vitoriosas campanhas que conquistaram o bicampeonato mundial de seleções, teve uma vida pública bastante relevante no cenário midiático brasileiro desde a década de 30 do século XX até sua morte, no início dos anos 90. Sua trajetória à frente de órgãos de imprensa, oficialmente, segue o script de uma verdadeira batalha, ganha a duras penas, com muito trabalho e uma generosa parcela de sorte que sempre é invocada como companheira daqueles que muito lutaram para construir suas conquistas. E Paulo Machado de Carvalho, sem sombra de dúvidas, consolidou um verdadeiro império no mundo das comunicações.

Em busca de mais detalhes sobre sua história, de modo a nos ajudar a compor o quadro público de sua figura associada à seleção brasileira de futebol, fomos a busca de outras fontes além dos periódicos consultados; assim, nos deparamos com uma biografia produzida pelos jornalistas Tom Cardoso e Roberto Rockmann: “O Marechal da Vitória: Uma História de Rádio, TV e Futebol”, publicada em 1ª edição no ano de 2005¹²². Como o próprio título da obra sugere, trata-se de uma biografia escrita com a feérica pena da história oficial, produzida numa forma de parceria com os descendentes diretos de Paulo Machado de Carvalho, sobretudo seu filho e seu neto que carregam a linhagem e o mesmo nome do famigerado dirigente. Na envolvente narrativa, os autores apresentam alguns meandros de gloriosas passagens sobre o futebol, a imprensa e, mais sutilmente, sobre a política brasileira. É relevante atentarmos para tais aspectos do trabalho biográfico, pois o fazemos com o intento único de constituir maior embasamento acerca dos detalhes coletados sobre este personagem nos periódicos e na bibliografia por nós analisados; embora consideravelmente importantes, não nos são definitivamente relevantes, neste processo, os qualitativos pessoais que compreendem a formação de sua personalidade. Igualmente, seu envolvimento com determinados personagens da cena política e principalmente com os setores da imprensa escrita, radiofônica e televisiva, nos são relevante na medida em que se imiscuem com sua

¹²² Freitas Jr. (2009) também faz uso desse e de outros trabalhos biográficos e autobiográficos: “Para ter uma melhor compreensão da forma com que os agentes vinculados ao selecionado nacional representaram os acontecimentos” (p. 26). Nosso intento, ao recorrer novamente a essa fonte sem ficar restrito aos usos observados no trabalho do historiador paranaense, vai no sentido de tentarmos extrair da biografia citada indícios mais adequados aos desígnios desta pesquisa e apresenta-los entremeados à nossa própria leitura conceitual.

ação como agente do campo esportivo do futebol e, desse modo, são determinantes em sua atuação como figura pública. Dessa forma, alguns pontos de referência nos ajudaram a situar os processos pelos quais Paulo Machado de Carvalho iria desempenhar determinados papéis à frente da CBD, encampando uma forma ideológica de representação de autoridade e atuando como veículo capaz de catalisar a ação de outras personagens no processo histórico por nos focado.

Sua biografia o descreve como um membro da alta sociedade paulistana, oriundo de uma católica “família quatrocentona” (CARDOSO & ROCKMANN, 2005, p. 15), cuja matriarca, Brasília Leopoldina Machado de Oliveira, havia sido condecorada nobiliarquicamente com o título de baronesa, filha de Brasília Augusto Machado de Oliveira, presidente da província do Paraná na década de 80 do século XIX. O jovem Paulo Machado de Carvalho deixou de lado a promissora carreira de bacharel em Direito – após formação no Largo São Francisco e complementação dos estudos no continente europeu – na qual poderia se filiar aos negócios do pai, um tradicional comerciante que ocupou o cargo de presidente da Associação Comercial de São Paulo, para se aventurar, ainda em 1931, num ramo bastante seminal das comunicações. Empregando um quinhão de suas economias, comprou uma “rádio moribunda” (Ibid.) em 1931, por 25 contos de réis, em sociedade com mais duas pessoas, e deu início a uma carreira que em pouco tempo teria uma ascensão meteórica.

À frente da Rádio Record, seus antigos negócios mantidos no ramo dos anúncios, numa forma ainda incipiente da publicidade urbana moderna, experimentariam um crescimento suntuoso que seria acompanhado, mais adiante, pelo alavancamento do rádio como instrumento de comunicação de massas. Sua biografia o descreve como supersticioso, detentor de um “fervor católico” (p. 95) – mais tarde cultivado em torno da escolha da camisa azul da seleção, na final da Copa de 1958, em alusão ao manto de Nossa Sra. Aparecida –, negociador eficiente e vitorioso. Esses últimos adjetivos não são empregados como qualitativos meramente associados aos negócios comerciais, mas, sobretudo, no sentido de conseguir fazer confluir para seus interesses tanto situações aparentemente insolúveis e contrárias, como adversários pessoais de quaisquer campos. Em síntese, Machado de Carvalho é descrito como hábil promotor de sua própria imagem, de sua carreira e de seus negócios.

Nesse contexto, o trabalho de Cardoso e Rockmann descreve a rádio Record como emissora alçada à condição de principal veículo de comunicação entre a população e os revoltosos paulistas durante a Revolução Constitucionalista de 1932. A astúcia negociadora de Paulo Machado de Carvalho é descrita como capaz, a um só tempo, de alinhar-se aos

anseios dos insurgentes paulistas, conquistando confiança e cumplicidade; mesmo assim, sem se assumir oficialmente enquanto vetor dos revolucionários; rapidamente “(...) a PRA-R [Rádio Record] tinha se transformado praticamente em um QG do movimento. Do número 17 da Praça da República saíam comboios de mantimentos para os combatentes, arrecadados graças ao mutirão organizado pela Record em parceria com setores da Igreja Católica e do M.M.D.C.”. A ambiguidade do envolvimento e afastamento visava garantir o funcionamento e manutenção da rádio em quaisquer dos cenários políticos que se anunciassem. Uma vez abafada a revolta, Carvalho usa as mesmas habilidades para contornar a onda de cassações a emissoras de São Paulo, usando do repertório clientelista e do apadrinhamento que grassavam na sociedade da época e que permitiam à sua família algumas vantagens restritas a determinados círculos, conseguindo convencer os censores de Vargas do capital social que poderia ser compartilhado pela emissora:

“A situação só começou a melhorar quando o general Cordeiro de Farias, nomeado por Vargas, assumiu a chefia de polícia em São Paulo. Homem sensato, com bom trânsito na sociedade paulistana – sua irmã, Araci, era casada com o filho de Arnolfo Azevedo, que mantinha laços estreitos com a família Machado de Carvalho –, Cordeiro de Farias convocou Paulo Machado para uma longa conversa (Ibid., p. 54).

De modo subsequente, “Vargas, impressionado com o poder de sedução da Record, não demoraria muito para se beneficiar politicamente da rádio” (Ibid., p. 55) e embora a relação entre ambos tenha sido descrita como conflituosa, uma profícua simbiose parece ter se estabelecido entre o governo federal e esse segmento da imprensa paulista.

Paralelamente à próspera vida de empresário do ramo da comunicação, Paulo Machado de Carvalho mantinha estreitos laços com a alta sociedade paulistana por meio dos clubes sociais e esportivos da cidade. Na condição de sócio do Club Athletico Paulistano, um dos clubes mais distintos e importantes no processo de introdução do futebol em território brasileiro, Machado de Carvalho se envolveu com o esporte bretão e com os organizadores dos campeonatos e associações que passariam a organizar o futebol em âmbito estadual. Neste ponto, é importante fazer um brevíssimo aporte conceitual acerca de tal ambiência; como aponta Franco Jr. (2007), a participação ativa na vida dos clubes, especialmente se tomada pela prática do futebol, é reveladora de pressupostos sociais e de dinâmicas então em voga no aflorar de um novo século marcado pela modernidade e pela vida citadina:

Colégios e clubes constituíam-se em espaços restritivos de formação, lazer e sociabilidade da elite, que procurava se fortalecer, num movimento endógeno, por meio da difusão de vínculos de solidariedade e do consequente afastamento dos demais setores sociais. Tais agentes detinham tanto os instrumentos necessários (e

dispendiosos) para a prática do futebol – bolas, chuteiras, uniformes, campos gramados – quanto os saberes, regras, técnicas e terminologia inglesa.

O futebol tornara-se um novo item da modernidade europeia que não podia faltar aos anseios de atualização da elite brasileira e que devia por isso ser praticado por pessoas de igual condição social e racial. (FRANCO JR., 2007, p. 62 e 63)

Nesse meio restrito, Paulo Machado de Carvalho é biografado como um dirigente que trabalha no sentido oposto à distinção social imposta pelo futebol recém-introduzido no Brasil, tendo empreendido seus esforços para superar a cisão provocada no esporte no posterior processo acachapante de profissionalização. Entretanto, o Paulistano, que ainda hoje é reconhecido como uma agremiação que refutou o profissionalismo como parte de um projeto que não cedia às dinâmicas de ressignificação social do futebol, impôs a Paulo de Carvalho a tarefa de assumir uma postura que não condizia com a proposta do clube:

Em 1930, quando diretores do Club Athletico Paulistano, contrários à profissionalização do esporte, decidiram dissolver o time de futebol, Paulo Machado bateu o pé: onde já se viu um clube sem futebol? Ao lado de outros sócios, lutou pela fundação do São Paulo da Floresta, em 1934, mas, insatisfeito com o perfil elitista do clube – mais preocupado em cuidar da sede social do que em montar um bom time de futebol –, apoiou a saída do grupo que formaria o São Paulo Futebol Clube em 1935. (...)

Apesar de frequentar os bastidores do futebol desde os tempos do Paulistano, Paulo Machado só começaria a carreira de dirigente em 1935, convidado para integrar a Liga Paulista de Futebol (CARDOSO & ROCKMANN, 2005, p. 85 e 86).

Sua trajetória como dirigente esportista seria alavancada a partir de 1935 quando, ocupando cargos no São Paulo F.C. e na LPF, passaria a concentrar poderes e responsabilidades em meio ao processo de afirmação do tricolor paulista no novo cenário futebolístico profissional. Integrando as primeiras gestões presidenciais do clube, Machado de Carvalho é descrito como um dirigente que desde o início de sua carreira impôs alterações na ordem do funcionamento do esporte e nas relações que eram estabelecidas com o grupo de jogadores:

Como diretor de esportes, na gestão de Roberto Gomes de Pedrosa, Paulo Machado promoveu mudanças profundas no departamento de futebol. Instituiu, de forma inédita, regras severas para os jogadores, acostumados à boa vida do amadorismo. Se algum atleta frequentasse boates sem autorização do clube, chegasse atrasado ao treino ou brigasse com um companheiro de time, passava a ser multado pela diretoria. Paulo Machado mantinha a ordem dentro de campo (...) (Ibid., p. 86).

É interessante observar que as mesmas precauções que são encampadas para garantir o posicionamento politicamente acertado do biografado frente à ruptura racial explicitada pelo antagonismo amadorismo-profissionalismo não se refletem no excerto acima, quando os futebolistas provenientes do modelo amadorístico são tachados como “acostumados à boa

vida”, cujo comportamento não se adequava aos padrões esperados para os então novos profissionais da bola. Significativa é a menção a uma possível e faceciosa autorização dada a jogadores para que fosse permitido frequentar boates, sendo esta mais uma das medidas organizativas atribuídas a Machado de Carvalho. Nos registros de suas atividades, transparece uma atuação dirigente que consegue suplantar e elidir as contendas que Franzini (2001) chamou por “barreiras econômicas, sociais e raciais”:

(...) a necessidade de vitórias era questão de sobrevivência para os clubes, que se pegavam obrigados a atrair os melhores jogadores para os seus quadros, única forma de mandar a campo ‘a turma que soubesse vencer’. Isso não apenas implicou o estremecimento das barreiras econômicas, sociais e raciais que definiam um ‘perfil ideal’ para os atletas, como disseminou por praticamente todos os clubes atitudes como a oferta de dinheiro e outras vantagens para aqueles que viessem a vestir sua camisa (FRANZINI, 2001, p. 61).

Efetivamente, a imagem associada a Paulo Machado de Carvalho, assim como a de seu parceiro mais próximo na CBD, João Havelange – como veremos mais adiante –, flerta sempre com a narrativa de valorização de um fundamental e necessário impulso profissionalizante do futebol, promovido por suas mãos e já experimentado pela vivência de ambos no mundo empresarial, tanto em relação às estruturas organizativas da classe dirigente como nas formas de modulação do preparo dos jogadores. Em meados dos anos 1930 e início dos 40, a afirmação deste modelo profissional, sobretudo quando vista sob a retrospectiva biográfica destes personagens, automaticamente negava e sobrepujava os ranços e vícios de um amadorismo, que em relação aos jogadores se manifestava mormente por meio das relações de trabalho e das disposições regimentares; já sobre os dirigentes, a transposição de um modelo ao outro assumia essencialmente ligação com a conduta moral assumida por eles próprios à frente de clubes e federações, ainda que houvesse alterações normativas em relação à ordem de funcionamento do esporte. É assim que Paulo Machado de Carvalho é reportado, atuando em franca oposição aos “dirigentes amadores”, desde suas primeiras incursões no campo do futebol, ou, mais tarde, em combate às causas atribuídas às derrotas da seleção brasileira de 1950 e 1954: “cartolas incompetentes, que confundiam raça com ufanismo, disciplina com humilhação” e que haviam contribuído para a tese de que “jogadores negros e mulatos não tinham preparo psicológico para enfrentar decisões” (CARDOSO & ROCKMANN, 2005, p. 142-43).

No SPFC, tão rápida quanto sua ascensão às fileiras da mais alta cúpula do clube, foi sua desilusão com as atribuições que circundavam as tarefas da presidência do clube. Eleito presidente em 1940, Machado de Carvalho passou pouco tempo “cuidando de assuntos

burocráticos” e abdicou do posto para retornar às funções “dentro de campo, próximo aos jogadores” (Ibid., p. 86), onde anunciava estar mais à vontade. Embora descrito como portador de uma personalidade centralizadora e de uma autoridade que emanava respeito e temor aos seus subordinados, Paulo Machado de Carvalho é registrado como notável articulador de “estilo doce e paternal”, “diferente da maioria dos dirigentes esportivos” e que “consegua, com muita conversa, manter uma relação de cumplicidade com os atletas, sem perder a autoridade” (Ibid., p. 89). Fazendo uso dessas habilidades, Carvalho foi capaz de fazer até mesmo o inflexível Leônidas da Silva, já então disposto a não mais voltar a jogar futebol, a abandonar a tranquilidade da vida de levava no Rio de Janeiro para recomeçar a carreira de jogador no tricolor paulista.

Leônidas, cujo temperamento sempre foi lembrado por fugir ao reverente senso comum atribuído aos disciplinados futebolistas, é relatado como alguém que guardou, durante todo o processo de transferência do Flamengo (clubes ao qual estava preso seu passe) para o São Paulo e até mesmo após encerrar sua carreira como jogador, lealdade e cumplicidade ímpar com o dirigente paulista. Machado de Carvalho é relatado como um dos principais mentores da vinda de Leônidas para o São Paulo e, a despeito da grandiosa quantia empregada em sua transferência – 200 contos de réis –, que rendeu ao “Diamante Negro” a pecha de “Bonde” (jogador fora de forma, já distante da boa condição que desfrutara outrora e, portanto, um mau negócio), o jogador desempenharia importante papel no processo de popularização do tricolor paulista e nas campanhas vitoriosas dos campeonatos paulistas de 1943, 45, 46, 48 e 49.

De todo modo, mesmo com o registro biográfico citado, não foi possível precisar quando Paulo Machado de Carvalho começa efetivamente a militar na Federação Paulista de Futebol (que suplanta as cisões entre LPF e APEA a partir do início dos anos 40); uma vez credenciado como dirigente paulista, é “Indicado em 1953 para a diretoria de futebol da CBD pelo amigo e então presidente da Federação Paulista de Futebol Roberto Gomes Pedrosa (...)” (Ibid., p. 142). Como já mencionamos, desde pelo menos os preparativos para a Copa de 1954 há citações a seu nome atuando junto ao Conselho Técnico de Futebol da CBD e exercendo, subsequentemente, a função de supervisor da CBD, antes mesmo de 1958; um pouco mais adiante, não raras vezes, Paulo Machado de Carvalho é reportado como um dirigente portador de uma carreira já consolidada nos bastidores do futebol brasileiro: “veterano e proficiente

batalhador do esporte nacional”¹²³, remetia o JB, na cadência dos debates sobre a nova diretoria anunciada pela gestão Havelange à frente da CBD.

De volta à sua atuação junto aos organismos de imprensa, paralelamente à ascendente Rádio Record, Paulo Machado de Carvalho estaria à frente de um crescimento descomunal de seus negócios, explicado sem sólida argumentação e narrado apenas de modo tangencial por sua biografia. Em parceria com seu cunhado, João Batista “Pipa” do Amaral, Machado de Carvalho mantinha negócios com outras empresas de rádio, como a Rádio São Paulo (fundada em sociedade ainda na década de 30, tendo sido vendida posteriormente à Família Saad; hoje parte do grupo midiático associado à Igreja Universal do Reino de Deus), e a parceria entre ambos se estenderia em outras frentes. Em 1943, Machado de Carvalho passa a investir em outras emissoras, comprando a Rádio Panamericana, cujo principal especialidade era a transmissão de rádio novelas; em pouco tempo a transforma numa rádio especializada em cobertura esportiva (que mais tarde seria rebatizada como Rádio Jovem Pan), entregando o comando da mesma a seu filho, Paulo Machado de Carvalho Filho – que mais adiante traria o mesmo Leônidas da Silva, já aposentado do futebol, para a função de comentarista esportivo da emissora. Ainda passaram a fazer parte dos negócios de Paulo Machado de Carvalho a Rádio Excelsior (inaugurada ainda na década de 30, inicialmente especializada em música erudita, passando na década de 50 a operar sob o nome de Rádio Nacional de São Paulo, para nos anos 60 ser incorporada às organizações Globo,; hoje Rádio CBN de São Paulo), a Rádio Cultura de São Paulo (adquirida por Machado de Carvalho junto à família Fontoura nos anos 40, depois repassada às Organizações Victor Costa, e em fins da década de 50 sendo vendida ao Grupo Diários Associados; próximo da década de 70 foi incorporada pela Fundação Padre Anchieta) e a Rádio Bandeirantes (adquirida por Machado de Carvalho, posteriormente vendida a Adhemar de Barros para finalmente passar a ser controlada por sua atual gestora, a família Saad).

O poder e a expansão do grupo controlado por Machado de Carvalho o conduziram ao centro das disputas midiáticas em fins da década de 40: as concessões para exploração de canais televisivos. Em 1951, o governo de Getúlio Vargas “havia dado a concessão para ele abrir dois canais de televisão, em sociedade com o cunhado Pipa Amaral” (Ibid., p. 113), sendo uma no Rio de Janeiro e outra em São Paulo. Por fim, a sociedade se quedou com Paulo Machado de Carvalho ficando na capital paulista, à frente da TV Record, e “Pipa” seguindo para o Rio, com a TV Rio. Juntas, as emissoras de TV e as rádios controladas por Paulo

¹²³ JB, 01 de fevereiro de 1958, **O Supervisor e a lei da C.B.D.**, coluna de Célio de Barros, 2º Cad., p. 1.

Machado de Carvalho e seu cunhado formavam uma grande corporação midiática chamada “Rêde Unidas de Televisão e Rádio”, ou simplesmente “Emissoras Unidas”. À época, as Emissoras Unidas formavam junto com o conglomerado controlado por Assis Chateaubriand, os “Diários Associados”, que dentre os órgãos controlados detinha a TV Tupi, duas das maiores corporações midiáticas do Brasil.

É nesse contexto de atuação como dirigente esportivo junto aos grandes clubes de São Paulo, junto à Federação Paulista e à CBD, além da preponderância nos meios de comunicação também no eixo Rio-São Paulo que Paulo Machado de Carvalho recebe o convite de João Havelange, em 1957, para integrar a chapa que concorreria à presidência da CBD – João Havelange, então vice-presidente da entidade, sairia como candidato à presidência e Paulo Machado de Carvalho como vice. Tal associação formava o grupo “da situação”, ou seja, pertencente ao mesmo conjunto de dirigentes que então comandavam a CBD na gestão anterior.

2.2.3.2. João Havelange

A exemplo do que expusemos acerca de Paulo Machado de Carvalho, com relação ao uso de sua biografia para os intentos da presente pesquisa, igualmente entendemos ser válido o mesmo introito para a personagem de João Havelange. De tal forma, lançamos mão do uso de tais registros com o objetivo prático de melhor compreender as dinâmicas históricas já plasmadas no imaginário torcedor e também esclarecer os papéis públicos relacionados ao futebol desempenhados por tais atores.

“Jogo Duro” é a biografia do ex-presidente da CBD e da FIFA, lançada em primeira edição em 2007. Em alguns aspectos, o trabalho do autor, Ernesto Rodrigues, jornalista com notória e destacada passagem pela Rede Globo, difere da abordagem que vimos em relação a Paulo Machado de Carvalho em função de alguns fatores. Aqui, o biografado acompanha os trabalhos do escritor, e de certo modo tenta submeter a seu crivo as informações reportadas; obviamente que esse último aspecto só tem relevância em função do personagem do livro estar vivo e aparentemente no gozo de suas plenas faculdades mentais durante todo o processo de pesquisa, o que se constitui numa diferenciação substancial sobre o trabalho de Machado de Carvalho, haja vista uma percepção trivializada de se buscar preservar a memória de um

biografado já finado, sobretudo quando à frente deste trabalho encontram-se pessoas com parentesco bastante próximo do personagem central da trama.

Seguindo nessa linha, Rodrigues intitula o trabalho de modo a impactar e externar uma alentada contenda com o biografado, supostamente ocorrida instantes antes – e, também, imediatamente após – o lançamento do livro, de modo, talvez, a afiançar maior credibilidade ao seu trabalho, intentando assim evocar um distanciamento do caráter de oficialidade que reveste a maior parte das histórias apresentadas¹²⁴. O argumento de que o biógrafo teria sempre a última palavra em relação ao que seria publicado, figurou como um dos pressupostos básicos do seu trabalho: “João Havelange foi a primeira pessoa a ler esta biografia. E não gostou de tudo que leu” (RODRIGUES, 2007, p. 9), é o tom dado logo na introdução do trabalho. Contudo, o projeto inicialmente já previa como objetivo “resgatar sua trajetória ‘como esportista, dirigente e cidadão brasileiro’” (Ibid.), e, nesse sentido, se por um lado a obra apresenta Havelange sem a pretensão de idealizá-lo como modelo irreparável de conduta, como pessoa dotada de um “estilo autocrático e imperial de administrar” (p. 10), por outro, ao buscar relatar as facetas do “dirigente esportivo mais poderoso do século XX” (p. 17), muito pouco consegue se distanciar de uma valorização de sua imagem e de uma narrativa oficial, acrítica e até mesmo adúladora em muitos momentos.

O homem que esteve à frente da organização mais poderosa do futebol mundial por 24 anos, de 1974-98 (muito embora poderíamos considerar seu envolvimento com a FIFA por 39 anos, de 1974 até a renúncia em 2013 ao cargo de “Presidente de Honra” da entidade, em função de disposições regimentares que o imunizariam, uma vez fora da Federação, de investigações penais sobre sua participação no “Caso ISL”, que envolvia propina, suborno e extorsão em contratos publicitários da entidade¹²⁵), embora mais recentemente tenha experimentado alguns moderados cerceamentos à sua personalidade pública, ainda hodiernamente, mas, sobretudo ao longo de sua carreira como presidente da FIFA, recebeu da mídia brasileira um tratamento bastante próximo daquilo que Helal chama por “figura mítica” (HELAL, 1999, p. 38), ressaltando para tanto as aplicações às diferentes modulações de “paradigmas e idealizações de sucesso” (HELAL, 2001, p. 136) identificadas em relação aos esportistas brasileiros.

¹²⁴ Tal abordagem ficou mais bem evidenciada quando do pré-lançamento do filme “Conversa com JH”, em outubro de 2013, dirigido pelo mesmo Ernesto Rodrigues. Na película, o escritor/diretor enfatiza os vetos e restrições impostas pelo cartola ao longo do percurso de levantamentos e pesquisa para a escrita do trabalho vinculado ao filme a ideia de um “trabalho biográfico não autorizado”.

¹²⁵ Cf.: JENNINGS, Andrew. **Jogo sujo**: o mundo secreto da Fifa. 1.ed. São Paulo: Panda Books, 2011.

João Havelange nasceu Jean-Marie Faustin Goedefroid Havelange, em 1916, numa família belga que migrou para o Brasil em 1913. Seu pai, Faustin, “representante no Brasil da Fábrica Nacional de Armas de Guerra da Bélgica e da Sociedade francesa de Munição” (RODRIGUES, 2007, p. 19) deu à família uma boa qualidade de vida na região do bairro do Cosme Velho, na crescente Rio de Janeiro do início do século XX. Sua família, de um anunciado “fervoroso catolicismo” (Ibid., p. 22) – a exemplo de Paulo Machado de Carvalho – e de bons relacionamentos sociais, tinha trânsito livre na alta sociedade carioca, convivendo com personalidades do mundo artístico, político e com industriais de destaque no cenário econômico.

Faustin é relatado com um homem que sempre manteve contato com o universo esportivo. Ainda na Bélgica, esteve entre os sócios responsáveis por fundar o Standard de Liège, clube ligado a um tradicional colégio de jesuítas, o Collège Saint-Servais. Uma vez no Brasil, manteve contato, ainda que de modo sutil, com as atividades esportivas até o momento em que seu filho, João, começa a se interessar pela prática do futebol. Faustin teria aconselhado João a desistir de praticar o *football* e dedicar-se aos esportes aquáticos, no que teve seus anseios atendidos. Tais questões são apresentadas na biografia como uma forma de apresentar pequenas provas contra um argumento sempre invocado contra João Havelange, o de que ele não seria um homem do meio esportivo, mas sim um empresário que, por uma confluência de interesses e conveniências, teria assumido os cargos na CBD e posteriormente na FIFA.

Nesse sentido, outras aptidões e argumentos são apresentados acerca de Havelange e sua conexão com o esporte. Primeiramente, sua trajetória como nadador e posteriormente como atleta de *water polo*, tendo participado, em 1936, então com somente 20 anos de idade – ao lado de outros nomes de destacado relevo no desporto nacional, como Maria Lenk e Sylvio Padilha – da representação brasileira nas olimpíadas de Berlin. A abordagem dada a esses jogos, feita *a posteriori*, seria motivo de diversas acusações das quais Havelange se viu obrigado a defender-se; para ele:

A organização, a atenção ao detalhe, a eficiência, tudo foi grandioso e perfeito. As Olimpíadas de Berlim foram um dos maiores espetáculos que já presenciei na vida. Viajamos em trens excepcionais, de primeira classe e com desconto de 75% para quem era atleta. Todos pareciam felizes. Foi inegavelmente um momento inesquecível e maravilhoso (Ibid., p. 27).

Segundo seu biógrafo, “Havelange não viu e nem estava à procura do ovo da serpente nazista naquela Olimpíada” (Ibid., p.28), já que seu interesse “era esporte, e ponto final” (Ibid.). E, de fato, João Havelange procurou imprimir à sua figura pública, exatamente um distanciamento

da política institucional: “Aprendi a nunca querer emprego ou negócio com o governo. Você vira um infeliz quando se mete com o governo” (Ibid., p. 19), foram as considerações anunciadas pelo próprio Havelange, ainda antes de sua extraordinária ascendência como dirigente esportivo, após ver seu pai vencer por três vezes licitações públicas para fornecer armamento e munições ao exército brasileiro e ter o negócio cancelado em atendimento a interesses “políticos” obscuros. Tal aprendizado, no entanto, assumiria diferentes significados ao longo dos anos de vida de João Havelange. Nos preparativos para a Copa de 1958, pediu e conseguiu junto ao governo federal, mais especificamente a Juscelino Kubitschek – relatado como amigo de Havelange desde os tempos de infância – considerável aporte financeiro para financiar a ida da seleção ao mundial. Em 1964, às vésperas do golpe militar brasileiro, João Havelange, então presidente reeleito da CBD, “já exercitava, na época, o que para a maioria de seus amigos foi a mais extraordinária de suas habilidades: transitar com desenvoltura e suavidade pelos corredores do poder, independentemente do partido, do regime, do rei ou do ditador da vez” (Ibid., p. 73).

Sintomático desses aprendizados que são remodelados ao sabor da conveniência dos ventos, foi a manifestação daquela que seria exaltada como a característica mais associada à sua personalidade: o pragmatismo. Com a morte de seu pai, em 1934 – “morreu sem deixar fortuna”, legando aos seus herdeiros bens que “resumiam-se a algumas casas que ele comprara no bairro do Méier para alugar” (Ibid., p. 25) – o jovem João, então com 18 anos, viu-se obrigado a buscar emprego e, para tanto, recorreu às amizades cultivadas pelo próprio pai junto à elite empresarial carioca. Envolveu-se no ramo da indústria metalúrgica, trabalhou como representante comercial, e veio para São Paulo no início dos anos 40, já formado bacharel em Direito.

Na capital paulista, “começou a conviver com a melhor gente de São Paulo nas piscinas dos clubes da elite paulistana. E conquistou as pessoas” (p. 34), nas palavras de um dos entrevistados pelo biógrafo para o trabalho de pesquisa do livro. O clube ao qual Havelange havia se filiado era o Clube Espéria¹²⁶, tradicional agremiação da zona norte paulistana, localizada às margens do Rio Tietê. Dedicado sobretudo aos esportes aquáticos (náuticos), o clube reunia imigrantes italianos que formavam e se relacionavam com a alta sociedade paulistana; foi lá que Havelange assumiu as primeiras atividades administrativas relacionadas ao esporte: tornou-se diretor de esportes aquáticos do Espéria ainda no início da década e, na sequência, passou a vice-presidência do clube. Em 1945 já assumia como

¹²⁶ Também em função da 2ª Guerra Mundial, o Clube Espéria, entre 1942 e 1965, assumiu a denominação “Associação Desportiva da Floresta”.

presidente da Federação Paulista de Natação, mantendo-se no cargo até 48. Na década seguinte, já na capital fluminense, assumiria em 1952 um posto correlato àquele que vinha exercendo em São Paulo, o de Presidente da Federação Metropolitana de Natação, mas agora próximo do centro de poder do desporto nacional, a CBD, sua próxima escala.

Pari passu à sua ascensão nas fileiras da organização esportiva, Havelange também fez crescer os negócios à frente dos quais se colocava. Embora seu nome seja frequentemente relacionado a uma série de negócios, como o ramo de seguros, mercado financeiro e até mesmo o comércio de armas, sua biografia aborda destacadamente seus negócios na Viação Cometa, uma das maiores empresas de ônibus de transporte intermunicipal do Brasil. Segundo Rodrigues, Havelange seria dono, conjuntamente com outros acionistas, somente de 9% da sociedade da empresa, que teria como acionistas majoritários (outros 91%) os italianos Tito Mascioli, um major da reserva que imigrou para o Brasil, e Ivan Comodaro. Como a empresa fora fundada originalmente em 1943, portanto, durante a 2ª Guerra Mundial, seus donos, tendo nascido na Itália, ficaram temerosos de que pudessem ter a empresa desapropriada pelo Estado brasileiro. Em vista disso, usaram de um subterfúgio jurídico que vinculou a empresa ao advogado de confiança dos sócios, que dava atendimento aos negócios da empresa; esse advogado era justamente João Havelange. Passada a guerra e as ameaças que poderiam surgir à auto viação, tanto Havelange como os fundadores da empresa passaram a usufruir das benesses de ter associada à imagem da empresa o dirigente esportivo que vinha galgando degraus na hierarquia administrativa do esporte nacional, sobretudo se considerarmos que logo depois, Havelange se tornou uma das figuras mais influentes no cenário esportivo mundial. A “relação profissional de sessenta e dois anos com a Cometa” (p. 41), à frente da empresa na qual impôs uma série de transformações empresariais tidas como modernizadoras, é associada também à expansão conduzida por Havelange na CBD e FIFA: “o que eu fiz na CBD e na Fifa eu aprendi na Cometa” (Ibid.), comentou. Por certo, nos parece que a maior credibilidade que se possa dar a estas passagens é que uma emblemática cortina de fumaça – por vezes fruto das circunstâncias próprias dos negócios comerciais, outras vezes alimentada como autorizadora de determinadas vantagens – permeia algumas atuações em torno de seu nome.

Em 1953, Havelange integrou com Sylvio Pacheco e João Corrêa da Costa a “Chapa da Paz” (p. 49), que na verdade era uma chapa de oposição, formada para concorrer contra a continuidade da gestão de Rivadavia Corrêa Meyer, há mais de 10 anos na presidência da Confederação. Rivadavia apoiava Geraldo Starling, então deputado pelo estado de Minas Gerais, e tinha tudo em mãos para seguir com o continuísmo à frente da CBD. Para o pleito,

contudo, Havelange usou de um artilheiro que anos depois seria aplicado com o mesmo sucesso na FIFA: conhecedor das disposições regulamentares estatutárias que disciplinavam as votações para presidência da Confederação, Havelange, Pacheco e Costa percorreram as Federações periféricas, alheias ao eixo Rio-São Paulo, muitas das quais, inclusive por concentrarem a organização de mais de uma modalidade esportiva, tinham direito a múltiplos votos. Assim, o ano esportivo de 1955 iniciou-se com a vitória da oposição, “liderada pelo sr. João Havelange, e que lançou a chapa Sílvia Pacheco-João Correia da Costa”¹²⁷, pela diminuta contagem de seis votos: 109 para a oposição e 103 chapa situacionista.

Em pouco mais de um ano, João Havelange seria alçado, com a renúncia de Costa, à condição de vice-presidente da CBD e sua primeira eleição como mandatário máximo do futebol brasileiro aconteceria na virada de 57 para 58.

2.2.3 *Copa de 58 [continuação]*

A aproximação entre Havelange e Paulo Machado de Carvalho data de um período bastante anterior às prévias da eleição para a presidência da CBD em fins de 1957. Como já registramos, a militância de ambos junto às organizações esportivas, advinha de tempos bem mais remotos, cada qual seguindo sua dinâmica própria; Havelange desfrutava de um status bem mais vinculado à organização esportiva que Machado de Carvalho, que à frente dos negócios da imprensa, reunia outras condições consideradas importantes para manutenção da estabilidade atividades no âmbito da CBD.

A clamorosa vitória da chapa João Havelange-Paulo Machado de Carvalho mobilizou amplas forças no cenário político da CBD naquele ano de 57. Havelange formava o grupo da situação, candidato à sucessão de Sílvia Pacheco, que tinha sido eleito fundamentalmente em função da atuação do próprio Havelange; na oposição, um velho conhecido da família Havelange, notável industrial carioca do ramo têxtil e caricato cartola do Botafogo F.R., Carlos Martins da Rocha, o “Carlito Rocha”. Rocha tentou costurar acordos com diversas federações periféricas, e após uma sucessão de idas e vindas com cartolas que entravam no jogo eleitoral, acabou encontrando apoio no Coronel Dirceu Guimarães, dirigente esportivo

¹²⁷ DN, 14 de janeiro de 1955, **Sensação nas hostes da C.B.D.**, 2ª seção, p. 1.

mineiro sem grande destaque no cenário nacional. O talvez único trunfo da chapa Rocha-Guimarães, que assistiram até mesmo o candidato vencido por Havelange em 1954, Geraldo Starling, então presidente do CND e com passagem pela Federação Metropolitana apoiar Havelange, residia num aventado apoio do também mineiro presidente da República, JK, que segundo se noticiou, empreenderia forças para ter um mineiro à frente do esporte brasileiro. Mas até mesmo esta assistência levantava algumas suspeitas em razão de uma disputa de fundo demarcada por questões regionais.

Como demonstrou Freitas Jr. (2009), a anunciada candidatura de Havelange em coligação com o paulista Machado de Carvalho, antes de suscitar o debate em torno das questões modernizadoras que seriam propostas ao futebol brasileiro, aguçou e retomou as antigas rivalidades já amornadas entre paulistas e cariocas, principalmente sob a ótica da crônica esportiva do Rio de Janeiro, que via com maus olhos a influência de São Paulo em crescente avanço num campo até então hegemonicamente carioca. Acrescente-se a isso, ainda, o fato de Havelange, embora fluminense de nascença, ter iniciado sua carreira como dirigente esportivo e empresário justamente na cidade de São Paulo. Embora, ao longo do tempo, tenha exercido destacada influência nos rumos da história do futebol brasileiro, a relativa desconfiança de um segmento da crônica esportiva carioca quanto ao processo eleitoral da CBD não surtiu grande alteração no processo, exceto por alguns ruídos produzidos no primeiro semestre de 1958 após as eleições. Ao que tudo indica, Havelange parece ter alinhavado a política esportiva junto aos dirigentes votantes com tamanho esmero, certamente fazendo uso de seu particular pragmatismo, a ponto de sua vitória ser dada como certa já bastante tempo antes do pleito oficial.

De fato, no início de 1958, a chapa de Havelange venceu as eleições pela acachapante contagem de 185 votos a favor e 19 contrários. Reportou assim o JB a cerimônia de posse, tendo ilustrada a matéria por uma grande foto legendada com a solicitação de Havelange pelo apoio de todos:

João Havelange e Paulo Machado de Carvalho, eleitos anteontem para os cargos de presidente e vice-presidente da C.B.D., foram ontem empossados, tendo comparecido à solenidade grande número de desportistas desta Capital e dos Estados, especialmente os presidentes de federações que vieram a esta Capital representar suas entidades na eleição que levou Havelange e Paulo de Carvalho aos postos que desde ontem ocupam.

A MESA DA POSSE

Sílvio Pacheco, ainda presidente da C.B.D., ao iniciar a solenidade, constituiu a mesa que presidia os trabalhos, cuja composição foi a seguinte: Tenente Bonifácio Dias de Barros, representante do Chefe de Polícia; Capitão William Stockler, representante do Ministro da Guerra; Major Alfredo dos Santos Cunha Jr., Everardo

Lopes, do D. I. E. e os eleitos, João Havelange e Paulo Machado de Carvalho, que momentos após seriam empossados, o que realmente aconteceu, imediatamente após o discurso pronunciado pelo presidente que passava o cargo.

HAVELANGE ESPERA AUXÍLIO DE TODOS

Em seu discurso de posse, Havelange fez questão de salientar que espera para sua administração a ajuda de todos os homens de bem do esporte nacional, tendo a preocupação de citar nominalmente o presidente do C. N. D.

O ELOGIO A IMPRENSA

Em outro tópico das palavras de posse do novo presidente da C. B. D., João Havelange, foi feito elogio à imprensa, a cuja sombra, segundo o eleito, vive o desporto brasileiro, especialmente o futebol¹²⁸.

O cerimonial, certamente farto de significações, mormente pela militarizada presença de autoridades invocadas pelo desporto brasileiro, destacava também a solicitação – do agora presidente – pelo apoio da imprensa, sem o qual, subentende-se não poderia ser feito um trabalho a contento. Num rápido retorno à biografia de João Havelange, encontramos elencados os argumentos que determinaram a escolha de Paulo Machado de Carvalho para compor a chapa vencedora, tendo como um dos fatores, justamente o poder concentrado por ser Carvalho um homem forte na imprensa brasileira:

(...) tinha quatro razões para selar este acordo com o empresário e dirigente Paulo Machado de Carvalho. Pela ordem:

Paulo era um homem do futebol.

Era paulista.

Era um poderoso homem da televisão.

Era amigo de Havelange.

Na época, as duas maiores emissoras de televisão do país eram a Record e a Tupi. Havelange queria a CBD de bem com os donos daquela nova e revolucionária modalidade de comunicação, entretenimento e jornalismo. E, no caso de crise, como ele recordaria quarenta e oito anos depois, com serena franqueza, a utilidade era ainda maior:

“Eu estava protegido de ataques. Para me atacar, teriam de atacar o Paulo. E o Paulo também era muito amigo do pessoal da Tupi e eles não atacariam a gente.” (RODRIGUES, 2007, p. 58)

A história oficial da parceria Havelange-Carvalho, registrada em ambas as biografias, aponta a “carta branca” (RODRIGUES, 2007, p. 61; CARDOSO & ROCKMANN, 2005, p. 139) dada pelo presidente ao vice – escolhido para ser o supervisor da seleção – para a organização de um plano de trabalho para a disputa da Copa de 58. E isso ocorreu já em fins de 57, antes mesmo da realização da eleição da CBD. O que se assinala, como uma já assentada cristalização da sucessão dos eventos, é que Paulo Machado de Carvalho, incumbido de tal responsabilidade por Havelange, convoca uma série de encontros com os

¹²⁸ JB, 16 de janeiro de 1958, **Empossado João Havelange na presidência da CBD**, 2º Cad., p. 1.

jornalistas Ary Silva, Paulo Planet Buarque e Flávio Iazzetti, além de Vicente Feola, para assessorá-lo em tal empreitada.

Ary Silva já era, à época, um jornalista com carreira consolidada nos noticiários esportivos. Havia acompanhando a seleção brasileira desde a Copa de 1938, tendo coberto também diversas modalidades em âmbito nacional, além de algumas edições dos jogos olímpicos. Formado em Direito, ganhou notoriedade por suas colunas no Diário de S. Paulo, nos microfones das rádios das Emissoras Associadas (de Chateaubriand) e conjuntamente na TV Tupi e rádio Bandeirantes. Em 1942 esteve à frente dos jornalistas de esporte que fundaram a Associação dos Cronistas Esportivos do Estado de São Paulo (ACEESP), da qual foi o primeiro presidente. Nas décadas seguintes elegeu-se por duas vezes vereador na cidade de São Paulo e também por duas legislaturas como deputado estadual paulista, primeiro pelo Partido Republicano (fundado em 1945 por Artur Bernardes) e depois pelo MDB. Ary Silva, no início dos anos 60, então líder do prefeito Preste Maia (eleito pela coligação que envolvia a UDN, o PDC e o setor janista do PTB) na Câmara Municipal paulistana, propôs a lei que deu o nome de Paulo Machado de Carvalho ao estádio municipal do Pacaembu.

Flávio Iazzetti igualmente desfrutava de uma longa trajetória no jornalismo esportivo. Em fins dos anos 30 trabalhou no histórico jornal “O Esporte” – o periódico se auto intitulava o “decano dos diários especializados” – onde se tornou redator de esportes. Nos anos 40, conjuntamente com Ary Silva, ajudou a formar o grupo que fundou a ACEESP. Patrocinado pela Federação Paulista, em fins da década de 40, especializou-se em arbitragem, fazendo cursos na Inglaterra, além de ter participado ativamente da fundação da Escola de Árbitros da FPF. Militou na Rádio Panamericana e na TV Record, sendo, portanto, um homem de confiança de Paulo Machado de Carvalho.

O terceiro dos jornalistas envolvidos era Paulo Planet Buarque. Também formado em Direito e do jornalismo esportivo, era o mais jovem dentre os convocados por Machado de Carvalho. Havia começado nos Diários Associados em fins dos 40, de onde passou à Gazeta e à Gazeta Esportiva para depois chegar à Rádio Panamericana, de Paulo Machado de Carvalho. Desentendeu-se com ele e foi demitido de sua emissora por defender publicamente a construção do Estádio do Morumbi, do SPFC, clube ao qual também era filiado, mas com opiniões divergentes das de Carvalho. Nos anos 50, Planet Buarque ganhou notoriedade nos microfones da Rádio Bandeirantes e também por uma foto veiculada pela imprensa francesa, durante a briga da “Batalha de Berna”, entre brasileiros e húngaros após o 4x2 das quartas de final da Copa de 54, na qual foi registrado no exato instante em que aplicava um golpe para derrubar um guarda suíço. Planet Buarque voltou às emissoras de Machado de Carvalho em

meados dos anos 50, trabalhando em rádio e televisão e sendo um dos introdutores dos programas de “mesa redonda” na TV brasileira. Na década de 60 foi eleito, em duas legislaturas, deputado estadual por São Paulo, primeiro pelo PTN (1963-67) e depois pela ARENA (1967-70); foi também nomeado conselheiro e depois presidente do Tribunal de Contas do Município de São Paulo, criado e instituído entre 1968-69 pelo então prefeito José Vicente Faria Lima (MTR), militar da aeronáutica eleito com o apoio de Jânio Quadros e Prestes Maia.

O próprio Paulo Planet Buarque, em seu livro autobiográfico, remeteu assim ao episódio no qual o grupo fora chamado, juntamente com os outros componentes, por Machado de Carvalho para planificação dos rumos do selecionado brasileiro: “Em síntese, o que Paulo Machado de Carvalho queria saber de nós, jornalistas, era por que nunca alcançáramos sucesso jogando em casa ou fora, apesar de possuímos um grande futebol, um enorme talento” (BUARQUE, 2003, p. 62). Seguiram-se algumas reuniões do grupo até a formulação final, em novembro de 1957, daquele que ficou conhecido como o “Plano Paulo Machado de Carvalho” (PPMC), um minucioso regulamento, com 96 artigos, a ser apresentado e apreciado pelo presidente Havelange.

O PPMC, um “regulamento que pudesse, sob os mais diversos aspectos, enfeixar os assuntos que dizem respeito à seleção, desde os preparativos iniciais até o instante em que deva ela estar em plena atividade para o importante torneio universal”¹²⁹, previa as competências do CND, da CBD, do Conselho Técnico de Futebol da CBD, traçava as diretrizes para as convocações, designava os postos da Direção Técnica (subdividida em treinador, assessor, médico e preparador físico), previa incumbências ao capitão da equipe e, chamando explicitamente os jogadores por “atletas”, apresentava o regulamento a ser seguido pelos mesmos. Havia ainda o detalhamento dos materiais (uniformes, agasalhos, chuteiras, bolas, materiais de enfermaria) a serem utilizados pela seleção em jogos, treinos e na concentração.

Não obstante os encontros entre Paulo Machado de Carvalho, os jornalistas e Feola terem ocorrido sem que se verificassem notificações à imprensa, a definição do PPMC não guardou qualquer forma de sigilo. Seu anúncio, em fins de 1957, era recepcionado pela crônica como signo de novos tempos que se anunciavam: “Regime não ditatorial para a seleção do Brasil”, era a manchete da notícia veiculada no JB, que apresentava alguns detalhes da apresentação do “plano”:

¹²⁹ Cf. anexo 1.: PPMC, apresentação.

Na residência do Sr. Sílvio Pacheco (presidente da C. B. D.) foi realizada ontem, importante reunião. Compareceram e debateram assuntos relativos à ida da seleção brasileira à Copa do Mundo na Suécia, os seguintes dirigentes da C. B. D. e desportistas: Luíz Murgel (presidente da Comissão de Assuntos Internacionais), Abraham Tebet, Ivan de Freitas e Paulo Machado de Carvalho (todos do Conselho Técnico de Futebol), João Havelange (vice-presidente e candidato à presidência da C. B. D.) e Mendonça Falcão (presidente da F P F).

COMISSÃO DE FUTEBOL

Dentre os vários assuntos discutidos foi apresentado na reunião de ontem o plano apresentado pelo conselheiro Paulo Machado de Carvalho. O desportista bandeirante em seu trabalho determina deveres e funções de cada dirigente (administrativo ou não), escolhido para seguir com a delegação brasileira. Além disso traça diretrizes definidas quanto à responsabilidade dos que cuidarão na parte técnica do selecionado nacional. Pelo plano do Sr. Paulo de Carvalho, técnico de seleção não mais terá poderes ditatoriais pois dividirá suas responsabilidades com dois outros membros de uma Comissão de Futebol, (um deles, o supervisor).

O início dos treinamentos da seleção nacional está marcado para o dia 16 de abril do próximo ano. O Sr. Paulo Machado de Carvalho voltará ao Rio na próxima semana, para debater com os dirigentes cebedenses novos assuntos sobre a ida do selecionado do Brasil à Suécia (JB, 20 de novembro de 1957, **Regime não ditatorial para a seleção do Brasil**, 2º Cad. p. 1).

É pertinente observarmos que paralelamente à emergência do PPMC, apresentado com as diretrizes que seccionavam responsabilidades específicas aos componentes da Comissão de Futebol, no qual se “determina deveres e funções de cada dirigente”, é reforçada a ideia da existência, até aquele momento, de um regime autoritário concentrador de poder nas mãos do treinador. De tal forma, num primeiro momento, por intermédio da nova planificação, esse poder poderia ser diluído, ou “dividido” entre outros responsáveis pertencentes à Comissão.

Tão logo foram empossadas as novas presidência e diretoria da CBD, aqueceu-se o debate em torno de qual seria o nome indicado para técnico do selecionado. Ao mesmo tempo, com a mudança dos mais altos quadros institucionais, alterações no funcionamento do Conselho Técnico de Futebol também tomaram corpo: “Ivan Reis de Freitas, até então presidente do Conselho Técnico de Futebol da CBD pediu demissão, já que tal posto ‘é um cargo a ser entregue a pessoa da confiança do Presidente da CBD’”¹³⁰, assinalou o JB ainda em janeiro. Havelange e Machado de Carvalho adiavam a escolha do técnico, mas paulatinamente iam impondo suas escolhas em torno do PPMC e os nomes aparentemente já definidos de antemão:

(...) coube a Paulo de Carvalho apresentar oficialmente o nome de Vicente Feola, para Assessor Técnico da delegação brasileira que irá à Taça do Mundo e a Havelange, a indicação de Mozart Giorgio, para a função de Secretário Administrativo da delegação. Desse modo, além do Chefe da delegação, Sílvio

¹³⁰ JB, 17 de janeiro de 1958, **Dentro de sete dias a escolha do técnico da seleção nacional**, 2º Cad., p. 1.

Pacheco, que confirmou aceitar o convite anteontem, quando passou o cargo de presidente a Havelange, mais dois cargos já estão preenchidos¹³¹.

Nota-se, aprioristicamente, que Feola é apresentado como “assessor técnico”, cargo então forjado, de acordo com o PPMC, para servir como “ponto de ligação entre o treinador, e o supervisor, do qual será porta-voz”¹³². Não se tratava, de acordo com a veiculação, da escolha do técnico de campo, e até mesmo se falou que a função então assumida por Feola seria a de um segundo técnico, que assistiria aos jogos da arquibancada.

Enquanto as coberturas jornalísticas pareciam polarizar a disputa entre Flávio Costa – veterano treinador de marcante passagem no futebol carioca e na seleção, então em atividade na A.A. Portuguesa de Desportos de São Paulo, apontado como preferido de Paulo Machado de Carvalho – e Fleitas Solich – paraguaio de larga trajetória no Brasil, prestigiado pela campanha à frente do segundo tricampeonato flamenguista (1953-54-55), evocado como escolhido de João Havelange – outra disputa era ganha pela nova presidência no terreno das normativas da CBD.

Enfraquecido e praticamente refém do grande apoio que advinha das urnas recentemente abertas na CBD e dos arranjos da presidência, o Conselho Técnico de Futebol passou a ser escanteado em seu direito de indicação dos cargos ligados ao selecionado. A presidência parecia fazer um jogo duplo com alguns setores da imprensa que não compactuavam de seus ideais, e gradualmente, as opções de Havelange-Carvalho iam se afirmando. Sob uma grandiosa manchete, “O Conselho Técnico da C.B.D. atravessa uma situação delicada”¹³³, o JB, já um tanto inconformado com a falta de clareza das posições da CBD e clamando pelo reestabelecimento da normalidade – algo bem distante da inicial abordagem que previa o fim do “regime ditatorial na CBD” – direcionava sua crítica diretamente a Paulo Machado de Carvalho, apontado como inflexível mentor da escolha do treinador:

(...) o Sr. Paulo de Carvalho, eleito Vice-Presidente da C. B. D. valendo-se do fato de ter sido supervisor na administração anterior quer impor Flávio Costa como treinador, tendo como programa de trabalho o que ele mesmo, Paulo de Carvalho, organizou e não admite modificações sob pena de demitir-se da C.B.D.

(...)

Não foi, portanto, sem grande surpresa que se soube que o Sr. Paulo de Carvalho havia feito uma reunião em São Paulo com o Sr. Flávio Costa, o médico Hilton Gosling e o auxiliar Vicente Feola. (...)

¹³¹ Ibid.

¹³² Cf.: anexo 1: PPMC, Art.: 51.

¹³³ 23 de janeiro de 1958, *O Conselho Técnico da C.B.D. atravessa uma situação delicada*, 2º Cad., p. 1.

Ainda mais, na própria C.B.D. houve, ontem, uma reunião só anteriormente sabida pelos privilegiados onde foi tratado assunto da mesma natureza, o que não deixou de ser bastante esquisito.

Completava ainda a matéria, já intentando antecipar as desejáveis consequências, tratar-se de uma trágica crise: “É fora de qualquer dúvida que está latente uma crise de consequências imprevisíveis”¹³⁴, sobretudo em função de ter sido cancelada a reunião do Conselho Técnico que indicaria o nome do treinador.

Em contrapartida, o JB noticiou também, na mesma data, que Paulo Machado de Carvalho promoveu em São Paulo uma reunião “clandestina”¹³⁵ com as presenças de Flávio Costa, Feola, do médico Hilton Gosling e de membros que ajudaram a elaborar o PPMC. A partir de tal encontro, ficaram assentadas as escolhas de Paulo Amaral como preparador e de Hilton Gosling como médico do selecionado – cuja participação ao longo do processo, sem menção a outro profissional da área, deixava subentendida sua participação. Flávio Costa, não obstante ter participado do encontro, em nenhum momento é apontado como escolhido, ficando somente entendida a predileção de Paulo Machado de Carvalho por seu nome.

Em 29 de janeiro¹³⁶, o JB reportou o tão esperado encontro do Conselho Técnico de Futebol que se reunira para tratar da escolha do técnico da seleção. Contudo, “Por várias vezes o C. T. F. falou em técnico, sem, entretanto se definir”, uma vez que a pauta da reunião ficou circunscrita ao PPMC. A leitura feita pelo CTF em relação ao plano era de que Paulo Machado de Carvalho concentraria muitas responsabilidades e poderes e, em vista disso, não seria possível aprová-lo como era apresentado: “muita coisa foi alterada, havendo uma dissecação quase que total no trabalho do Supervisor da Seleção, agora Vice-Presidente da C.B.D.” As restrições à demasiada autoridade com a qual Paulo Machado de Carvalho seria revestido, cabe observar, seriam anunciadas pelo Coronel Antônio Pereira Lira, então Diretor de Desportes Terrestres:

(...) tem uma dose muito forte de autoridade, dedicada ao Vice-Presidente da C.B.D., Paulo Machado de Carvalho, Supervisor da Seleção e autor do trabalho chamado Plano.

Foi em virtude da alta dose de autoridade atribuída ao Supervisor, pelo Plano, que o Coronel Antonio Pereira Lira, Diretor de Desportes Terrestres da C.B.D., presente à reunião representando o Presidente João Havelange, disse: “Acho que sempre que defendemos o Conselho Técnico de Futebol em relação a esse trabalho – apontando para o Plano – estamos defendendo a C.B.D.”

(...) foram discutidos os artigos ns. 25, 26, 27 e 28, onde toda a autoridade atribuída ao Supervisor, foi cancelada, sendo, para isso, retirada do Plano a expressão

¹³⁴ Ibid.

¹³⁵ JB, 23 de janeiro de 1958, **Crise latente na confederação brasileira de desportos - Mandado às favas o Conselho Técnico de Futebol -- Cresce a oposição à escolha do treinador Flávio Costa**, 2º Cad., p. 1.

¹³⁶ JB, 29 de janeiro de 1958, **Não foi indicado o técnico na reunião de ontem do CTF da CBD**, 2º Cad., p. 1.

“escolher” e substituída pela “Indicar”, o treinador, massagista, médico, assessor, capitão da seleção, chefe dos locais de concentração e hospedagem¹³⁷.

Faria coro a essa reportagem, no dia seguinte¹³⁸, o colunista Célio de Barros, notável condutor, em ambas as vias, das notícias insidiosas dos bastidores do mundo esportivo carioca. Uma vez mais, Paulo Machado de Carvalho estaria no centro dos ataques:

(...) esse Plano foi objeto de apreciação do Conselho Técnico de Futebol, onde sofreu retoques de somenos importância, segundo uns, e de ordem fundamental, segundo outros. Quem leu ou ouviu o noticiário sobre o que se passou e decidiu na última reunião daquele órgão, que escolha o que melhor lhe aprouver, porque, praticamente, tanto faz uma coisa, como outra, uma vez que o Conselho anulou-se por completo ao aceitar, não o Plano, mas o Supervisor, verdadeira excrecência diante dos claros e precisos termos da lei que rege a matéria e que confere essa supervisão, exatamente, ao próprio Conselho Técnico.

(...)

A invenção desse cargo de Supervisor, que a nosso ver teve origem política, rasgou o estatuto da CBD na parte referente às atribuições dos Conselhos Técnicos, anulando de modo lamentável o de Futebol.

A sequência dos acontecimentos prosseguiu com o debate em torno da aprovação do PPMC, do veto ou não de alguns de seus artigos, e com uma sucessão de notícias pouco fundamentadas. Paulo Machado de Carvalho firmou posição em relação à escolha de Flávio Costa, mas a questão da escolha do novo técnico ganhou novos contornos quando foi evocada pelo CTF uma disposição normativa do CND, que remetia à sua data de fundação (1941), exigindo que a escolha do técnico da seleção brasileira deveria ser realizada entre opções de profissionais que dispusessem de diploma de formação em Educação Física. Alguns subterfúgios foram aventados, como a substituição do termo para “treinador” ou “homem de campo”, mas, de fato, algumas questões foram revistas.

Paulo Machado de Carvalho, bastante questionado pela imprensa carioca, deu mostras de que recuaria de suas propostas, e abriu mão do cargo de supervisor da seleção. Ao mesmo tempo, todavia, engendrou sua nomeação para o cargo de “chefe da delegação” que iria à Suécia – talvez já sabendo que o próprio João Havelange não acompanharia a seleção na Copa, como de fato ocorreu em função de sua aclamada “distância presidencial” (RODRIGUES, op. cit., p. 67) –, ficando cogitado para a supervisão Carlos Nascimento, dirigente do Bangu AC. Assim mesmo, Machado de Carvalho é ainda reportado pelo JB como um dirigente estreitamente vinculado aos interesses futebolísticos do estado de São Paulo, em

¹³⁷ Ibid.

¹³⁸ JB, 01 de fevereiro de 1958, **O Supervisor e a lei da C.B.D.**, Coluna de Célio de Barros, 2º Caderno, p. 1.

detrimento dos interesses da seleção brasileira; numa presumida entrevista concedida ao jornal¹³⁹ o dirigente paulista explicitaria seus anseios:

Se outro nome for o técnico indicado para a “Taça do Mundo” que não Flávio Costa, estou praticamente incompatibilizado com a função de supervisor.

- Se outro convite lhe for feito para reassumir a função de supervisor, como precederá?

- Conforme as circunstâncias, aceitarei.

- E se seu plano for totalmente mutilado pelo C. T. F., como agirá?

Antes da resposta, o supervisor fez questão de proferir a seguinte expressão: “non ducor, duco” – que quer dizer “não sou dirigido, dirijo”.

E acrescentou:

- Represento na C. B. D. o meu Estado e em São Paulo o lema é este¹⁴⁰.

A reunião do CTF ocorrida em 07 de fevereiro decidiu pela escolha do técnico brasileiro¹⁴¹. Fleitas Solich, o preferido de João Havelange, foi preterido; apesar de veterano nos gramados cariocas, oficialmente veiculou-se que foi determinante o fato de Solich ter nascido no Paraguai. Flávio Costa, o nome mais forte até então, patrocinado por Machado de Carvalho, sofreu um duro revés momentos antes da reunião do Conselho. O repórter Ricardo Serran, da Rádio Globo do Rio de Janeiro, fez circular um áudio de uma entrevista, sem precisão de data – mas, ao que tudo indica, de um período distante daquele então vivido – na qual o técnico Flávio Costa chamava Havelange de “marombador”¹⁴². Os efeitos foram diretamente refletidos na reunião, fazendo ressurgir o nome de Zezé Moreira, eleito por maioria de votos (3x2 contra Flávio Costa) para o cargo de técnico.

Contudo, publicamente, Zezé Moreira se mostrou avesso à ideia, “em virtude do que ocorrera na disputa da Taça do Mundo de 1954, quando tudo e todos se voltaram contra ele”¹⁴³. E Havelange adota uma postura bastante coerente com seus pressupostos ao tomar conhecimento da negativa de Moreira:

HAVELANGE CIENTE

João Havelange, imediatamente após tomar conhecimento da decisão de Zezé Moreira, disse que vai procura-lo, a fim de pô-lo ao inteiro conhecimento do “Plano Paulo Machado de Carvalho”, quando, então, Zezé poderá mudar de opinião. Caso Zezé, persista nessa ponto de vista, teremos então aplicação da Lei.

APLICAÇÃO DA LEI

João Havelange, nada quis adiantar sobre sua expressão ‘aplicação da Lei’.

¹³⁹ JB, 06 de fevereiro de 1958, **Mais uma vez o problema do técnico agita a CBD**, 2º Cad., p. 1.

¹⁴⁰ Ibid.

¹⁴¹ JB, 08 de fevereiro de 1958, **Zezé Moreira indicado para técnico da seleção do Brasil recusou o cargo**, 2º Cad., p. 1.

¹⁴² Dentre as acepções possíveis, o dicionário Houaiss da língua portuguesa apresenta uma que se adequa à declaração de Costa: “3. p.ext.: vacilar entre opiniões ou atitudes opostas, evitando definir-se ou decidir-se antes de ter certeza do que vai ao encontro do interesse próprio; tergiversar, disfarçar; enganar.”

¹⁴³ Ibid.

Nós, entretanto, entendemos que Havelange, na hipótese de Zezé Moreira, não aceitar o cargo para o qual fora eleito, será compelido a isso, por solicitação da C. B. D. ao C. N. D., por ser Zezé Moreira um profissional do futebol dedicado e competente¹⁴⁴.

Foi possivelmente infrutífero o aventado pragmatismo de Havelange no trato com Zezé Moreira. Diante da recusa pública do treinador e da dissonante escolha do CTF, Havelange fez valer sua opção pessoal, talvez revelando aquilo que outrora chamou por “aplicação da lei”:

Já tem técnico a C.B.D., para a seleção brasileira que irá à Suécia, competir pela Taça do Mundo.

Ao meio dia de ontem, na sede da C.B.D., sua diretoria reunida, colocou de lado a autoridade do Conselho Técnico de Futebol e, atendendo ao ponto de vista do Presidente, João Havelange, resolveu acabar de uma vez por todas essa questão do técnico, que pelos fatos já do conhecimento público, vinham colocando em má situação a Confederação Brasileira de Desportos.

Foi por essa razão, que o Dr. João Havelange, designou, ontem, juntamente com seus companheiros de diretoria, o Sr. Vicente Feola, do São Paulo Futebol Clube, para a função de técnico, deixando vaga a função de assessor, para a qual Feola, já tinha sido designado.

A decisão do Presidente Havelange, só foi revelada, após o conhecimento oficial da recusa de Zezé Moreira, em aceitar a direção técnica da representação nacional¹⁴⁵.

A escolha de Feola, então já membro da Comissão Técnica, foi realizada em contrassenso tanto ao estatuto da CBD como em relação à opinião dos conselheiros. Em vista disso, ato contínuo deu-se o pedido de desligamento dos conselheiros Luiz Murgel, Diogo Rangel e Abrahim Tebet, como noticiou o JB em “Grave crise administrativa na Confederação Brasileira de Desportos”¹⁴⁶. João Havelange, no entanto, demonstraria sua habilidade política ao contornar a situação, dissuadindo os conselheiros de seguirem adiante em seus pedidos de desligamento, como foi reportado: “Em 30 minutos Havelange contornou toda a crise”¹⁴⁷. As etapas subsequentes já não mais se vinculam a decisões sobre nomes do Conselho ou da Comissão Técnica. Tampouco seriam reportadas discussões substanciais sobre o PPMC.

Em 28 de março, o grande encontro preparativo para a Copa, chamado pelo JB de “Reunião monstro”¹⁴⁸, reunindo membros do CTF, a Comissão de Assuntos Internacionais e o Diretor de Desportes Terrestres, deu origem à formação da Comissão Técnica que iria à Copa.

¹⁴⁴ Ibid.

¹⁴⁵ JB, 11 de fevereiro de 1958, **Novo técnico para a Seleção Brasileira de Futebol**, 2º Caderno, p. 1.

¹⁴⁶ JB, 26 de fevereiro de 1958, **Grave crise administrativa na Confederação Brasileira de Desportos**, 2º Caderno, p. 1.

¹⁴⁷ Ibid.

¹⁴⁸ JB, 29 de março de 1958, **Reunião monstro na CBD para a “Copa do Mundo”**, 2º Cad., p. 1.

Na esteira da última decisão de Havelange, o encontro marcado para o Conselho Técnico foi suprimido, com a falta de quórum para sua realização, deixando pavimentado o caminho para as decisões tomadas pelo núcleo recém-formado: “Ontem, por falta de número, não foi realizada a reunião do Conselho Técnico de Futebol”¹⁴⁹.

Diante do contexto apresentado, com a definitiva emergência da dupla Havelange-Machado de Carvalho aos mais altos postos de comando do desporto brasileiro e, em consequência disso, com o CTF quase sendo elidido pela imposição do PPMC, os preparativos para a Copa ganharam novos contornos e *status* associados aos ideais inovadores capitaneados pela dupla da presidência.

Durante o conflituoso processo da escolha dos cargos técnicos da seleção, algumas etapas a serem seguidas, de acordo com os pressupostos elencados no PPMC, já eram adiantadas à imprensa esportiva. Ainda dentro do âmbito das rivalidades São Paulo *versus* Rio de Janeiro e da atmosfera de desconfiança em relação aos rumos impressos à CBD, o JB recebia de modo bastante cético e irônico as tentativas de reformulações dos processos de preparação dos jogadores. Em 08 de março¹⁵⁰, numa matéria intitulada “Vicente Feola: observação psicológica por telescópio”, com o subtítulo “Exame psicotécnico mudou de nome e haverá revolução na preparação física”, eram assim apresentadas as matrizes inspiradoras das novas dinâmicas que seriam impostas aos jogadores selecionados.

“Todos os jogadores convocados para a seleção brasileira serão observados (à distância), psicologicamente, para um trabalho de triagem, que vem sendo empregado (com sucesso) na Companhia Metropolitana de Transportes Coletivos (CMTC) e no São Paulo Futebol Clube” – afirmou, ontem, ao JORNAL DO BRASIL o treinador Vicente Feola.

O selecionador brasileiro fora instado a pronunciar-se sobre uma sondagem, que fizemos, ouvindo de autoridades em medicina esportiva condenação unânime ao exame psicotécnico dos candidatos ao escrete, por desnecessário, inócuo ou extemporâneo.

QUESTÃO DE NOME

Vicente Feola faz questão de dizer que ninguém pensa em exame psicotécnico, mas em observação psicológica, feita à distância, quase que por telescópio (ou radar).

Isso tem ocorrido no São Paulo Futebol Clube (principalmente no último certame bandeirante), às vésperas de grandes partidas, com resultados surpreendentes: jogadores considerados “donos” de posição perderam lugar na equipe, porque não tinham condições psicológicas para atuar.

PREPARO FÍSICO: INOVAÇÃO

¹⁴⁹ Ibid.

¹⁵⁰ JB, 08 de março de 1958, **Vicente Feola: observação psicológica por telescópio**, 2º Cad., p. 1.

Vicente Feola anunciou, mais, que haverá inovação no sistema de preparação física do selecionado. O trabalho terá em mente, apenas, o quadro geral de uma partida de futebol, muito diversamente do que é comum no Brasil¹⁵¹.

É bastante interessante observarmos que as dinâmicas planejadas pela Comissão Técnica, oficialmente respaldadas pelas inovações modernizantes chanceladas pela autoridade científica, são ridicularizadas pelo jornal de variadas maneiras. Num primeiro momento, a sátira é direcionada aos anunciados testes psicológicos, que estariam sendo apresentados com outra roupagem; na sequência, a observação psicológica à distância é desacreditada, até mesmo com a comparação dos procedimentos adotados no futebol àqueles postos em prática na companhia de transporte público da capital paulista. Num segundo momento, o JB questiona a postura defendida por Feola evocando o posicionamento de autoridades da “medicina esportiva”. Por fim, o regime de preparação física dos jogadores é também contestado, colocando em xeque as substanciais alterações em relação ao modelo até então em prática no Brasil.

O anúncio dos primeiros 31 jogadores convocados, bem como o cronograma a ser seguido por jogadores e Comissão Técnica ocorreu em 01 de abril¹⁵². Como já mencionado, o respaldo dado ao anúncio evocava as seguintes instâncias: “Conselho Técnico, Comissão de Assuntos Internacionais, Comissão Técnica, diretor de desportos terrestres, presidente e vice-presidentes da Confederação Brasileira de Desportos” e apontava ainda, no subitem “Aceitou chefia” que “O Sr. Paulo Machado de Carvalho informou, ontem, à CBD que aceita a chefia da delegação brasileira à Copa do Mundo”. Ainda como forma de apaziguar ou exaltar os ânimos, é noticiado¹⁵³ que Paulo Machado de Carvalho oferece, sem validade oficial, os cargos de “observadores” da seleção para Fleitas Solich e Flávio Costa.

O cronograma oficial agendou o primeiro treinamento para 24 de abril, em Araxá. No entanto, logo após o anúncio dos convocados, no dia 1º daquele mês, iniciaram-se triagens de jogadores com a realização de exames médicos e psicológicos nas localidades onde se encontravam os futebolistas (São Paulo e Rio de Janeiro).

Tão logo os jogadores foram reunidos na cidade mineira, o cronograma geral anunciado pela Comissão foi pormenorizado, passando do simples planejamento dos treinos (individuais, coletivos e conjuntos) às atividades diárias divididas em etapas, com horários pré-estabelecidos não somente para os treinamentos, mas também para alimentação, descanso e recreação – com todas as atividades já direcionadas. Concomitantemente, durante os

¹⁵¹ Ibid.

¹⁵² JB, 01 de abril de 1958, **Seleção: muita estação de água e poucos treinos**, 2º Cad., p. 1.

¹⁵³ JB, 03 de abril de 1958, **Flávio e Solich convidados para observadores**, 2º Cad., p. 1.

estágios de concentração nos quais não havia atividades programadas, Feola dava maior liberdade aos jogadores.

Outros aspectos a serem observados nessa etapa inicial dos treinamentos são as reportações da imprensa à Comissão Técnica e àqueles considerados porta-vozes dos dirigentes da CBD. Se, então, há pouco tempo as contendas envolvendo a nomeação dos técnicos dominavam os noticiários, com menções diárias a Havelange e Machado de Carvalho, com o início dos trabalhos médicos e de treinamento dos jogadores, as figuras de Vicente Feola e Hilton Gosling ou, de modo mais genérico, a Comissão Técnica, passam a ocupar os lugares centrais em termos de contatos e informações passadas à imprensa; de tal forma, presidente e vice, passam a serem presenças mais reservadas nos noticiários, muito embora as menções a seus nomes – muito mais a de Paulo Machado de Carvalho – se fizessem ainda presentes no cotidiano da seleção.

A obrigatoriedade normativa da inscrição de 40 jogadores junto à FIFA, de modo antecipado, permeava o noticiário da seleção com múltiplos desdobramentos junto à Comissão Técnica. Discorrendo sobre tal questão, o JB¹⁵⁴ (Imagem 06), tangenciou a questão das competências do CTF e da Comissão Técnica mesmo sem ter como finalidade ensejar tal debate:

Araxá, 21 (Sport Press) - Na reunião de ontem em Poços de Caldas, da Comissão Técnica da seleção brasileira, foi organizada a lista de 40 nomes que será encaminhada à FIFA. Além dos 31 que estão concentrados e de Garrincha e Orlando, foi feita a escolha de mais sete nomes. A lista será entregue por Carlos Nascimento, o supervisor da seleção, amanhã, ao presidente do Conselho Técnico de Futebol, para a devida homologação. Apesar da reserva que cerca o assunto, adianta-se que Zizinho, Ramiro, Dequinha, Edison, Paulinho, Sabará e Pavão teriam sido cogitados pela CBD para a Copa do Mundo¹⁵⁵.

Após um período de relativo afastamento das linhas da crônica esportiva, o CTF é novamente mencionado. Porém, desta feita, sua conclamação é evocada meramente para que seja homologada uma definição já realizada pela Comissão Técnica. É possível perceber, com essa veiculação, que já se apresentava um razoável assentamento das competências que incumbiam a cada instância nesse momento, ficando inclusive divididos geograficamente, com os órgãos técnicos em Minas Gerais, e os burocráticos no Rio de Janeiro.

O seccionamento das responsabilidades, como dissemos, fez com que a Comissão Técnica iniciasse os trabalhos junto aos jogadores ainda antes da estada em Minas Gerais. Uma vez reunidos os futebolistas no estado mineiro, o que foi considerado o primeiro estágio

¹⁵⁴ JB, 22 de abril de 1958, **Lista dos 40 será entregue ao Conselho Técnico de Futebol**, 2º Cad., p. 1.

¹⁵⁵ Ibid.

dos treinamentos (ou concentração, se quisermos usar o termo mais empregado à época) ficou restrito quase somente à continuação dos exames médicos e a algumas atividades físicas. Estava em curso, a esta altura, uma inovação nos preparativos da seleção com a introdução de um preparador físico, função essa foi ocupada por Paulo Amaral.

Além de Paulo Amaral, os contatos iniciais do grupo de jogadores de 1958 eram travados diretamente com Feola e com o setor médico da seleção (aí compreendidos médicos, dentista e psicólogo). Abordaremos mais detidamente (capítulo 3) este grupo médico da Comissão Técnica e as derivações provenientes de sua organização, como a própria convocação de Paulo Amaral para a função de preparador físico. Por ora, entretanto, julgamos ser pertinente pontuarmos algumas características em relação àquilo que alhures chamamos por “núcleo duro” da Comissão Técnica, qual seja, os profissionais diretamente relacionados com o trabalho diário junto ao grupo de jogadores. Não entendemos que seja congruente aplicar essa mesma ferramenta conceitual criada para as ocasiões de 1950 e 54 em 58; pudemos depurar um envolvimento bastante profícuo daqueles nomes vinculados à Comissão Técnica nos estágios preparatórios da seleção. Em verdade, até mesmo algumas subdivisões de tarefas foram observadas, mormente em relação às atribuições médicas, que contaram com o respaldo de uma vasta gama de profissionais da área. Passaremos a uma investigação mais atenta a essas questões, não sem antes analisarmos um pouco mais detidamente as questões burocráticas e técnicas da CBD, à luz das distintas Copas do Mundo.

2.2.4. *Resenha: “Corpo burocrático, corpo técnico: o Conselho Técnico de Futebol, a Comissão Técnica e as divisões dos poderes na seleção brasileira” em vista das Copas de 50, 54 e 58*

A análise que podemos empreender dos mecanismos dirigentes da CBD ao longo dos anos 50 passa, necessariamente, pela questão das autoridades atribuídas a pessoas ou a instâncias e, por consequência, do autoritarismo que tais condições oportunizavam. Ao longo das três Copas aqui compreendidas, as decisões concernentes à organização da seleção brasileira experimentam diferentes modulações, tanto do ponto de vista do atendimento às disposições regimentares da CBD como em relação aos perfis de trabalho dos profissionais envolvidos com o esporte. O que nossa pesquisa busca apontar caminha no sentido de reforçar as bases daquilo que anos depois Florenzano nomearia de “projeto de modernização conservadora da sociedade”, que passava pelo futebol e o utilizava como um “instrumento privilegiado” (2009, p. 58) para tal empreitada. Sem embargo, Florenzano tem em vista a atmosfera ditatorial durante o governo Médici, em um ponto não tão próximo cronologicamente do horizonte que se projetava na década de 50. De tal forma, seguramente podemos verificar durante os oito anos que separam as três Copas aqui abordadas, que as questões relativas à industrialização, à urbanidade, à organização social ou ao nacional-desenvolvimentismo conduzido ainda no auge getulista – norteados pelos dispersos ideais de modernidade que jamais se desvincularam do ranço conservador no Brasil – são inspiradoras de movimentos observados no interior da seleção brasileira.

A organização formulada para a recepção da Copa e seus desdobramentos observados na seleção da CBD, em 1950, revelaram uma faceta do esporte brasileiro bastante organizada e aparelhada, ao menos no que se refere ao campo da publicização de suas estruturas e, no que seria bastante plausível admitir, em atenção a disposições impostas pela própria FIFA em relação ao país que sediaria o evento. Como pudemos observar a segmentação de atribuições e incumbências a partir do Diretório Central da CBD, órgão responsável pelas distintas “Comissões” organizadas, apresentava qualitativos notoriamente de inspiração disciplinar, com rígida hierarquia organizativa e verticalizada que, inevitavelmente, se refletiam também na condução da seleção brasileira de futebol. Além disso, a própria construção e remodelação das praças esportivas nas quais seriam realizados os jogos – cujo exemplo mais emblemático

e suntuoso é o estádio municipal do Maracanã, planejado e municiado com equipamentos e serviços que atendessem às demandas de ordem física e médica dos esportistas – são reveladoras da emergência de uma mecânica de poder direcionada às disciplinas do corpo humano. O flagrante investimento sobre as próprias vidas dos esportistas – e, por relação, extensível ao público torcedor – de modo bastante próximo àquilo que Foucault classificou por um investimento na bio-política da população, pode ser transposto aqui para a realidade brasileira de ímpetos modernizantes que se anunciavam desde o aflorar do século XX. Nas marcas sociais reveladas pelo prisma do futebol, a refração obtida pela Copa de 50 revelou a potência dos espectros esportivos numa reflexão até então sem precedentes.

Mais detidamente, tal questão se insere no panorama de estruturas e medidas que tomam corpo no fim dos anos 1930 e início dos 40 com a criação da Escola Nacional de Educação Física e Desportos (1939) e com a normatização regulamentar do Conselho Nacional de Desportos (1941). Nesse viés, as Copas do Mundo são grandiosas oportunidades para tornar público e externar a importância assumida pelo futebol enquanto esporte de massas, seja sob o patrocínio do Estado ou por meio de organizações não necessariamente a ele ligadas. No processo de transformação dos corpos dos indivíduos em instância primorosa para imposição de instâncias reguladoras e de mecanismos de controle social, a Copa de 1950 configura-se numa experiência fundamental para assentamento desses modelos.

Em termos práticos, as análises dos corpos burocrático e técnico da CBD, em 50, revelaram a formação de uma grandiosa estrutura por meio da Comissão Técnica, instância provisória que, emanada do Conselho Técnico de Futebol da CBD (esse, por sua vez, de caráter permanente), tinha como responsabilidade, dentre outras, de preparar o escrete brasileiro para o torneio mundial. Os trabalhos dos técnicos Flávio Costa e Vicente Feola e dos médicos Amílcar Giffoni e Newton Paes Barreto, embora colocados como associados da Comissão, emergem como diretamente responsáveis pelos processos de treinamento e direção do time brasileiro. A esse grupo de dois técnicos e dois médicos denominamos “núcleo duro” da Comissão Técnica, uma vez que suas decisões e medidas tomadas à frente do plantel de jogadores parecem ser determinantes nos rumos assumidos pela seleção e são evocadas como decisões da própria Comissão. Por sua vez, no interior desse núcleo duro, a autoridade e o autoritarismo atribuído a Flávio Costa, à época treinador com grandioso prestígio no cenário do futebol brasileiro, assumem ares quase incontestes; o poder concentrado por sua figura atinge proporções sintomáticas das representações nacionais brasileiras, sobretudo sob a ótica da política nacional, então sob a égide da nova Constituição Federal de 1946, que assumia

aspectos liberais-democráticos, mas possibilitava a manutenção conservadora das estruturas econômicas e militarizadas durante o governo Dutra.

Na Copa de 1954 verificamos um refluxo desse movimento de investimento nos esportes e no futebol que foi assinalado em 50. Se quisermos manter o diálogo com as memórias do pensamento jornalístico sobre essa Copa, vale evocarmos o pensamento de Muylaert ao afirmar que 1954 se configura como uma “Copa sanduíche” (NOGUEIRA; SOARES; MUYLAERT, 1994, p. 12), em meio aos processos verificados em 50 e 58. A CBD ainda se encontrava sob o comando de Rivadávia Meier, presidente desde 1943, mas ao invés da manutenção do robustecimento e especialização das estruturas do futebol, observados na Copa no Brasil, o que depreendemos sobre a Copa na Suíça foi uma sucessão de medidas restritivas ao aparato técnico da seleção. Diferentemente do ocorrido quatro anos antes, não foi verificada a formação da Comissão Técnica específica para os preparos do time para a Copa do Mundo; igualmente, ao invés de dois técnicos (ou técnico e assessor técnico) somente Zezé Moreira estava à frente desses trabalhos. Na parte médica, semelhante processo: ao invés de dois profissionais, somente Newton Paes Barreto ficou como responsável médico pelo selecionado. Além disso, obviamente, há de considerarmos que em 50 foi montada uma grandiosa estrutura para atendimento das seleções que vieram ao Brasil e, por conseguinte, a equipagem das estruturas esportivas montadas para a Copa estava ao alcance do selecionado brasileiro; na preparação para a Copa da Suíça, embora o selecionado tenha passado por variadas cidades no Brasil e até mesmo pelo recém-inaugurado Instituto Federal de Esportes de Macolin, na Suíça, não foram verificados grandes investimentos sob os cuidados físicos e médicos em relação aos jogadores. Nas estadas em diferentes cidades brasileiras, que pretensamente aclimatariam os jogadores às condições que seriam encontradas no país da Copa, uma sucessão de equívocos minou as chances de uma preparação mais bem dirigida.

Se quisermos extrapolar a análise para o campo político brasileiro, a segunda passagem de Vargas pela presidência, agora em função da vitória obtida nas urnas com o apoio das forças paulistas (Ademar de Barros, sobretudo), fez com que Getúlio tentasse conciliar as amplas forças políticas, desde o trabalhismo e as correntes sindicais até as alas mais conservadoras, incluindo-se aí os setores direitistas abertamente favoráveis ao alinhamento às políticas econômicas dos EUA. Contudo, os investimentos de médio e longo prazo na economia, sem resultados imediatos, e a alta do custo de vida impulsionaram o avanço dos movimentos grevistas em amplos setores descontentes com a política dúbia de Getúlio Vargas. A emergência de Jânio Quadros em São Paulo, a preponderância exercida por

Carlos Lacerda na imprensa escrita do Rio de Janeiro e o descontentamento de setores da alta hierarquia militar com o afamado e mal dito espectro da “República Sindicalista” que aflorava nas páginas dos jornais, fez com que Vargas se visse em meio a um mar bravio de contradições políticas no qual não conseguia mais ter habilidade para manobrar o governo. Novamente o papel dos militares foi determinante para o agravamento do cenário político.

Na CBD, os momentos anteriores à Copa de 54 marcaram o início da ascendência de João Havelange no campo esportivo institucional. Já às vésperas do embarque da seleção para a Suíça, Havelange era reconduzido à presidência da Federação Metropolitana de Natação, numa demonstração de apoio à “magnífica administração” que vinha desenvolvendo (Imagem 07). Assim, temos que no panorama político das disputas internas entre a classe dirigente, o início de um desequilíbrio de forças é assinalado com a formação do grupo de Havelange e o ocaso da administração de Rivadávia Meyer.

No que tange às questões burocráticas e técnicas, a manutenção de uma estrutura básica de trabalho junto aos jogadores – núcleo duro – foi verificada de modo mais diminuto. Zezé Moreira, ao que tudo indica, mais flexível que Flávio Costa, aceita transigentemente o compartilhamento de algumas funções com a burocracia do Conselho Técnico de Futebol, como, por exemplo, a própria convocação dos jogadores. Nessa linha, as imposições de ordem médica vindas de Paes Barreto também são menos restritivas e somente assessoram as funções técnicas concentradas pelo Conselho. Ambos, técnico e médico, tolerantes com a estrutura desidiosa da CBD, sujeitam seus afazeres a condições bastante distantes das ideais, agravadas ainda pelas cobranças em sentido político, patriótico e raciais, advindas de distintos campos da sociedade brasileira.

Comparativamente ao exemplo de Vargas, a classe dirigente esportiva da CBD assume funções enunciadas como agregadoras, mas mantém uma prática que se distancia do dia-a-dia dos operários da bola. A aceitação do patrocínio do industrial que se dispôs a arcar com os custos da viagem de alguns jogadores – recebido de modo efusivo como uma benesse, mas posteriormente abandonado –, a viagem antecipada e diferenciada da alta cúpula à Suíça – que também se hospedou em condições perceptivelmente melhores que aquela relegada aos jogadores –, a volta à cena de João Lyra Filho – o mesmo dirigente nomeado por Vargas em 1941 para o CND, agora como “Chefe da Delegação” da CBD que vinha se juntar ao cortejo de conselheiros e dirigentes – são alguns dos elementos que expõem as cisões e antagonismos nos quais se via envolto o escrete brasileiro.

Os preparativos organizacionais para a Copa de 1958 estão compreendidos em uma atmosfera bastante densa de fatores que confluem para a formação do time que seria campeão

do mundo. Destacadamente, como a própria história oficial cristalizou na memória torcedora, foi determinante a ascensão de Havelange à CBD e a delegação de funções primordiais a Paulo Machado de Carvalho, mas uma análise mais detida expande a questão para além de dinâmicas restritas à moderna experiência empreendedora de ambos.

Como pudemos evidenciar, a escalada de João Havelange à presidência da entidade gestora do esporte brasileiro passou por uma acertada estratégia política ainda quando, na condição de eminência parda da chapa encabeçada por Sylvio Correa, derrubou o continuísmo de Rivadávia Meyer. Tão logo pavimentou seu caminho ao mais alto posto da entidade, Havelange pôs em prática alterações no funcionamento da CBD que geraram reações controversas nos segmentos da imprensa escrita, sobretudo no setor carioca da crônica esportiva. Ao lado do paulista Paulo Machado de Carvalho, a gestão de Havelange despertou reações fundamentalmente ancoradas nos regionalismos da rivalidade São Paulo – Rio de Janeiro.

A estratégia de Havelange de trazer para o centro do palco esportivo montado pela seleção um dirigente notoriamente associado ao estado de São Paulo se vinculava aos atributos técnicos que Machado de Carvalho já houvera apresentado na Federação Paulista e no São Paulo F.C. Sua definitiva entrada em cena, no entanto, significou muito mais que a valorização de seus meros atributos técnicos. Paulo Machado de Carvalho concentrava um enorme poder na imprensa brasileira de então; tinha tentáculos em várias partes da grande mídia: diários, jornais, rádios, emissoras especializadas na cobertura esportiva e redes de TV. Seu grupo, as “Emissoras Unidas”, estava centralizado em S. Paulo, mas abrangia numerosos meios de comunicação em outros estados, como o Rio de Janeiro, e potencializava seu poder por meio de convênios com emissoras associadas e com um respeitável segmento da oligarquia política e empresarial do país. Além disso, Machado de Carvalho desfrutava de uma boa relação corporativa com seu principal concorrente da área da imprensa, Assis Chateaubriand, do grupo da emissora Tupi. O próprio Havelange chegou a afirmar que a escolha por Paulo Machado de Carvalho lhe garantiria, junto à imprensa esportiva, tranquilidade para desenvolver seus trabalhos na CBD.

Paulo Machado de Carvalho, por sua vez, encarregado de formular um “Plano de trabalho” para o selecionado brasileiro, termina por efetivamente concretizar essa sustentação extra dada à seleção e à CBD pela imprensa esportiva. Carvalho chama para auxiliá-lo, além de Vicente Feola, outras três figuras do jornalismo esportivo – Ary Silva, Flávio Iazzetti e Paulo Planet Buarque. Além da especificidade de cada jornalista chamado (Silva já possuía mais “cancha” no jornalismo esportivo, Iazzetti era uma autoridade em assuntos de arbitragem

e Buarque há alguns anos acompanhava muito proximamente os trabalhos da seleção), à exceção de Planet Buarque, tanto Silva como Iazzetti eram baluartes da organização classista dos jornalistas esportivos, manifestada por meio da formação da Associação dos Cronistas Esportivos do Estado de São Paulo. Portanto, um fundamental alinhamento dos trabalhos da nova gestão ao pensamento da crônica esportiva especializada, tal e qual havia preconizado Havelange já na cerimônia de posse da chapa vencedora quando clamou pelo apoio da imprensa.

Uma vez abrandadas as contendas centralizadas na rivalidade paulistas x cariocas, Havelange e Carvalho impuseram um cronograma de trabalhos e reformas que suplantaram as disposições regimentares da CBD. O Conselho Técnico de Futebol, que houvera desempenhado importante papel no processo de organização e preparo da seleção brasileira, tendo inclusive dado origem à Comissão Técnica para a Copa do Mundo de 1950, foi deliberadamente sobrepujado pelo PPMC. As inovações do plano, que chegaram a ser noticiadas pela própria imprensa carioca como alentos “não ditatoriais”, verificaram-se, na prática, semelhantes a medidas postas em prática num regime de exceção. Os setores descontentes clamaram em nome da legalidade e do cumprimento estatutário, mas o que vigorou, inclusive na fundamental escolha do técnico brasileiro, foi a “Lei de Havelange”. Definindo os rumos para o selecionado de acordo com suas opiniões pessoais, o presidente da CBD fez valer, com mão de ferro, as suas escolhas, a despeito do anúncio de que estaria caminhando estritamente de acordo com as normas regimentares.

No plano técnico e prático, a imposição do PPMC possibilitou a emergência de profissionais da área da saúde humana num processo até então inédito na atmosfera da CBD. Tentaremos lançar luz mais diretamente sobre esse processo, mas inevitavelmente temos que atentar, por ora, para as segmentações da preparação da seleção por meio de experts da preparação física, da odontologia, da psicologia e uma amplitude de especialidades médicas. Os diferentes feixes invocados para preparar e impulsionar o desempenho da seleção seriam conduzidos num trabalho desenvolvido conjuntamente, com acompanhamento e respaldo da alta cúpula dirigente.

A atmosfera política do período que compreende os preparativos para a Copa-58 é marcada pela ascensão de Juscelino Kubitschek, eleito presidente em fins de 1955, e por uma relativa estabilidade governamental após o conturbado período marcado pelo suicídio de Vargas e o desenrolar verificado até a posse de JK. Logo nos primeiros anos de governo, o “presidente bossa nova”, como proposto, invocou novamente a modernidade brasileira; voltou a flertar, a um só tempo, com os avanços propalados pelo desenvolvimento urbano industrial e

com a manutenção das estruturas políticas carcomidas. Numa palavra, buscou avançar rapidamente no terreno socioeconômico sem colocar em xeque a disparidade da ordem interna e o modelo concentrador de renda.

Colocando em contraste os cenários político e esportivo, verificamos que, se na CBD Havelange conseguiu costurar uma maciça base de apoio para o processo eleitoral e consolidou uma ampla aliança que só encontrava algumas vozes dissonantes na imprensa carioca – fundamentalmente em função de questões regionalistas – na Presidência da República, JK vence as eleições com uma diferença de votos razoavelmente pequena, mas igualmente, consegue constituir apoio para formação de um período de governo de suficiente tranquilidade política. Havelange foi empossado na presidência da CBD num cerimonial que dava demonstrações dos marcantes traços militarizados que acompanhavam o esporte brasileiro; de modo semelhante, JK atendeu às reivindicações das Forças Armadas e enfatizou os objetivos de conduzir o Brasil com “desenvolvimento e ordem”; além disso, JK intensificou a prática de nomear militares para postos chave e estratégicos do governo, medida que serviria como exemplo para Havelange ao longo dos anos que se seguiriam.

Se a correlação proposta por Franco Jr. (2007, p. 134) ao colocar em correspondência JK e Paulo Machado de Carvalho, pelo veio moderno e pela gestão empresarial que ambos conduziram em seus domínios, podemos despretensiosamente estender esse entendimento para outras duas frentes: primeiro, em relação ao plano de metas de JK, que com suas cinco frentes de investimento/desenvolvimento – energia, transporte, alimentação, indústria de base e educação – além da meta-síntese consubstanciada com a construção de Brasília, equipara-se à elaboração do PPMC, cujos cinco principais pontos abrangiam determinações para o CND, para a CBD, para o Conselho Técnico de Futebol, para a Direção Técnica e o regulamento dos atletas; sua meta-síntese seria, obviamente, ganhar a Copa e, para tanto, o poder atribuído ao Supervisor compreendia a essência de toda a planificação. Numa segunda frente, o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), formado por um grupo de intelectuais que em 1955 se reuniu para estimular a divulgação das ciências sociais e promover ações para contribuir com o desenvolvimento brasileiro, encontrava em JK, desde a elaboração do plano de metas em sua candidatura, um aliado político que publicamente buscava seu apoio. De modo um tanto alargado podemos compreender o respaldo buscado por JK junto aos intelectuais do ISEB como correlato ao chamado de Machado de Carvalho junto à crônica esportiva para elaboração de seu Plano. Ao que Paulo Planet Buarque evocou como a pergunta dirigida ao grupo de jornalistas: “por que nunca alcançáramos sucesso jogando em casa ou fora, apesar de possuímos um grande futebol, um enorme talento” corresponde, em boa medida, o

pensamento crítico e a “questão nacional” analisada pelo ISEB sob ótica problemática do atraso brasileiro.

Outra similitude importante nas gestões JK e Havelange está associada à criação e imposição de instâncias que vêm suplantando as organizações então em funcionamento. Na Presidência da República, tal prática desarticulou os órgãos burocratizados e lentos da administração pública e atribuiu poderes a novos organismos (exemplos: Conselho de Desenvolvimento, Novacap e Sudene) nos quais JK procurou imprimir a mesma velocidade propagandeada no “50 anos em 5”. Na CBD, as prerrogativas do PPMC se impunham verticalmente sobre todas as estruturas do esporte brasileiro, do CND à CBF, do Conselho Técnico à Comissão formada para a Copa, do treinador ao assessor. No ano da Copa, a nova gestão assumia ares de que não admitia (ou não estava disposta a) perder tempo com questões burocráticas; a saída imediata, com a imposição do PPMC, ganhou respaldo com a vitória da seleção e deixou marcas profundas no futebol brasileiro.

Um último fator vai ao encontro daquilo que até mesmo o sociólogo Fernando Henrique Cardoso defendeu a propósito do propalado nacional desenvolvimentismo de JK. O torrencial desenvolvimento interno anunciado almejava concentrar em uma única legislatura presidencial aquilo que hipoteticamente levaria meio século para ser realizado; tal intento só foi realizado à custa do capital estrangeiro que deliberadamente afluiu em proporções inéditas para o Brasil. Obviamente, após o período de próspero crescimento econômico do setor privado sob os auspícios do governo federal, o endividamento público junto a credores internacionais cobrou um preço alto; ao longo dos anos seguintes, sobretudo durante o período de chumbo do militarismo, os rumos da política econômica brasileira de “desenvolvimento e dependência” (CARDOSO, 1979, p. 133) seguiram e alargaram os caminhos traçados durante o período JK. Analogamente, o salto de organização e desenvolvimento do futebol brasileiro alcançado por meio da gestão Havelange-Carvalho, sintetizada com o PPMC para a seleção brasileira, produziu vitoriosos efeitos num curto prazo, alçando a seleção brasileira à condição de campeã mundial. No médio prazo, contudo, a exacerbação da autoridade concentrada por Paulo Machado de Carvalho deslocava o centro de poder no interior da seleção, defenestrava a necessidade das regulares tramitações regimentares e abria espaço para a implantação de novas expertises que viriam subtrair do saber empírico concentrado pelos jogadores. Não sem uma boa dosagem do autoritarismo que grassava nesse movimento, os saberes médicos estariam no centro desse processo; a medicina a serviço do futebol franquearia o acesso de variados componentes que seriam evocados como fundamentais para a preparação da seleção. Por esse mesmo viés, anos depois, a tecnocracia

militarizada ocuparia as fileiras da CBD na atlética marcha programada com vistas à conquista do tricampeonato em 1970.

2.3. *O processo de medicalização do futebol na seleção brasileira*

Outra coisa boa dessa seleção, esses exames. Excelentes, pelo que meus companheiros me contaram. Não falo pelo Flamengo, que – todos viram – não mandou nenhum jogador para tratamento clínico. Aqui, há uma fiscalização rigorosa. Somos examinados e tratados muito bem. Recebemos orientação. Quando um jogador sente uma contusão e esta custa a ceder, imediatamente fez exame de dente, garganta – tudo que possa estar prejudicando o seu estado geral¹⁵⁶.

A fala de Dequinha, volante do C.R. Flamengo, transcrita pelo JB num momento posterior à convocação dos jogadores que comporiam o grupo que se concentrou para a formação do plantel que foi à Copa de 1958 é extremamente rica em significados. A despeito de ter sido considerado um dos grandes jogadores da história do clube da Gávea, Dequinha não teve uma atuação tão marcante na seleção brasileira; figurou entre os jogadores que foram à Copa de 1954, mas na condição de reserva de Bauer, e atuou somente em oito oportunidades como titular da camisa da seleção.

Como é possível deduzir, a opinião do jogador é colhida no afã de receber de um representante dos jogadores alguma análise sobre o processo médico instaurado na seleção que surpreendia até mesmo a crônica especializada. O destaque dado a sua fala revela marcantes características acerca dos “exames” aos quais foram submetidos os jogadores; segundo seus companheiros de clube, os tais exames seriam bons, “excelentes”, mas, assim mesmo, Dequinha se posiciona no sentido de que não significariam uma grande inovação face àquilo que já estava em prática em seu clube, no qual todos seriam “examinados e tratados muito bem”. Em função disso, argumentou o jogador que nenhum jogador do Flamengo que estava a serviço da seleção teria sido submetido a “tratamento clínico”.

Para além da questão envolvendo alguma suposta contenda entre os clubes e a CBD na aplicação de métodos ou medidas médicas, cabe a nós observarmos a amplitude que tal prática assumiria junto aos grupos de jogadores, às agremiações e, particularmente, em direção ao repertório futebolístico de então. Assumidos como “coisa boa” por um jogador que sequer viu contemplada sua expectativa de pertencer ao grupo dos selecionados, os exames impostos aos futebolistas, como veremos, compreendiam uma nova etapa a ser cumprida a partir daquele ano, na ritualística de manutenção, preparo e aprontamento para a prática do futebol pelos selecionados da CBD.

¹⁵⁶ JB, 13 de abril de 1958, **Falta de convocação para Dequinha foi golpe**, 2º Cad. p. 1.

Explanaremos, novamente, sobre seus meandros e desenvolvimento, perpassando as Copas do Mundo de modo linear e ascendente; assim poderemos partir do marco organizacional de 1950 e chegarmos ao ponto considerado como de inflexão, em 1958, dotados, então, de um repertório que nos permita analisar a progressividade acerca dessa questão no transcorrer dos anos 50. Também poderemos verificar as condicionantes que impõem ao modelo vencedor de 58 as características que o diferenciaram dos demais padrões verificados em outros anos.

2.3.1. *Copa de 1950*

Em relação aos preparativos de ordem médica da seleção, o ano de 1950 iniciou-se com alguns percalços logo nos primeiros encontros do selecionado. No início de janeiro, ainda na primeira reunião do grupo que formaria a seleção da Copa, o zagueiro Píndaro, jogador do Fluminense, sofreu uma fratura de menisco num lance do treinamento:

Ao finalizar o primeiro tempo do ensaio, Píndaro chocou-se com Teixeira ou Ademir ao entrar num “bolo”, entre esses dois adversários. No segundo tempo, não voltou ao campo. O dr. Pais Barreto examinou-o imediatamente, suspeitando logo de fratura do menisco, diagnóstico que foi, infelizmente, confirmado mais tarde, num novo exame, procedido no gabinete médico do Vasco da Gama. Píndaro deverá, pois, ser submetido a uma intervenção cirúrgica, o que o afastará da atividade por algum tempo, cortando, além disso, a possibilidade que tinha de vir a ocupar um posto no selecionado brasileiro. Os drs. Pais Barreto e Amílcar Gifoni levarão o fato ao conhecimento da Comissão Técnica, esta tarde.

Além do acidente com Píndaro, foi constatado pelos médicos cebedenses encontrar-se Teixeira com uma distensão e Rodrigues com uma contusão na perna¹⁵⁷.

Como relata a matéria do DN, houve a suspeita de que Píndaro tivesse sofrido uma ruptura de menisco, o que foi aventado após o zagueiro ser “imediatamente” socorrido pelo médico Pais Barreto. Assim, o primeiro aspecto a ser observado diz respeito ao atendimento médico destacado de modo a ficar de prontidão para socorrer os futebolistas. Logo após, a lesão foi comprovada com a realização de exames diagnósticos, o que levou o jogador a passar por um procedimento cirúrgico que, do ponto de vista apresentado pelo jornal, teoricamente o afastaria em caráter definitivo da seleção brasileira que disputaria a Copa. Também foram noticiados outros problemas médicos de menor ordem e sem consequências maiores, com relação aos jogadores Teixeira e Rodrigues.

Na sequência desse mesmo primeiro treinamento do grupo, outro zagueiro, Nena, do S.C. Internacional de Porto Alegre, também passaria por um problema similar, pairando sobre o jogador a suspeita de que um procedimento operatório também se fizesse necessário em vista da gravidade da lesão:

Apesar de ter comparecido, o zagueiro gaúcho Nena não treinou. Assim resolveram os médicos, drs. Pais Barreto e Amílcar Gifoni, que preferiram aguardar os resultados de um exame minucioso do referido jogador. Caso se torne necessário, Nena será operado nesta mesma capital¹⁵⁸.

¹⁵⁷ DN, 12 de janeiro de 1950, **Fora do selecionado brasileiro o zagueiro Píndaro**, 3ª Seção, p. 3.

¹⁵⁸ DN, 19 de janeiro de 1950, **Movimentado o segundo treino dos jogadores brasileiros**, 3ª Seção, p. 1.

De fato, Nena teve que ser submetido a um procedimento cirúrgico e ficou afastado, passando por um período de recuperação.

Em abril daquele mesmo ano, no entanto, ambos os zagueiros já haviam voltado a atuar normalmente. Píndaro, recuperado, excursionava com sua equipe, o Fluminense, quando novamente sua convocação foi pedida pela CBD. Sua requisição foi realizada, e o zagueiro chegou a se reunir com o grupo dos selecionados, mas o zagueiro desentendeu-se com o técnico Flávio Costa e solicitou dispensa da seleção mediante uma carta apresentada à Confederação. Tal fato ganhou maiores proporções em virtude do posicionamento assumido por Flávio Costa:

“(…) não menos precipitadamente conduziu-se Flávio dispensando o jogador sem conhecimento da C.B.D. Afinal de contas, se os jogadores são convocados pela C.B.D., somente à C.B.D. cabe o desligamento de qualquer deles. O técnico apresentou uma relação de jogadores que considerava necessários. No caso de Píndaro, aliás, há uma particularidade interessante: Píndaro fora convocado para a primeira etapa dos trabalhos; contundiu-se, foi operado e automaticamente desligado, com o encerramento da primeira etapa; depois quando se encontrava no exterior, integrando a equipe do Fluminense, foi novamente convocado pela C.B.D. Deveria, pois, Flávio pedir à CBD, no caso à Comissão Técnica da CBD, o desligamento de Píndaro – e não agir por conta própria, como fez¹⁵⁹.

O caso de Píndaro advoga em defesa daquilo que já pontuamos acerca da personalidade do técnico brasileiro. Sem passar pelos trâmites burocráticos normais, Costa desligou o zagueiro do plantel da seleção, numa passagem que foi noticiada retomando o histórico da contusão do zagueiro e sua posterior nova requisição pela CBD. O zagueiro Nena, por sua vez, seria também novamente chamado e tomaria parte no grupo que em definitivo se preparava para a Copa.

Em meados de março, em meio aos preparativos para o anúncio definitivo dos jogadores convocados para representar a seleção brasileira, enquanto o técnico e membros do Conselho Técnico de Futebol da CBD debatiam acerca dos futebolistas que seriam chamados, os médicos da seleção tinham uma primeira tarefa designada: assessorar e determinar a cidade e o local no qual seriam concentrados os jogadores. Giffoni e Paes Barreto, ora em dupla, ora com o apoio de Flávio Costa, são escalados para visitarem algumas localidades, incumbidos de avaliarem as condições climáticas, viabilidade de hospedagem, acesso a condições de treinamento etc. Foram discutidas diversas possibilidades, como a Ilha de Saravatá – próxima a Duque da Caxias – e a Ilha das Enxadas – que abrigava o Centro de instrução da Marinha brasileira e já havia servido de concentração para outros desportistas, como os nadadores

¹⁵⁹ DN, 10 de maio de 1950, **Píndaro foi vítima de um mau orientador – afirma o técnico**, 3ª seção, p. 1.

cariocas¹⁶⁰. Após algumas visitas e considerações acerca das estruturas de cada local, a cidade de Araxá foi escolhida para acolher os jogadores num primeiro momento.

Uma vez definidos os jogadores do selecionado e a cidade da concentração, foram iniciados os “exames médicos” do grupo. Ao que tudo indica, inicialmente foi realizada uma primeira checagem dos jogadores, ainda nas dependências do estádio de São Januário, para posteriormente ser realizada a complementação dos exames. Reportou assim o DN¹⁶¹, na matéria intitulada “Terão início hoje os exames médicos dos jogadores brasileiros” a passagem que apresentava os primeiros atendimentos providenciados em relação aos jogadores:

Terão início hoje os trabalhos de revisão médica dos jogadores convocados pela CBD para a concentração e repouso. Os drs. Pais Barreto e Amílcar Giffoni começarão hoje a série de exames e posteriormente, já na concentração serão os mesmos completados. Falando à nossa reportagem, o dr. Pais Barreto, que vem de inspecionar o local destinado à concentração, disse que a distância que separa o Hotel da cidade de Araxá, propriamente dita, não prejudicará, pelo contrário, poderá favorecer o repouso dos jogadores. Disse mais que as instalações atenderão às necessidades¹⁶².

Além da chegada dos jogadores gaúchos, o DN anunciava na mesma matéria que os paulistas eram aguardados para que passassem pelo mesmo procedimento: “Os jogadores paulistas deverão chegar hoje a esta capital. À tarde, serão submetidos aos primeiros exames médicos, no estádio do Vasco da Gama”. A cobertura do DN ainda reportava um detalhe relevante junto à matéria que tratava somente dos assuntos médicos da seleção: além da designação dos dois massagistas que acompanhariam os trabalhos – Johnson, do Flamengo e Mário Américo, do Vasco, como já mencionamos – dois cozinheiros foram destacados para dar suporte à estada brasileira em Araxá; eram eles Laudelino de Oliveira, chamado pelo tabloide de “mestre cuca” e Laúza, seu acompanhante. Ambos seguiriam para Araxá já no dia subsequente àquele no qual a matéria fora veiculada.

No dia seguinte, os registros do DN¹⁶³ relatavam o início dos exames e das atividades médicas. O que fica aparente, de acordo com o relato, é que um prévio exame dos jogadores era realizado num único dia, como depreendemos sobretudo em consideração ao subtítulo da matéria: “Nove dos convocados compareceram ontem – chamados os restantes para hoje às 10 horas”. No transcorrer do texto, mais detalhes são apontados:

¹⁶⁰ DN, 06 de abril de 1950, **Difícil a concentração dos brasileiros em Saravatá**, 3ª Seção, p. 1.

¹⁶¹ DN, 24 de março de 1950, **Terão início hoje os exames médicos dos jogadores brasileiros**, 3ª Seção, p. 1.

¹⁶² Ibid.

¹⁶³ DN, 25 de março de 1950, **Começaram os exames médicos dos jogadores brasileiros**, 2ª Seção, p. 8.

Nove jogadores foram submetidos, ontem, aos primeiros exames médicos, que precedem à partida para a concentração.

No Hospital da Cruz Vermelha Brasileira, foram os jogadores submetidos a vários exames de laboratório, bem como raios X dentários, os únicos que serão procedidos nesta capital.

(...)

O dr. Amílcar Giffoni também antecipará para amanhã o embarque para a concentração, a fim de adiantar as instalações do Departamento Médico¹⁶⁴.

Os exames de cerca de uma dezena de jogadores, realizados num único dia ou período, compreendiam uma primeira abordagem que envolvia exames laboratoriais e checagem odontológica realizadas no imponente centro médico da Cruz Vermelha, no centro do Rio de Janeiro. É ainda registrado que o médico Amílcar Giffoni anteciparia sua ida à Araxá para preparação das instalações médicas de atendimento aos jogadores.

No dia subsequente não foram reportadas quaisquer restrições aos exames realizados pelos futebolistas, tampouco foram pormenorizados os trabalhos de atendimento realizados. Apenas noticiou-se a preparação do embarque da comitiva brasileira: “Começa hoje o embarque dos componentes da delegação da CBD para a concentração, no Estado de Minas, onde os jogadores convocados para os trabalhos do selecionado brasileiro se entregarão a um repouso reparador, antes do reinício do treinamento e seleção”.¹⁶⁵ Nessa época, foram reportados algumas menções a possíveis dispensas que poderiam ocorrer em função de deficiência física dos jogadores, mas não verificamos registros em relação a cortes oriundos de problemas médicos.

Assim, podemos sucintamente compreender um estágio inicial cumprido pelos profissionais médicos da seleção que realizaram uma checagem e verificação da aptidão imediata dos futebolistas selecionados para praticarem as atividades de treinamento e jogo. Tal processo desenvolveu-se de modo rápido e pontual sem que se veiculasse na imprensa por nos consultada qualquer menção a desligamentos ou restrições oriundas de problemas surgidos em função de questões médicas.

Uma vez iniciados os trabalhos na cidade mineira, a preocupação do setor médico da seleção gravitava em torno da preparação do elenco com vistas a deixá-los em condições físicas de iniciar os trabalhos coletivos com bola. Para tanto, após uma triagem procedida, os médicos do selecionado criaram uma classificação dos jogadores de acordo com o peso apresentado pelos futebolistas:

Divididos em grupamentos

¹⁶⁴ Ibid.

¹⁶⁵ DN, 26 de março de 1950, **Seguem para a concentração de repouso os jogadores brasileiros**, 7ª Seção, p. 6.

Para efeito do controle físico e consequentemente alimentar, procederam os médicos Paes Barreto e Amílcar Gifoni a divisão dos “cracks” em grupamentos, pode-se dizer, por peso e condição física, conforme indica abaixo.

Grupamento nº 1 (magros) – Danilo, Nena (devido à sua recente operação), Alfredo e Jair. Pare esses, a alimentação será livre, podendo comer tudo o que quiserem.

Grupamento nº 2 (médios) – Zizinho, Maneca, Ademir, Castilho, Píndaro, Santos e demais do mesmo porte. Alimentação com algumas restrições no tocante a massas e líquidos.

Grupamento nº 3 (gordos) – Barbosa, Augusto, Juvenal, Eli, Noronha, Bigode, Rodrigues, Ipojucan, Adãozinho e outros de condições idênticas. Para esses as restrições quanto à manteiga, massas e líquido será total.

Com referência aos exercícios, obedecerão os do grupamento nº 1 a grande poupança de energias, praticando somente ginásticas de elevação e flexão de braços e pernas. Os do 2º grupo farão exercícios mais adiantadas, com marchas, corridas e o que mais constar para o 1º grupo. Os considerados “gordos” farão o que estiver estabelecido para os dois grupos anteriores e com duração mais demorada.

Como podem observar, encaminha-se essa fase preparatória para um terreno mais adequado à fase que antecederá o treinamento de conjunto, pois nota-se que os jogadores desejam a prática com a pelota¹⁶⁶.

Importante atentarmos para o fato de que o peso dos jogadores figura como elemento central para a classificação do grupo de futebolistas. Por sinal, durante um tempo bastante prolongado, o peso esteve associado aos principais elementos na definição dos métodos de trabalho de treinamentos físicos e individuais dos jogadores. A matéria ainda registra a preocupação com o “controle físico e alimentar” dos selecionados; é destacado também que a preparação individual, envolvida pelos cuidados médicos direcionado aos jogadores, constitui uma condição prioritária para o posterior desenvolvimento das atividades coletivas dos jogadores, então ávidos pela “prática com a pelota”.

Após esse primeiro contato dos jogadores com os profissionais médicos da seleção, podemos afirmar, com alguma segurança, que as reportagens estritamente focadas nesse quesito médico não mais figuram no noticiário da seleção, exceto quando de algum atendimento pontual era prestado aos futebolistas. Para exemplificarmos a mudança de foco na abordagem podemos elencar um exemplo¹⁶⁷ evidenciado em 22 de junho, já às vésperas da estreia brasileira na Copa, quando eram reportados os problemas da seleção que enfrentaria o México.

Nem tudo corre como desejaríamos, na concentração dos brasileiros. Vários dos elementos com os quais o técnico Flávio Costa contava para o encontro desta tarde estão ameaçados de não poderem participar da estréia da equipe no Campeonato do Mundo.

Além de Rodrigues, que teve engessado o tornozelo e Santos, que sofreu entorse do tarso direito, também Bauer, Zizinho e Chico estão sob especiais cuidados médicos. Zizinho sofreu, no último ensaio, um choque no ligamento do

¹⁶⁶ A Noite, 04 de abril de 1950, **Tudo azul na concentração em Araxá** p. 12 e 13.

¹⁶⁷ DN, 22 de junho de 1950, **Zizinho e Chico farão um ‘test’ esta manhã**, 2ª Seção, p. 8.

joelho esquerdo; Chico volta a sentir uma antiga contusão e Bauer queixa-se de dores quando aplica a cabeça na disputa¹⁶⁸.

Outra comum atribuição dos médicos da CBD a essa época de preparativos para a Copa, dizia respeito a uma verificação médica realizada junto aos jogadores nos dias dos jogos, fossem eles amistosos ou mesmo oficiais. Seria proporcionalmente menor, mas semelhante à triagem inicial realizada imediatamente após a convocação dos futebolistas e antes do início dos trabalhos técnicos. Algumas horas antes do jogo, os jogadores eram avaliados ou checados pelos médicos da seleção e considerados aptos ou não para a prática do dia. Foi dessa forma que os jogadores Zizinho e Chico, reportados pelo DN, ainda eram cogitados para estrearem na seleção do Brasil:

SOMENTE ESTA MANHÃ

Rodrigues, Santos e Bauer estão fora de cogitações para a peleja desta tarde contra os mexicanos. Quanto à Zizinho e Chico, para os quais estão voltadas as atenções dos drs. Pais Barreto e Amílcar Giffoni, somente esta manhã serão submetidos a um teste que dirá, definitivamente, das possibilidades da inclusão dos mesmos na contenda de logo mais¹⁶⁹.

2.3.2. *Copa de 1954*

Compreendendo os preparativos para a Copa de 54 como iniciados no período que antecedia os jogos eliminatórios, verificamos que o Conselho Técnico da CBD inaugurava o ano da seleção com uma programação que não levava em conta as demandas próprias de cada área de trabalho do selecionado. O único médico posto a serviço dos jogadores requisitados, Newton Paes Barreto, via-se numa situação que comprometia o desenvolvimento de seus trabalhos em função da alteração na programação anteriormente realizada para os trabalhos do grupo dos jogadores, então rearranjada de modo a diminuir o tempo entre o preparo, a apresentação dos futebolistas e os jogos eliminatórios. Com o subtítulo “Sombrias advertências do médico e do técnico do quadro nacional”, a reportagem do OESP¹⁷⁰ lamentava o fato de ser programado um tempo exíguo para o selecionado se recuperar fisicamente e treinar para as decisivas partidas no Chile, Paraguai e Brasil. Newton Paes

¹⁶⁸ Ibid.

¹⁶⁹ Ibid.

¹⁷⁰ OESP, 29 de janeiro de 1954, **A seleção brasileira de futebol**, p. 10.

Barreto, no intuito de otimizar os trabalhos e recuperar parcialmente o tempo desperdiçado, examinaria os futebolistas cariocas e gaúchos num único dia, já que esses se encontravam no Rio de Janeiro, e depois seguiria para a capital paulista, “a fim de examinar os jogadores bandeirantes”¹⁷¹ que lá estavam e só se juntariam ao restante do elenco cerca de uma semana depois.

Numa cobertura semelhante àquela apresentada pelo OESP, o DN¹⁷² repercutiu da mesma forma os desacertos do Conselho Técnico, salientando, contudo, que a escolha da sede brasileira na Suíça, a Escola Federal em Macolin, era uma opção apropriada em vista do “clima, dependências da concentração, organização dos serviços médicos, etc.”; essa era a tônica dada pelo jornalista Geraldo Romualdo da Silva, que a convite do Conselho Técnico da CBD havia viajado para efetuar o reconhecimento do local e dava seu testemunho das boas instalações verificadas.

Após a vaga no mundial ser assegurada, a seleção passou por uma semana de descanso e chegou a Caxambu para o período de concentração e treinamento. Reportou assim o JB as tratativas acerca dos cuidados médicos dispensados ao selecionado:

REVISÃO MÉDICA

Depois do almoço, os jogadores brasileiros tiveram liberdade durante a tarde, para passeios e jogos de salão. Segundo declarou à reportagem o médico dr. Paes Barreto, durante o dia de amanhã será procedida a revisão médica de todos os jogadores, e também deverá ficar estabelecido o programa de treinamento, podendo o primeiro exercício ser efetuado na manhã de quarta-feira, no campo do Clube Recreativo Caxambuense, cujo presidente, sr. Valter Toledo de Meneses, tomou todas providências no sentido de que os “cracks” possam estar à vontade durante o treinamento. As acomodações do “CEAC” são realmente ótimas.

Está, assim, iniciado o segundo período de treinamento e concentração dos jogadores brasileiros¹⁷³.

Como ficou enfatizado pelo próprio médico da CBD, em um único dia todos os jogadores seriam examinados; uma vez cumprida essa primeira abordagem, seriam programados os treinamentos que poderiam ter início logo no dia subsequente. O trecho apresentado, veiculado estritamente num subitem somente sobre a revisão médica, apresentava também comentários elogiosos às instalações físicas encontradas pelos jogadores em Caxambu, num viés laudatório que parece permear determinadas abordagens da crônica esportiva em relação às localidades escolhidas pela CBD.

No dia que se seguiu aos exames médicos realizados em Caxambu, somente sutilmente algumas conclusões apontadas pelo médico Paes Barreto foram apresentadas¹⁷⁴

¹⁷¹ Ibid.

¹⁷² DN, 29 de janeiro de 1954, **Melancolia nos trabalhos da seleção**, 2ª Seção, p. 1.

¹⁷³ JB, 06 de abril de 1954, **Possivelmente amanhã o primeiro treino em Caxambu**, p. 11.

pela imprensa. A exemplo do que ocorreu em 1950, alguns jogadores foram classificados como “gordos”, em relação aos quais se exigiria mais nos exercícios, enquanto que “os magros”, em contrapartida, treinariam somente “o normal”. Foram definidas também que as atividades de “ginástica e corrida” seriam iniciadas imediatamente após os exames e a triagem, em vista da habilitação dada aos futebolistas.

A classificação dos futebolistas de acordo com o peso que apresentavam repercutiu também no DN¹⁷⁵ que, por sua vez, foi mais enfático nessa tratativa. Ilustrada com a foto de Bauer, apresentada com a seguinte legenda: “ESTÁ MUITO GORDO – Bauer é um dos componentes da lista dos que terão de trabalhar mais para... jogar mais”, a matéria intitulada “Os gordos terão de trabalhar mais” trazia no subtítulo que era “Numerosa a lista dos que precisam emagrecer um pouco”. Tal viés era adotado após ser “Procedida a revisão médica dos jogadores brasileiros”, no texto ainda era indicado que tinham sido iniciadas as atividades físicas com “máximo rigor nos individuais, a fim de que todos possam se preparar convenientemente”, depois de ter sido realizada a “revisão médica” dos futebolistas.

Ainda no início de abril, numa matéria apresentada pelo DN¹⁷⁶, foram reportados os preparativos para a viagem à Suíça e pormenorizadas as determinações referentes à estada em Macolin. Era veiculada também a futura ocorrência de uma “Reunião da Diretoria” da CBD na qual seria discutida a possibilidade de assessoramento no que tangia ao regime alimentar dos jogadores: “A diretoria da CBD se reunirá na próxima quarta-feira, estando presentes o dr. Newton Pais Barreto e o nutrólogo oferecido pelo SAPS para acompanhar a delegação”¹⁷⁷. Possivelmente o assunto do acompanhamento do “nutrólogo” ficou restrito à esfera das possibilidades ou à troca de informações possibilitada pela reunião, uma vez que não mais encontramos menções ao profissional destacado pela SAPS e, quando do definitivo embarque da delegação, não há qualquer citação nominal a uma personagem que pudesse se relacionar a tal atribuição. De todo modo, a simples referência a tal atribuição já compreende um registro inédito no âmbito das tratativas sobre a seleção.

Já no final de abril, em função da disputa dos amistosos entre a seleção brasileira e o combinado colombiano, ocorridos em São Paulo e no Rio, antes da partida ocorrida no

¹⁷⁴ JB, 07 de abril 1954, **Campeonato Mundial de Foot-ball**, 2º Caderno, p. 2.

¹⁷⁵ DN, 07 de abril de 1954, **Os gordos terão de trabalhar mais**, 2ª Seção, p. 1.

¹⁷⁶ DN, 11 de abril de 1954, **Anteciparão a viagem os dirigentes da delegação**, Suplemento Esportivo, p. 2.

¹⁷⁷ Serviço de Alimentação da Previdência Social (SAPS) era uma autarquia criada em 1942 no governo de Getúlio Vargas, vinculada ao Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. A principal atribuição do órgão, além de divulgar referenciais técnicos sobre alimentação, modulando os hábitos alimentares da classe trabalhadora, era oferecer refeições a baixo custo, elaboradas de acordo com os padrões científicos então em voga. Cf.: FOGAGNOLI, 2011.

Pacaembu, o JB¹⁷⁸ tratava da forma como Zezé Moreira pretendia armar o escrete nacional: “De acordo com o seu sistema de trabalho, somente às 10 horas de domingo, após a revisão médica, o selecionador nacional escalará o onze que iniciará o cotejo com os colombianos”. Uma vez mais é evidenciada a importância da revisão médica ocorrida momentos antes do time entrar em campo, predeterminando assim as opções de trabalho do próprio treinador. Sobre esse mesmo amistoso, dois dias depois, o JB¹⁷⁹ voltaria à carga, num tópico destacado como “Revisão médica e escalação”: “Somente depois da revisão médica é que o treinador Zezé Moreira dará a conhecer a constituição da equipe brasileira para domingo. E a revisão deverá ser procedida domingo pela manhã”.

Uma vez iniciado o período de concentração na cidade de Friburgo, após pomposa recepção pelas autoridades públicas e desportistas municipais, técnico e médico brasileiro encontravam alguns jogadores com leves lesões que demandavam cuidados médicos. Talvez em função até mesmo das dependências do Hotel Sans Soucy, no qual estava hospedada a delegação brasileira, não oferecerem as melhores condições de tratamento aos jogadores, foi noticiado pelo JB¹⁸⁰, no tópico “À disposição da delegação brasileira”, que o “O diretor do Sanatório Naval desta cidade, palestrou com o chefe da delegação brasileira, colocando à disposição dos nossos dirigentes todas as instalações do Sanatório Naval em Friburgo”. A despeito disso, não encontramos registros que apontassem a necessidade do uso das instalações médicas do Sanatório Naval e também não foram verificadas menções no sentido de desmerecerem as acomodações escolhida para os brasileiros.

Já no mês de junho, com a chegada brasileira à Suíça, foram reportadas algumas discussões sobre a adaptação brasileira ao clima, ao uso do “tranco”¹⁸¹ empregado pelos europeus, além das novidades acerca da experimentação pelos futebolistas brasileiros das “traves de borracha nas chuteiras, a fim de evitar as derrapagens”¹⁸². O médico Paes Barreto, antes mesmo de os jogadores brasileiros iniciarem os trabalhos com bola – haja vista o relato de época que assinalava que “a ordem do dia para todos tem sido: ‘não se afobar e aclimatar-

¹⁷⁸ JB, 28 de abril de 1954, **Esportes - Campeonato Mundial de Foot-ball - Os jogadores brasileiros em São Paulo – partem hoje, para São Paulo os colombianos**, p. 13.

¹⁷⁹ JB, 30 de abril de 1954, **Campeonato Mundial de Foot-ball, “O treino dos brasileiros em Pacaembu – Os colombianos a caminho de São Paulo**, 2º Cad., p. 2.

¹⁸⁰ JB 13 de maio de 1954, **Esportes - Concentração em Friburgo – Treinaram os jogadores**, 1º cad. p. 12.

¹⁸¹ JB 01 de junho de 1954, **Campeonato mundial de foot-ball - Hoje o 1º treino dos brasileiros em Macolin – Perspectiva de uma partida amistosa Brasil x Holanda**, p. 11.

¹⁸² Ibid.

se”¹⁸³ – divulgava o primeiro “Boletim médico”, noticiado assim pelo JB por meio da agência de notícia:

BOLETIM MÉDICO DE MACOLIN

Bienne, 41 (De Marum Jazbik para a Asapress) – O boletim médico do dr. Newton Paes Barreto, afixado hoje na concentração do selecionado brasileiro em Macolin, registra os nomes de Julinho e Maurinho resfriados, Alfredo sentindo ainda contusão no joelho, Dequinha com distúrbios intestinal e Baltazar sentindo novamente a torsão do pé, sofrida em N. Friburgo¹⁸⁴.

De modo ulterior, o técnico Zezé Moreira avaliava positivamente a adaptação dos jogadores brasileiros às condições climáticas, de repouso e alimentares; na mesma toada, o JB novamente valorizava a escolha feita pela CBD por concentrar os futebolistas no “quartel-general” de Macolin, o que possibilitava boas condições tanto para descanso como para o desenvolvimento dos mais modernos métodos de treinamento:

(...) disse Zezé Moreira que todos os seus jogadores se acham em excelentes condições físicas.

“O ar puro e limpo está fazendo maravilhas com a equipe – disse. Todos os jogadores estão dormindo bem e comendo melhor”.

Com efeito, os brasileiros causam inveja a todos os demais quadros que disputarão o torneio mundial, por haverem conseguido, como quartel-general, este de Macolin. O pavilhão ocupado pelo selecionado é inteiramente novo, como todas as facilidades necessárias para os modernos métodos de treinamento¹⁸⁵.

É interessante observarmos que meramente em função das condições climáticas, como o “ar puro” da Suíça, seriam capazes de potencializar o desempenho brasileiro; também o repouso dos jogadores constitui-se, no viés do periódico e de Zezé Moreira, como condição fundamental para o bom andamento dos trabalhos técnicos.

No dia 4 de junho, em uma matéria assinada por outra agência de correspondência internacional – algo não usual para o jornal carioca, realizado, acreditamos, de modo mais comum nos primeiros momentos da estada brasileira na Suíça – o JB¹⁸⁶ tratava da aclimação dos selecionados que já haviam se dirigido para a Suíça. Segundo a reportagem, tal fator estava associado, para a seleção italiana, a “um cardápio adequado”; para os húngaros, significava fazer uso em “abundância de bolas de treinamento, iguais às que serão utilizadas nas partidas oficiais do campeonato”; em relação aos próprios suíços, a matéria ressaltava que iriam “recolher-se esta semana em uma velha mansão nas montanhas, para ‘saturar-se’ da

¹⁸³ Ibid.

¹⁸⁴ Ibid.

¹⁸⁵ JB, 02 de junho de 1954, **Campeonato Mundial de Foot-ball - O 1º treino dos brasileiros em Macolin – Chegam à Suíça italianos e húngaros**, 2º Cad., p. 2.

¹⁸⁶ JB, 04 de junho de 1954, **Campeonato Mundial de foot-ball – Novo treino dos jogadores brasileiros – Preparados os austríacos – Vai prevalecer o sorteio para as quartas de finais e semi-finais**, 2º cad., p. 3.

aclimatação”. Nesses termos, é curioso observarmos a correlação estabelecida sobre tal tema com o selecionado brasileiro:

Zurique, 3 (Por William Anderson, da U. P.) – Aclimatação. Esta é a palavra de ordem para os jogadores de numerosos países, que disputarão aqui, em junho próximo, a Taça Jules Rimet.

(...)

Os brasileiros encarregam seus médicos da fiscalização minuciosa e diária dos detalhes de peso e pulso, temperatura nos alojamentos, e atento cuidado da saúde e força física geral¹⁸⁷.

A reportagem ainda trataria do favoritismo dos brasileiros e dos húngaros e apresentaria comentários, supostamente atribuídos aos húngaros, pouco elogiosos sobre a postura que os futebolistas brasileiros teriam adotado, sendo excessivamente pudorados em relação à presença feminina no entorno da concentração: “Fazem notar [os húngaros] que os brasileiros se abstêm deliberadamente de toda relação com a juventude feminina que circula em torno dos alojamentos de todos os participantes no campeonato”¹⁸⁸. Finaliza ainda a matéria salientando que tal atitude não seria natural por parte dos brasileiros.

Por fim, um registro em relação à preparação médica para a Copa de 54 vai ao encontro daquilo que já pontuamos acerca dos cuidados adotados nos momentos anteriores às partidas da seleção. Uma vez mais verificamos um atendimento prestado pelo médico da CBD aos jogadores em regime prévio aos jogos, habilitando ou afiançando a participação do futebolista no embate que seria travado. Para exemplificarmos, vale atentarmos para o jogo amistoso entre seleção brasileira e o FC Bienne; nesse caso, a atividade do médico Paes Barreto era assim reportada pelo JB:

REVISÃO MÉDICA AMANHÃ

O médico do selecionado brasileiro, dr. Newton Paes Barreto, que fora à Alemanha a negócios particulares, atinentes à sua profissão, já retornou, e amanhã procederá à revisão de todos os cracks que participarão do match-treino à tarde contra o F. C. Bienne. Sabe-se que Bauer queixa-se de um tornozelo e Eli de uma leve contusão na perna, enquanto Alfredo, embora quase completamente restabelecido da erizipela e da contusão, dificilmente será aproveitado¹⁸⁹.

Antes de passarmos ao tópico que trata da mesma questão em relação à Copa de 1958, gostaríamos de fazer uma breve digressão que pode ser entendida simbolicamente como um

¹⁸⁷ Ibid.

¹⁸⁸ Ibid.

¹⁸⁹ JB 05 de junho de 1954, **Campeonato Mundial de Foot Ball – Treinam hoje os brasileiros com o ‘team’ do Bienne FC**, p. 11.

ocaso de um modelo médico e a inflexão para outro modelo do ponto de vista dos cuidados e do aparato médico direcionado aos jogadores – algo que ficará mais aclarado ao longo de nosso levantamento.

Após a Copa de 1950, não em um momento imediatamente após ser encerrado o torneio, mas num estágio um pouco posterior à derrota brasileira, quando de uma sedimentação sobre os significados da perda do título, o processo de apontamento dos culpados e expiação dos vilões acabou elegendo, dentre os responsabilizados, o goleiro Barbosa. Ao lado de Bigode e Juvenal, os três “afrodescendentes” foram alvos das manifestações polifórmicas da “singularidade do racismo brasileiro” (SOARES, 2002), que se refletiria de modo igualmente difuso ao longo dos anos seguintes, sobretudo quando a posição de goleiro do escrete brasileiro estava em questão¹⁹⁰.

Embora Barbosa ainda figurasse no plantel que disputou o Campeonato Sul-Americano de 1953, atuando inclusive como titular uma das partidas, o goleiro Castilho, do Fluminense, já despontava como um dos principais nomes do selecionado brasileiro. Castilho, notabilizado pela grandiosa sorte que o acompanhava – o que lhe rendeu o apelido de Leiteiro, em suposta alusão a um leiteiro que trabalhava no bairro das Laranjeiras e que, por duas vezes, fora premiado na loteria federal – defendeu o gol brasileiro na Copa de 1954 e chegaria a 1958 como um dos nomes fortes para disputar a posição, ao lado de Gilmar, do S.C. Corinthians Paulista. Contudo, ainda em 1957, próximo ao período que demarcou os jogos eliminatórios para a Copa da Suécia, Castilho se viu envolvido com uma antiga contusão no dedo mínimo da mão esquerda, que já havia sido fraturado ao menos quatro vezes e calcificado de modo anormal:

(...) era ligeiramente virado pra fora.

Uma junta composta de cinco médicos levantou duas possibilidades de tratamento: colocar um enxerto ou fazer uma cirurgia para correção do eixo. Castilho teria de ficar pelo menos três meses sem jogar. O goleiro não gostou de nenhuma das duas propostas. Não queria sair do time em um momento tão importante do Campeonato Carioca, no qual o Fluminense lutava por mais um título. Foi então que ele apresentou uma solução rápida e inusitada: cortar o mal pela raiz, ou seja, amputar o dedo da mão (GUILHERME, 2006, p. 126).

Castilho ainda argumentaria, à revista *Manchete Esportiva*¹⁹¹, na época¹⁹², em favor de sua própria decisão, descrevendo o processo de convencimento que teve que fazer junto ao

¹⁹⁰ Após Barbosa (1950), a seleção brasileira só teve novamente um goleiro negro, titular em Copa do Mundo, com Dida (2006).

¹⁹¹ *Manchete Esportiva*, 1957, apud GUILHERME, 2006, p. 127.

¹⁹² Segundo apuramos, trata-se da edição nº 82 da revista, publicada em de 15 de junho de 1957.

médico Paes Barreto e assumindo os riscos por insistir na realização de tal procedimento cirúrgico:

O fato concreto é que, no meu entendimento, meu dedo continuaria imóvel, e isso roubava a autoconfiança. Foi quando pensei na amputação parcial. Só com ela eu me sentiria novamente confiante. Dr. Paes Barreto foi contrário à operação, ficou então determinado que, para que houvesse a operação eu teria de assinar um termo de responsabilidade. Vivi um drama durante 48 horas. De um lado a minha convicção de que só a amputação resolveria o meu problema. No outro lado, a minha senhora e os médicos não concordavam. Telefonei para o Dr. Paes Barreto e fui franco. Se não houver operação não poderei mais continuar jogando, assim não confio mais em mim. No dia seguinte dei entrada na Casa de Saúde. Eram oito horas. Paes Barreto já me esperava. Antes da anestesia, ainda ouvi sua última frase: “Castilho, você é louco!”

De fato, houve tempo hábil para Castilho se recuperar da amputação parcial, tanto para o Campeonato Carioca daquele ano, como para a Copa de 58. Embora tenha sido reserva em ambas as ocasiões (1958 e 62), Castilho foi bicampeão do mundo pela seleção nas copas da Suécia e do Chile.

2.3.3. *Copa de 1958*

A tarefa de empreendermos uma reconstituição da trajetória médica em torno da seleção de 1958, diferentemente do que apuramos em relação às duas Copas anteriores, é envolvida por um processo mais trabalhoso, com maior amplitude e envolvimento de mais personagens. Em 1958, essa temática, em termos de cobertura da imprensa escrita, determina um notório contraste em relação aos processos passados, não somente do ponto de vista do tratamento dedicado à questão, mas também pela maior complexidade observada em relação aos profissionais envolvidos, às especialidades médicas evocadas e, mormente, pelo estabelecimento de novas dinâmicas de atuação e de extensão do alcance destes profissionais da medicina.

Na seleção brasileira e na CBD, mesmo considerando-se a notável diferença em importância entre os jogos disputados em 1957 e os preparativos para os jogos da Copa de 58, fica evidenciado que a partir do ano da Copa os processos dirigidos ao selecionado brasileiro no campo da preparação e dos cuidados médicos, se não atenderam a uma dinâmica completamente original, a fizeram sob um viés completamente novo e determinante. Em

termos comparativos, a importância das partidas e torneios sem grandes proporções verificados em 1957 é correspondente àquela verificada em 1959, mas, como veremos após a conquista brasileira, novas dinâmicas seriam assimiladas na seleção.

Os primeiros indícios que apontam para essa inflexão em relação aos cuidados médicos já estavam previstos no PPMC; um olhar mais detido em seus artigos podem ser reveladores do valores expressados à época.

2.3.3.1. A questão médica no Plano Paulo Machado de Carvalho

Como já pudemos salientar, a segmentação das funções e dos encargos propostos pelo Plano inovava no sentido de direcionar explicitamente as atribuições e impor, de modo horizontal por meio de um regimento, as determinações dos envolvidos com a seleção. O próprio Paulo Machado de Carvalho, já no “Preâmbulo necessário” do Plano, dirigido ao presidente João Havelange, salientava a “divisão de tarefas e responsabilidades, sem que haja o senhor absoluto”, fruto de uma “indiscutível exigência dos fatos para a seleção nacional” que era materializada por meio do trabalho apresentado.

Nesse contexto, é válido atentarmos para as disposições expressamente presentes no PPMC, concebidas ainda em novembro de 1957, no que tange às questões de ordem médicas – sem dúvidas de fundamental fulcro na concepção do planejamento. Elencaremos, assim, excertos de seis capítulos que contemplam essa temática, recortando os artigos de interesse para a elucidação que propomos.

Logo em seus artigos iniciais, tratando ainda das competências relativas ao CND, discorria o PPMC sobre a regulamentação acerca dos especialistas que seriam designados pelos dirigentes – algo que, no plano teórico, competiria ao Conselho Técnico da CBD. É importante termos em mente que o Plano é criado para ter uma incursão pontual, com a proposição de organizar a seleção tão somente para a Copa de 58; mesmo assim, suas disposições são de ordem supra institucional, criando ou atribuindo funções ao CND, à CBD e a seus órgãos vinculados. A redação dizia o seguinte:

DO CND
Competirá ao Conselho Nacional de Desportos, na colaboração a ser dada à direção da seleção nacional, o seguinte:

(...)

2º Definir sobre os elementos que deverão exercer funções especializadas, de treinador, médico, massagista e preparador físico, quanto à obrigatoriedade ou não da apresentação de diploma esportivo.

As atribuições atinentes ao CTF também estavam previstas, dentre elas a indicação – não a escolha – de variados profissionais para atuarem junto à seleção, dentre os quais, o médico da seleção:

DO CTF

Ao Conselho Técnico de Futebol da CBD incumbirá:

19º Em harmonia com o supervisor:

- a) Indicar o treinador e o assessor do selecionado.
- b) Indicar o médico da delegação.
- c) Indicar um ou mais massagistas.
- d) Indicar o preparador físico.
- e) Indicar o cozinheiro.
- f) Indicar o chefe dos locais de concentração e hospedagem.
- g) Indicar, ouvida a direção técnica, o capitão da equipe.

Tais indicações, contudo, dependiam cabalmente das opções assumidas pelo supervisor. Como ficava evidente no capítulo dedicado à sua função, onde se nota que a escolha era sua incumbência a partir da simples indicação do CTF, o uso do termo “escolher” está associado a todas as funções; há, contudo, uma contemporização a partir de uma idealizada harmonização das opiniões:

DO SUPERVISOR

Ao Supervisor do Selecionado da CBD incumbirá:

25º Em harmonia com o CTF:

- a) Escolher o treinador e o assessor do selecionado.
- b) Escolher o médico da delegação.
- c) Escolher o massagista.
- d) Escolher o preparador físico.

26º Indicar, ouvido o médico, o cozinheiro da delegação.

No capítulo dedicado às convocações – não restritas aos futebolistas, haja vista que podemos depreender a ocorrência também da convocação dos membros do corpo técnico –, alguns detalhes sobre a questão médica eram enfatizados de modo pormenorizado, disciplinando tal tema do ponto de vista das abordagens, exames, obrigações dos jogadores perante o facultativo, resultados diagnósticos etc. É fundamental atentarmos para a determinação da relação final dos convocados para Copa em atenção, também, aos resultados médicos que seriam coletados a partir dos exames realizados:

DAS CONVOCAÇÕES

(...)

38º De posse da relação dos elementos considerados pelos observadores como merecedores de atenção especial, o Supervisor determinará em tempo hábil a

ida do médico da CBD, o qual será também o médico da seleção, aos respectivos centros onde militam esses atletas, para submetê-los a quantos exames médicos forem considerados necessários, para atestarem as reais condições físicas dos elementos em questão.

§ Único. Os exames médicos a que se refere o presente artigo terão caráter absolutamente reservado, a ele não podendo eximir-se os atletas relacionados, e os clubes aos quais os mesmos prestam serviço, e ficarão em caráter sigiloso de posse do médico, com conhecimento da supervisão quanto aos seus resultados.

39º Para o perfeito desenvolvimento desse trabalho ligado aos exames médicos dos jogadores considerados convocados, baixará o CND, instruções tendentes a facilitar a sua execução, se necessário.

40º No decorrer da primeira quinzena do mês de março de 1958, o supervisor, em harmonia com os elementos da direção da seleção, preparará a relação definitiva dos atletas que deverão ser convocados para a preparação com vistas à Copa do Mundo, fazendo-se as convocações e as respectivas comunicações a quem de direito logo no início da segunda quinzena do mesmo mês.

41º A convocação definitiva poderá ser feita com base na apreciação dos valores apresentados pelos observadores na primeira indicação, e também nas observações feitas posteriormente, a critério do Supervisor, e tendo como base os resultados dos exames a que os atletas tenham sido submetidos.

42º (...)

43º Os atletas convocados, uma vez apresentados, serão submetidos aos exames médicos considerados indispensáveis na oportunidade, e entrarão imediatamente no regime de preparação que lhes tenha sido determinado pela direção técnica da seleção.

No capítulo concernente à Direção Técnica são apresentadas as principais atribuições do médico, bem como a função relativa ao preparador físico. Fica, dessa forma, evidenciado o estabelecimento de determinadas hierarquias organizacionais no interior do corpo técnico e correlações entre os saberes; é sobremaneira importante atentarmos também para as esferas de influência e poder concentradas pelo médico do selecionado:

DA DIREÇÃO TÉCNICA

51º A direção técnica do selecionado será exercida pelo Supervisor, que terá como auxiliares diretos um treinador e um assessor, aos quais incumbirá:

(...)

52º Serão ainda elementos participantes da direção técnica do selecionado um médico e um preparador físico, aos quais incumbirá:

Ao médico:

- a) Dar toda a assistência de sua especialidade aos jogadores convocados.
- b) Traçar, em harmonia com o supervisor, o assessor e o treinador, o regime a ser seguido pelos jogadores na parte dietética e aquele que diz respeito às condições de cada local onde estiver a seleção.
- c) O médico terá ainda sob suas diretas ordens um ou mais massagistas, e um cozinheiro, aos quais ministrará as ordens e as instruções para bem conduzirem os trabalhos que lhes estarão afetos.

Ao preparador físico:

- a) Ministrará aos jogadores o treinamento especializado necessário à preservação do estado físico indispensável para bem realizarem sua tarefa.
- b) O preparador físico não terá a menor interferência em assuntos de natureza técnica, ficando inteiramente subordinado, no

exercício de suas funções, às determinações da Direção Técnica e à orientação do médico.

Por último, vale destacarmos ainda a parte relativa aos jogadores, na qual são apontadas algumas diretrizes impositivas quanto à conduta esperada em relação aos futebolistas, dentre as quais aquela referente aos cuidados com a saúde:

REGULAMENTO DOS ATLETAS

Aos atletas convocados para o treinamento, concentração, viagens e jogos da seleção nacional é estabelecido o presente regulamento, cuja obediência deverá ser absoluta.

(...)

70º Comunicar ao médico, com a máxima urgência, toda e qualquer anomalia verificada no seu estado de saúde, não se submetendo a consultas ou tratamento com terceiros sem conhecimento e ordem do médico da seleção.

2.3.3.2. O Preparador físico

No final de janeiro, enquanto os debates registrados pela mídia impressa empreendiam todos os esforços nos desdobramentos observados em torno do PPMC e nos debates acerca da escolha do técnico do selecionado, “funcionários da CBD e membros do CTF”, ou seja, grande parte dos dirigentes encarregados da seleção, sem se definirem enquanto órgão ou instância da CBD, decidiu importantes rumos a serem seguidos no processo de preparação do time brasileiro. Sem que qualquer contestação do mesmo gênero observado em relação ao plano ou ao técnico fosse salientada, registrava assim o JB os encaminhamentos tomados a partir da reunião que contou com a presença de Flávio Costa, técnico então cotado para assumir o selecionado:

São Paulo, 22 (Sport Press)

Conforme tivemos oportunidade de noticiar, durante três horas estiveram reunidos nesta capital, com o supervisor Paulo Machado de Carvalho, o técnico Flávio Costa, o médico Hilton Gosling, o assessor Vicente Feola e ainda membros da comissão que elaborou o plano para a Copa do Mundo.

PAULO AMARAL, PREPARADOR FÍSICO

Vários aspectos da preparação do selecionado brasileiro que concorrerá a Copa do Mundo, foram focalizados. O plano do supervisor foi apresentado ao técnico Flávio Costa que o aceitou. Foi sugerida a convocação de Paulo Amaral para preparador físico o que foi aceito. Tratou-se também da necessidade imediata do

exame médico dos elementos visados para a seleção nacional, bem como da introdução do exame psicotécnico para os jogadores convocados¹⁹³.

Ficava patente, a partir da reunião tachada pelo JB como “clandestina”¹⁹⁴, que a indicação de Paulo Amaral partia de um núcleo já definido para os trabalhos com o selecionado, não obstante sua escolha ter sido apresentada de modo indeterminado, sem que quaisquer dos membros presentes assumissem a autoria da sugestão. De todo modo, como já estava previsto no PPMC, a escolha do preparador físico estava diretamente associada às determinações da Direção Técnica e às diretrizes estabelecidas pelo médico do selecionado. Sua definitiva entrada em cena, portanto, não pode ser dissociada do mesmo movimento reordenatório que tem na personalidade médica atuante junto à Comissão uma de suas sustentações fundamentais.

A escolha pela nomeação de Amaral compreende também uma inovação sem precedentes no interior da CBD. Não encontramos registros, nem nos documentos de época nem na bibliografia especializada, de que essa função tenha sido desempenhada junto à seleção em ocasiões anteriores. Esse aspecto é importante, pois também é invocado como uma das partes do movimento modernizador oficialmente reivindicado pela gestão Havelange.

À época, o escolhido treinador físico já possuía uma carreira razoavelmente consolidada atuando junto ao futebol carioca. A escolha de seu nome atendeu, certamente, ao reconhecimento por uma prática que vinha sendo especializada de modo paulatino, já que desde o início dos anos 50 Paulo Amaral frequentemente atuava como auxiliar, assessorando o trabalho de outros treinadores do Botafogo F.R., ou até mesmo como técnico em jogos e excursões de menor importância. Ainda em 1956, Amaral é mencionado em uma reportagem do DN¹⁹⁵ como “ótimo treinador da parte de física”; em 1957, exercia a função de preparador físico da seleção carioca, e poderia até mesmo figurar como técnico da FMF, como pode ser notado na matéria do DN de janeiro de 1957, que reportava:

Deu entrada na CBD a relação nominal da FMF, para o Campeonato Brasileiro de Futebol. Na aludida relação figura Paulo Amaral como técnico oficial da equipe metropolitana. É que Sílvia Píro não possui o diploma de técnico para que possa, legalmente, dirigir o selecionado¹⁹⁶.

¹⁹³ JB, 23 de janeiro de 1958, **Crise latente na Confederação Brasileira de Desportos - Mandado às favas o Conselho Técnico de Futebol -- Cresce a oposição à escolha do treinador Flávio Costa**, 2º Caderno, p. 1.

¹⁹⁴ Ibid.

¹⁹⁵ DN, 10 de outubro de 1956, **Campeão em diversos esportes o goleiro revelação do turno**, 2ª Seção, p. 7.

¹⁹⁶ DN, 08 de janeiro de 1957, **Paulo Amaral, o Técnico Oficial da Seleção da FMF**, 2ª Seção, p. 7.

Amaral sagrou-se campeão carioca, também em 1957, trabalhando ao lado de João Saldanha, que naquele ano estreava como técnico do clube da Estrela Solitária numa extraordinária campanha no torneio regional¹⁹⁷.

Embora não tenhamos aqui espaço para discorrermos mais pormenorizadamente sobre os aspectos e métodos de trabalho presentes nas atividades conduzidas pelo preparador físico, entendemos ser importante destacarmos algumas qualificações acerca de Paulo Amaral. Registremos que fazemos isso com o ideal de apresentarmos algumas qualidades pessoais que se refletiam em seu posicionamento enquanto profissional a serviço da CBD; como veremos, ao menos de modo tangencial, seus referenciais práticos e metodológicos são derivados não somente de sua formação enquanto educador físico, mas também, e fundamentalmente, do conhecimento prático acumulado dos tempos que frequentava a caserna.

Carioca de nascimento, Amaral é reportado como tendo sido um zagueiro sem grande notoriedade, com atuação durante os anos 40, no Flamengo do técnico Flávio Costa e no Botafogo comandado por Ernesto dos Santos. No início da década de 50, à medida que ia encerrando a carreira como jogador, Paulo Amaral se habilitava para ser treinador de futebol graduando-se na Escola de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil: “Formou-se em Educação Física em 1948, voltando à escola em 1952 para tirar o diploma de técnico de futebol” reportou a Placar¹⁹⁸ no ano de 1970, quando Amaral exercia a função de técnico do Fluminense. Naquele mesmo ano, Amaral já havia figurado nas páginas do periódico da Abril¹⁹⁹; na primeira oportunidade, outras aptidões do treinador e preparador foram enfatizadas, sobretudo aquelas relacionadas à temível e grandiosa figura que despertava medo e submissão junto aos jogadores com os quais trabalhava:

(...) cabeça raspada a navalha, cara amarrada, peito sempre estufado quase rompendo a camiseta branca, a figura de Paulo Amaral lembra muito um gigante. Quase 2 metros de altura, quase 100 quilos de músculo. (...) Por amor ao seu clube, uma vez ele já pulou no fosso do Maracanã e brigou contra vinte torcedores. Ganhou a briga. Já repetiu isso numa excursão com o Botafogo à Espanha²⁰⁰.

Nessa mesma edição, outros métodos de trabalho de Amaral eram trazidos ao público leitor, tais como a adesão ao “sistema rígido de disciplina exagerada”, a prática de aplicar “castigo e humilhação diante dos companheiros” após alguma derrota, ou mesmo o medo que fazia questão de espalhar junto aos jornalistas quando se via contrariado ou questionado em seus

¹⁹⁷ O Campeonato Carioca de 1957 iniciou-se em 21 de julho e teve término em 22 de dezembro.

¹⁹⁸ Placar nº 41, 25 de dezembro de 1970. **Paulo Amaral, um durão**, p. 19.

¹⁹⁹ Placar nº 34, 6 de novembro de 1970. **Paulo Amaral, você é o culpado**, p. 39.

²⁰⁰ Ibid.

afazeres. Quando da preparação da seleção brasileira para a Copa de 1962 – portanto, após a conquista inaugural para o Brasil e sob outras condições conjunturais, mas ainda assim uma ocasião interessante do ponto de vista das adjetivações pessoais – o JB trouxe também detalhes mais apurados sobre a personalidade de Paulo Amaral; no subitem “O BOM CARRASCO”, o jornal apresentava uma ficha rápida do treinador e lhe transferia a palavra, para apresentação de uma justificativa em relação a certa repulsa que sua metodologia causava nos jogadores:

A condição de homem atlético, ex-membro da Polícia Especial e as feições duras de seu rosto tornaram Paulo Amaral, para os torcedores, o tipo do bruto inconsciente, resolvido a exigir tudo de qualquer jogador que lhe caia às mãos, no objetivo férreo de o tornar um super-atleta.

Paulo Amaral responde a essas acusações dizendo:

O jogador habitualmente não gosta de fazer ginástica pois, como qualquer homem normal, reage a todo esforço demasiado a que é submetido. É preciso que se force o jogador nos exercícios para que ele sinta depois os resultados benéficos desse trabalho e se convença que ele é imprescindível ao profissional de futebol²⁰¹.

Outros episódios não muito prestigiosos – de um ponto de vista mais altruísta – são reportados em relação à pessoa de Paulo Amaral. Contudo, o saldo positivo de sua atuação como preparador físico da seleção é destacado desde os primeiros estágios da temporada em Minas Gerais; sua importância, tanto em relação ao aumento do desempenho atlético dos jogadores, como assumindo a função de liderança junto ao grupo de futebolistas, ficou evidenciada nas coberturas realizadas:

PAULO AMARAL E A COMISSÃO TÉCNICA

Satisfeito com o trabalho de Paulo Amaral, na fiscalização dos exercícios de mecanoterapia, o Dr. Hilton Gosling o considera como “perfeito líder”. Também elogia o programa da Comissão Técnica, afirmando que todas as suas decisões foram tomadas sem balbúrdia²⁰².

Pelé, em sua já mencionada autobiografia, também apresenta alguns detalhes da formação da Comissão Técnica de 1958 e dos sistemas de trabalho adotados por Paulo Amaral, algo que a um só tempo gerava ganhos e medo junto aos jogadores:

(...) além de Feola e do Dr. Gosling, tínhamos Paulo Amaral para nos ajudar, um pioneiro no condicionamento físico. Ele exigia muito de nós, não havia um momento de relaxamento, e queixas não eram toleradas. A minha punica crítica na época – não que a expressasse a ele, é claro! – era ao fato de ele pôr todo mundo para fazer os mesmos exercícios, independentemente das condições de cada um, idade ou constituição física. Além de estar contundido, eu tinha apenas 17 anos de idade, convém lembrar, e sentia as consequências desse regime. Mas, naquele tempo, a mera presença de um preparador físico, qualquer que fosse sua estratégia,

²⁰¹ JB 14 de abril de 1962, **Paulo Amaral diz que os males da seleção tem os dias contados**, p. 12.

²⁰² JB, 23 de abril de 1958, **Hilton Gosling dorme quatro horas por dia**, 2º Caderno, p. 1.

era um progresso. E na verdade o ritmo intenso era bom, especialmente para uma campanha tão curta como a Copa do Mundo, com um máximo, na época, de apenas seis partidas para jogar (NASCIMENTO, 2006, p. 88-89).

De toda forma, a partir de 1958, Paulo Amaral se estabeleceria na Comissão Técnica da CBD e desempenharia papel preponderante nessa Copa e na seguinte como assessor técnico, técnico de campo e preparador físico. Em outros episódios ocorridos após a Copa da Suécia, Amaral faria jus à fama de “durão” e exerceria destacada atuação sobretudo na superação de antigas rixas sul-americanas, como em função da briga generalizada protagonizada por brasileiros e uruguaiois em 1959.

2.3.3. *Copa de 1958 [continuação]*

No início de abril, de modo contínuo ao anúncio da primeira leva de convocados para os treinamentos com vista à Copa de 1958, a CBD divulgava aquele que seria o planejamento a ser cumprido pelos jogadores selecionados. O JB trazia a notícia com o mesmo teor crítico que carregava na cobertura esportiva da seleção desde a apresentação do PPMC: “Seleção: muita estação de água e poucos treinos”²⁰³; a cobertura lamentava o fato de serem realizados somente três coletivos no período de dezoito dias concentrados em Araxá, mas apresentava outros detalhes que seguramente apresentam maior importância:

Estação de águas de 18 dias (11 em Araxá e 7 em Poços de Caldas), 4 jogos internacionais (com paraguaios e búlgaros), 3 treinos de conjunto, 10 individuais e 3 folgas constituirão a fase brasileira de treinamento da seleção nacional, que será submetida a exame por um exército de 40 médicos (15 do Conselho Superior e 25 da Junta) e estará pronta para embarque a 18 de maio.

Isso o que resolveram, ontem, em reunião, Conselho Técnico, Comissão de Assuntos Internacionais, Comissão Técnica, diretor de desportos terrestres, presidente e vice-presidente da Confederação Brasileira de Desportos, ao apresentarem, oficialmente, a lista de 31 (17 cariocas e 14 paulistas) (...)

O programa de treinamento ficou assim elaborado:

Dia 24 de abril (quinta-feira) - individual;

25 - folga;

26 - individual;

27 - conjunto;

28 - regresso da concentração

29 - conjunto;

30 - individual;

1º de maio - conjunto;

2 - descanso;

3 - individual;

...

A concentração terá início dia 10, em Araxá, onde os convocados ficarão até dia 21.

Depois seguirão p Poços de Caldas, onde permanecerão até 28.

Os exames médicos começarão a 7, obedecida a seguinte escala...²⁰⁴.

O desconforto gerado em um setor da crônica esportiva em função da determinação de menos dias para trabalhos coletivos era agravado pelo investimento de grande energia e destacamento pessoal em trabalhos de ordem médica. O “exército” de 40 médicos era formado por profissionais contratados pela CBD, hierarquizados com as divisões entre Conselho Superior e Junta Médica, sob o comando de Hilton Gosling, antigo conhecido de Havelange e profissional do corpo médico do Bangu A.C. convocado para a seleção brasileira. A realização de uma minuciosa averiguação das condições dos jogadores

²⁰³ JB, 01 de abril 1958, **Seleção: muita estação de água e poucos treinos**, 2º cad. p1 e 4.

²⁰⁴ Ibid.

extrapolava em variados sentidos os exames prévios até então observados nas Copas anteriores.

Algumas atribuições médicas anteriormente já verificadas faziam-se presentes também em 1958. A escolha e determinação da localidade na qual se concentraria a seleção brasileira também era uma incumbência que recaía sobre o facultativo da seleção. Nessa oportunidade, a opção de Gosling pelas cidades de Araxá e Poços de Caldas, em detrimento de Teresópolis, foi destacada pelo JB na mesma reportagem, no subitem “Porque Araxá e Poços”:

O médico Hilton Gosling deu, ontem, para a imprensa, as razões porque preferiu Araxá e Poços de Caldas, recusando o oferecimento de Teresópolis para a concentração do selecionado. Usou um critério de notas para as três estâncias: Teresópolis conseguiu 19 pontos; Araxá, 29 e Poços 31.

O critério foi este, sempre respeitada a ordem: Teresópolis, Araxá, Poços: (...) clima, alimentação, vias de acesso, acomodações, hidroterapia, fisioterapia, mecanoterapia, raio X, campo, vestiário, recreação²⁰⁵.

Gosling matematizou uma escala avaliativa e elencou os principais critérios, dando notas para as três cidades previamente selecionadas. Além de clima, acesso, condições de hospedagem e alimentação, quesitos já verificados em outros preparativos para Copas, outros critérios passaram a figurar nas prioridades, como fisioterapia, mecanoterapia e disponibilidade de serviços de raio-X. No mesmo dia ainda era noticiado que Paulo Machado de Carvalho assumiria a chefia da delegação, em vista de ter cedido às pressões para declinar do posto de supervisor.

O clima médico preparatório seguia com bastante intensidade após a divulgação da programação. Enquanto não se aproximava a data de apresentação dos futebolistas para o início da concentração, Gosling acompanhava de modo bastante próximo não só os 31 jogadores convocados como outros que ainda poderiam ser convocados a qualquer momento – não podemos olvidar a possibilidade anunciada de que a lista poderia chegar a 40 nomes. É nesse contexto que o médico da seleção vai em busca de informações mais precisas, realizando visitas aos domicílios dos jogadores e trocando informações com os departamentos médicos dos clubes. Ilustrativo dessa abordagem é o caso do lateral-direito Paulinho, do Vasco da Gama, veterano da Copa de 1954 que, à época da primeira convocação encontrava-se em processo de recuperação de uma fratura. Na matéria “Otimista o médico da C.B.D.”²⁰⁶ o JB relatava que Gosling havia se encontrado com Dr. Valdir Luz, médico do Vasco, na casa da noiva de Paulinho para analisar a calcificação da fratura do jogador; Gosling ficara

²⁰⁵ Ibid.

²⁰⁶ JB, 03 de abril de 1958, **Otimista o médico da C.B.D.**, 2º. Cad., p. 1.

otimista e, segundo o relato “admite a possibilidade do aproveitamento de Paulinho no escrete nacional que irá à Suécia”²⁰⁷. O caso de Paulinho ainda teria outros desdobramentos que iremos trazer à baila mais adiante; antes de seguirmos com uma retomada mais linear das questões enfocadas, julgamos ser pertinente fazermos um pequeno aporte sobre o caso do zagueiro Pavão, do Flamengo, dada a proximidade do caso com o exemplo de Paulinho.

Já em meados de abril, quando a seleção havia iniciado o primeiro período de treinamento em Poços de Caldas, era aventada a possibilidade de convocação de Pavão. Para tanto, o médico da CBD havia entrado em contato com o setor médico do clube da Gávea, haja vista que o zagueiro recentemente havia sofrido uma contusão num dos jogos do torneio Rio-São Paulo e não se possuía conhecimento acerca da gravidade da lesão sofrida pelo jogador: “Mesmo sem ter achado a oportunidade de um diagnóstico completo, admitiu o Dr. Paulo São Tiago a possibilidade de uma rápida recuperação do jogador”²⁰⁸. A troca de informações entre clube e CBD é apontada como fundamental para melhor avaliação do caso do jogador, sobretudo em vista de vindouras convocações que ainda seriam realizadas. No tópico “CIÊNCIA A GOSLING” é relatado o acordo firmado entre ambos os médicos: “Assumiu o Dr. Paulo São Tiago, com o Dr. Hilton Gosling, o compromisso de mandar-lhe para Poços de Caldas o resultado dos exames, tão logo os tenha em mão”²⁰⁹.

Em 8 de abril o JB²¹⁰ já trazia uma prévia após a primeira leva de exames realizados num grupo de oito jogadores cariocas. Sob a manchete “Jadir e Altair voltarão para novo exame médico”, o jornal destacava os jogadores que teriam de passar por um processo de exames mais apurados e apresentava alguns detalhes dos procedimentos aos quais os futebolistas foram submetidos:

Dos oito jogadores convocados para a seleção nacional examinados, ontem, dois receberam instruções para uma nova apresentação, quando serão submetidos a novos testes: Jadir, do Flamengo, e Altair, do Fluminense. De um modo geral, porém, os resultados foram satisfatórios, apesar de não ter o Dr. Hilton Gosling, responsável geral pelos exames, estudando ainda as fichas.

Os exames foram realizados na Santa Casa de Misericórdia, e feitos por uma junta de 27 médicos, de 15 especialidades²¹¹.

A utilização do aparato médico da Santa Casa ajuda a compreendermos a plausibilidade da designação do numeroso grupo médico. O jornal ainda buscava mais

²⁰⁷ Ibid.

²⁰⁸ JB, 12 de abril de 1958, **Médico da C.B.D. pede a presença de Pavão no Rio**, 2º Cad. p. 1.

²⁰⁹ Ibid.

²¹⁰ JB, 08 de abril de 1958, **Jadir e Altair voltarão para novo exame médico**, 2º Cad. p. 1.

²¹¹ Ibid.

detalhes sobre os exames, deixando transparecer até mesmo certa curiosidade acerca dos resultados já coletados:

MELHORES: ZAGALO E JOEL

O estudo e a crítica dos elementos recolhidos ainda não foi feito. São complexos, de interpretação, pedindo longo tempo de estudo e só com o correr dos dias serão analisados.

Extraoficialmente, porém, admitia-se que Zagalo e Joel foram os jogadores que apresentaram os melhores índices²¹².

Outro aspecto que merece destaque é a comunicação realizada pelo médico Hilton Gosling, que informava - até o momento no qual falava - terem apresentados os exames resultados satisfatórios, sem que houvesse de prontidão algum caso que indicasse corte ou afastamento de algum jogador:

BONS EXAMES

Ontem, o Dr. Hilton Gosling examinou apenas os resultados dos eletrocardiogramas e dos exames de circulação periférica. Os outros, viu-se apenas superficialmente.

“Até agora”, disse “não vi motivos para cortes”²¹³.

Seguiu o JB apresentando nominalmente os médicos, o que julgamos ser inócuo para nossos intentos. Entrementes, vale destacarmos as especialidades médicas elencadas, tal e qual são arroladas pelo jornal: “Otorrinolaringologia”, “biometria”, “odontologia”, “exame geral”, “pele”, “aparelho respiratório”, “músculo-ossos-articulações”, “glândulas”, “exame clínico”, “coração”, “circulação periférica”, “laboratório”, “raios X” e “oftalmologia”²¹⁴.

Dando sequência aos exames dos jogadores, no dia subsequente o JB publicava uma grandiosa matéria intitulada “Garrincha: pernas vão muito bem, mas garganta deve ser operada em breve”²¹⁵ (Imagem 09). O caso do ponta direita do Botafogo F.R. e da seleção era estampado por uma foto na qual o jogador era retratado sem camisa, deitado de boca aberta, sendo examinado por um médico, com a seguinte legenda: “amídala não vai à Suécia”; abaixo do ponta, outras duas fotos, de Belini e Zito, também tendo a boca examinada. A matéria trazia diversos detalhes acerca de variados jogadores em diferentes exames realizados, e destacava, de saída, os casos mais sérios dos futebolistas com inflamações nas amígdalas e que teriam que se submeter a operações cirúrgicas:

²¹² Ibid.

²¹³ Ibid.

²¹⁴ Ibid.

²¹⁵ JB, 09 de abril de 1958, **Garrincha: pernas vão muito bem, mas garganta deve ser operada breve**, 2º Cad., p. 1 e 3.

De modo geral, os resultados do segundo dia (registrou, apenas, a ausência de Vavá), foram pouco animadores: Orlando, Garrincha e Castilho serão dados como “não aptos”, porque precisam extrair as amígdalas, e apenas o goleiro do Fluminense não apresentou cárie dentária. Em compensação, as pernas de Garrincha poderão continuar como estão, sem qualquer prejuízo para seu futebol.

BISTURI PARA TRÊS

Orlando, Garrincha e Castilho terão de ser operados, imediatamente, se não quiserem perder os primeiros ensaios²¹⁶.

O JB ainda trazia a palavra do médico do Vasco da Gama sobre o caso de Orlando, diagnosticado como o mais grave dentre aqueles que necessitavam de operações. É interessante atentarmos para as esquivas quanto às responsabilidades do clube em relação à saúde do jogador:

Há muito, Orlando vem necessitando de operação. Os compromissos do Vasco, porém, forçaram o adiamento do problema. Agora, já não há razões para novas protelações. Não sou especialista em garganta, mas concordo, inteiramente, com a opinião do Dr. Fernando da Cunha, que o examinou.

(...)

Se a Confederação não providenciar a operação, o Vasco se encarregará do caso, imediatamente²¹⁷.

A mesma matéria, como já proposto na manchete, destacava o caso de Garrincha, que havia passado por um traumatologista. O jogador e os membros da CBD que acompanharam os exames estavam interessados em ouvir uma resposta para um questionamento supostamente lançado, em outros tempos, por um médico que havia se apresentado para “endireitar as pernas do jogador”. Em resposta, o traumatologista Pedro da Cunha Júnior afirmou: “O defeito é um desvio da tíbia. As articulações são normais. Não aconselharia uma operação de correção, nem acredito que ela deixaria as duas pernas perfeitamente iguais”, completando ainda que “Garrincha pode jogar normalmente”²¹⁸.

A matéria ainda registrava o “ambiente de bom humor” no qual os exames transcorreram, e usava de uma sutil jocosidade ao tratar dos exames odontológicos pelos quais passaram os jogadores:

Em duas turmas, os jogadores estiveram na Faculdade Nacional de Odontologia, para os exames, que começaram às 14.15 e terminaram às 15-45 horas e foram feitos pelo professor Sílvio Bevilacqua, catedrático da 1ª cadeira de clínica odontológica, e sua equipe de assistentes.

Compareceram: Ernani, Didi, Nilton Santos, Belini, Orlando, Pampolini, Zito, Formiga, Pepe e Dida. Os quatro últimos tremeram na cadeira e fizeram cara feia, mas o rubro-negro ainda foi além, não quis fotografia de boca aberta.

²¹⁶ Ibid.

²¹⁷ Ibid.

²¹⁸ Ibid.

Foram tiradas 16 radiografias (preço normal de cada uma é 50 cruzeiros, mas a CBD nada pagará) de cada jogador e somente depois de revelada será conhecido o resultado: possivelmente amanhã. Uma coisa, porém, ficou logo evidenciada: a média geral é má: quase todos têm aparelhos de prótese e cáries dentárias; Castilho foi a única exceção (...) ²¹⁹.

Em 09 de abril, na matéria “Feola adia as novas requisições para não agravar a crise da CBD”²²⁰, o JB evocava novamente a “crise”, ou a “fogueira”, ou ainda a “tempestade” na qual se via a Confederação – mesmo sem fundamentar seu ponto de vista – para justificar a não convocação de novos jogadores em vista de dispensas que ocorreriam ainda durante a primeira triagem médica. O caso do zagueiro Formiga, da S.E. Palmeiras, era trazido pelo jornal para exemplificar as situações de desligamento e substituição de nomes; recentemente operado do menisco, a saída do zagueiro era dada como certa: “está com a perna direita muito fina e sem todos os movimentos normais”²²¹, apontava o JB.

Outra característica comumente verificada nesse período ainda próximo do anúncio dos convocados era um relativo atrelamento de matérias que tratavam, em relação aos jogadores, das questões médicas e, propriamente, dos treinamentos. Em 10 de abril²²² o JB trazia uma notícia abordando tanto a viagem dos futebolistas a Poços de Caldas como os resultados médicos dos exames; a bem da verdade, um assunto era determinante para o outro, de tal modo que as questões não poderiam ser dissociadas:

Sem Garrincha, Orlando e Pepe, os jogadores convocados para os treinos iniciais do selecionado brasileiro que disputará a “Copa do Mundo”, na Suécia, seguirão para Poços de Caldas, onde ficarão em repouso de 11 dias.

Os três excluídos fazem parte da relação de considerados aptos sob condição. Ficarão no Rio para serem operados, mas não apresentam maiores problemas ²²³.

Mesclada a certa inconstância nas apresentações dos dados brutos dos resultados dos exames, o jornal apresentava também algum detalhamento dos diagnósticos. A classificação “aptos sob condição”, ao que tudo indica, torna-se bastante comum, assim como as considerações que previam recuperação após operação cirúrgica:

OS DIAGNÓSTICOS

(...)

Dos 31 que passaram pelas enfermarias da Santa Casa, apenas 13 foram considerados como aptos, sob condição.

(...)

DENTES E AMÍDALAS

²¹⁹ Ibid.

²²⁰ JB, 09 de abril de 1958, **Feola adia as novas requisições para não agravar a crise da CBD**, 2º Cad., p. 1 e 3.

²²¹ Ibid.

²²² JB, 10 de abril 1958, **Hoje: em Poços os “scratchmen”**, 2º Cad., p. 1.

²²³ Ibid.

Dos 18 jogadores julgados aptos sob condição, oito apresentaram inflamações das amídalas; um desvio de septo nasal; três, lesões no joelho; quatro, focos dentários; um, resfriado; dois, varizes.

A relação detalhada é a seguinte:

Carlos Alberto – desvio no septo nasal, motivado por fratura. Pode ser recuperado, com pequena operação;

Gilmar – Varizes. Pode ser recuperado, com operação;

De Sordi – Amídalas – Pode ser recuperado depois de operado;

Castilho – Amídalas – Pode ser recuperado com operação;

Orlando – Amídalas – Pode ser recuperado com operação;

Oreco – Amídalas – Pode ser recuperado com operação;

Zózimo – Amídalas – Pode ser recuperado, com operação;

Jadir – Lesão no joelho. Pode ser recuperado, com tratamento intensivo;

Pelé – Amídalas – Pode ser recuperado com operação;

Nilton Santos – Dentes e Varizes – Pode ser recuperado pela extração de alguns dentes e operação das varizes;

Altair – Entorse no joelho esquerdo, com interseção dos ligamentos. Pode ser recuperado com tratamento intensivo e repouso;

Vavá – Resfriado – Pode ser recuperado, mesmo em Poços de Caldas, com tratamento intensivo;

Pampolini – Focos dentários. Pode ser recuperado com algumas extrações;

Mauro – Focos dentários – Pode ser recuperado com algumas extrações;

Canhoto – Amídalas – Pode ser recuperado com operação;

Formiga – Foi operado dos meniscos. Pode recuperar-se com tratamento intensivo;

Pepe – Focos dentários – Apresenta anormalidade de crescimento das gengivas. Pode ser recuperado, com pequena cirurgia e cauterização.

HOJE A OPERAÇÃO DE PEPE

(cirurgia da boca)

A operação de Pepe será feita hoje.

As de Orlando e Garrincha não está marcadas²²⁴.

O início dos trabalhos técnicos e físicos do selecionado também esteve entremeado pelas questões médicas na cobertura empreendida pelo JB. Após uma abordagem sobre os exercícios realizados pelo elenco, a matéria “Hoje: primeira manobra da seleção”²²⁵ tratava também de algumas outras questões também relacionadas à ampliação do rendimentos dos jogadores, como no caso das novas chuteiras com solado sintético:

Na parte da manhã, Vicente Feola os reuniu, para conhecerem o regulamento interno da concentração (entre outras coisas proíbe jogos a dinheiro e uso de cigarros no refeitório) e para lhes informar que, na Suécia, usarão chuteiras alemãs com solas de “nylon”²²⁶.

Feola também apelava pela colaboração de “todos” no suporte à seleção: “não apedrejando a seleção se os primeiros resultados não forem excepcionais”, clamava o treinador. Um pouco mais adiante, a matéria passava a palavra ao médico Hilton Gosling, que procurava desfazer algum desconforto criado com os clubes dos respectivos jogadores a serviço da seleção, já que

²²⁴ Ibid.

²²⁵ JB, 12 de abril de 1958, **Hoje: primeira manobra da seleção**, 2º Cad., p. 1.

²²⁶ Ibid.

esses haviam sido diagnosticados com problemas de ordem médica os quais não haviam sido tratados em suas próprias agremiações:

De sua parte, o Dr. Hilton Gosling conversou, demoradamente, com os repórteres, para dizer que não houve intuito da Junta Médica em menosprezar os departamentos especializados dos clubes. Adiantou que seria humanamente impossível a um só homem entender de várias especialidades, afirmando que o trabalho da Junta deve ser encarado, até, como uma contribuição aos departamentos médicos²²⁷.

A reportagem ainda apontava que alguns jogadores encontravam-se em difícil situação para se recuperarem a tempo de participarem do mundial: “Murmura-se que a recuperação de Formiga e Altair é difícil”, apontava uma seção com notas rápidas sobre os eventos ocorridos com a seleção.

O início dos exercícios individuais e de preparo físico, igualmente merece ser abordado em meio às tratativas de ordem médica; novamente, também, a adaptação aos materiais de jogo é mencionada:

Ontem, a diversão acabou um pouco: no campo da A. A. Caldense, os jogadores, sob comando do técnico Feola e do preparador físico Paulo Amaral, realizaram seu primeiro exercício individual. Alguns craques dele estiveram livres; foram com o médico da delegação, Dr. Hilton Gosling, tomar banhos térmicos.

Na sexta-feira, será realizado o primeiro treinamento coletivo. A grande novidade deste exercício: ele será realizado com bolas dinamarquesas, iguaizinhas as que serão usadas na Suécia²²⁸.

A mesma matéria tratava ainda do veto imposto por Paulo Machado de Carvalho à viagem das esposas dos jogadores à Suécia. A justificativa para a decisão não é pormenorizada, senão com a argumentação de que nem Feola, nem Gosling, nem mesmo Machado de Carvalho estariam acompanhados de suas respectivas cônjuges.

A operação de retirada das amígdalas de Garrincha e Orlando também mereceria cobertura do JB; voltando à carga, novamente o jornal adotaria um tom brejeiro para tratar da condição de ambos os jogadores:

Por sinais, que estão proibidos de falar, Garrincha e Orlando explicaram ao JORNAL DO BRASIL que já estão sem as amígdalas e passam bem de saúde.

Orlando não tem se alimentado bem; diz que não sente vontade de comer. Mas Garrincha vive, constantemente, reclamando que está com fome.

SAIRÃO HOJE

Hoje, os dois craques deverão deixar a Policlínica de Copacabana. Ficarão descansando em suas residências.

²²⁷ Ibid.

²²⁸ JB, 15 de abril de 1958, **Nenhum membro da seleção brasileira poderá levar a sua esposa à Suécia**, 2º Cad., p. 1.

Mas na próxima terça-feira, deverão comparecer ao consultório do Dr. Costa Cruz, o médico que os operou. Se tidos como aptos, terão autorização para irem ter com seus companheiros em Araxá ou Poços de Caldas.

PASSANDO BEM

A operação de Garrincha demorou 15 minutos, e a de Orlando, 20. A enfermeira nos disse que Garrincha demonstrou um invulgar sangue frio, sendo que Orlando demonstrou mais temor.

O estado de ambos, em matéria de saúde, é excelente. Quem isto nos declarou foi o dr. Costa Cruz²²⁹.

No mesmo dia 16, o JB²³⁰ voltaria a tratar do caso do zagueiro Paulinho, do Vasco da Gama. A matéria era estampada por uma foto do defensor – sentado, tendo uma bengala apoiada nas pernas – no interior do departamento médico de São Januário. A legenda do retrato apontava “(...) grande empenho tem esse craque de defender o Brasil, na Copa do Mundo”; o texto da matéria dava destaque à comunicação direta estabelecida entre o futebolista e o médico do selecionado:

Certo de que poderá recuperar-se a tempo de ser útil à seleção, Paulinho – o do Vasco da Gama – continua a fazer seu tratamento, sempre em comunicação com o médico Hilton Gosling.

(...)

FALOU COM O MÉDICO

Por telefone, ontem, Paulinho manteve demorada palestra com o Dr. Hilton Gosling; falou, então, sobre o seu estado físico, que julga dos melhores.

- “Repousei dez dias em Porto Alegre, na casa de meus pais” – disse o craque, na ocasião, explicando que durante este tempo obedeceu, sempre, ao tratamento prescrito pelos médicos.

(...)

EM MAIO VOLTARÁ

Uma coisa que o zagueiro vascaíno estranhou: os treinos de conjunto em Poços de Caldas, pois pensava que somente fossem ministrados tratamento e repouso para os que necessitassem, lá.

- “Tenho feito tudo o que os médicos recomendaram. Espero poder tomar parte nos treinamentos já nos primeiros dias de maio” – finalizou Paulinho²³¹.

Somente três dias após a conversa via telefone, o médico da seleção recebeu, via repórter do JB, a radiografia tirada da perna do zagueiro. Na matéria que apresentava o subtítulo “JORNAL DO BRASIL foi portador da radiografia do zagueiro”²³² era trazida a condição de Paulinho à luz da análise de Gosling:

A impressão do Dr. Hilton Gosling foi favorável, contrariando o pessimismo do jogador, que se submetera ao exame radiográfico, terça-feira, tentando seu aproveitamento no selecionado brasileiro. Acredita Dr. Hilton Gosling que Paulinho

²²⁹ JB, 16 de abril de 1958, **Garrincha e Orlando sairão sem amígdalas**, 2º Cad., p. 1.

²³⁰ JB, 16 de abril de 1958, **Paulinho: “Em maio já estarei nos treinos”**, 2º Cad., p. 1.

²³¹ Ibid.

²³² JB, 18 de abril de 1958, **Gosling recebeu a chapa de Paulinho**, 2º Cad., p. 1.

estará em condições de treinar, a partir de 10 de maio. Todavia, o atleta cruzmaltino e Pavão não serão convocados, mas apenas relacionados²³³.

Como dito, o jogador não reuniu condições para participar do treinamento do selecionado, ficando, como forma de consolação, cotado entre aqueles que poderiam completar a lista dos 40 jogadores que seria enviada à FIFA.

Ainda na mesma matéria era abordada a continuidade do tratamento dentário dos futebolistas: “Aqui, como em Araxá, prosseguirão os trabalhos de assistência odontológica, a cargo do Dr. Mário Trigo. Na parte da manhã, serão atendidos os que necessitam de cirurgia. À tarde, é a vez dos que reclamam prótese”²³⁴. A figura de Mário Trigo também ficou cristalizada nos discursos oficiais sobre a Copa e no imaginário de um segmento torcedor como sendo o dentista um dos próceres da comissão técnica brasileira que foi à Suécia e, também, pelo característico bom humor que usava como meio de interlocução junto àqueles com quem se relacionava. Para que não fique sem o devido registro, Trigo menciona em sua autobiografia²³⁵ ter uma trajetória muito relacionada ao futebol bem antes de 1958: oriundo de uma ilustrada família de portugueses e italianos – seu pai fora professor de Direito da Universidade do Pernambuco – Trigo conviveu em meio à ascendente classe média abastada de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro; teve uma formação escolar de boa qualidade e conviveu em clubes sociais e esportivos da distinta sociedade brasileira, como o próprio Fluminense onde se destacaria, anos depois, profissionalmente. Formou-se em Odontologia pela Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, onde estudou ao lado de Hilton Gosling; ainda nos tempos de faculdade, jogou futebol amadoristicamente e militou pelo futebol universitário, como membro técnico, com destacada atuação ao lado do treinador uruguaio Ondino Vieira. Trigo relata que já em 1943 começou a trabalhar como odontólogo do Vasco da Gama; passou ao Bangu e em 1951 seguiu para a Itália a fim de complementar sua formação. Retornando ao Brasil, assumiu a função de “Diretor de Futebol da Federação Atlética de Estudante – FAE” (TRIGO, 2002, p. 53) e desempenhou função técnica na Seleção Brasileira Universitária, disputando inclusive torneios internacionais. A partir de então, assumiu alguns outros trabalhos fora do futebol até receber o convite de Hilton Gosling para tomar parte nos trabalhos médicos da seleção, incumbido da “apresentação de um Plano Odontológico, para ser executado na Seleção Brasileira, que foi referendado pelo Dr. Hilton e aprovado pelo Presidente João Havelange” (Ibid., p. 64).

²³³ Ibid.

²³⁴ Ibid.

²³⁵ TRIGO, Mário, **O Eterno Futebol**, Brasília, Thesaurus, 2002.

A continuidade das reportagens sobre o tratamento odontológico dos jogadores ganharia um novo capítulo em 22 de abril; o JB trazia a matéria “Na ‘blitz’: jogadores ficaram sem 26 dentes”²³⁶, que tratava de uma incursão ainda não definitiva “que o médico Hilton Gosling comandou contra a má dentição dos jogadores convocados para a seleção brasileira”²³⁷. Exterminado a afecção dos “focos” dentários, ou seja, infecções mal tratadas que impediam a recuperação física geral dos jogadores, restava ainda a resolução do problema “das pequenas cáries, que é muito maior, em quantidade, que o dos focos”. No texto, são apresentados os argumentos a partir da fala do próprio médico da seleção:

Dispondo de pouco tempo, não podíamos agir de outro modo.

(...)

Não é necessário conhecer-se odontologia, para ter consciência dos perigos que os focos representam. Principalmente quando seus portadores são atletas²³⁸.

A matéria finalizava ainda fazendo um balanço da fala do médico e das extrações realizadas: “Isso nos disse o médico da seleção, acentuando que 500 radiografias foram tiradas; delas, não escapou um só craque. Eis os que perderam dentes: Oreco (7), Formiga (6), Gilmar (4), Ernani (3), Pepe (3), Zito (2) e De Sordi (1)”²³⁹.

No final de abril, um sábado, dia 26, o JB dedicou em sua seção esportiva três extensas matérias que, embora tratando quase exclusivamente das questões médicas na seleção, permitem analisarmos outras dinâmicas envolvidas por completo nesse meio. A primeira delas, intitulada “Hilton Gosling dorme quatro horas por dia”²⁴⁰ começava por ressaltar o ritmo intenso de trabalho do médico da CBD, que havia trocado “seus afazeres na Faculdade de Medicina e na clínica particular para se dedicar ao selecionado brasileiro”; a matéria destacava também a boa impressão do médico em relação a seu trabalho desenvolvido junto aos selecionados, de tal forma que se encontrava o “Dr. Gosling” “impressionado com a recuperação de todos os atletas convocados”²⁴¹, especialmente o zagueiro Altair, do Fluminense, que havia se apresentado em condições bastante complicadas.

Continuava ainda o JB apresentando até mesmo certa incredulidade em relação à opção do médico em servir a seleção num “trabalho exaustivo”, preterindo, para tanto, seus trabalhos pessoais no Rio de Janeiro. Além do fato de o jornal passar a palavra ao médico,

²³⁶ JB, 22 de abril de 1958, **Na ‘blitz’: jogadores ficaram sem 26 dentes**, 2º Cad., p. 1.

²³⁷ Ibid.

²³⁸ Ibid.

²³⁹ Ibid.

²⁴⁰ JB, 23 de abril de 1958, **Hilton Gosling dorme quatro horas por dia**, 2º Cad., p. 1.

²⁴¹ Mais adiante (Capítulo 3.), tratemos novamente para a discussão essa questão.

uma vez mais, para que sua justificação fosse apresentada, é válido atentarmos para o argumento de fundo nacional evocado pelo médico:

Todos os que vivemos no esporte não podemos negar colaboração quando se trate do nome do Brasil. De minha parte, devo dizer que gosto do futebol, dos excelentes rapazes que o praticam e quero ajuda-los a – quem sabe? – se tornarem campeões do mundo²⁴².

Também era apresentado outro boletim médico, ainda na primeira matéria, trazendo o estado geral dos jogadores que haviam apresentado algum percalço desde a convocação:

BOLETIM

O Doutor Hilton Gosling está, realmente, satisfeito com o estado geral dos convocados.

Falou-nos sobre vários: 1) Formiga e Altair são os únicos ainda não inteiramente recuperados, mas o estarão em Araxá; 2) os casos de Oreco, Canhotoiro, De Sordi e Zózimo (amígdalas), estão praticamente resolvidos; 3) Castilho, Gilmar e Nilton Santos (distúrbios circulatórios), estão bem; 4) Pepe, Orlando e Garrincha (operados), na mesma situação; 5) Nilton Santos, Mauro e Zagalo tiveram casos insignificantes de resfriados e não preocupam; 6) Belini nada sentiu da lesão no tornozelo; 7) Zito, que se resfriava constantemente, suportou bem o clima de Poços; 8) Moacir, que não se alimentava bem, está perfeitamente normal; 9) Cacá pode treinar sem qualquer cansaço muscular; 10) Dino está na mesma situação.

Segundo o Dr. Hilton Gosling, o que resta a fazer, em Araxá, é muito pouco. Apenas o tratamento dentário, que está a cargo do Dr. Mário Trigo Loureiro, continuará em ritmo acelerado, uma vez que ainda existem alguns casos mais demorados²⁴³.

A mesma matéria ainda registrava o contentamento de Gosling em relação ao trabalho que Paulo Amaral vinha desenvolvendo junto ao grupo de jogadores e também mencionava, talvez numa tentativa de amenizar as contendas entre os setores médicos da CBD e dos clubes que cederam seus jogadores – um tanto mal afamados por conta dos diagnósticos publicizados pela preparação da seleção – que as agremiações receberiam um relatório das atividades desenvolvidas:

Por último, adianta que enviará um relatório à CBD sobre a primeira parte do trabalho (Poços de Caldas), e aos clube que cederam jogadores terão todos os informes sobre o estado de seus atletas. Só as conclusões do exame psicotécnico serão conservadas em segredo²⁴⁴.

Ainda no mesmo dia, uma segunda matéria ganhava destaque por apontar as medidas adotadas pela CBD no sentido de equipar o selecionado brasileiro com fácil acesso aos serviços médicos quando da futura estada na Europa; “Brasileiros terão completo gabinete

²⁴² Ibid.

²⁴³ Ibid.

²⁴⁴ Ibid.

médico na Suécia”²⁴⁵ determinava a importância assumida por tais medidas médicas não somente no preparo, mas também na manutenção das condições de jogo do time brasileiro; relatava assim as providências adotadas:

Com o fim de inspecionar as instalações destinadas à delegação brasileiro, o representante da CBD na Suécia, Sr. Sven Lindqvist, visitará Hindas, nos próximos dias, e superintenderá os trabalhos de montagem de completo gabinete médico, segundo instruções especiais recebidas do Dr. Hilton Gosling²⁴⁶.

Uma terceira abordagem de fundo médico, no mesmo dia, alimentava novamente a polêmica entre as esferas médicas dos clubes e da seleção, ganhando, agora, novos contornos por trazer a palavra de Newton Paes Barreto, profissional que esteve a serviço da seleção em diversos momentos anteriores àquele. Paes Barreto, então chefe do setor médico do Fluminense, pronunciou-se a respeito de Altair, lateral e zagueiro de seu clube, no sentido de que o jogador não reunia condições para participar do treinamento e de jogos oficiais: “Altair não aguenta 90 minutos de futebol. (...) Embora não possa falar, hoje, sobre esse caso, pois Altair está bem longe, não acredito na sua recuperação dentro do prazo de que dispõe a CBD, pois conheço muito bem o problema”²⁴⁷. Paes Barreto ainda colocava em xeque a opinião da junta médica que havia analisado e abalizado a convocação do jogador, salientando que os médicos dos clubes não haviam sido chamados a tomarem parte no processo da seleção e, também em função disso, desconsideraria o relatório médico que seria encaminhado pela CBD aos clubes; ainda acenava para o fato de que nada de novo estava sendo realizado, uma vez que em sua passagem pela seleção, quase 10 anos antes, ele já havia feito algo semelhante, sem contar com a ajuda nenhum outro médico:

Motivou a minha estranheza pelo fato de não chamarem nenhum médico de clube. Os que tomaram parte da junta não têm a tarimba necessária com jogadores de futebol.

Sei que o Fluminense receberá, como também os outros clubes, um relatório desta equipe médica. Não me interessa por ele. O trabalho que eles estão fazendo, sei fazer sozinho, pois já o fiz em 49, por ocasião do Sul-Americano, na mesma Poços de Caldas²⁴⁸.

²⁴⁵ JB, 26 de abril de 1958, **Brasileiros terão completo gabinete médico na Suécia**, 2º Cad., p. 1.

²⁴⁶ Ibid.

²⁴⁷ JB, 26 de abril de 1958, **90 minutos é tempo demais para Altair**, 2º Cad., p. 1.

²⁴⁸ Ibid.

2.3.3.3. *O psicotécnico*

De fato, o futebol brasileiro tem de tudo, menos seu psicanalista. Cuida-se da integridade das canelas, mas ninguém se lembra de preservar a saúde interior, o delicadíssimo equilíbrio emocional do jogador. E no entanto, vamos e venhamos: já é tempo de atribuir-se ao craque uma alma, que talvez seja precária, talvez perecível, mas que é incontestável. (RODRIGUES, 1993, p. 29)

Embora reconheçamos que exista um interessantíssimo debate a ser melhor perscrutado acerca da ativação e disseminação de alguns discursos de fundo psicológico atribuídos aos jogadores brasileiros após as Copas de 1950 e 54, mormente por assumirem diferentes configurações ao longo dos anos, entendemos que não há espaço aqui para melhor esquadriarmos esse terreno em função da exiguidade de tempo e das demandas que, acreditamos, poderiam proporcionar uma pesquisa inteiramente voltada para tal questão.

De todo modo, é fundamental pontuarmos alguns parâmetros para pensarmos o viés do estabelecimento de um exame psicotécnico dirigido a jogadores brasileiros às vésperas da Copa de 1958, por intermédio do “Dr. Carvalhaes”.

À fidedigna representação da sociedade brasileira por meio dos esquetes da seleção foram realizadas deduções psicologizadas que remetiam à personalidade dos jogadores brasileiros, características associadas à fraqueza moral, inferioridade, medo exacerbado, descontrole etc. As já míticas leituras de Nelson Rodrigues em relação à seleção brasileira deixaram um vasto legado para pensarmos a questão, e, se a trouxemos para o debate, o fizemos com o propósito de reconhecer sua importância no período por nós destacado e, igualmente, referendar a potencialidade desse material que já serviu de insumo para numerosos pesquisadores da área. Em síntese, como assinala Cavalcante (2011, p. 111), “as crônicas de Nelson Rodrigues denunciam a complexidade e os símbolos envolvidos na experiência futebolística no Brasil”. A pequena citação que abre o presente tópico é datada de abril de 1956, numa crônica intitulada “Freud no Futebol”, publicada originalmente na *Manchete Esportiva*; nela abundam as referências à urgente necessidade de a seleção brasileira ser orientada por um psicólogo ou psicanalista. Rodrigues relaciona a derrota de 54 a uma “dessas tremedeiras obtusas, irracionais e gratuitas”; sobre 50, comenta que “um Freud seria muito mais eficaz na boca do túnel do que um Flávio Costa” (RODRIGUES, op. cit., p. 29). Às vésperas de 58, Rodrigues voltaria à carga, atribuindo aos brasileiros um “vira-

latismo”²⁴⁹ que se manifestou no *Maracanazzo*, mas que se expandia à personalidade do nacional, carente de “fê em si mesmo” (Ibid., p. 61).

A potencialidade e grau de penetração social desses discursos não podem ser mensurados sem uma atenção mais detida à questão. Não obstante, são indicativos torrenciais acerca de um gênero de discursividade que encontrava eco no jornalismo esportivo, no público receptor e nos jogadores de futebol.

Disso podemos deduzir, sem maiores questionamentos, a atenção dada à preparação psicológica dos jogadores já no PPMC. Ainda em seu “Preâmbulo necessário”, o dimensionamento de tal questão fica evidenciado de tal modo que até mesmo as questões técnicas e disciplinares são sobrepujadas pela preocupação com o preparo psicológico:

Sob certos aspectos não será exagero admitir-se que o lado técnico, embora importantíssimo, terá de ficar subordinado ao lado psicológico. Não bastará que se tenha à mão elementos tecnicamente esmerados e disciplinarmente exemplares. A experiência ensina que, nos torneios internacionais de vulto, os elementos voluntários destituídos de recalques, mas psicologicamente indicados para o tipo de tarefa que se vai enfrentar, não devem absolutamente ser desprezados, e até certo ponto podem prevalecer sobre os outros, que no momento da ação direta e objetiva sacrificam os pontos essenciais aos princípios da beleza e da elegância. Esse o princípio adotado na elaboração do capítulo das convocações. Porque dele dependerá muito do que se tem em mira para o futuro do futebol brasileiro do campeonato mundial de 1958. E com ele se buscará introduzir o regime das mais amplas responsabilidades entregues a cada um dos convocados, sem a adoção de métodos e critérios disciplinarmente férreos, que a nada nos conduziram em oportunidades anteriores²⁵⁰.

Nesse contexto, o profissional “psi” chamado para coordenar esses trabalhos à frente da seleção foi João Carvalhaes. Estamos nos reportando a Carvalhaes dessa forma, pois há uma relativa indefinição acerca de sua completa formação; no artigo “João Carvalhaes: Pioneiro da Psicologia no Esporte”²⁵¹, Waeny e Azevedo atribuem a Carvalhaes uma “formação no curso de Bacharelado em Ciências Políticas pela Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo”, ainda nos anos de 1940. Posteriormente, credenciou-se para atuação como jornalista e, em sequência, passou ao jornalismo esportivo. No início dos anos 50 começa a se aperfeiçoar em assuntos relacionados à psicologia²⁵² e à psicotécnica, desenvolvendo funções relacionadas à seleção de pessoal em ambiente de trabalho, fora do

²⁴⁹ A famigerada crônica “Complexo de vira-latas” foi publicada originalmente em 31 de maio de 1958, na *Manchete Esportiva*.

²⁵⁰ Cf. Anexo 1.

²⁵¹ <http://www.crpsp.org.br/memoria/joao/publicacoes.aspx> Acesso em: jun. 2013.

²⁵² “Frequentou o curso de aperfeiçoamento do Centro de Estudos Franco da Rocha sobre Psicodiagnóstico de Mira y López (04/04 a 12/05 de 1951); participou dos cursos oferecidos pela Sociedade de Psicologia de São Paulo sobre o Psicodiagnóstico Miocinético do Prof. Mira y López, proferido por Hernani Borges Carneiro (22/09 a 10/10 de 1952), e sobre Modernas Teorias da Personalidade, proferido por Carolina Martuscelli Bori (21/10 a 13/11 de 1953)” (Waeny; Azevedo, 2003).

campo esportivo; paralelamente, escreve crônicas esportivas, sobretudo relacionadas ao boxe, esporte com o qual mantinha vínculos mais estreitos. Especializa-se em aplicação de psicotestes e chega até a Federação Paulista de Futebol, trabalhando na escola de árbitros da entidade a partir de 1954, na preparação psicológica de juízes. A essa época, trabalhava como funcionário público da Companhia Municipal de Transportes Coletivos (CMTC) de São Paulo, como psicólogo encarregado da empresa²⁵³. Mesmo com o reconhecimento da profissão de psicólogo no início dos anos 60, somente em 1974 o Conselho Regional de Psicologia de São Paulo reconhece o registro de Carvalhaes em função de sua já reconhecida trajetória profissional.

Antes de passarmos à cobertura jornalística por nós analisada, entendemos ser necessário fazer mais uma consideração: não entraremos no mérito da apuração dos resultados acerca dos psicotestes aplicados por Carvalhaes junto aos jogadores brasileiros. Embora sejamos sabedores das múltiplas repercussões que isso gerou, sobretudo aquelas advindas num momento posterior à realização da Copa do Mundo, precisamos pontuar que os resultados dos testes não são levados a conhecimento público até que se encerre a Copa do Mundo de 58. De todo modo, são aventados, ao longo do processo, supostos vetos a jogadores, atribuições de resultados em escala numeral (alguns jogadores teriam obtido qualificações baixíssimas), recomendações à Comissão Técnica etc. Entendemos, contudo, que no limite é mais interessante compreendermos a dinâmica da emergência desses discursos e saberes muito mais que possíveis resultados de tal ordem. Também cabe registrarmos que o próprio Carvalhaes anunciou logo depois da Copa de 58 que os resultados dos testes aplicados nos jogadores, que deveriam ser guardados sob sigilo – e até então estavam sob sua proteção –, foram roubados de sua bagagem, possivelmente quando da volta da delegação ao Brasil. De tal forma, se dermos credibilidade a esse acontecimento factual, ficaríamos, no mínimo, impossibilitados de afiançar qualquer dado supostamente apontado a partir dos psicotestes de Carvalhaes, tal como fez o próprio biógrafo de Garrincha, que chega até mesmo a apontar com riqueza de detalhes as escalas e quantificações apuradas.

Já no início dos exames médicos direcionados aos jogadores selecionados, ainda no começo do mês de abril, encontramos as primeiras menções ao trabalho desenvolvido por Carvalhaes; ao que tudo indica, uma primeira abordagem se deu de modo coletivo, dada a

²⁵³ “Assistente Técnico da Divisão de Psicologia e Formação Profissional e Chefe da Divisão de Higiene e Segurança do Trabalho do Departamento Médico; seu último cargo nesta instituição foi Psicotécnico Supervisor nas áreas de ensino, seleção e formação profissional”, Ibid.

preocupação de não criar algum trauma inicial junto ao grupo, em vista, muito possivelmente, da visão estereotipada que a psicologia despertava junto ao público na década de 50:

PSICOTESTE

Durante 50 minutos, os jogadores foram submetidos a exame psicotécnico, em conjunto. O professor João Carvalhais afirmou tratar-se, apenas, de um primeiro contato e que acompanhará os jogadores durante a sua permanência, e dando-lhes aulas.

Carvalhais não quis comentar as primeiras observações, limitando-se a dizer que ficara satisfeito com o que observara²⁵⁴.

Após esse primeiro contato são verificadas outras menções pontuais ao trabalho de Carvalhais junto ao selecionado, sempre notificadas junto às matérias que reportavam os cuidados médicos. Por certo, a busca diagnóstica por meio dos psicotestes despertou junto a um setor da imprensa escrita um estranhamento semelhante àquele verificado junto aos jogadores; não raras vezes o JB abordou as atividades de Carvalhaes com alguma estranheza e certa curiosidade, buscando saber algum resultado ou nutrindo alguma expectativa junto ao público leitor. Em 12 de abril²⁵⁵ a menção a que “Oreco, Gilmar e Beline fizeram demorado exame psicotécnico com o Professor Carvalhais” seguia, numa boa medida, a linha de alimentar alguma expectativa negativa quanto aos jogadores examinados, o que ficava frisado com a referência à longa duração dos exames.

Outra manifestação reveladora das estruturas ainda em consolidação com relação à formação da comissão técnica brasileira se deu por conta dos debates acerca da possibilidade de viagem dos observadores que auxiliariam os trabalhos de análise das seleções adversárias, e também da própria inclusão de Carvalhaes junto à delegação brasileira. Estavam sendo cogitados dois profissionais para exercerem as funções de observadores, mas, segundo a cobertura do JB²⁵⁶, a despeito do aporte de Cr\$ 12 milhões vindos do governo federal, não haveria verba suficiente para a cobertura dos gastos de tais integrantes em hospedagens e traslados na Europa. Com relação a Carvalhaes, o que, num primeiro momento, obstava sua viagem era o fato de sua atuação profissional se dar junto a um órgão público vinculado à Prefeitura Municipal de São Paulo. No tópico “PROFESSOR CARVALHAES: DEPENDE DE ADEMAR”²⁵⁷ são fundamentadas as questões e as medidas providenciadas pela CBD, que numa boa medida demonstram a importância assumida por Carvalhaes junto ao corpo técnico da seleção:

²⁵⁴ JB, 08 de abril de 1958, **Jadir e Altair voltarão para novo exame médico**, 2º Cad., p. 1.

²⁵⁵ JB, 12 de abril de 1958, **Hoje: primeira manobra da seleção**, 2º Cad., p. 1.

²⁵⁶ JB, 17 de abril de 1958, **Observadores: passagens estão ganhas, falta quem pague estada**, 2º Cad., p. 1.

²⁵⁷ Ibid.

O Sr. Paulo Machado de Carvalho informou que é do interesse do selecionado que o professor Carvalhaes acompanhe a delegação à Europa. Como o médico paulista é funcionário da Companhia Metropolitana de Transportes Coletivos (CMTCC), a Confederação oficiou, ontem mesmo ao Sr. Ademar de Barros, prefeito de São Paulo, solicitando a devida licença para o professor Carvalhaes se ausentar do país²⁵⁸.

Ainda em meados de abril, Carvalhaes seguia suas dinâmicas junto ao plantel de jogadores; além dos exames psicotécnicos, que continuavam a ser aplicados, fora anunciado que todos os futebolistas passariam por outros testes: “Hoje, Professor Carvalhaes pretende fazer ‘testes de inteligência’ com todos os jogadores”²⁵⁹.

Já no final do mês, coincidindo com a fase final dos exames médicos e com os compromissos assumidos por Hilton Gosling de compartilhar com os clubes os diagnósticos apurados pela equipe médica a serviço da seleção – até mesmo numa tentativa de apaziguar as contendas envolvendo outros médicos que atuavam no futebol – fora noticiado que, diferentemente dos exames gerais, os resultados dos testes psicotécnicos de Carvalhaes seriam mantidos em sigilo, sem que suas apurações fossem compartilhadas com as agremiações.

À medida que os treinos se intensificavam e se aproximava a data do anúncio da lista definitiva dos 22 nomes, aumentavam também os rumores acerca dos resultados dos psicotestes e do poder de definição que o veredicto de Carvalhaes poderia ter em relação às posições assumidas pela Comissão. Algumas notícias corriam ao menor rumor anunciado e, com efeito, é bastante temerário realizar algumas deduções factuais a partir de determinadas matérias; em meio à definição da lista final, alguns jogadores têm seus nomes associados a pedidos de dispensas – casos como o de Almir e Orlando, ambos do Vasco da Gama, envolvidos num suposto pedido de desligamento –, outros poderiam ser rejeitados em função de contusões mais sérias – como o caso de Didi, assim reportado: “Didi fora da seleção: Zizinho se apresentará a Feola, amanhã”²⁶⁰ – e sobre outros, ainda, faziam-se pesar os eventuais resultados apurados por Carvalhaes.

Em relação a essa última hipótese, o caso mais emblemático foi o do goleiro Castilho. A poucos dias do embarque, o arqueiro do Fluminense era tema de uma grandiosa matéria no JB na qual Carvalhaes dava respaldo à sua permanência no grupo e afastava possíveis ilações que circulavam entre cronistas esportivos. Entendemos que é válida a reprodução quase integral da matéria, dada que sua maior parte é composta pela transcrição de um diálogo firmado pelo jornal com o próprio Carvalhaes:

²⁵⁸ Ibid.

²⁵⁹ JB, 18 de abril de 1958, **Gosling recebeu a chapa de Paulinho**, 2º Cad., p. 1 e 3.

²⁶⁰ JB, 15 de maio de 1958, **Didi fora da seleção: Zizinho se apresentará a Feola, amanhã**, 2º Cad. p. 1.

- “Os que dizem que Castilho é nervoso estão cometendo uma infâmia.”

Isto foi o que nos respondeu o Professor João Carvalhais, psicólogo da seleção brasileira, quando lhe perguntamos se Castilho é, como dizem, um perigo no gol da seleção brasileira.

- “Posso assegurar, ainda, que Castilho nunca teve esse estado emocional forte que dizem dele. Se o tivesse, a sua bagagem esportiva seria um remédio líquido e certo” – prosseguiu o psicólogo.

É NORMAL

Insistimos por maiores detalhes psicológicos sobre Castilho. E o professor Carvalhais estendeu-se:

- “Não é meu hábito falar sobre os indivíduos que examino, mas o farei agora, para que o rapaz não seja caluniado. Castilho é normal, e seu estado emocional é semelhante ao de qualquer outro. Para ser mais claro: se dependesse de meu exame a escalção de Castilho para a Copa do Mundo, ele estaria jogando. Não disponho de competência para abordar questões de ordem técnica: mas posso assegurar que se Castilho for cortado não o terá sido por ser nervoso ou algo assim”.

SELEÇÃO ESTÁ BOA

- “Está gostando da seleção?” – indagamos.

- “Não posso falar como o Feola, mas sinto que o quadro está melhor. Está ascendendo, bastante, tecnicamente”.

- “Ninguém ficará nervoso, na Copa do Mundo?”

- “Creio que não. Os jogadores estão bem preparados e não haverão de ficar nervosos. Eles estão bem afeiçoados as suas atribuições, e deverão reagir de forma satisfatória”²⁶¹.

A matéria finalizava reportando ainda que Carvalhaes não iria à Suécia. Implicitamente, a razão para seu nome não ser incluído na delegação se dava em função da falta de recursos disponíveis pela CBD, já que não havia impedimento em função de seu trabalho junto à CMTC, mas tão somente a busca por “uma fórmula – sem ônus para a C.B.D. – a fim de que ele pudesse ir”²⁶². De todo modo, ainda é citado que sem Carvalhaes, “Os jogadores da C.B.D. estarão sem a sua assistência e é bem possível que seja um ‘Salve-se quem puder’, na hora de entrar em campo, para jogar”²⁶³.

Evidentemente, os registros das atividades da seleção brasileira estiveram entremeados por muitas outras questões, dentre as quais talvez valha a pena trazermos para a presente discussão aquelas relativas à convocação de novos jogadores e à dispensa de outros. Em vista do dispositivo regulamentar da Copa de 1958, que previa a entrega de uma relação prévia com 40 nomes, até momentos bastante próximos à definição da lista dos 22 que embarcariam para a Suécia, especulava-se que alguns nomes ainda poderiam ser chamados, mesmo que

²⁶¹ JB, 17 de maio de 1958, **Carvalhais (não vai à Suécia) diz que Castilho não é nervoso**, 2º Cad. p. 1.

²⁶² Ibid.

²⁶³ Ibid.

determinado jogador fosse integrado à equipe já num momento posterior àquele no qual foram realizados os múltiplos exames e a fase de treinamentos físicos, técnicos e táticos. Sobre esses últimos casos, os jogadores mais emblemáticos talvez sejam o então veterano Zizinho – que esteve frequentemente no noticiário da seleção, mormente após uma contusão sofrida por Didi – e Luisinho, o “Pequeno Polegar”, em relação ao qual era nutrida esperança de sua convocação até poucos dias antes da viagem do selecionado, quando inclusive foi agendado um amistoso entre a seleção e o Corinthians, seu clube, no Estádio do Pacaembu²⁶⁴.

Também entendemos ser digno de nota a ocorrência da dispensa de alguns nomes que chegaram a tomar parte do grupo formado em 58. Se considerarmos somente aqueles que foram de fato convocados e tomaram parte em algum estágio da concentração/treinamento, nomes como Pampolini, Cacá, Carlos Alberto, Formiga e Almir são exemplos de jogadores que, em função de algum dos fatores elencados ao longo desta reconstituição, foram desligados do plantel que foi à Copa. Jogadores como Paulinho, Pavão e Dequinha também passaram por alguma espécie de triagem médica, tomando contato com os profissionais a serviço da CBD, sem que sequer houvesse chance de serem integrados ao elenco brasileiro. Ainda há um último grupo, antes de passarmos àqueles que seriam cortados antes do embarque: o dos jogadores que a todo tempo tiveram seus nomes apontados como passíveis de serem convocados a qualquer instante do plano de treinos. Além de Zizinho e Luisinho, já citados, Ramiro e Edison também figuraram entre os eventuais selecionáveis.

Em 20 de maio o JB²⁶⁵ publicava uma matéria que tratava dos cortes dos jogadores que tomaram parte do programa de treinamentos da seleção. Sob a manchete “Lista dos cortes saiu com lágrimas de dirigentes e de (alguns) craques”, o JB explorava o lado sentimental dos membros da delegação brasileira, sobretudo em vista do “ambiente de camaradagem e espírito de desprendimento” do grupo reunido em Minas Gerais. Antes de ser apresentada a lista com a relação dos jogadores, uma introdução dava conta de apresentar os profissionais técnicos que respaldavam a definição da lista. É sobremaneira interessante observarmos que alguns membros do Conselho Técnico de Futebol da CBD são chamados a comporem o quadro daqueles que definiriam a decisão:

SENTENÇA OUVIDA POR TODOS

Primeiro, houve uma reunião entre os Srs. Vicente Feola, Paulo de Carvalho, José de Almeida, Carlos Nascimento, Paulo Amaral, Mário Trigo, Hilton Golsing e João Carvalhais. A esses se reuniram, pouco depois, Mendonça Falcão, Abraham

²⁶⁴ Corinthians 0 x 5 Seleção Brasileira, em 18 de maio de 1958, Estádio do Pacaembu.

²⁶⁵ JB, 20 de maio de 1958, **Lista dos cortes saiu com lágrimas de dirigentes e de (alguns) craques**, 2º Cad., p. 1.

Tebet e Mozart Di Giorggio. Finda essa reunião, os Srs. Vicente Feola, Carlos Nascimento, José de Almeida, Paulo Amaral e João Carvalhais organizaram a lista definitiva dos “cortes”.

Organizada a relação, Paulo Amaral sugeriu que fossem chamados todos os 28 jogadores da seleção, para tomar conhecimento da lista dos dispensados. Com isso, os repórteres não ficariam sabendo, exatamente, quais os seis “cortados”

NASCIMENTO TRISTONHO

Com ar de tristonho, o Sr. Carlos Nascimento foi encarregado de desempenhar o que ele considerou “missão difícil”: expor aos “cortados” as razões da dispensa. São elas, em síntese:

ERNANI: - O caso com o Bangu poderia refletir em suas atuações na Europa (segundo Dr. Carvalhais).

JADIR: - É igual, tecnicamente, a Orlando. Jadir piorou nos treinos, enquanto Orlando progredia.

ROBERTO: - Igual a Zito, mas sem o entrosamento que Zito e Dino têm com o ataque.

ALTAIR: - Poderia ser o titular, pelas condições técnicas. Houve receio de que sentisse a contusão no joelho.

GINO: - Não se refez da contusão.

CANHOTEIRO: - Superado por Pepe, cuja forma é muito boa²⁶⁶.

Estava então constituída a delegação brasileira; outra matéria, apresentada no mesmo dia, reportava a formação dos 35 que embarcariam para a Suécia:

DELEGAÇÃO

Foi, oficialmente, constituída a delegação brasileira, sendo incluídos o dentista, Mário Trigo Loureiro, e o psicotécnico, João Carvalhais.

Eis a constituição da embaixada:

Chefe: Paulo Machado de Carvalho ; Secretário: Abílio de Almeida; Delegado: Luis Murgel; Tesoureiro: Adolfo Marques Junior; Supervisor: Carlos Nascimento; Assessor-técnico: José de Almeida; Médico: Hilton Gosling; Técnico: Vicente Feola; Cirurgião-dentista: Mário Trigo Loureiro; Psicotécnico: Professor João Carvalhais; Massagista: Mário Américo; Roupeiro: Francisco Assis; Preparador físico: Paulo Amaral; Jogadores: Gilmar e Castilho (goleiros); zagueiros: Mauro, Belini, De Sordi, D. Santos, Nilton Santos e Oreo; médios: Dino, Zito, Zózimo, Orlando; atacantes: Joel, Garrincha, Moacir, Didi, Mazzola, Vavá, Dida, Pelé, Zagalo e Pepe²⁶⁷.

2.3.4. Resenha: “O processo de medicalização do futebol na seleção brasileira” em vista das Copas de 50, 54 e 58

Ao abordarmos, por meio da medicalização, determinados acontecimentos de ordem institucional e organizacional em relação à seleção brasileira estamos nos referindo a um

²⁶⁶ Ibid.

²⁶⁷ JB, 20 de maio de 1958, **Delegação brasileira já constituída: 35 pessoas**, 2º Cad., p. 1.

campo conceitual das ciências humanas que a partir dos anos de 1960 passa a voltar suas atenções para os desdobramentos de uma crescente apropriação dos modos e das formas de vida dos homens pela medicina. No futebol e no objeto eleito por nós – a seleção brasileira – tal processo se assenta paulatinamente a partir de 1950, concentrando, de modo intensivo e irrevogável a partir dos preparativos de 1958, sua fase mais profícua e determinante.

Embora Foucault – um dos pensadores referenciais dessa temática – não tenha se debruçado de modo detido, dissociando o termo medicalização com a preocupação de pormenorizar seus significados ou oferecer alguma dicionarização conceitual, várias de suas obras ou trabalhos investigativos são norteados por esse referencial (1977, 2001, 2002a, 2011). A influência que o campo médico determinou em domínios que até então não lhe pertenciam é identificada como um movimento associado à medicina moderna, que desponta em fins do século XVIII e se estabelece ao longo do XIX. Além da disseminação recorrente de normas morais de conduta, das recomendações de comportamento, cuidados com o corpo, alimentação, higiene e outras prescrições desses gêneros, o movimento médico demarcado por esse viés teria fundamentação, sobretudo, na intervenção política da medicina nas estruturas do corpo social.

O investimento direcionado ao indivíduo – primordialmente por intermédio de diretivas sobre o corpo biológico – é posteriormente suplantado por formas de controle mais ramificadas e eficientes, voltadas para a consciência e ideologia coletiva. Com efeito, Foucault aborda as variadas manifestações do desenvolvimento de um mecanismo de poder que converge sobre a vida, um biopoder exercido sobre os corpos, respaldado na tecnologia disciplinar que se alicerça na vida biologicamente considerada. O biopoder, nesses moldes, tem sido um componente condicionante central para o desenvolvimento do capitalismo, tanto das questões do controle dos corpos para seu ajustamento ao aparato produtivo, incluindo aí as questões atinentes à sexualidade, como para circunscrever os fenômenos populacionais aos processos econômicos por ele determinado.

O movimento de medicalização, então, pode ser interpretado como pertencente à mesma sintonia verificada em relação ao desenvolvimento da economia capitalista com vistas à expansão das relações de mercado proporcionadas pelo industrialismo ascendente. Sua estruturação por intermédio dos princípios de uma medicina social, contudo, não se esgota no corpo e no elemento do indivíduo pertencente a uma esfera estritamente privada, mas se estendem numa aplicação direcionada à coletividade e ao controle social em amplo alcance. Elementos como a criação e o controle estatal do aparato burocrático médico, a normatização das suas práticas e dos seus saberes, o estabelecimento de uma rede de assistência diretamente

voltada a um segmento de classe e, paralelamente, sua determinação em termos como a urbanização das cidades modernas, a definição dos espaços e lugares em relação à circulação de pessoas e produtos e a crescente preocupação com as formas de manutenção da vida são destacadamente exemplares dos modelos de uma medicina social, coletiva e urbana vinculada aos pressupostos econômicos então em cristalização.

Ao tratar do biopoder e do processo médico, Foucault flerta a todo o momento com a rejeição da noção estritamente negativa e repressora do poder. Dito de outro modo, além do controle que, grosso modo, era dotado do poder repressivo e com capacidade inclusive jurídica para tolher determinada conduta não almejada para a boa funcionalidade de uma economia social, a capacidade estimuladora, incitadora, com propensão a induzir os sujeitos a buscarem formas de comportamentos mais adaptadas ao regime que se impunha, adquire eficiência e maximiza os mecanismos de controle na consecução por uma conduta de normalização e controle social. A medicalização, nesse processo, desponta como um dos vetores mais eficientes e com maior potencial de povoamento da subjetivação coletiva.

Por meio dos discursos colocados em circulação através de agentes autorizados e detentores das suas regras de enunciação, a positividade do poder e as relações por ele proporcionadas ganham substancialidade no contexto da medicalização. Foucault propõe a análise do discurso como acontecimento e, particularmente, em nosso caso, interessa-nos como essa forma de transformação dos discursos se processa por meio do futebol. Como aqui focalizamos esse deslocamento através das coberturas jornalísticas não especializadas, restringimos, evidentemente, nosso campo de análise de modo a preterir as publicações do setor jornalístico que talvez trabalhasse em maior proximidade com as imediatas demandas da área. Contudo, ao direcionarmos nossas atenções para a discursividade produzida em nível geral, acionada de modo amplo, e desprendida de uma visão quase endógena e especializada, procuramos lançar luz sobre um movimento que se manifestava de modo não restrito, sem a segmentação de público e ao alcance do leitor comum que ocorre aos grandes jornais de circulação nacional.

Com relação a esse movimento verificado em vista das Copas de 1950, 54 e 58, pudemos assinalar a ascendente preocupação dos veículos da imprensa escrita em dar cobertura aos desdobramentos da temática médica no interior da seleção. Munidos de indícios que apontavam a existência do aparato médico em 1950, nos vimos diante da necessidade de buscarmos em outros periódicos (sobretudo no DN) referências para pensarmos tais questões, algo que nas Copas seguintes, somente com a cobertura do JB, foi realizado a contento; em 58 há um claro contraste que se estabelece em relação aos anos anteriores, verificado pela

abundância de notícias e expansão da cobertura. Ainda, enquanto em 50 e 54 fica evidenciada uma forma de cisão entre o que era notícia de ordem médica, em relação à seleção, e o que é notícia sobre futebol, em 58, mesmo que sejam verificadas abordagens isoladas, percebemos comumente uma forma de fusão entre ambas, de modo que uma matéria que traz elementos sobre futebol pode mesclar apresentações sobre notícias do departamento médico, e vice-versa ou mesmo tudo apresentado a um único tempo.

Em 1950 e 54 pudemos depreender também que os cuidados médicos cumpriam, via de regra, dois procedimentos basilares junto ao grupo de jogadores: 1) a função de suprir uma demanda circunscrita a uma etapa prévia em relação aos treinamentos (com bola ou coletivos) e aos jogos, de modo a situar-se, primeiramente, na recepção, avaliação e avaliação dos jogadores logo após a convocação e, num segundo momento, sempre antecedendo às escalafões nos momentos prévios aos jogos, às vezes até mesmo no próprio dia do jogo; 2) na prestação de serviços de contingenciamento, em razão de alguma lesão ou necessidade de cuidados médicos durante o período de concentração, treino ou jogos, como ficou ilustrado a partir dos exemplos de Píndaro, Teixeira e Rodrigues, em 50 – em relação aos quais os médicos providenciavam “exames” “imediatamente” após alguma ocorrência – e, em 54, com Didi e Baltasar, de semelhante modo, mas acrescido de recomendações endereçadas ao técnico para que os jogadores fossem mantidos em “repouso”. Ao que tudo indica, esse atendimento requerido em função da demanda surgida, era prestado com eficiência, já que esses jogadores readquiriram condições de jogo em um período rápido, a despeito de terem sido verificados inclusive episódios de submissão a procedimentos cirúrgico operatório. Ademais, não observamos ocorrência de cortes de jogadores em função de lesões ou demandas médicas após a formação dos grupos com vistas à preparação para essas Copas do Mundo.

Já em 1958, o atendimento médico expande-se sobremaneira, e mesmo cumprindo as designações assinaladas em relação às duas Copas anteriores, extrapola em vários sentidos essas condições. Num primeiro estágio, os serviços médicos não ficam restritos a avaliar os jogadores ou dispensá-los caso não tivesse ocorrido o devido enquadramento nas expectativas corporais desejáveis; o “Conselho Superior” e a “Junta Médica”, sob coordenação e participação direta de Gosling, além de realizarem exames em uma profusão e profundidade nunca antes verificadas na história da seleção desse país, promovem campanhas para recuperarem jogadores que não se encontravam em plenas condições de integrar o alargado grupo dos selecionados. Não apenas em função disso, mas também em consideração a esse viés, o poder concentrado pelo médico da seleção tem predominância na determinação

conjunta com os outros membros da Comissão Técnica nos rumos e etapas a serem seguidas no processo de preparação dos futebolistas.

Há em 58, também, o que poderíamos chamar de uma “nova definição do estatuto do doente” (FOUCAULT, 1977, p. 226) no futebol, haja vista uma inversão que se procede em relação ao atendimento médico. Não mais uma medicina restrita ao amparo ao jogador lesionado, contundido; não somente a cura, o socorro, a busca pelo médico no momento da doença (lesão, nevralgia, entorse) e da necessidade, mas sim, então, uma medicina que propõe aos jogadores o ensino de boas recomendações, que prescreve a manutenção das condições de sanidade corpórea, que se estabelece na busca pela maximização do desempenho atlético dos futebolistas. Uma medicina ainda de recuperação, evidentemente, mas que se antecipa aos cuidados emergenciais por meio de um enquadramento do corpo que se pretendia otimizado, eficiente, elevado ao máximo rendimento possível; antes uma medicina preventiva que curativa. Em síntese, um deslocamento de uma medicina da doença para uma medicina da saúde. Dessarte, o exemplo do goleiro Castilho, que teve seu dedo amputado pelo médico que atendeu a seleção em 1950 e 54, simboliza o estertor de uma fase médica.

Com a invenção do PPMC, ocorre algo que podemos entender como um falso paradoxo em relação à designação das atividades, seccionadas em frentes de trabalho e apartadas de acordo com as responsabilidades planejadas; as divisões em serviço médico, ou de preparação física, ou as tarefas de supervisão etc., são, de acordo com nosso entendimento, realinhadas em função da estrita verticalização por meio do qual o PPMC se impôs frente ao Conselho Técnico de Futebol da CBD. Afirmamos isso, evidentemente, sem a mínima pretensão de aventar qualquer lastro democrático em relação às anteriores estruturas regimentares da CBD e suas relações internas de poder, vigentes até a virada de 1957 para 1958. Compreendemos, assim, que a partir da preparação para a Copa da Suécia a rearticulação dos poderes no interior do organismo técnico da gestão Havelange-Machado de Carvalho realiza um duplo movimento que a um só tempo segmenta funções e divide responsabilidades, mas centraliza comandos e personaliza poderes. Não seria exagerado supor, nesse viés, que o repertório futebolístico acionado por um treinador como Flávio Costa, por exemplo, não se encaixaria no perfil almejado para o quadro técnico programado para 1958.

Nessa medida, a afamada gestão modernizadora de Havelange se estabelece sob a égide de uma herança clientelista e paternal existente há muito tempo na condução da estrutura burocrática dos esportes brasileiros – repertório que João Havelange passa a dominar já em 1955, quando da eleição de Sylvio Pacheco, e que aprofunda com alcance

extraordinariamente eficaz em 1958 – e, em virtude disso, se afirma por intermédio de personagens e práticas fundamentalmente autoritárias que suplantam os antigos métodos arcaicos tradicionalistas sem, contudo, negá-los. Importante frisarmos que nesse processo é provocado um deslocamento na ordem dos saberes e dos agentes autorizados a enunciá-los. No grupo dos agentes do campo esportivo futebolístico, a partir da experiência de 1958, a valoração do conhecimento técnico, científico e organizado, procedeu-se em detrimento da experiência prática, empírica, oriunda da experiência de jogo. Correlatamente, assentam-se dessa forma as expertises que vêm elevar a relações de poder entre jogadores e agentes externos ao campo de jogo a um novo patamar discursivo. A eficiência desse modelo (consolidada posteriormente com a conquista da Copa), aliada ao amparo institucional conseguido por Havelange junto às Federações votantes, acrescido, ainda, do suporte midiático proporcionado pela ampla influência e poderes concentrados por Paulo Machado de Carvalho, ajudam a compreender o cenário de realinhamento das forças no interior do futebol brasileiro.

Ainda em relação ao PPMC, procuramos esmiuçar as competências teóricas nele atribuídas e as relações que por seu intermédio se enfeixam na função do médico. Num primeiro plano, estava prevista toda forma de assistência aos jogadores selecionados; isso nos fez refletir no sentido de que os saberes concentrados pelo médico alargavam-se em direção a qualquer necessidade que se apresentasse. Anteriormente, o médico poderia ser escalado para realizar visitas a várias cidades a fim de escolher aquela que mais se adequasse às necessidades técnicas – o abastecimento de água potável poderia ser um problema, ou a distância em relação ao centro da cidade um empecilho indesejável; em 58, a hierarquização das cidades consideradas como opções passa por uma sistemática classificatória, com requisitos indexados que extrapolam as simples considerações em relação a clima, acomodação, acesso, chegando até níveis como tratamentos hidroterapêuticos, fisio e, mecanoterápicos, acesso a equipamentos hospitalares (por exemplo, máquinas de radiografia) etc. Também concentrava o médico, ainda de acordo com o PPMC, as responsabilidades alimentares sobre os convocados – “o regime a ser seguido pelos jogadores na parte dietética” – bem como manter sobre suas ordens o cozinheiro a serviço da CBD. Em 1950, a simples designação de um encarregado pela cozinha, bem como seu ajudante, para servirem os selecionados é registrada nos periódicos; em 54, a preocupação com referente questão surge a partir da disponibilização de um nutrólogo (até onde conseguimos apurar, um médico com formação direcionada para as questões alimentares) destacado a partir do SAPS – órgão vinculado ao governo federal, criado por Vargas ainda nos anos de 1940, com a preocupação

de oferecer condições de acesso às classes trabalhadoras à alimentação de qualidade com preços subsidiados e, sobretudo, cumprindo o papel de formação de políticas públicas alimentares com alcance pedagógico junto aos trabalhadores. Portanto, um processo em escala, de um cozinheiro e seu ajudante em 50, para a disponibilização de um especialista em nutrição do operariado em 54, e finalmente, um regime dietético sob supervisão do médico esportivo em 58. Há ainda, num terceiro nível, a previsão no PPMC de que o preparador físico seria submetido à Direção Técnica – que já incluía o médico da CBD – e, em reafirmação, “à orientação do médico”; portanto, além da previsão teórica, pudemos também verificar na prática que a chancela e a aprovação do trabalho desenvolvido por Paulo Amaral, deram-se em função do respaldo concedido por Gosling. Mesmo sem constar expressamente no plano, verificamos ainda que o desenvolvimento da função psicotécnica, conduzida por João Carvalhaes, também submetia-se ao regime de trabalho concentrado pelo médico; de modo semelhante, o odontólogo Mário Trigo, igualmente tem seu acesso à seleção franqueado por intermédio de Hilton Gosling.

Uma breve abordagem sobre a função do preparador físico nos fez refletir sobre uma relativa incoerência conceitual muito comum inclusive na bibliografia da área: se disséssemos, como costumeiramente encontramos nos trabalhos sobre tal temática, que a função desempenhada por Paulo Amaral, em tempos anteriores, era realizada pelo próprio técnico do selecionado, talvez estaríamos reduzindo a questão a uma escala de menor importância. O que julgamos ser mais coerente e metodologicamente apropriado seria considerar como inovador não propriamente a convocação de Paulo Amaral, mas todo o movimento observado no circuito do futebol que cria condições para sua emergência enquanto agente *expert* nessa técnica, com o estabelecimento de um novo regime de saberes e práticas que se materializam em sua figura. Cumpre, nesse processo, identificar a emergência valorativa das técnicas científicas e acadêmicas condensadas pelo profissional educador físico, que, como sabemos, historicamente são determinadas tanto pelos conhecimentos oriundos da prática médica como da disciplina que emanou da organização militar.

A colocação de um “exército de 40 médicos” a serviço da seleção, em 58, perfazendo longos procedimentos com exames em diversas especialidades médicas, semanas a fio, destoa substancialmente dos procedimentos ocorridos nos anos anteriores, quando, por vezes, num único dia, ao menos uma dezena de jogadores passavam pela checagem médica e eram colocados de prontidão para a prática das atividades, quase sem a verificação de restrições ou apontamentos dessa ordem. De fato, em 50 e 54 verificamos que o elemento norteador do diagnóstico médico em relação às atividades preparadas para os jogadores passava pela

checagem e classificação dos futebolistas de acordo com o peso apresentado, ou, numa condição mais elaborada, como em 54, pelo peso acompanhado da monitoração da pulsação. A partir disso, vinham orientações de maior ou menor escala de treino ou mesmo restrições ou liberações alimentares.

Outra análise reveladora diz respeito aos aparatos hospitalares com os quais a seleção brasileira manteve contato nas três ambiências observadas. Em 1950, uma parte dos exames aos quais os jogadores são submetidos toma corpo no departamento médico de São Januário e, posteriormente, no Hospital da Cruz Vermelha, no Rio de Janeiro. Importante registrarmos também que encontramos menções às diretrizes para o estabelecimento do departamento médico no estádio do Maracanã, ainda em sua fase de construção. Em 54, no contexto da retração do aparato técnico – exemplificado também pela redução dos médicos postos à disposição da seleção, ficando somente Paes Barreto na função que anteriormente era desenvolvida conjuntamente com Giffoni – encontramos menções à colocação do Sanatório Naval de Nova Friburgo à disposição da CBD para eventuais necessidades médicas, embora não tenhamos observado qualquer reportagem à necessidade de sua utilização. Há também o registro de que as instalações médicas disponibilizadas em Macolin, na Suíça, supririam todas as necessidades demandadas pelo CBD, mas, não seria arriscado afirmarmos que nesse período há uma insinuante valorização na imprensa jornalística das posições assumidas pela CBD. Já em 58, verificamos que parte dos exames e tratamentos, além de serem realizadas na Santa Casa e na Faculdade de Odontologia do Rio de Janeiro, expandem-se para fora dos muros que demarcam essas instituições notoriamente disciplinares, movimento verificado ao lado da maciça preocupação do JB em reportar os resultados dos exames (sejam eles médicos de toda ordem, psicotécnicos ou mesmo odontológicos) e dar voz a esses atores médicos em suas coberturas diárias. Assim, os exames e tratamentos médicos poderiam ocorrer nos apartamentos dos jogadores (como alguns que foram visitados por Gosling antes do início do período de treinos), nos quartos de hotel, na concentração, em alguma parte de Araxá ou Poços de Caldas, em clínicas conveniadas ou no gabinete médico montado na Suécia de acordo especialmente com as necessidades brasileiras, como analisamos a partir da cobertura jornalística da seleção. Não mais é verificado a necessidade ou circunscrição de um espaço físico determinado a tal prática; o saber médico se expande, e dominá-lo, de algum modo, passa a ser uma forma de imposição a todos os envolvidos.

Verificamos como o conhecimento médico respaldado pelos valores do cientificismo impõe transformações na ordem dos saberes. Em termos substanciais, outra faceta desse movimento é assinalada com relação ao material esportivo utilizado ou posto à disposição da

seleção brasileira. Em 1954, a seleção húngara fazia utilização em “abundância de bolas de treinamento, iguais às que serão utilizadas nas partidas oficiais do campeonato”, num registro observado pela agência internacional, que atribui a tal fato características um tanto pitorescas. De modo semelhante, a seleção brasileira conheceria em terras suíças as “traves de borracha nas chuteiras, a fim de evitar as derrapagens”. Quatro anos depois, contudo, seria inimaginável não atentarmos para os cuidados observados em relação a equipagem material do selecionado, que passava pela utilização de “bolas dinamarquesas, iguaizinhas as que serão usadas na Suécia” e “chuteiras alemãs com solas de ‘nylon’”, além de uma extensa relação de “Materiais para a seleção”, num dos capítulos do PPMC, que assinalava o “uso para treinos e jogos dos quais a mordomia do selecionado deverá estar sempre munida, para fornecimento nas mais diversas circunstâncias”.

Tentamos salientar como as questões concernentes à evolução médica no âmbito do futebol brasileiro não estavam restritas à ambiência da seleção. Em nossa proposta de estudo, buscamos enfocar como esse processo foi conduzido de modo concentrado, com vistas à Copa de 1958, mas é impossível dissociá-lo dos próprios agentes que personalizam esse processo, muitos dos quais são oriundos de clubes atuantes nos principais polos futebolísticos nacionais, a saber, o Rio de Janeiro e São Paulo. Procuramos ao menos pontuar o reequilíbrio de forças que se processa na gestão do futebol brasileiro em relação às rivalidades entre paulistas e cariocas, sobretudo a partir do protagonismo de Paulo Machado de Carvalho, e, igualmente, assinalar algumas disputas e outras formas de compartilhamento que se processam em relação ao médico da CBD e aos departamentos médicos dos clubes. Sobre esse último ponto, é especialmente importante atentarmos para os diferenciais metodológicos evocados por Hilton Gosling e por Paes Barreto a respeito do defensor Altair.

Por fim, vale assinalarmos novamente o protagonismo desempenhado pelas personalidades médicas que atuaram junto à CBD no processo de transposição de um modelo de futebolista jogador para um modelo de futebolista atleta. Nesse quesito, cumpriu fundamental papel a expertise técnica acionada por meio do preparador físico, num processo já salientado por Damo (2007) acerca da gestão dos corpos na consecução de um regime profissionalizado dos capitais corpóreos requeridos aos futebolistas. Em termos teóricos, procuramos assinalar a emergência desse processo desde as Copas anteriores a 1958, passando ainda pelo PPMC e desembocando, em termos práticos, na afirmação lastreada por métodos e personalidades detentoras de atributos autoritários, amiúde respaldada por algum atavismo militarizado, que impõe ao futebol brasileiro uma reconfiguração na ordem dos saberes e dos jogos de poder. O deslocamento do centro de poder de dentro do campo de jogo

em direção aos agentes do campo futebolístico que atuam além das quatro linhas conhece, no entorno e a partir de 1958, um movimento inédito e fundamental a partir do qual toda e qualquer atuação em seu meio, não mais poderia deixar de dialogar com seu legado.

3. A era 1958-1966: replicação e aperfeiçoamento de um modelo

A conquista em 1958 sacramentou o modelo organizacional implementado na seleção. Após a Copa da Suécia, a CBD replicou sucessivamente o modelo vitorioso. Realizando alguns ajustes, substituindo algumas peças e aperfeiçoando determinadas questões, o modelo de preparação e cuidados destinados aos futebolistas reinou soberano até a Copa do Chile, em 1962, quando novamente campeã, a seleção brasileira só fez ratificar o modelo. O exemplo brasileiro, bicampeão do mundo, poderia até mesmo servir como modelo à Europa. Com novas sofisticações de métodos e maior embasamento científico, a seleção brasileira chegou à Copa de 1966 mantendo a essência daquela mesma fórmula aplicada em 1958. Já se iam oito anos desde a primeira volta olímpica brasileira em Copas do Mundo.

Nesse período, sedimentou-se na seleção brasileira uma visão que direcionava ao futebolista um tratamento distinto daquele verificado antes de 1958; completa-se nesse estágio a transposição de padrões: de um futebolista estritamente jogador, praticante do futebol, para um futebolista atlético, com o corpo radiografado e modulado para alcançar o maior desempenho possível durante uma partida de futebol. Para tanto, a função ocupada pelo médico da seleção cumpriria fundamental papel como elemento centralizador de poder, referência em termos científicos e figura de extensa influência em áreas do conhecimento técnico do futebol.

De fato, o médico Hilton Gosling é o único dos expoentes pertencentes à Comissão Técnica que atravessa todo esse período à frente da CBD; em relação ao técnico de campo há alternância entre Feola e Aymoré Moreira; também o preparador físico Paulo Amaral é substituído por Rudolf Hermann; idem em relação ao psicólogo João Carvalhaes, que cede lugar a Athayde Ribeiro da Silva. Também para 1966, Paulo Machado de Carvalho deixa de chefiar a seleção, sendo substituído em tal função pelo próprio João Havelange, que já projetava a essa época alçar postos mais elevados no futebol mundial.

3.1. *Organização, planejamento e reordenamento das práticas*

Conquistado o campeonato mundial em 1958 a seleção brasileira se reuniria novamente somente em março de 59, com vistas a disputar novos jogos. Nesse ano, em função da disputa do Campeonato Sul-Americano²⁶⁸, com sede na Argentina²⁶⁹, a primeira convocação da seleção brasileira após a Copa do Mundo da Suécia ocorreu ainda em janeiro, no final do mês. OESP anunciou, por meio da matéria “14 paulistas e 8 cariocas”²⁷⁰ (Imagem 10), a lista dos convocados e também o tópico “Programa”, no qual eram demarcadas as etapas traçadas para o selecionado até a data do primeiro jogo brasileiro no torneio, mesmo restando ainda uma jornada razoável até que se realizasse a partida inaugural em 10 de março. Colhendo os louros de um modelo adotado na vitoriosa organização da campanha Suécia/1958, tentou-se repetir, ao menos parcialmente, a formulação que submetia os jogadores a uma checagem médica bastante apurada antes que os mesmos calçassem chuteiras e fossem a campo para os primeiros treinamentos do grupo:

De 16 a 20 de fevereiro, apresentar-se-ão os jogadores e serão realizados os exames médicos. De 26 de fevereiro a 6 de março, haverá concentração em Teresópolis, no local escolhido pelo Dr. Hilton Gosling, com o seguinte programa: no dia 27, treino individual; 28, coletivo; 1º de maio, individual; 2, individual; 3, coletivo [...]²⁷¹.

Paralelamente, no mesmo dia, o JB também reportava o anúncio dos convocados e igualmente apresentava a seção “Programa” na matéria de cobertura, que dividia as etapas em “apresentação”, seguida de “exame médico” e “treinamento”²⁷², mas sem detalhamentos mais apurados além das datas definidas. A ausência de Paulinho, zagueiro do Vasco da Gama, e a preocupação de Feola em dar prosseguimento ao “entrosamento já existente, oriundo da Copa do Mundo” concentravam as atenções dadas pela reportagem do JB.

Dessa forma, pouco mais de duas semanas antes da estreia da seleção brasileira, foi mobilizada a estrutura da 16ª Enfermaria da Santa Casa do Rio de Janeiro e, sob a orientação

²⁶⁸ O Campeonato Sul-Americano pode ser considerado como antecessor da atual Copa América, sendo a mais antiga competição de futebol entre seleções do continente. Entre 1916 e 1967 foi disputado sob a fórmula de campeonato, seguindo o modelo de todos contra todos; desde 1975 segue o modelo copa.

²⁶⁹ Em 1959 foram organizados dois campeonatos sul-americanos de seleções. O primeiro deles, mencionado no texto, foi disputado entre março e abril e contou com a participação dos principais jogadores de cada país, que enviaram suas representações à Argentina. O segundo sul-americano, também chamado de “Sul-americano extra”, foi disputado no Equador e envolveu apenas 5 seleções, dentre as quais a do Brasil, representada nesse certame pelos jogadores e treinador da seleção do estado do Pernambuco.

²⁷⁰ OESP, 31 de janeiro de 1959, **14 paulistas e 8 cariocas**, p. 12.

²⁷¹ Ibid.

²⁷² JB, 31 de janeiro de 1959, **Escolhidos os 22 da nova seleção**, p. 12.

do Dr. Hilton Gosling, 31 médicos foram escalados e colocados de prontidão à espera dos jogadores selecionados. Os primeiros a se apresentarem foram os paulistas e, ao que tudo indica, os exames transcorreram dentro daquilo que fora previsto. No dia seguinte, esperavam-se os jogadores cariocas, pertencentes ao Vasco da Gama, ao Flamengo e ao Fluminense, e que àquele momento estavam a serviço da seleção carioca. Entretanto, os 31 médicos comandados por Gosling “aguardaram durante muito tempo” e os jogadores, por fim, não se dirigiram para a Santa Casa, já que naquela manhã, atendendo a orientações da Federação Metropolitana de Futebol, apresentaram-se no campo de São Januário e treinaram sob o comando do técnico Gradim em preparação para o jogo contra a seleção paulista, que ocorreria na noite do dia seguinte na disputa pelo troféu “Campeões do Mundo”.

Tal passagem, noticiada pelo OESP em fins de fevereiro de 1959, apresentava a manchete “Completa Desorganização no Preparo da Turma Brasileira”²⁷³; nela, ficava patente que o modelo de planejamento que anos mais tarde seria tornado uma rotina padronizada e introjetada pelos próprios jogadores, técnicos e dirigentes que serviam à seleção, ainda esbarrava em desajustes que, no mínimo, envolviam questões organizativas e regimes de competência na CBD e nas Federações locais. Na matéria, tanto a opinião do médico, Hilton Gosling, como a dos jogadores envolvidos são registradas, e os encaminhamentos para a dissolução do imbróglio são pouco resolutórios em curto prazo, compreendendo a remarcação dos exames e a reorganização de viagens e treinos. Gosling, que se viu diante da situação de ter que prestar esclarecimentos aos seus pares, tentando ainda algum ajuste de última hora, via contato telefônico, não obteve sucesso; os jogadores, por sua vez, alegaram terem recebido uma comunicação oficial (sem especificação de qual entidade) para se apresentarem ao campo do Vasco da Gama, o que contrastava com a informação noticiada pela imprensa, mas prudentemente pautaram-se pelo comunicado. OESP ainda registra, de modo bastante ponderado em relação aos envolvidos, que “Os jogadores não tiveram culpa nenhuma e o facultativo iria alertar a entidade sobre a irregularidade para providências futuras”, dando destaque ainda ao “desabafo” de Gosling, que “chegou a dizer que melhor seria levar a Buenos Aires a ‘Taça Jules Rimet’ e ali exibi-la para o público, já que desta feita os trabalhos estão bastante desorganizados”²⁷⁴.

Partindo de um acontecimento aparentemente de pouca importância – considerando o posterior cumprimento dos exames e a relativamente boa campanha realizada pelo selecionado brasileiro – podemos desdobrar algumas questões presentes nas narrativas

²⁷³ OESP, 25 de fevereiro de 1959, **Completa Desorganização no Preparo da Turma Brasileira**, p. 14.

²⁷⁴ Ibid.

apresentadas pelo OESP e pelo JB que nos são particularmente pertinentes. A primeira que gostaríamos de destacar diz respeito a operacionalizarmos o argumento a partir da ideia de organização e preparação. Como é nosso propósito, podemos novamente evocar os parâmetros estabelecidos pelas Copas do Mundo, e nesse contexto vem bastante a calhar a análise efetuada por Franco Jr. a propósito da Copa de 1954 na Suíça – portanto, uma Copa anterior àquela que compreende a concepção de uma nova matriz organizativa – na qual o selecionado nacional sucumbiu frente à Hungria, do legendário jogador Puskás e da preparação física marcadamente militarizada. Alinhando o desempenho da esquadra brasileira às condições da política nacional – em polvorosa situação, acentuada ainda mais no intervalo de dois meses que antecederam a morte de Getúlio – Franco Jr. observa:

A instabilidade do Brasil refletiu-se na **desorganização e falta de preparo** da seleção. O técnico, Zezé Moreira, afirmava que não era necessário conhecer os times adversários, e o chefe da delegação, João Lyra Filho, sustentava que o importante era fazer os jogadores beijarem a bandeira nacional no vestiário. Na terceira partida, o time assemelhava-se ao governo brasileiro, perdido em campo, fustigado à direita e à esquerda pela favorita seleção da Hungria, organizada num 4-2-4 inovador (FRANCO JR., 2007, p. 92-93, grifo nosso).

Temos, então, quase como ponto pacífico que a superação da falta de organização e preparo compreendia um pressuposto alcançado a partir de 1958 e que impunha, desse ponto em diante, uma conduta portadora de uma nova ordem. É justamente sob esse viés que uma série de discursos se estabelecem e se tornam referência entre os anos das Copas disputadas na Suíça e Suécia. A bem da verdade, desde 1950, com a Copa organizada no Brasil, uma série de medidas envolvendo a CBD e o CND (órgão ligado ao governo federal), foi adotada com vistas a dar maior organização ao futebol brasileiro, como já procuramos demonstrar, mas o efetivo êxito de tal impulso só seria reconhecido após a preparação e a conquista em 1958. Dessa forma, na matéria veiculada pelo OESP temos a latente preocupação que a organização então demonstrada no começo de 1959, após anos de engajamento e debates em torno dessa questão, comprometesse os avanços já alcançados pelos sistemas de planejamento e execução da CBD, uma vez que estes, como se viu, ainda não tinham atingido um nível satisfatório de sedimentação de seus pressupostos.

Outro aspecto notável é que mesmo se tratando de uma competição de porte e significação menores que uma Copa do Mundo – conquanto se reconheça a importância e destaque dos campeonatos Sul-Americanos na formação das rivalidades regionais, sobretudo na primeira metade do século XX, quando ainda são aditivadas pelas disputas do futebol nos jogos olímpicos – mobilizou-se para os trabalhos médicos preparativos para o Sul-Americano

de 1959 um corpo tão robusto de profissionais quanto aquele formado para o mundial, cerca de seis meses antes. Embora não seja nosso intento efetuar um levantamento pormenorizado dos procedimentos que tais atendimentos médicos alcançaram, é bastante relevante que tenha ocorrido uma equiparação do número de médicos postos a serviço da seleção, mesmo se tratando de um cronograma mais curto de trabalho, com menor tempo destinado à concentração e treinamento de jogadores e, também, levando-se em conta a substancial diferença de deslocamento e condições climáticas em relação aos jogos que iriam ocorrer na própria América do Sul. Mesmo levando em consideração a exiguidade de tempo e as condições abreviadas de envolvimento do grupo de jogadores com o de médicos, o reforço dado à equipe de doutores nessa segunda convocação da gestão de Havelange só fez acentuar os cuidados que tal temática passou a evocar.

Em 1960 observamos contratempos de outra ordem. Numa sequência de amistosos oficiais e não oficiais disputados pela seleção brasileira no Oriente Médio e na Europa, contra seleções, clubes e até mesmo uma equipe amadora (da Dinamarca) em fase de preparação para os Jogos Olímpicos de Roma, uma série de reclamações na imprensa, entre os jogadores e até mesmo entre dirigentes foi gerada acerca das más condições às quais o selecionado fora submetido, sobretudo em termos da desorganização na marcação dos jogos e no planejamento dos roteiros de viagem. O calor desértico do Saara (dois jogos no Cairo e um em Alexandria), a extenuante rotina de jogos (sete jogos em 18 dias, ou um jogo a cada 62 horas, em média) e o traslado por vários países em um curto período de tempo (Egito, Suécia, Dinamarca, Itália e Portugal) foram apontados como os principais fatores da insatisfação do grupo.

Ao término da excursão, o descontentamento grassava junto ao grupo de jogadores: “Todos se queixavam da excursão muito cansativa, com jogos um dia sim, um dia não, intercalados com viagens longas”²⁷⁵; sem embargo, as questões relacionadas à falta de organização e planejamento que provavelmente mais afetaram o corpo diretivo da CBD deram-se, deduzimos, em função de ordenações administrativas, já que os próprios agentes da Comissão Técnica também foram vitimados pela rotina exaustiva que expôs o grupo brasileiro a uma série de intempéries. Fazendo uso da jocosidade, o JB registrou a opinião do famoso massagista Mário Américo, que relatava as agruras sofridas com as condições climáticas encontradas no Egito e no norte da Europa: “O calor do Rio comparado com o deles é fresco. Quando a gente estava se habituando ao calor do Egito, passou para o frio da

²⁷⁵ JB, 12 de maio de 1960, **Brasil joga hoje (17 horas) a partida mais difícil: Vitor e cansaço são problemas**, p. 12.

Dinamarca”²⁷⁶. De fato, a súbita mudança climática chegou a minar também a resistência de alguns jogadores; Dino Sani e Nílton Santos ficaram fortemente gripados e impossibilitados de atuar em alguns jogos²⁷⁷; maior destaque, contudo, ganhou o desentendimento envolvendo alguns dirigentes que acompanhavam a seleção: “O Sr. Mendonça Falcão, também atingido pelo abatimento dos jogadores, ralhou com o Sr. Mozart Di Giorgio, que acompanha a delegação como representante da CBD, e com o técnico Vicente Feola, reclamando contra a organização da série de jogos”²⁷⁸.

Se quisermos estabelecer uma relação comparativa que saliente algumas transformações relativas às questões apontadas nas matérias, vale colocarmos em contraposição, de um lado, as convocações do Sul-Americano de 1959, bem como aquela destinada à excursão ao Oriente Médio e à Europa em 1960, e de outro, uma convocação ocorrida em 1964, por ocasião da disputa da Taça das Nações, campeonato organizado em celebração ao 50º aniversário da CBD e que contou com a participação das seleções argentina, inglesa e portuguesa. A escolha dessa convocação, ao mesmo tempo em que não é tomada ao acaso, já que por meio dela a seleção formou os times que disputariam os únicos três jogos ocorridos em 1964 – ano de absoluta importância na história brasileira – também não é representativa de um caso específico e que simbolize alterações distintivas em relação a outras ocorridas em períodos próximos. Portanto, uma convocação significativa do ponto de vista daquilo que há pouco chamamos por sedimentação de determinados valores, já que relativamente distante temporalmente do marco divisório de 58, e também importante em vista de um nefasto episódio da história brasileira, simbolizado pelo golpe militar. Vale registrarmos, *en passant*, que a intervenção direta do Governo Militar na seleção ainda não era uma concretude e as lógicas organizativas dentro da CBD, embora apresentassem já de longa data similitudes e conexões com o militarismo, seguiam uma dinâmica própria, ainda bastante tributária das exitosas campanhas de 1958-62. De todo modo, já um mês antes da disputa do primeiro jogo brasileiro na referida Taça das Nações, que se iniciou em fins de maio, a convocação foi anunciada²⁷⁹ pelo supervisor Carlos Nascimento, que chamou 25 jogadores e, em seguida, passou a palavra ao médico Hilton Gosling para que esse tornasse público o planejamento médico, a marcação dos treinos e o calendário programático a ser seguido. Com segurança, podemos afirmar que à medida que se avançava pelos anos da década de 60, tornou-se frequente esse modo de anúncio mais formalizado e que já

²⁷⁶ JB, 19 de maio de 1960, **Brasil chega, Feola Fala**, p.12.

²⁷⁷ JB, 10 de maio de 1960, **Dois gripados**, p. 12.

²⁷⁸ Ibid.

²⁷⁹ JB, 30 de abril de 1964, **CBD convocou 25 jogadores para a Taça das Nações**, p. 21.

publicizava uma pormenorização do cronograma da seleção, amiúde veiculado pelo médico do selecionado.

Também é possível constatar, voltando à cobertura da convocação para o Sul-Americano de 1959, que ocorre uma clara tentativa de esquiva, por parte dos agentes responsáveis, em relação ao erro de organização que orientou os jogadores a se apresentarem em São Januário. Em 1960, a falta de planeamento aliada à tentativa de aproveitar ao máximo o interesse que a seleção campeã mundial despertava nos lugares por onde passava – marcando novos amistosos na medida em que despontavam interesses comerciais e políticos, no próprio transcorrer de uma determinada excursão, por exemplo²⁸⁰ – faziam com que diversos aspectos outrora evocados como fatores para o insucesso do selecionado voltassem a serem elencados como determinantes para o descontentamento dos profissionais envolvidos com a seleção, além de justificarem alguns desempenhos abaixo do esperado. Em contrapartida, em 1964, além do comunicado dos nomes convocados ser feito de forma semelhante a um anúncio oficial verificado em Copas do Mundo, os encaminhamentos a serem tomados já eram embutidos na fala do médico da CBD, que ganhava também maior representatividade, além de ser levado a conhecimento do público um detalhado e quase definitivo cronograma a ser seguido. No registro feito pelo JB, ao lado da coluna que arrolava os selecionados, era publicado um completo cronograma das atividades a serem seguidas pelos jogadores, com a marcação dos dias, das fases e dos lugares determinados em relação às etapas estabelecidas:

Tão logo os nomes foram divulgados, o Dr. Hilton Gosling informou que os exames médicos serão iniciados no dia 12, já estando escolhidos os nomes que comporão a comissão encarregada dessa parte. Os exames, segundo o médico, devem-se prolongar até o dia 16 ou 17, e só depois disso os jogadores serão entregues ao técnico para os treinos.

Em princípio, Vicente Feola pretende dirigir dois coletivos, um no dia 18 e outro três dias depois, havendo possibilidade de um terceiro às vésperas da estreia na Taça das Nações. Quase todos os treinos serão realizados no campo do Fluminense, enquanto os exames médicos, à exceção dos radiográficos – que serão feitos na Santa Casa – estão marcados para o Hotel Corcovado, onde os jogadores ficarão concentrados²⁸¹.

Alheio às questões relativas às particularidades das coberturas jornalísticas empregadas pelo OESP e pelo JB, tomamos objetivamente os casos apresentados pelo evidente reordenamento em termos daquilo que é posto em circulação a partir da produção

²⁸⁰ Em “Havelange manda seleção jogar em Lisboa mesmo com prejuízo: US\$ 5 mil”, o JB atribui ao presidente da CBD a seguinte fala: “Como os portugueses estão necessitando de nós, agora, nós poderemos necessitar deles mais tarde. Temos, ainda, os mais estreitos laços de amizade e, por isso, prefiro que a CBD jogue em Lisboa” JB, 10 de maio de 1960, **Havelange manda seleção jogar em Lisboa mesmo com prejuízo: US\$ 5 mil**, p. 12.

²⁸¹ JB, 30 de abril de 1964, **CBD convocou 25 jogadores para a Taça das Nações**, p. 21.

dos discursos e também dos sujeitos autorizados a proferi-los no âmbito das questões organizacionais e de planejamento da seleção. Além de ser o responsável por anunciar e determinar as etapas da preparação, afinal “só depois” de realizados os exames “os jogadores serão entregues ao técnico para os treinos”, Gosling comunica também a formação, tal e qual como em 58, de uma “comissão” médica, que poderia assumir as denominações de “junta”, “corpo”, “grupo” etc., e que se tornaria uma constante inquestionável em qualquer convocação ou fases preparatórias para Copas do Mundo. A esta altura, obviamente, a formação dessa comissão atende ao princípio da efemeridade – têm-se sua reunião, seguida das análises/exames e obtêm-se os resultados que habilitam ou não os jogadores para a prática, determinam procedimentos regenerativos, ajudam a prescrever etapas de treinamento – o que é diferente da presença de Gosling, que passará a exercer, mais e mais, uma vivência e vigilância ostensiva junto ao grupo de jogadores, muito próxima de uma estratégia de controle exercida de múltiplas formas, especialmente por meio da coleta, medição, catalogação e comparativos de dados referentes às condições físicas, atléticas e de saúde dos futebolistas.

Ainda em relação a esse último ponto, encontramos menções diretas, em diversas passagens, ao estabelecimento de verdadeiros bancos de dados catalográficos – que são materializados e alimentados ao longo dos anos – acerca das condições de saúde, resistência atlética, dados gerais (peso, altura, pulso) etc. dos jogadores convocados para a seleção. Tais registros poderiam ser também compartilhados de modo amistoso com os clubes, numa perspectiva completamente diferente daquela observada quando da chegada de Gosling à seleção: “A novidade de ontem de manhã, nas Paineiras, foi a presença do Dr. Pinkwas Fizsmann, médico do Flamengo, que foi levar ao Dr. Hilton Gosling as fichas médicas completas de Murilo e Fefeu”²⁸², era salientado pelo JB em maio de 1965.

Já mais próximo da Copa de 66, quando novamente o JB buscava antecipar o resultado dos exames médicos dos atletas brasileiros, um novo pronunciamento era solicitado pelo jornal ao médico Hilton Gosling: “Posso adiantar, entretanto, que o estado físico dos atletas é muito melhor do que nas convocações anteriores, o que evidencia o zelo dos departamentos médicos dos clubes”²⁸³. Se rememorarmos o processo conturbado de assentamento do referencial médico na CBD, nas prévias de 1958 (tópico 2.5.), teremos situações claramente distintas. Se num momento o alargamento das funções médicas encampadas pela seleção por meio do alargamento de exames e profissionais da área designados para promover uma

²⁸² JB, 27 de maio de 1965, **Ivair melhora, e Gosling afasta ameaça de corte**, p. 18.

²⁸³ JB, 06 de abril de 1966, **Gosling aponta como piores as contusões de Fontana, Garrincha e Carlos Alberto**, p. 20.

verdadeira radiografia clínica das condições corpóreas e psicológicas dos jogadores poderia gerar descontentamento junto aos departamentos médicos dos clubes – cujo exemplo mais marcante foi o de Newton Paes Barreto, que em 58 comandava o departamento médico do Fluminense, mas que já havia assumido as funções médicas junto à CBD em 1950 e 54, entrando em colisão com a CBD a respeito do defensor Altair – com questionamentos que gravitavam em torno das questões de competência ou do excesso de zelo empregado pela divisão comandada pela CBD, em outro momento, não tão distante cronologicamente, o que é realçado pela cobertura jornalística é o clima de relativa amistosidade e compartilhamento dos resultados apurados. Essas pequenas amostras, entendemos, são representativas dessa visão organizativa que passava pela centralidade da função médica. Ademais, se essa perspectiva não emanava da organização da seleção (e da CBD), ao menos, em relação aos clubes brasileiros, necessariamente passava a dialogar com ela.

Sinteticamente, então, poderíamos dizer que em um primeiro momento, os ideais de prevenção, reabilitação e maximização do desempenho dos jogadores compreendem a porta de entrada e veículo de afirmação da autoridade médica no interior da seleção brasileira de futebol. Após a Copa de 1958, acontecimento que circunscreve esse movimento no interior da organização médica da seleção, paulatinamente o médico da CBD passa a desempenhar mais atribuições e assumir responsabilidades que não ficarão circunscritas àquelas consideradas anteriormente como atinentes estritamente ao departamento médico. Tais trabalhos, como procuramos demonstrar, seriam a partir de então submetidos a uma ordenação médica que, ancorada nos saberes cientificamente comprovados, adquiria poderes preliminares de planejamento e execução e, além disso, também estaria habilitada a impedir e autorizar o desenvolvimento das práticas futebolísticas. Assim, a consolidação de uma mentalidade preparativa e programática, seja submetendo o jogador de futebol a uma acurada análise, seja, em um intervalo de tempo mais alongado, planejando as ações da seleção por meio de pareceres fundamentados pelo saber médico (em 1963, o médico Gosling é destacado pela CBD como integrante da Comissão Técnica, com a atribuição responsável por avaliar as condições de preparação e estadia para o Mundial da Inglaterra, em 1966), ou mesmo dando respaldo organizativo aos anúncios das convocações brasileiras, compreendeu uma importante etapa no processo de redefinição dos padrões futebolísticos acerca do planejamento, desempenho e saúde atlética.

Ademais, o impulso normativo consubstancializado pela figura de Gosling na seleção, assessorado pelos organismos hospitalares e por um verdadeiro séquito de especialistas médicos acionados na submissão dos futebolistas a uma sequência de pormenorizações, se

não pode ser considerado a pedra fundamental de um novo paradigma médico no futebol brasileiro como um todo – até mesmo pelo relativo vácuo nos estudos históricos desta área – é elemento central no processo de alavancamento desses cuidados no interior dos clubes brasileiros, que passariam a ter com a CBD uma relação, no mínimo, profissional e até mesmo participativa em assuntos desta ordem.

3.2. *Afirmação discursiva, evolutiva e pedagógica das práticas médicas*

Em meio aos preparativos para a Copa de 1962, Feola, assessor técnico de Aymoré Moreira, era procurado pela reportagem do JB e chamado a opinar sobre o clima de relativo otimismo que poderia contagiar os jogadores brasileiros, então defensores do título mundial. A reportagem “Feola deixou o campo para chefiar guerra ao otimismo exagerado”, publicada quando da estada da delegação brasileira em Friburgo, começava apresentando a leitura do treinador sobre a derrota de 1950:

Naquela época – conta Feola – tudo corria bem com o nosso time até que começou a concentração na Estrada da Gávea, no Rio. Aí, com os ouvidos cheios de promessas e da euforia tola da torcida, os jogadores passaram a acreditar que a Copa já estava ganha e acabaram sofrendo aquela grande decepção na final contra o Uruguai²⁸⁴.

No entendimento do treinador, a “decepção” pela derrota, mesmo quando vista após ter sido passada mais de uma década do ocorrido, assume ares mais objetivos e pragmáticos; o efeito gerado pela eufórica crença na vitória – exemplificada também pela exibição de faixas com os dizeres “Viva o Brasil, Campeão do Mundo”²⁸⁵ e alimentada ainda pelas expectativas de prêmios e outras benesses prometidas aos jogadores e ao corpo técnico – predomina na narrativa do treinador como elemento central para a perda da concentração brasileira e do próprio jogo. Outra consideração assinalada pelo treinador – que embora relacionada, não trata propriamente do ocorrido em 50, mas sim em consideração ao novo status desfrutado pela seleção brasileira após a primeira conquista mundial – compreendia uma mudança na percepção que os próprios jogadores brasileiros tinham a respeito das disputas de Copas do Mundo:

A mentalidade do jogador brasileiro já evoluiu tanto, que hoje qualquer um desses rapazes é bastante inteligente para saber com que gana os nossos adversários nos enfrentarão.

[...]

Hoje todos os jogadores conhecem o perigo que enfrentarão no Chile. Todos sabem que uma vitória sobre o Brasil bastará para justificar a presença de qualquer seleção na Copa. E por isso todos terão cuidado contra qualquer adversário, exatamente como deve ser feito²⁸⁶.

²⁸⁴ JB, 16 de abril de 1962, **Feola deixou o campo para chefiar guerra ao otimismo exagerado**, 1º Cad. p. 24.

²⁸⁵ Ibid.

²⁸⁶ Ibid.

Apontada por Feola, a evolução do futebolista brasileiro, em direção a uma inteligência maior, não pode ser desconsiderada. Sua palavra adquiriria um peso extraordinário, haja vista que, excetuando-se a Copa de 1954, o treinador havia atuado junto ao organismo técnico brasileiro em todos os mundiais desde 50; além da Copa do Chile, que se aproximava, o veterano treinador ainda atuaria na Copa de 66. Ainda sobre 50, é válido destacarmos que não são registradas na fala de Feola nenhuma menção que aluda a algum complexo de inferioridade ou à possível baixa autoestima brasileira diante de estrangeiros. De qualquer forma, é importante salientarmos que as imagens ou autoimagens produzidas sobre a seleção adquirem diferentes matizes quando analisadas sobre múltiplos atores do campo futebolístico, destacadamente por meio dos especialistas (TOLEDO, 2002) e, sobretudo, se pusermos em contraposição uma opinião que emana do universo técnico da CBD com aquelas já apontadas sobre composição psicológica do jogador e do povo brasileiro. Ainda, talvez haja um campo bastante fecundo para se pensar essa problemática das imagens difundidas sobre a seleção brasileira ao longo dos anos, em diferentes condições do futebol brasileiro e sob conjunturas políticas e econômicas variadas.

Com efeito, já procuramos salientar (item 1.3.) a importância que o discurso de caráter oficial passa a assumir ao longo da trajetória da CBD/CBF, principalmente em vista da permanência de determinado grupo dirigente à frente de suas mais altas esferas administrativas. Igualmente, destacamos o papel fulcral assumido pelos veículos de comunicação (tópico 2.3.3.1.) na conjugação de uma estratégia político-administrativa institucional de contingenciamento dos questionamentos oriundos de determinados setores contrários da imprensa, assim como na manutenção de uma considerável rede de poder que envolvia clubes, personalidades políticas e até mesmo setores do empresariado brasileiro.

Em vista disso, iremos esmiuçar, a partir de três referências, como alguns apontamentos referente às questões de ordem médica se refletem: 1) na busca pela afirmação discursiva e, a partir disso, 2) nas dimensões evolutivas desses pressupostos médicos relacionados à questão “psi” e de preparação física; e finalmente, 3) finalizarmos com um retorno ao desenvolvimento das questões médicas.

No começo de abril de 1966, logo no início dos processos preparativos para a VIII Copa do Mundo, na Inglaterra, o JB apresentou uma extensa matéria intitulada “Jogador brasileiro aprendeu a ter saúde a partir de 58”²⁸⁷ (Imagem 11), assinada não por algum repórter específico – e tampouco uma cobertura sem autoria, como a imensa maioria das

²⁸⁷ JB, 07 de abril de 1966, **Jogador brasileiro aprendeu a ter saúde a partir de 58**, p. 20.

matérias de cobertura esportiva – mas veiculada a um “Departamento de Pesquisa do JB”. A chancela da “Pesquisa” por si só já evidenciava tratar-se de uma matéria que ia além da corriqueira cobertura do dia-a-dia da seleção brasileira de futebol; por meio dela o público leitor era envolvido em um resgate acerca da memória da seleção nacional, uma memória que se dava na correlata medida em que era produzida e afirmada enquanto tal, valorizando determinados feitos, escamoteando outros, lançando luz sobre algumas personagens em relação às quais não mais poderia ser dissociado o processo de preparação dos atletas brasileiros.

A matéria destacava que entre 58 e 62 o jogador brasileiro conseguiu adquirir uma “consciência profissional só explicável pelo fato de que muito pesa um título de campeão do mundo.” Em relação a tal processo, salientava o JB que em 1958 foram convocados “não 35 jogadores, mas 35 pacientes” em vista das precárias condições físicas e saúde que os mesmos apresentavam, relatados como portadores de mazelas capazes “de desanimar qualquer um”, destacando ainda que vários craques sequer puderam ser convocados, pois encontravam-se em pior situação ainda, alguns “sem poder, sequer, andar direito”. Segundo a própria matéria, a disposição inicial da Comissão Técnica, na figura de Vicente Feola, era convocar 40 jogadores, que não chegaram a ser chamados de início, mas que poderiam ser integrados a partir da complementação dos 35 com mais 5 outros, tendo ocorrido, para tanto, até mesmo visitas às residências de alguns jogadores para melhor avaliação de suas capacidades físicas ou de possibilidade de recuperação de lesões já existentes.

Com o pudemos perceber, no intervalo de cerca de oito anos que separam 1958 e 66, a visão geral sobre o estado de saúde do grupo de jogadores que disputou a Copa da Suécia passa por um processo de reordenamento histórico e reanálise de suas condições. Para tomarmos um exemplo ocorrido ainda em 58, Hilton Gosling, falando em nome do corpo médico da seleção, somente após alguns dias de trabalho junto aos futebolistas, chegou a afirmar estar “impressionado com a recuperação de todos os atletas convocados”, e que, a despeito da necessidade de alguns tratamentos mais intensos, estava “satisfeito com o estado geral dos convocados”²⁸⁸; mesmo em relação aos jogadores que mais demandavam cuidados médicos, pairavam boas expectativas.

Isso posto, podemos depreender que, para além dos discursos valorativos das próprias funções desenvolvidas, ocorrem dois deslocamentos discursivos nesse processo. Numa frente, procede-se entre os oito anos que separam as edições VI e VIII da Copa do Mundo um

²⁸⁸ Cf.: Nota 240.

reordenamento dos parâmetros de saúde e avaliação das condições físicas atléticas dos jogadores de futebol: as melhores condições de saúde corpórea exigidas em 66, sobrepunham-se aos padrões em voga quando da primeira conquista brasileira e, na mesma linha, a avaliação relativamente positiva obtida à época do primeiro trabalho de Gosling junto ao grupo da seleção, poderia assumir rapidamente características ultrapassadas ou mesmo negativas em função da forma pela qual a questão desenvolveu-se ao longo de quase uma década. Noutra abordagem, há uma efetiva supervalorização em relação ao trabalho realizado pela Comissão Técnica de 58; ao apontar que em 58 alguns jogadores sequer poderiam caminhar corretamente – certamente aludindo a casos de jogadores que encontravam-se em estágio de recuperação pós-cirúrgica – a matéria dá ênfase a uma reescrita de determinados episódios atravessados pela seleção, cujo intento, podemos deduzir, era modular junto ao público leitor uma concepção da Comissão Técnica brasileira bastante tributária dos trabalhos médicos realizados por seus mentores no fim da década de 50.

Dando sequência à narrativa da matéria do JB, ainda em 66, o jornal registrou que em 1958 Gosling “chefiava uma equipe de 26 médicos, e o trabalho fazia com que cada um dormisse quatro horas por dia”, já que quase a totalidade dos jogadores tinha problemas de saúde: variavam desde estágios pós-operatório (retirada de meniscos), suspeita de lesão nos ligamentos dos joelhos, entorse no joelho com intersecção dos ligamentos, necessidade de cirurgia para retirada de amígdalas, inflamação no olho, desvio de septo nasal (motivado por fratura), varizes e resfriados, além de muitos problemas relacionados à área de odontologia. Somente Joel e Zagalo, dentre aqueles que compunham o primeiro grupo a se apresentar à seleção, encontravam-se “com boa saúde”.

Toda a fundamentação da matéria, de valorização da equipe de profissionais da área médica envolvidos na preparação dos jogadores – não podemos olvidar a ambiência de preparação para a Copa – ficava evidenciada a partir do quadro comparativo traçado com relação à Copa de 1962, no Chile, destacado no tópico “Tudo bem em 62” e iniciado com a menção de que “Dos 41 convocados em 1962, somente dois estavam contundidos seriamente: Gerson e Geraldo”. Além do claro contraste traçado entre os anos das duas primeiras conquistas brasileiras em Copas, exemplificado bastante simbolicamente pelo número de dois jogadores – eram somente dois em boas condições de saúde em 1958 e igualmente dois, mas num plano oposto em 1962, o número dos que se encontravam sem possibilidade de recuperação para disputar a Copa – é ressaltado que no Chile a Comissão Técnica não teve problemas em relação à saúde dos jogadores, fruto direto da mudança de consciência do futebolista brasileiro, que “aprendeu a ter saúde”, consoante com o título da matéria.

De modo análogo, também os trabalhos de Mário Trigo, odontólogo que igualmente se consolidou como personagem chave nos processos médicos da fase pós 58, foram valorizados por difundirem semelhante conduta junto ao grupo dos jogadores brasileiros, que também passaram a guardar maiores cuidados com relação à saúde bucal e dentária:

Para que fosse feitos os exames médicos de ontem o Dr. Mário Trigo foi obrigado a interromper seus tratamentos. O dentista da delegação, ainda assim, se mostra muito satisfeito, também, com a boca dos jogadores. Diz que depois de 58 os jogadores brasileiros aprenderam quanto vale ter bons dentes e passaram a se cuidar mais sob este aspecto²⁸⁹.

Nesse ponto, é interessante trazermos novamente a campo Foucault (1977, 2002). Discorrendo sobre os fundamentos da medicina científica, que se assentou a partir do século XIX e modulou o pensamento contemporâneo acerca dos cuidados com o corpo, o epistemólogo francês atentou para o movimento de entronização dos valores médicos difundidos por meio dos agenciamentos educativos que atuavam em sua defesa. De modo expresso, a matéria do JB menciona termos como “aprender”, “adquirir consciência”, “passar a se cuidar”; conjuntamente, a função que os saberes médicos passariam a adquirir, como passíveis de serem acionados na forma de ensinamentos, adequam-se ao repertório do discurso oficial manejado tanto pelo próprio JB como pelos agentes da CBD (fenômeno observado à época dos acontecimentos, como por exemplo, Gosling, em 1958, ressaltando as melhoras físicas dos jogadores, ou as vendo em retrospectiva em 62 ou 66 e, inclusive, por meio dos anelados trabalhos de pesquisa patrocinados pela Confederação Brasileira de Futebol). Outra importante condição observada em meio a esses processos são as transferências ou a imputações de falas aos agentes futebolísticos extracampo de jogo: por meio dos periódicos os regimes discursivos acionados e as regras de enunciação autorizadas são legitimados e ganham forma com as falas explanatórias de médicos, dentistas, preparadores físicos, psicólogos etc., que amiúde são consultados como depositários de um repertório que afiançava a veiculação do noticiário sobre a seleção.

O processo de produção desse discurso valorativo acerca da preparação médica, como mencionado, evocava a construção de uma memória que passou a ser compartilhada pelo público leitor/torcedor e diretamente vinculada a uma estratégia de sucesso e de afirmação, já que repetida nas últimas Copas e torneios, logrando êxitos inéditos na história do futebol brasileiro. Para evidenciarmos como a consolidação desse processo desenvolveu-se ao longo dos anos de Copas do Mundo, vale destacarmos alguns momentos relativos às preparações

²⁸⁹ JB, 24 de março de 1962, **Os exames**, p. 12.

para os mundiais, tanto em 1962 como também em 1966, mas analisando a questão sob a perspectiva da produção discursiva à época dos eventos. A consolidação de um ideal evolutivo, tanto em relação aos métodos empregados – como se verá – como também da correspondência positiva dos pacientes/jogadores, fica clarividente em uma reportagem publicada pelo JB em março de 1962, na principal notícia da seção de esportes daquele dia, que anunciava: “Gosling: estado físico atual é muito melhor que o de 1958”²⁹⁰ e desenvolvia o argumento que após concluir parcialmente os exames dos primeiros 24 jogadores a se apresentarem, o grupo apresentava “uma excelente média”. A matéria continuava na mesma linha argumentativa ao dar voz ao médico da CBD:

(...) o Dr. Hilton Gosling mostrou-se muito satisfeito com o estado físico geral, chegando a afirmar que “o grupo atual, sob o ponto de vista médico, está muito melhor que o de 1958”.

- Não há nenhum caso grave e os jogadores me parecem em ótimo estado, o que já é um bom começo. O único perigo aqui, em Campos do Jordão, é a temperatura fria, que desperta grande apetite, e alguns, se não tiverem cuidado, podem engordar um pouco – disse o Dr. Gosling, depois dos exames de ontem, visivelmente satisfeito²⁹¹.

Passando rapidamente para 1966, mas agora em um estágio posterior àquele mencionado na matéria que abre o presente subitem, a exemplo da cobertura ocorrida quatro anos antes, o mesmo JB registrava: “Exames foram melhores que em 62”²⁹², numa análise realizada após a conclusão da primeira etapa dos trabalhos médicos. Pela cobertura, era relatado que Gosling havia chegado “à conclusão de que o estado geral é bem melhor do que o de 1962”²⁹³. Ganham amplo destaque, dessa forma, além da operacionalização de pressupostos evolutivos em torno do aprimoramento das condições de saúde e físicas dos jogadores – vistos em retrospectiva, de um estado precário em 58 a uma condição “muito melhor” em 62, para uma situação ainda mais aprimorada em 1966 – um correlato robustecimento do espaço ocupado por essa autoridade médica, destacada como de fundamental papel nos estágios prévios e definitivamente autorizada, já que determinante nas conquistas; subsequentemente, a continuação dos trabalhos apresentados deveria manter o processo de aperfeiçoamento das condições de saúde dos jogadores.

Em linhas gerais, uma dedução praticamente imediata que se pode fazer diz respeito ao entendimento de que seguir o *script* já encenado nas outras etapas preparativas para Copas, ou mesmo aprimorá-lo, só poderia conduzir ao reforço da ambiência de conquista do

²⁹⁰ JB, 24 de março de 1962, **Gosling: estado físico atual é muito melhor que o de 1958**, p. 12.

²⁹¹ Ibid.

²⁹² JB, 14 de abril de 1966, **Exames foram melhores que em 62**, p. 20.

²⁹³ Ibid.

tricampeonato já em 1966. O procedimento de convocação dos jogadores em larga escala – praticamente o dobro do número de jogadores que de fato seriam inscrito até a data limite estipulada pela FIFA – seguido da realização de uma bateria geral de exames clínicos, laboratoriais e radiográficos, tratamentos odontológicos e a submissão a uma série de especialidades médicas, que por sua vez poderiam submetê-los a numerosos outros exames, são evocados como procedimentos necessários e já praticamente naturalizados nos estágios de preparação da seleção.

Em relação aos tratamentos de fundo psicológico, já procuramos contextualizar a inserção dos testes psicotécnicos (tópico 2.5.3.3.), inaugurais em 1958; também em relação a esse processo podemos observar a produção de um discurso que se especializa e reforça a ideia de constituir tal abordagem enquanto necessário procedimento a ser observado em períodos de Copas do Mundo – evidentemente que no transcorrer dos anos a figura do psicólogo enquanto agente do campo futebolístico ampliaria seu papel de atuação, mas no recorte por nós delimitado, seu papel ficou circunscrito aos períodos de Copas.

Em 62, os exames psicológicos começaram a ser desenvolvidos junto ao grupo de jogadores quando da passagem da delegação por Nova Friburgo. No final de março daquele ano, o JB publicava uma matéria que já direcionava uma notória elevação da questão psicológica em meio ao ambiente da seleção; em substituição a João Carvalhaes, cuja formação havia se dado na Escola de Sociologia e Política, com especialização em psicologia, a CBD havia convidado um afamado médico e psicólogo com extensa trajetória internacional: Emílio Mira y López, espanhol nascido em Cuba, com serviços prestados junto ao Congresso Internacional de Psicologia, militante exilado durante o franquismo e desenvolvedor dos exames de psicodiagnóstico miocinético (PMK). Mira y López colecionou passagens pelos Estados Unidos, Argentina e Uruguai até chegar ao Brasil por volta de 1945, onde atuou predominantemente na área da psicologia do trabalho. A escolha por Mira y López também havia sido intermediada por Gosling, como reportou o JB:

O convite ao Professor Mira y López, será feito pelo doutor Donato de Oliveira, que está ajudando o Dr. Hilton Gosling nos exames dos jogadores. Se aceitar, o Professor Mira y López seguiria para Friburgo durante alguns dias, a fim de realizar os testes.

A finalidade dos testes psicológicos é apenas para estudar as reações de cada jogador, a fim de ser estabelecido, pelo médico, técnico e supervisor, um método adequado para tratar e instruir o jogador²⁹⁴.

²⁹⁴ JB, 30 de março de 1962, **Mira y López será convidado para os testes em Friburgo**, p. 12.

A valorização do trabalho do psicólogo, por meio da interseção do médico da CBD vai ao encontro daquilo que estamos destacando acerca de um processo de assentamento desses saberes. Não obstante, a matéria expõe que a Comissão Técnica julgava desnecessário o acompanhamento do médico na viagem ao Chile, de modo a que aplicação dos testes serviria mais como uma forma de aumentar o repertório diagnóstico da própria Comissão em relação ao grupo dos futebolistas.

A matéria “Mira indica Ataíde”²⁹⁵, publicada no dia subsequente àquela que noticiava o convite feito a Mira y López, tratou do agradecimento e da respeitosa recusa do psicólogo espanhol, que segundo o JB, se via impossibilitado de assumir as funções em razão dos afazeres particulares, mas havia indicado para a função um respeitado aluno e colaborador de seus trabalhos, o também psicólogo Athayde Ribeiro da Silva. A partir daquele momento, Ribeiro da Silva iniciaria uma consistente trajetória junto à CBD.

Logo em abril daquele ano, num dos quartos do Hotel Sans-Souci, onde a seleção estava hospedada em Friburgo, foi instalado o consultório de Ribeiro da Silva. Reportando o início de seu trabalho, o JB publicou uma longa matéria intitulada: “Trabalho do psicólogo começa com explicação para acalmar jogador”²⁹⁶ (Imagem 12); nela, as preocupações centrais eram delinear o que seria feito em seus testes e desfazer alguma compreensão distorcida da função desempenhada pelo psicólogo, algo que havia grassado – ao lado da curiosidade e da especulação da imprensa escrita – quatro anos antes tanto em relação aos jogadores como entre os jornalistas. Para tanto, novamente o jornal usaria o expediente de transferir a palavra ao psicólogo:

- Aqui, explicou o Dr. Ataíde, o atleta receberá conselhos, se deles precisar, até mesmo sem notar. O que interessa é conhecer os seus males psíquicos (complexos e etc.) e não intimidá-los com perguntas agressivas e conselhos superficiais.

Como aconteceu com seu antecessor de 1958, o Professor Carvalhais, o atual psicólogo da seleção brasileira enfrenta uma desconfiança natural dos jogadores e, só aos poucos, a medida que aumenta o número de entrevistas individuais, vai ganhando a confiança de todos²⁹⁷.

A matéria ainda trazia alguns pormenores em relação à sistemática de trabalho adotada pelo psicólogo, que contaria ainda com a ajuda de uma equipe designada pelo professor Mira y López:

REFORÇOS

²⁹⁵ JB, 31 de março de 1962, **Mira indica Ataíde**, p. 12.

²⁹⁶ JB, 13 de abril de 1962, **Trabalho do psicólogo começa com explicação para acalmar jogador**, p. 12.

²⁹⁷ Ibid.

Para Friburgo, além do próprio Dr. Ataíde, vieram também a Professora Alice Mira, mulher do Dr. Mira y López, e uma enfermeira, que ajudarão no trabalho de testes de todos os convocados. Os testes, de modo geral, especularão a personalidade dos atletas, especificando quais os tipos de reações de cada um em diferentes situações. Os principais testes que vêm sendo aplicados são conhecidos pelos nomes de PMK e Kock. O Dr. Ataíde vem aconselhando aos membros da Comissão Técnica, inclusive ao próprio massagista Mário Américo e ao roupeiro Francisco de Assis que também se submetam às entrevistas e testes, pois só assim o trabalho de preparação será completo²⁹⁸.

O próprio Ribeiro da Silva, em 1964, numa das obras seminais sobre psicologia e futebol, escrita a quatro mãos com Mira y López, se referiria assim à sua passagem pela seleção:

O esquema que norteou meu trabalho em Nova Friburgo, em abril de 1962, com os jogadores recrutados para a Seleção Nacional, que iria ao Chile foi:

- a) – elaborar o perfil psicológico de cada atleta;
- b) – avaliar o moral do grupo, isto é, a situação psicológica da equipe, como conjunto humano: interesse em fazer parte da seleção, relações dos atletas entre si, índice de segurança emocional, confiança na direção, etc.
- c) – oferecer assistência psicológica a quem necessitasse (MIRA Y LOPEZ; SILVA, 1964, p. 34).

E, de fato, ao longo de 1962 e nos anos seguintes, excetuando-se algumas restrições de menor impacto, os psicotestes não foram tratados com o mesmo estranhamento observado quando de sua inaugural ocorrência em 58. No mesmo livro em autoria conjunta com seu mestre, lançado logo após a conquista do bicampeonato, Ribeiro da Silva realçava a importância do trabalho do psicólogo em meio à preparação dos futebolistas:

Evidentemente, o preparo psicológico para manter satisfação no trabalho, dentro da equipe, exige pessoal especializado.

Não é absurdo nem ilógico pensar-se na existência de um Psicólogo dentro da seleção, limitadas suas atividades exclusivamente ao trabalho específico, isto é, ao de dar assistência permanente aos jogadores; a posição é idêntica à do preparador físico; um a preparar o corpo, o outro o espírito.

Psicologia por si mesma não ganha campeonato, mesmo porque o escreto é de futebolistas e não de Psicólogos.

A Psicologia, no futebol, é auxiliar do Departamento Médico e deve trabalhar em estreita colaboração com ele.

É necessário fazer-se não só a elaboração do perfil psicológico do atleta, como também proporcionar-lhe satisfação no trabalho, providência que só pode ser tomada por quem conheça a estrutura e dinâmica de cada jogador, seus desejos, suas necessidades, suas motivações, etc. (Ibid., p. 58, grifos nossos).

É pertinente observarmos a equiparação do trabalho do psicólogo ao mesmo nível daquele exercido pelo preparador físico, numa correspondência de corpo e espírito. Do mesmo modo àquilo que viemos afirmando, também seu trabalho é alinhado ao repertório médico implementado na CBD.

²⁹⁸ Ibid.

Com efeito, ao longo dos anos que marcam o interstício entre as Copas de 62 e 66, Ribeiro da Silva seria chamado em outras oportunidades para compor o repertório de exames e testes conduzidos pela Comissão Técnica; as entrevistas e psicotestes não ficariam restritos às preparações para Copas do Mundo, como verificamos, por exemplo, em relação à Taça das Nações (1964). Além disso, também verificamos menções a recomendações para que jogadores com problemas disciplinares ou mesmo com falta de confiança após algum processo de recuperação física, se consultassem com Ribeiro da Silva para que recuperassem as boas condições de jogo.

Já em 1966, durante os preparativos organizados pela Comissão Técnica, Athayde Ribeiro da Silva é reportado como um dos integrantes que, desde as reuniões iniciais, compuseram as instâncias decisórias da alta organização da CBD. Numa matéria que trazia alguns dos detalhes de fundamental importância para a formação da seleção daquele ano, como a definição de que o próprio Havelange seria o substituto de Paulo Machado de Carvalho na função de chefia do selecionado, Ribeiro da Silva é apontado como um dos membros da Comissão:

A Comissão Técnica da CBD esteve reunida ontem, durante três horas, e além de dar posse ao Sr. João Havelange como chefe da delegação que irá ao Mundial da Inglaterra, escolheu todas as concentrações para o período de treinamento da seleção, além de marcar o programa de jogos amistosos.

Estiveram presentes os Srs. Sílvio Pacheco, Alfredo Curvelo, Abraim Tebet, Dr. Hilton Gosling, Professor Ataíde Ribeiro, Professor Ernesto Santos, Dr. Mário Trigo, Técnico Vicente Feola, Assistente técnico Paulo Amaral e Preparador Físico Rudolf Hermany²⁹⁹.

Por fim, vale destacarmos outra reportagem datada de 1966, assinada por Artur Parahyba, na qual são destacados os métodos diferenciados de trabalho de Ribeiro da Silva, em oposição a Carvalhaes.

Os métodos do Dr. Ataíde, um homem calmo e grisalho, de voz mansa e pouca gesticulação, são modernos [...]

Acha o Professor Ataíde que muitos dos jogadores que a Comissão Técnica convocará não precisam dos testes normais, feitos anteriormente pelo Professor Carvalhaes. Mas como ele tem novos testes, que nunca foram aplicados, os 40 convocados terão de submeter-se para que o Professor faça a ficha de cada um, embora diga não terem as suas decisões influência alguma na permanência ou não do jogador na equipe: [...]

A DIFERENÇA

Muitos dos jogadores que serão convocados segunda-feira conhecem o Professor Ataíde e vêm nele o anti-Carvalhaes. É que o outro não conversava, perguntava; os jogadores não falavam, respondiam. Isso criava um clima, se não de

²⁹⁹ JB, 11 de março de 1966, **Comissão traçou o programa e escolheu as concentrações**, p. 19.

desentendimento, pelo menos de distanciamento entre o psicólogo e seus pacientes³⁰⁰.

A reportagem, que já havia sido iniciada rememorando o passado de Ribeiro da Silva como “atacante de peladas”³⁰¹, até mesmo como uma forma de dar maior credenciamento ao seu trabalho, finda ressaltando a melhor receptividade de seus modernos métodos junto ao grupo de jogadores. Certamente, mesmo considerando que tanto Carvalhaes como Ribeiro da Silva filiavam-se aos métodos de aplicação de psicotestes oriundos da escola de Mira y López, a transição de um modelo menos profissional, ainda embrionário em 58, para um mais consolidado, com maior respaldo e tutoria do próprio “Professor Mira y López” e até mesmo visto como mais “moderno”, compreende uma afirmação evolutiva dos pressupostos “psi” no interior da seleção brasileira.

Um processo correlato ao assinalado na psicologia deu-se em relação à função de preparador físico da seleção. A aceitação de um profissional dedicado exclusivamente a essa atribuição no universo futebolístico da seleção da CBD, diferentemente do que se verificou em relação ao psicólogo e, em menor escala, até mesmo com relação aos trabalhos médicos, deu-se de modo mais tranquilo e com menor contestação. Acreditamos que, dentre as razões a serem destacadas para sua mais rápida integração ganham destaque, num primeiro plano, o fato dessa atividade estar vinculada, em seus métodos iniciais, a práticas ocorridas majoritariamente nos próprios campos de jogo ou de treinamento. Há, evidentemente, muitos registros de atividades de preparação física que ocorriam em bosques, parques ou ambientes adaptados (como subidas e descidas de escadarias), mas a maior parte de seus treinamentos, sobretudo de resistência, tem ocorrência em campos de futebol.

Outro fator seguramente determinante diz respeito a Paulo Amaral estar à frente da coordenação desse processo na CBD. Amaral já era, à época da Copa de 1958, um profissional com reconhecida trajetória no futebol brasileiro; sua formação acadêmica como educador físico e a experiência como técnico de campo contribuíram sobremaneira para a afirmação de tal processo além, indiscutivelmente, de sua personalidade intimidadora e seus métodos impositivos. Também é preciso destacarmos que a educação física e, correlatamente, a preparação atlética dos jogadores, já possuem intrinsecamente uma dinâmica mais atrelada ao futebol, como parte de um repertório esportivo que de modo mais natural é visto como parte indissociável dos esportes ditos modernos.

³⁰⁰ JB, 26 de março de 1966, **Ataíde tem psicologia diferente de Carvalhais**, p. 19.

³⁰¹ Ibid.

Além da evidência mais clara de compartilhamento dos saberes e das práticas da preparação física aliada aos preceitos médicos de aumento do rendimento físico dos jogadores, seria necessário que tivéssemos também maior embasamento acerca dos métodos empregados nos trabalhos direcionados aos jogadores brasileiros. No entanto, cumpre reconhecermos que uma abordagem mais detida desse processo envolveria outras competências e um diálogo mais estreito com a área histórica da educação física.

Já salientamos aqui e alhures a inserção de Paulo Amaral como preparador físico da CBD; a passagem que iremos focar agora diz respeito à troca do preparador físico da seleção brasileira, fato ocorrido entre 1962 e 64. Antes de passarmos imediatamente a ela, convém evocar, antes, um último episódio selecionado sobre Paulo Amaral, ocorrido em meio aos preparativos para a Copa de 1962, no mesmo momento em que sua saída da seleção já era dada como certa após o Mundial; esse pequeno aparte insere-se no mesmo âmbito que envolve a presente passagem. Numa grande matéria intitulada “Comissão Técnica teve saldo de acertos e os médicos deram o máximo”³⁰², assinada pelo jornalista Dácio de Almeida, era realizado um balanço das atividades dirigidas aos jogadores quando a delegação se preparava para rumar de Campos do Jordão em direção a Friburgo, em mais uma etapa do pormenorizado cronograma de treinos. No tópico “Ritmo de castigo”, a matéria começava por valorizar o trabalho de preparação física: “Admite-se que o treinamento físico seja o mais importante para a seleção, onde, em princípio, todos são bons jogadores, tecnicamente”; mas, rapidamente passava a questionar os métodos empregados por Paulo Amaral nos exercícios individuais, que exauriam as forças dos futebolistas, sobretudo aqueles mais pesados, que “faziam os mesmos exercícios que os mais leves, apenas com camisa de lã para perder peso”. Por fim, a sugestão dada pelo jornalista para solucionar o infortúnio dos jogadores reforça aquilo que há pouco salientamos acerca do franqueamento possibilitado pelo médico em relação aos *experts* que passariam a compor o rol dos agentes técnicos do futebol; nela, o médico da CBD é apontado como o membro da Comissão, antes mesmo do técnico Aymoré Moreira, que poderia instruir a preparação física dos jogadores:

É mais conveniente a inclusão do Dr. Hilton Gosling na supervisão dos individuais. É ele o homem que sabe realmente o estado atlético de cada jogador. Se isso não for possível, é bom que pelo menos o técnico Aymoré Moreira passe a acompanhar mais de perto o trabalho de Paulo Amaral, pois, afinal, Aymoré deve ser o principal interessado no preparo físico dos jogadores³⁰³.

³⁰² JB, 09 de abril de 1962, **Comissão Técnica teve saldo de acertos e os médicos deram o máximo**, p. 22.

³⁰³ Ibid.

Cumpra assinalar que a migração de um modelo de futebolista jogador para um modelo de futebolista atleta passa obrigatoriamente pela supervisão da expertise médica; a sugestão apontada pelo jornalista, ao apontar Gosling como o membro da Comissão Técnica detentor do real saber acerca da condição atlética de cada jogador, ainda mais abrangente que a do próprio técnico de campo, explicita a um só tempo o entendimento acerca da condição do médico como possuidor de um repertório que envolve suficientemente o saber executado pelo preparador físico e também como alguém cuja autoridade e reconhecimento seriam capazes de impor limites às extravagâncias disciplinares e sem distinções em relação ao grupo de jogadores ao qual eram aplicadas por Paulo Amaral.

De todo modo, a saída de Paulo Amaral da seleção, atendendo a um chamado para dirigir a equipe italiana da Juventus, em 1962, foi acertada ainda antes da realização da Copa do Mundo do Chile – embora seu embarque tivesse sido marcado para 15 dias após o encerramento da Copa. O JB publicou uma matéria que anunciava: “Paulo Amaral foi contratado pelo Juventus”³⁰⁴; no texto, além das pomposas projeções pecuniárias que seriam amealhadas pelo técnico, educador e preparador físico, eram valorizadas suas adjetivações, que reuniam qualidades admiradas pelo *manager* da *Vecchia Signora*, o ex-jogador Giampietro Boniperti: “Falta método aos clubes [italianos], talvez porque eles tenham muitas estrelas, rebeldes ao treinamento físico. Se Paulo Amaral disciplinar o Juventus, presta serviço a todo o futebol italiano”³⁰⁵.

A vitoriosa passagem de Amaral pela seleção, compreendendo, nesse contexto, sua figura como a personificação de vários ideais que encerrava, tais como suas aptidões enquanto profissional oriundo da Polícia Especial – com todas as atribuições médias que um militar reúne – sua formação acadêmica na Escola Nacional de Educação Física e Desporto, seus métodos de preparação física – que aliavam práticas disciplinares ortodoxas à originalidade de sua área esportiva – além da congregação da competência para exercer a função de técnico de campo, compreende, sem sombra de dúvidas, um objeto a ser melhor perscrutado pelos pesquisadores da área. Procuramos delinear sua inserção na atmosfera reordenatória que se instaurou na seleção no entorno da Copa de 1958, salientando, inclusive, os mecanismos valorativos que afiançaram sua atuação. De todo modo, seguramente ainda há muito a ser pesquisado nesse campo, sobretudo em relação àquilo que Damo chamou por “tecnologias da caserna” (DAMO, 2007, p. 306), em referência à preparação atlética dos jogadores. Também entendemos, à moda do que Toledo (2002) propôs acerca das formas-representação no futebol

³⁰⁴ JB, 19 de maio de 1962, **Paulo Amaral foi contratado pelo Juventus**, p. 12.

³⁰⁵ Ibid.

desenvolvido no Brasil, que a investida internacional de Paulo Amaral – então bicampeão mundial pela seleção, sendo requisitado por uma das equipes mais tradicionais do futebol italiano – compreende, no mínimo, um interessante questionamento acerca do que poderíamos chamar de uma exportação do exitoso modelo brasileiro.

De todo modo, a vaga aberta pela saída de Paulo Amaral foi preenchida, após algumas hesitações, por Rudolf Hermann, educador físico profissional, com formação acadêmica e reconhecido por sua militância no judô, mas sem experiência prática no futebol. Hermann chegava ao futebol com o providencial cartaz de especialista (Imagem 13), mas também, como foi inicialmente noticiado, por intermédio de suas relações pessoais com Amaral e Gosling:

Rudolf Hermann, várias vezes campeão de judô, bom na capoeira e no boxe, companheiro de praia de Paulo Amaral, irmão de um detentor de dois títulos mundiais de caça submarina, cunhado do compositor Antônio Carlos Jobim e velho fazedor de amigos na Zona Sul, tenta agora estender sua fama – e da família já famosa – ao futebol que lhe abriu as portas pouco antes da Taça das Nações. Seu nome, com surpresa geral, foi escolhido pela CBD para substituir justamente o de Paulo Amaral [...]. Jornalista diplomado, ex-estagiário na reportagem policial, dono de vários outros títulos e diplomas, colega de Hilton Gosling na Escola de Educação Física, e muita coisa mais [...] ³⁰⁶.

Algum tempo depois, contudo, veio à tona um fator relevante que havia sido ponderado na escolha de Hermann: seu parentesco com João Havelange – Rudolf era cunhado do mandatário da CBD. O JB noticiou o fato apenas de modo sutil, abordado na coluna de Armando Nogueira, mas feito jocosamente de tal modo que desfocava a questão, como se se tratasse de uma contenda entre a imprensa paulista e a carioca, envolvendo o cartola paulista Mendonça Falcão:

CUNHADO NÃO É PARENTE

Setores do futebol paulista têm criticado, a valer, a escolha de Rudolf Hermann para substituir Paulo Amaral como preparador físico da seleção nacional. Gente ligada ao Sr. Mendonça Falcão espalha em São Paulo que Hermann só foi escolhido porque é parente do Presidente João Havelange;

Essa maledicência o presidente Havelange pode tirar de letra, repetindo o slogan de passado recente: cunhado não é parente ... ³⁰⁷.

O discurso de Hermann, logo de saída, salientava a necessidade da formação de um trabalho integrado e participativo entre os integrantes na Comissão Técnica da seleção, mormente em vista de sua inexperiência com o futebol. Entretanto, a sua especialização como preparador físico é o principal fator para fundamentar sua escolha:

³⁰⁶ JB, 07 de maio de 1964, **Hermann esquece fama em outras coisas e vive sonho do futebol**, p. 15.

³⁰⁷ JB, 30 de abril de 1964, **Na grande área**, coluna de Armando Nogueira, p. 19.

PLANOS JÁ PRONTOS

Hermannny já estudou o seu método de trabalho na seleção e espera, apenas, que a Comissão Técnica aprove. Ele próprio acha que, havendo um espírito de equipe na seleção, técnico, médico e preparador físico devem trabalhar em conjunto, apresentando os seus planos uns aos outros, submetendo-os a julgamento e sugestões.

[...]

- A Comissão Técnica - frisa Hermannny - lembrou-se do meu nome porque eu não tinha ligação com clubes de futebol. Logo, qualquer outro convidado nessas condições teria a mesma dificuldade, ou seja, trabalhar com um grupo que lhe é estranho³⁰⁸.

Temos então, dessa forma, um registro discursivo que salienta, entre os componentes da Comissão, a necessidade da criação (ou manutenção) de uma ambiência colaborativa de saberes entre os campos técnico (do futebol praticado), médico e de preparação física, com a formação de uma espécie de comitê gestor compartilhado.

Ao longo do desenvolvimento dos trabalhos e dos métodos de Hermannny à frente da seleção ficava patente que as humilhações públicas e o tão afamado “corredor polonês”, do qual Paulo Amaral era incondicional praticante, davam lugar a outras atividades. Igualmente, o treino deixava de ser “puxado” e extenuante para os jogadores; a introdução de novas práticas e metodologias chegava às páginas do JB em relatos corriqueiros da seleção:

O individual dirigido pelo preparador físico Rudolf Hermannny foi leve, como ele mesmo explicou, todo ele baseado em exercícios calistênicos, para aquecer os jogadores e fazê-los suar, deixando-os assim preparados para os exercícios com bola [...]

Rudolf Hermannny contou que o individual não podia ser muito severo porque, depois do Rio-São Paulo, alguns jogadores quase chegaram a atingir um ponto de intoxicação muscular, por causa do pouco espaço de tempo entre os jogos, complicado com as viagens constantes.

- A seleção tem pouco tempo para treinar e, assim, não é possível fazer-se um trabalho ideal. Não podemos forçar os jogadores mas, ao mesmo tempo, não se pode deixa-los parados, porque um atleta precisa sempre de alguma atividade. Temos que usar um meio-termo e irmos tocando para a frente³⁰⁹.

Nas coberturas relativas à Copa de 66, o passado de Hermannny era novamente invocado nas já familiares retomadas históricas promovidas pelo JB. Assim, em abril daquele ano, na longa matéria “Hermannny e seu curto roteiro do judô à Seleção³¹⁰”, uma verdadeira ode ao preparador físico do selecionado era transmitida ao público leitor; nela eram trazidos elementos sobre a formação de Hermannny, desde a escola de capoeira do Mestre Sinhozinho de Ipanema – um professor que ganhou notoriedade e contestação, na ainda na primeira metade do século XX, por ensinar uma capoeira que, além de não fazer uso de instrumentos

³⁰⁸ JB, 07 de maio de 1964, **Hermannny esquece fama em outras coisas e vive sonho do futebol**, p. 15.

³⁰⁹ JB, 28 de maio de 1965, **Treino feito com ginástica e bola pela seleção teve em Manga a melhor figura**, p. 18.

³¹⁰ JB, 02 de abril de 1966, **Hermannny e seu curto roteiro do judô à Seleção**, p. 19.

musicais, era direcionada para filhos da elite carioca – até a formação acadêmica na Escola Nacional de Educação Física:

Não faltou quem criticasse a escolha, sob o argumento de que Hermannny era apenas um homem do judô, mas em pouco tempo ele pode provar que era e é, acima de tudo, um eficiente professor de educação física, que pode preparar com a mesma perfeição uma turma de colégio, halterofilistas ou profissionais de futebol. Ganhar a confiança dos jogadores e da Comissão Técnica foi questão de dias para o professor Hermannny.

[...] o velho Sinhozinho transmitia suas lições de capoeira e princípios de boxe, defesa pessoal e vários tipos de exercícios cientificamente dosados. Sinhozinho não tinha - e nem podia ter, porque no seu tempo eles não existiam - um curso de educação física. Mas lia muito e era dedicado ao trabalho como poucos, o que dava uma alta eficiência à sua academia.

DA ESCOLA AO JUDÔ

Rudolf Hermannny impressionou tanto a Sinhozinho que ele conseguiu levá-lo para a Escola Nacional de Educação Física quando o menino tinha só 16 anos, embora a idade mínima exigida fosse de 18 anos. Na escola, Rudolf, além do curso normal, diplomou-se em judô, boxe, halterofilismo e ginástica de aparelhos. Frequentou ainda, fora do currículo, o curso de massagens. [...]

Na verdade, Rudolf muito antes de ser homem do judô é um professor de educação física. E, como tal, dos mais estudiosos, competentes, dedicados. Atualizado em seus conhecimentos, fala com desembaraço tanto dos métodos antigos do ensino de educação física, como das mais modernas conquistas europeias no campo do preparo atlético. Com essa seriedade e competência é que em pouco tempo tornou em letra morta os argumentos que apontavam sua escolha como errada para a seleção brasileira³¹¹.

A matéria ainda procurava abordar as diferenças metodológicas entre o trabalho conduzido por Hermannny e o de seu antecessor, Paulo Amaral, mas eufemizava possíveis divergências em nome de uma aventada continuidade nos trabalhos:

Muita gente que sempre criticou o trabalho de Paulo Amaral – seu velho amigo Paulo Amaral, dos tempos de academia de Sinhozinho, a cujo roteiro no futebol ele jamais contava se integrar – como excessivo para as pernas, começou logo a criticar o seu com excessivo para o pulmão. Nem uma coisa nem outra. Hermannny faz a defesa de Paulo, de seu trabalho consciente e científico, assim como o seu é dosado igualmente para as pernas, pulmões, coração e o que mais seja. Se alguma diferença pode haver entre um e outro é um problema de ritmo – trata-se, portanto de diferença pessoal e não de escola. Mesmo assim, Hermannny acredita que a diferença entre seu trabalho e o de Paulo Amaral, mesmo quanto a ritmo, não seja muito acentuada.

A TRANSFORMAÇÃO

Quando foi chamado pela CBD, em 64, Hermannny imaginou logo que algumas críticas ao seu nome surgiriam. Mas aceitou o cargo, consciente de que, professor de educação física dos mais sérios, o trabalho de preparo físico ele poderia fazer com atletas do futebol ou de qualquer outro esporte³¹².

³¹¹ Ibid.

³¹² Ibid.

Com efeito, a escolha de Rudolf Hermannny fiava-se, por um lado, às relações familiares e de compadrio que envolviam desde João Havelange, seu cunhado, a Hilton Gosling e Paulo Amaral, seus mentores. Contudo, por outro lado, sua trajetória profissional como educador físico ligado ao judô, teoricamente poderiam descredenciar sua atuação no mundo do futebol; a essa alegação, a contra argumentação acionada, em diversos momentos, passa obrigatoriamente pela condição de Hermannny ser graduado academicamente. Tal chancela o habilita a exercer o cargo de preparador físico de futebol na seleção bicampeã do mundo.

Outra característica que perpassa diversas abordagens acerca do trabalho de Hermannny diz respeito ao emprego do método de ginástica e exercícios calistênicos. Num período mais próximo do início da concentração para a Copa de 1966, Hermannny era chamado a tornar público o planejamento da preparação física e, para tanto, externava as diferenças entre os treinamentos voltados para o judô e para o futebol: “Para Hermannny, a diferença principal está no aparelho a ser preparado, ou seja, o corpo a receber o preparo físico, e daí o exercício a que deve ser submetido cada um de acordo com o esporte que irá praticar”³¹³. O JB ainda traria as características das quatro fases nas quais o preparador físico havia dividido o trabalho do selecionado:

Hermannny dividiu o trabalho em quatro fases: a primeira, que está sendo realizada em Lambari é a de recuperação e adaptação. Para esta fase ele usará caminhadas e alguns exercícios e, com o tempo, intercalará algumas corridas durante as caminhadas.

A segunda fase, a ser iniciada em Caxambu, será a do fortalecimento muscular geral que, na sua opinião, será a mais puxada e a especial para atletas. A terceira, em Teresópolis, cardiopulmonar, que é um trabalho para a resistência, e a quarta – manutenção da forma. É a final³¹⁴.

Na mesma matéria, ainda, Hermannny explanava acerca dos conceitos que pretendia empregar na divisão dos trabalhos dos atletas brasileiros. Não mais seriam empregados os filtros classificatórios de peso, de pulso, condição muscular ou mesmo idade do jogador; a evolução do método de preparo físico empregado partia de um pressuposto aprioristicamente simples: a indicação procederia do departamento médico do selecionado:

TODOS IGUAIS

Usará o ritmo calistênico nos exercícios e a única divisão que fará Hermannny será poupar ou forçar este ou aquele jogador que lhe for indicado pelo Departamento Médico, não os dividindo, nem agora nem mais tarde, de acordo com a idade de cada um.

³¹³ JB, 18 de abril de 1966, **Hermannny vê diferença entre o judô e futebol**, p. 26.

³¹⁴ Ibid.

- Todos não jogam 90 minutos e nas mesmas condições de clima ao mesmo tempo?³¹⁵

Havia ainda, acerca da substituição de Paulo Amaral por Rudolf Hermann, um último detalhe que qualquer formação acadêmica não seria capaz de suprir. Amaral detinha um porte físico avantajado, a musculatura desenvolvida, os “quase 2 metros de altura, quase 100 quilos de músculo” que a revista Placar mencionara num momento em que Amaral já não estava em seu esplendor físico; além disso, a disposição de Amaral para enfrentar “qualquer um” (ou um grupo de quem quer que seja, como fazia questão de cultivar a fama) pesava num período do futebol mundial no qual as brigas dentro de campo eram mais frequentes – isso para não nos atermos ao importante aspecto subjetivo que era ter dentre os membros da Comissão Técnica alguma figura que impusesse respeito pelo temor. Paulo Amaral, ao lado de Almir Pernambuquinho, havia participado do celebrado acerto de contas entre Brasil e Uruguai, no Sul-Americano de 1959, quando o JB estampou outra famosa matéria: “Brasil ganhou no futebol e no bofetão: 3 a 1”³¹⁶. Nela se lia a menção honrosa aos feitos de Paulo Amaral: “Todos brigavam em campo”, além dos reservas, também “Paulo Amaral, com grande apetite, distribuiu socos para todos os lados”. Pois até mesmo em relação a esses aspectos a imprensa escrita tratou de assegurar a eficácia de Hermann. Ainda em fins de maio de 64, portanto, logo após o novo preparador físico assumir seu posto, por meio da coluna de Armando Nogueira, a questão relacionada à truculência era tratada de modo quase quimérico pelo colunista; é válido registrarmos o trecho completo de sua coluna que abordava a questão:

O SUCESSOR

Registre, ontem, a conversa dos jogadores nas Paineiras a respeito de grandes rixas do futebol internacional, conversa que concluiu por eleger Paulo Amaral o melhor brigador entre os brasileiros.

Escapou-me uma observação curiosa que ainda está em tempo de fazer: Paulo Amaral foi, agora, substituído como preparador físico da seleção nacional por outro professor de Educação Física — Rodolfo Hermann. Em matéria de ginástica, todos dizem que estamos bem servidos: Rodolfo é tão competente quanto Paulo Amaral.

Mas, e na outra especialidade, naquela em que o Paulo Amaral foi eleito por Gilmar e Mário Américo o homem que melhor se conduz numa briga coletiva?

Bom, vou vender o peixe exatamente ao preço pelo qual me foi vendido, outro dia. Contou-me um amigo que, certa vez, Rodolfo Hermann descia, com sua noiva, uma das ruas de Ipanema. À porta de uma obra, um pau-de-arara insolente disse uma piada de mau gosto endereçaria ao casal de namorados.

Rodolfo Hermann fez que não ouvira e seguiu em frente.

Meia hora mais tarde. Rodolfo apareceu na obra, sozinho, para ajustar contas com o mal-educado.

E, aqui, passo a palavra ao meu informante:

— Meu amigo, o Rodolfo começou a brigar lá dentro da obra e acabou na rua Brigou com vinte e seis, e encestou os vinte e seis, sozinho.

³¹⁵ Ibid.

³¹⁶ JB, 27 de março de 1959, **Brasil ganhou no futebol e no bofetão: 3 a 1**, p. 13.

É o rei da capoeira³¹⁷.

Por fim, entendemos que seja válido trazer para a discussão algumas rápidas passagens que exemplificam bem alguns desenvolvimentos de métodos médicos. Em março de 1962, o JB trazia na matéria “Os exames”³¹⁸ alguns dados sobre os procedimentos aos quais tinham sido submetidos os atletas brasileiros:

Ontem foram feitos os exames biométricos, do aparelho digestivo, clínica geral e otorrinolaringologia. Os 24 jogadores examinados ontem serão hoje submetidos aos exames dos Drs. Rubem Pina (laboratorista), Paiva Gonçalves (oculista), Igand Joppert (cirurgião) e Orlando Vieira (circulação periférica)³¹⁹.

Ainda no mesmo dia, numa matéria apresentada subsequentemente, as medidas de capacidade vital dos jogadores brasileiros eram a temática; nela, a lista de todas as marcas atingidas pelos 26 futebolistas era apresentada ao leitor numa curiosa demonstração ranqueada dos resultados obtidos:

Nos exames de ontem, o zagueiro Joel, do Botafogo, foi o que demonstrou maior capacidade vital, enchendo 5,200 litros. Depois dele, colocou-se Belini, com 5 litros. O mais fraco foi Prado, com 3 litros.

Eis a relação geral da capacidade vital dos jogadores examinados ontem: Jair Marinho, 4,100; Altair, 4,400; Prado [...] ³²⁰.

Cabe observarmos que as veiculações pormenorizadas dos exames, especialistas, resultados obtidos, bem como as menções nominais aos médicos que prestaram atendimento aos jogadores inserem-se numa lógica pouco comum para o segmento de esportes do jornal. Por óbvio, tal processo já havia adentrado num regime de normalidade em relação ao futebol, mormente a partir de 1958, mas, de todo modo, é fundamental guardarmos certo distanciamento acerca de tais veiculações para lançarmos luz sobre os signos que tal discursividade acionava.

Ainda em 1962, outra matéria abordava um inédito procedimento médico direcionado aos jogadores: tratamento especializado para a musculatura dos pés. Reportou assim o JB por meio da matéria “Pés da seleção estão nas mãos de equipe médica especializada”³²¹ o tratamento:

³¹⁷ JB, 24 de maio de 1964, **Na grande área**, coluna de Armando Nogueira, p. 31.

³¹⁸ JB, 24 de março de 1962, **Os exames**, p. 12.

³¹⁹ Ibid.

³²⁰ JB, 24 de março de 1962, **Capacidade vital**, p. 12.

³²¹ JB, 20 de abril de 1962, **Pés da seleção estão nas mãos de equipe médica especializada**, p. 12.

Uma equipe de médicos especializados na musculatura dos pés, da clínica do Dr. Scholl, esteve ontem de manhã no Hotel das Paineiras para examinar jogador por jogador e prescrever o tratamento necessário de correção ou prevenção dos possíveis desvios e defeitos existentes.

O Dr. Araújo Ribeiro e seu auxiliar Vladimir Fonseca comandavam a equipe médica do Dr. Scholl, que passará a fazer um tratamento especial naquele que acaso tiver algum desvio nos músculos dos pés, completado o exame³²².

Numa comparação um tanto distorcida, podemos atribuir à equipe médica do “Dr. Scholl” uma aventada evolução daquilo que o “pedicuro” Geada representou em 58. Evidentemente, são questões de diferentes ordenamentos e até mesmo não excludentes, mas há uma clara referência à profilaxia em relação à principal parte (pés) do instrumento de trabalho do jogador (corpo).

Na mesma matéria, ainda na mesma linha mencionada um pouco antes, eram reportadas outras especialidades médicas às quais os jogadores foram sujeitados:

NEUROLOGISTAS

Além dos médicos do Dr. Scholl, estiveram ontem nas Paineiras também os neurologistas Drs. Wilson Mufarrej e Vicente Vilan, que continuam examinando os jogadores³²³.

Em 1966, a fórmula já aventada de fazer uso das publicações nos jornais como uma espécie de notificação pública do cronograma da seleção era novamente acionada. Dessa vez, até mesmo as especificações dos exames médicos eram trazidas ao público leitor numa até mesmo desmesurada especificação dos cronogramas preparados; a despeito de sua extensão, vale a pena reproduzir integralmente a matéria, que iniciava tratando dos pretextos que seriam observados em relação aos cortes dos jogadores:

O médico Hilton Gosling, membro da Comissão Técnica da CBD, declarou ontem que qualquer jogador que venha a ser dispensado por falta de condições físicas só o será após o exame de uma junta médica constituída de nove especialistas.

Segundo o Dr. Hilton Gosling, o comportamento social do jogador, dentro ou fora do gramado, inclusive longe do ambiente da seleção, influirá também na escolha dos dispensados, da mesma forma que nos anos anteriores. Até o dia 12 de junho nenhum dos 45 jogadores será dispensado.

45 MÉDICOS

Uma equipe de 45 médicas, além dos professores catedráticos que poderão ser chamados para compor uma junta médica especial, a fim de opinar nos cargos graves, realizará de sábado até quarta-feira, de manhã, de tarde e à noite, os exames dos 45 jogadores convocados, sob a supervisão do Dr. Hilton Gosling, que ontem foi obrigado a mudar o esquema de trabalho, pois havia preparado um para o exame de apenas 40 jogadores.

Os nove grupos de jogadores, de A e I, cada um com cinco, serão selecionados pelo Dr. Gosling, devendo os exames começar sábado de manhã. Os

³²² Ibid.

³²³ Ibid.

que necessitem de tratamento ficarão à disposição dos médicos na concentração de Lambari, onde será iniciado o treinamento com bola.

O ESQUEMA

O esquema de trabalho está assim organizado:

Sábado de manhã — exames de laboratório (sangue, urina e fezes para todos os grupos, nas Paineiras; raio X para o grupo A na Rua México, 148, 5.º andar, sala 504; exame de dentes para os grupos B e C, na Faculdade de Odontologia (Praia Vermelha); psicotestes para o grupo D, nas Paineiras; biometria para o grupo E, nas Paineiras; exames de músculos, ossos e articulações para o grupo F, nas Paineiras.

Sábado à tarde — raio X para os grupos G e H, na Rua do México; eletrocardiograma para os grupos I, A, B, C, e D, nas Paineiras; circulação venosa, grupos E e F; circulação arterial — grupos F e E; sistema nervoso — grupos A, B, C, D, e E; ectoscopia — grupos A, B, C, D, e E; clínica geral — grupos A, B, C, D e E; otorrinolaringologia — grupos A, B, C, D e E; psicotestes — grupo 1:

No segundo dia, domingo, serão concluídas os exames de clínica geral, ectoscopia, eletrocardiograma, otorrinolaringologia e um só dia será feito o exame das impressões plantares. Será iniciado o tratamento de pés (calosidades) e continuação os psicotestes, biometria, aparelho respiratório, músculos, ossos e articulações, sistema nervoso e aparelho digestivo³²⁴.

Não podemos deixar de salientar a quase saturação de itens e especificidades apresentadas pelo periódico em relação aos agendamentos dos exames médicos. A apresentação do “esquema de trabalho”, com a designação de grupos, locais e especialidades etc., atinge níveis hiperbólicos, que se imiscuem ao noticiário ordinário da seleção.

Por fim, uma última menção reportada após a apuração parcial dos exames foi realizada novamente pelo colunista Armando Nogueira. Em meados do mês de abril, num segmento de sua coluna, Nogueira divulgava aquilo que chamou por “Seleção da saúde”; nela, são apresentados os jogadores que alcançaram os melhores resultados nos exames:

Se fosse o caso de escalar a seleção brasileira pelo resultado dos exames médicos, recentemente feitos, o Dr. Hilton Gosling formaria o seguinte time: no gol, Gilmar, Manga, Ubirajara, Fábio e Valdir, todos em magnífico estado de saúde; Djalma Santos, Djalma Dias, Orlando e Rildo; Zito, com nota oito a caminho da distinção e louvor, e Gérson, com nota dez; Jairzinho, Alcindo, Ivair e Paraná. Garrincha e Pelé, barrados, pelo menos, durante alguns vidros de vermífugo³²⁵.

As restrições a Pelé e Garrincha, dupla de maior sucesso e êxito no futebol, são feitas em funções de questões simples: verminoses que já se encontravam em tratamento. Talvez as simbólicas menções a seus nomes se inserissem em processo de valorização da difusão dos cuidados e da boa saúde que grassava entre os outros membros, de modo inverso às principais estrelas brasileiras.

³²⁴ JB, 31 de março de 1966, **Dispensa por más condições físicas só depois de exame com uma equipe de médicos**, p. 20.

³²⁵ JB, 14 de abril de 1966, **Na grande área**, coluna de Armando Nogueira, p. 19.

Nessa conjuntura, mas ao longo de todo o processo desencadeado a partir de 58, o interdito médico cumpriria também um papel de grande destaque não somente pelo veio proibitivo, mas também pela função pedagógica que impunha aos atletas.

TIME BASE DE 58 EXIBIU-SE E VENCEU TREINO

Real vence
Standard e
vai à final

Logo (AP-UP-12) — O Real venceu a primeira partida do torneio de futebol, vencendo a Standard por 2 a 0. A partida foi disputada em um campo de futebol em São Paulo, Brasil. O Real venceu a Standard por 2 a 0. A partida foi disputada em um campo de futebol em São Paulo, Brasil.

No segundo tempo, o Real venceu a Standard por 2 a 0. A partida foi disputada em um campo de futebol em São Paulo, Brasil. O Real venceu a Standard por 2 a 0. A partida foi disputada em um campo de futebol em São Paulo, Brasil.

Brinquedo de bôbo preparou de tarde o treino da noite

Nova Friburgo (De Oldemário Touguinhô, enviado especial do JORNAL DO BRASIL) — Um rápido exercício de ginástica e bate-bola com Paulo Amaral, num total de 55 minutos, preparou os jogadores ontem de tarde para o treino de conjunto da parte da noite, o primeiro de Friburgo.

Os jogadores estiveram num terreno do hotel mesmo — um pequeno gramado entre a quadra de basquete e a piscina — onde depois da ginástica fizeram a bola, botando um no meio, para a brincadeira de bôbo.

Realizou o exercício com os jogadores de futebol, treinando a bola, botando um no meio, para a brincadeira de bôbo.

Tinta deixou bolas chilenas mais pesadas e evitou protestos

Nova Friburgo (De Oldemário Touguinhô, enviado especial do JORNAL DO BRASIL) — Ontem os jogadores não reclamaram da leveza da bola chilena: como a CBD não tinha nenhuma branca, mandou pintar quatro delas para o treino noturno e gastou Cr\$ 2 mil, mas a tinta tornou-as um pouco mais pesadas, evitando os protestos que vinham se tornando habituais.

É AGORA

Garrincha encara o árbitro Zepko, enquanto Djalma Santos lhe dá cobertura, no treino de ontem à noite, em Friburgo. (Foto de Alberto Pereira)

S. Paulo dá
funcionários
para seleção

Não Paulo (Humorista) — O Governador Carvalho Pinto já anunciou o licenciamento dos funcionários públicos estaduais para a seleção de futebol.

Trabalho do psicólogo começa com explicação para acalmar jogador

Nova Friburgo (De Oldemário Touguinhô, enviado especial do JORNAL DO BRASIL) — Ao entrar no quarto 136 do Hotel Sans-Souci, o jogador da seleção brasileira, por mais experiente que seja, está sempre desconfortado. Mas tem estado de alerta como a relaxar-se ante a primeira frase que ouve:

A maioria treinou bem, mas as grandes figuras foram Garrincha e Pelé

Nova Friburgo (De Oldemário Touguinhô, enviado especial do JORNAL DO BRASIL) — Garrincha e Pelé, jogando com raro brilho, tornaram-se as grandes figuras do treino da seleção brasileira, ontem, quando, de um modo geral, a maioria dos jogadores estava num alto nível técnico, sendo poucos os que falharam.

Depois de Garrincha e Pelé, que confirmaram ontem suas condições de maiores vedetas do futebol brasileiro, apareceram num plano elevado Belini, Zózio, Nilton Santos, Zequinha, Amarildo e Calvet.

Um por um

Individualmente, em uma análise do treino: Olinar — com algumas grandes defesas, apareceu bem em certos momentos, mas em bolas de pouca importância, mostrou-se inseguro e um pouco fora de forma.

Valdir — foi o goleiro mais eficiente e seguro, com algumas defesas de alta qualidade.

Aldemar — jogou para o lado e se preocupou com a cobertura dos companheiros, abandonando-o. Também um pouco lento.

Belini — batido pela maior categoria de Garrincha, ontem mesmo conseguiu algumas boas jogadas.

Belini — foi muito bem quando atacou, mas sofreu com a falta de precisão e a falta de controle de bola.

Zequinha — jogou com muita segurança e precisão, com algumas defesas de alta qualidade.

Calvet — jogou com muita segurança e precisão, com algumas defesas de alta qualidade.

Amoroso e santos jogaram muito bem, com algumas defesas de alta qualidade.

Amoroso e santos jogaram muito bem, com algumas defesas de alta qualidade.

Amoroso e santos jogaram muito bem, com algumas defesas de alta qualidade.

Amoroso e santos jogaram muito bem, com algumas defesas de alta qualidade.

Amoroso e santos jogaram muito bem, com algumas defesas de alta qualidade.

Amoroso e santos jogaram muito bem, com algumas defesas de alta qualidade.

Amoroso e santos jogaram muito bem, com algumas defesas de alta qualidade.

Amoroso e santos jogaram muito bem, com algumas defesas de alta qualidade.

Amoroso e santos jogaram muito bem, com algumas defesas de alta qualidade.

Amoroso e santos jogaram muito bem, com algumas defesas de alta qualidade.

Nova Friburgo (De Oldemário Touguinhô, enviado especial do JORNAL DO BRASIL) — Formada com base no time campeão do mundo de 1958 — convertida apenas de Zequinha, Zózio e Pele — a equipe amarela venceu o melhor dos treinos já realizados pela seleção brasileira, dando uma magnífica exibição e delatando o time que o Brasil apresentará no Chile.

Além de conseguir um domínio completo sobre a seleção adversária durante todo o primeiro tempo, a equipe amarela, tendo Garrincha e Pelé juntos em seu ataque, manteve-se com um perfeito ritmo de jogo, chegando ao final com a vitória tranquila de 3 a 1.

VELHO ENTENDIMENTO

Os quadros começaram o treino com as seguintes formações: Amarelo — Olinar; Djalma Santos; Belini; Zózio e Nilton Santos; Zequinha e Didi; Garrincha, Valdir, Pele e Amoroso.

Amarelo — Olinar; Djalma Santos; Belini; Zózio e Nilton Santos; Zequinha e Didi; Garrincha, Valdir, Pele e Amoroso.

Amarelo — Olinar; Djalma Santos; Belini; Zózio e Nilton Santos; Zequinha e Didi; Garrincha, Valdir, Pele e Amoroso.

Amarelo — Olinar; Djalma Santos; Belini; Zózio e Nilton Santos; Zequinha e Didi; Garrincha, Valdir, Pele e Amoroso.

Amarelo — Olinar; Djalma Santos; Belini; Zózio e Nilton Santos; Zequinha e Didi; Garrincha, Valdir, Pele e Amoroso.

Amarelo — Olinar; Djalma Santos; Belini; Zózio e Nilton Santos; Zequinha e Didi; Garrincha, Valdir, Pele e Amoroso.

Amarelo — Olinar; Djalma Santos; Belini; Zózio e Nilton Santos; Zequinha e Didi; Garrincha, Valdir, Pele e Amoroso.

Amarelo — Olinar; Djalma Santos; Belini; Zózio e Nilton Santos; Zequinha e Didi; Garrincha, Valdir, Pele e Amoroso.

Amarelo — Olinar; Djalma Santos; Belini; Zózio e Nilton Santos; Zequinha e Didi; Garrincha, Valdir, Pele e Amoroso.

Amarelo — Olinar; Djalma Santos; Belini; Zózio e Nilton Santos; Zequinha e Didi; Garrincha, Valdir, Pele e Amoroso.

Amarelo — Olinar; Djalma Santos; Belini; Zózio e Nilton Santos; Zequinha e Didi; Garrincha, Valdir, Pele e Amoroso.

Amarelo — Olinar; Djalma Santos; Belini; Zózio e Nilton Santos; Zequinha e Didi; Garrincha, Valdir, Pele e Amoroso.

Amarelo — Olinar; Djalma Santos; Belini; Zózio e Nilton Santos; Zequinha e Didi; Garrincha, Valdir, Pele e Amoroso.

Amarelo — Olinar; Djalma Santos; Belini; Zózio e Nilton Santos; Zequinha e Didi; Garrincha, Valdir, Pele e Amoroso.

Amarelo — Olinar; Djalma Santos; Belini; Zózio e Nilton Santos; Zequinha e Didi; Garrincha, Valdir, Pele e Amoroso.

Amarelo — Olinar; Djalma Santos; Belini; Zózio e Nilton Santos; Zequinha e Didi; Garrincha, Valdir, Pele e Amoroso.

Amarelo — Olinar; Djalma Santos; Belini; Zózio e Nilton Santos; Zequinha e Didi; Garrincha, Valdir, Pele e Amoroso.

Amarelo — Olinar; Djalma Santos; Belini; Zózio e Nilton Santos; Zequinha e Didi; Garrincha, Valdir, Pele e Amoroso.

Amarelo — Olinar; Djalma Santos; Belini; Zózio e Nilton Santos; Zequinha e Didi; Garrincha, Valdir, Pele e Amoroso.

Amarelo — Olinar; Djalma Santos; Belini; Zózio e Nilton Santos; Zequinha e Didi; Garrincha, Valdir, Pele e Amoroso.

Amarelo — Olinar; Djalma Santos; Belini; Zózio e Nilton Santos; Zequinha e Didi; Garrincha, Valdir, Pele e Amoroso.

Amarelo — Olinar; Djalma Santos; Belini; Zózio e Nilton Santos; Zequinha e Didi; Garrincha, Valdir, Pele e Amoroso.

Amarelo — Olinar; Djalma Santos; Belini; Zózio e Nilton Santos; Zequinha e Didi; Garrincha, Valdir, Pele e Amoroso.

Amarelo — Olinar; Djalma Santos; Belini; Zózio e Nilton Santos; Zequinha e Didi; Garrincha, Valdir, Pele e Amoroso.

Amarelo — Olinar; Djalma Santos; Belini; Zózio e Nilton Santos; Zequinha e Didi; Garrincha, Valdir, Pele e Amoroso.

Amarelo — Olinar; Djalma Santos; Belini; Zózio e Nilton Santos; Zequinha e Didi; Garrincha, Valdir, Pele e Amoroso.

Disensão de Julinho volta a dar sinal e já o está ameaçando

Nova Friburgo (De Oldemário Touguinhô, enviado especial do JORNAL DO BRASIL) — Julinho voltou a sentir o músculo da coxa, no individual de ontem de tarde, nas corridas determinadas por Paulo Amaral, quando dava o pique de partida.

A dificuldade de recuperação de Julinho, que a qualquer movimento, por mínimo que seja, volta a sentir a disensão na coxa, coloca-o agora não apenas fora do treino de domingo — não uma melhora radical garantiria a sua presença — como no primeiro lugar entre os nomes em pauta para a próxima dispensa.

PERIÓDICO

Se ao entrar em partidas com o músculo da coxa, o que é muito difícil — Julinho terá uma revisão médica, sábado de tarde, e o resultado de que determinará se a presença de Julinho na seleção de amanhã de domingo e de Castilho, aliado ao único de jogadores individuais.

Julinho — ainda ficou devendo uma jogada, mas sofreu com a falta de precisão e a falta de controle de bola.

Julinho — ainda ficou devendo uma jogada, mas sofreu com a falta de precisão e a falta de controle de bola.

Julinho — ainda ficou devendo uma jogada, mas sofreu com a falta de precisão e a falta de controle de bola.

Julinho — ainda ficou devendo uma jogada, mas sofreu com a falta de precisão e a falta de controle de bola.

Julinho — ainda ficou devendo uma jogada, mas sofreu com a falta de precisão e a falta de controle de bola.

Julinho — ainda ficou devendo uma jogada, mas sofreu com a falta de precisão e a falta de controle de bola.

Julinho — ainda ficou devendo uma jogada, mas sofreu com a falta de precisão e a falta de controle de bola.

Julinho — ainda ficou devendo uma jogada, mas sofreu com a falta de precisão e a falta de controle de bola.

Julinho — ainda ficou devendo uma jogada, mas sofreu com a falta de precisão e a falta de controle de bola.

Julinho — ainda ficou devendo uma jogada, mas sofreu com a falta de precisão e a falta de controle de bola.

Julinho — ainda ficou devendo uma jogada, mas sofreu com a falta de precisão e a falta de controle de bola.

Julinho — ainda ficou devendo uma jogada, mas sofreu com a falta de precisão e a falta de controle de bola.

Julinho — ainda ficou devendo uma jogada, mas sofreu com a falta de precisão e a falta de controle de bola.

Julinho — ainda ficou devendo uma jogada, mas sofreu com a falta de precisão e a falta de controle de bola.

Julinho — ainda ficou devendo uma jogada, mas sofreu com a falta de precisão e a falta de controle de bola.

Germano é dos ruins de boca, mas é dos bons na recuperação

Nova Friburgo (De Oldemário Touguinhô, enviado especial do JORNAL DO BRASIL) — Impressiona os dentistas que o tratam a rapidez de recuperação de Germano, com Valdir um dos dois de boca em piores condições no selecionado brasileiro: ontem ele estava totalmente bom e era como se não tivesse arrancado nenhum dente na véspera, pois não sentia nada.

O goleiro Valdir foi tirado um modelo de resaca superior, que colocará amanhã, no consultório do Dr. Irô Rodrigues da Silva, onde o Dr. Mário Trigo tem trabalhado.

AMOROSO E SANTOS

Juntos com Valdir, também o atacante Amoroso e o atacante Santos foram examinados pelo Dr. Irô Rodrigues da Silva, onde o Dr. Mário Trigo tem trabalhado.

Juntos com Valdir, também o atacante Amoroso e o atacante Santos foram examinados pelo Dr. Irô Rodrigues da Silva, onde o Dr. Mário Trigo tem trabalhado.

Juntos com Valdir, também o atacante Amoroso e o atacante Santos foram examinados pelo Dr. Irô Rodrigues da Silva, onde o Dr. Mário Trigo tem trabalhado.

Juntos com Valdir, também o atacante Amoroso e o atacante Santos foram examinados pelo Dr. Irô Rodrigues da Silva, onde o Dr. Mário Trigo tem trabalhado.

Juntos com Valdir, também o atacante Amoroso e o atacante Santos foram examinados pelo Dr. Irô Rodrigues da Silva, onde o Dr. Mário Trigo tem trabalhado.

Juntos com Valdir, também o atacante Amoroso e o atacante Santos foram examinados pelo Dr. Irô Rodrigues da Silva, onde o Dr. Mário Trigo tem trabalhado.

Juntos com Valdir, também o atacante Amoroso e o atacante Santos foram examinados pelo Dr. Irô Rodrigues da Silva, onde o Dr. Mário Trigo tem trabalhado.

3.3. *Interdição, subjetivação e estimulação*

A despeito de a atuação do médico da CBD não estar limitada a impor seu crivo, fosse ele prévio, nas primeiras etapas após as convocações, ou contínuo, ao longo das excursões e dos torneios disputados, o poder concentrado pelo “Dr. Gosling”, seja para vetar ou cortar jogadores, mereceu destaque em numerosas coberturas realizadas tanto pelo JB como pelo OESP. Em fins dos anos 50 e durante os 60, principalmente na medida em que a demanda e o clamor pela criação de uma atmosfera de preparação e planejamento alcançavam respostas e níveis satisfatórios em termos de organização do futebol brasileiro, o departamento médico do selecionado brasileiro passava a concentrar maiores poderes, desequilibrando as relações de poder que envolviam os jogadores. Uma série de futebolistas ou foram submetidos ao interdito médico ou mesmo declinaram diante da imposição à submissão a tal análise, já que, dada à impossibilidade de adequação aos padrões estabelecidos, acabaram optando pelo pedido de dispensa. Apenas para ficarmos entre os nomes de maior destaque no cenário futebolístico nacional vale mencionarmos alguns jogadores que mais frequentemente estiveram envolvidos em tais situações.

Garrincha, que em diversos momentos foi lembrado pelas contusões que sofreu em ambos os joelhos, já em 1960, durante a disputa da Copa do Atlântico³²⁶, era dispensado em função de “uma antiga contusão”³²⁷; o problema reapareceu com certa frequência e se intensificou ao longo dos anos da carreira do ponta-direita. Em 1963, foi noticiado que “Garrincha vai pedir dispensa por causa do joelho”³²⁸ e, ainda ecoando tal problema, em 1964, o JB destacava que o jogador “desde o fim de 1962 tem jogado com um super esforço”³²⁹, o que o levaria a passar por um procedimento operatório em 1965. Muito em função das coberturas realizadas pela imprensa, que entremeavam fatores relacionados à vida pessoal do jogador às questões profissionais, sua recuperação passou a gerar uma série de desconfianças por parte do público, que via certo desinteresse do jogador em relação ao

³²⁶ Torneio disputado em 3 edições, em 1957, 1960 e 1976, com a participação das seleções do Brasil, da Argentina, do Uruguai e do Paraguai (que somente não disputou a primeira edição). A seleção do Brasil venceu as 3 edições.

³²⁷ JB, 01 de julho de 1960, **Seleção viaja hoje para o Paraguai sem Garrincha e Julinho**, p. 12.

³²⁸ Em 04 de abril de 1963 o JB destacava a fala do médico do Botafogo, que anos mais tarde viria a ser o médico oficial da CBD, ocupando a vaga deixada pelo Dr. Gosling: “O Dr. Lídio Toledo acha que Garrincha só ficará bom dos derrames que vem sofrendo no joelho, já há três meses, se for submetido a um rigoroso tratamento médico, extraíndo alguns dentes e realizando exames para saber se tem outros focos infecciosos”, **Garrincha vai pedir dispensa por causa do joelho**, p. 14.

³²⁹ JB, 13 de maio de 1964, **Garrincha faz exame médico hoje para ver se fica**, p. 16.

futebol. Para a disputa da Copa do Mundo de 1966, novamente o discurso médico é evocado, desta vez como instância portadora de um saber capaz de ratificar a participação de Garrincha: “Depois de um exame detalhado os médicos disseram que as pernas de Garrincha estão perfeitas”³³⁰ era a manchete destacada reportagem “Exames médicos deram Garrincha como recuperado”, que traziam o argumento baseado no “excelente estado físico do ponteiro”, que encontrava-se “inteiramente recuperado”. Já havíamos observado semelhante procedimento às vésperas de 1958, quando a junta médica da seleção, por intermédio do traumatologista responsável, descartou a necessidade de se providenciar uma cirurgia de correção das pernas tortas de Garrincha. A autorização dada pelo médico, por meio de uma perspicaz análise: “pode jogar normalmente”³³¹, embora guarde profundas diferenças em relação ao mítico jogador então ainda no aflorar de sua carreira e sem o peso de anos da prática futebolística, insere-se na mesma lógica confirmatória.

Com efeito, o acionamento do discurso respaldado pela autoridade médica poderia fundamentar posições em quaisquer sentidos, fossem elas avalizadoras das boas condições atléticas dos jogadores ou mesmo determinantes para seu desligamento ou afastamento dos trabalhos gerais. Obviamente que não intentamos, com isso, apontar para um regime completamente discricionário, que tivesse na figura do médico o centralizador das etapas definidas para a seleção; estamos querendo dar ênfase a um movimento que se diferencia daquele verificado numa época em que a simples resposta dada pelo jogador ao questionamento do treinador, bastava para definir se havia ou não condições de escalá-lo para a próxima partida.

Julinho Botelho, igualmente, foi convocado e cortado em várias oportunidades, sobretudo nos anos transcorridos entre as conquistas do primeiro e do segundo campeonato mundial pela seleção brasileira. Em alguns momentos, a trajetória de Julinho cruza com a de Garrincha, principalmente por ambos serem jogadores da seleção brasileira, por atuarem na mesma posição e por terem enfrentado problemas nos joelhos. Em 1959, as problemáticas médicas de Julinho puderam ser observadas quando da disputa da Taça Bernardo O'Higgins³³²: “O Dr. Gosling examinará, também, Julinho, mas as possibilidades do ponteiro

³³⁰ JB, 05 de abril de 1966, **Exames médicos deram Garrincha como recuperado**, p. 21.

³³¹ JB, 09 de abril de 1958, **Garrincha: pernas vão muito bem, mas garganta deve ser operada breve**, 2º Cad., p. 1.

³³² A Taça Bernardo O'Higgins existiu como um torneio de modalidade amistosa disputado entre as seleções do Brasil e Chile. Ocorreu em cinco oportunidades, entre os anos de 1955 e 1966, nas quais eram disputados sempre dois jogos. À exceção da primeira edição, que teve as partidas no sistema de "ida-e-volta", a outras edições ocorreram sempre alternando os países sedes, com os dois jogos na mesma localidade.

voltar à seleção são muito remotas”³³³, registrava o JB. Nesse contexto, também é importante destacarmos o definitivo pedido de dispensa realizado pelo próprio jogador na preparação para o Mundial de 1962, quando o iminente corte se anunciava em vista da não recuperação do jogador:

Julinho pediu dispensa da seleção brasileira – e foi atendido – ontem de tarde, depois do treino de conjunto no Morumbi, quando voltou a sentir a distensão no músculo da coxa, vendo cair por terra um esforço de quase dois meses em que se dedicou cuidadosamente a recuperar-se para garantir o seu lugar no Chile³³⁴.

Não cabe aqui nos atermos a conjecturas acerca de determinados fenômenos observados à época, mas em 62, Julinho já se encontrava na fase crepuscular de sua carreira, com 33 anos, após já ter atuado por ao menos três temporadas na Europa. De certo modo, a um respeitável jogador – que já havia disputado a Copa de 54, que reuniu condições atléticas para disputar a Copa de 58, mas que em função de atuar, à época, num clube estrangeiro (Fiorentina, da Itália) declinou da convocação em nome daqueles que jogavam no Brasil – ficaria em simbólicas melhores condições, ao menos no imaginário coletivo torcedor, se fosse solicitado seu desligamento ao invés de ser, de fato, cortado pelo médico da seleção. De todo modo, a questão médica, no caso de Julinho, se impôs de modo irrefutável ao longo de sua trajetória na seleção.

Semelhantes questionamentos envolvem também o ponta esquerda Pepe, que embora não tivesse sido cortado das Copas de 1958 e 1962, em ambas esteve impossibilitado de atuar por conta de lesões sofridas momentos antes do torneios. Uma dedução significativa que podemos fazer a partir do relato do próprio Pepe acerca da preparação para a Copa de 1958, quando narra que “Os exames médicos foram super rigorosos”, é de uma espécie de efeito colateral que a submissão aos tratamentos ocasionou em seu regime de preparação: “Tive que fazer uma cirurgia nas gengivas e extrair dois dentes do siso. Isso me tomou duas semanas, já que Canhoto e Zagalo estavam aptos e treinando normalmente” (MACIA, 2006, p. 32), registrou salientando que na disputa pelas duas vagas para a ponta-esquerda, ficou em desvantagem frente aos outros pontas, já que teve menos tempo de treinamento em campo e, portanto, viu-se na obrigação de empenhar maior dedicação e afino nos treinamentos e amistosos. Tal acontecimento significou também maior exposição a risco de contusões. Com efeito, ao que tudo indica, o caso de Pepe esteve mesmo sob risco de corte, já que, nas palavras do próprio dentista da seleção – embora não seja revelado o nome do jogador – um

³³³ JB, 19 de setembro de 1959, **Gosling dará a última palavra, mas Pelé joga**, p. 12.

³³⁴ JB, 15 de maio de 1962, **Julinho pediu dispensa e já está de fora**, p. 12.

caso fora dos recorrentes cuidados odontológicos e das extrações dentárias para combate aos “focos” chamou bastante atenção do corpo médico da CBD:

Durante a triagem, tivemos um jogador que não queria ser examinado porque justificava possuir duas dentaduras postiças. Avisado, determinei que o exame fosse feito de qualquer forma para verificar a existência de fibrose. Que surpresa! As dentaduras estavam sobre cacos de dentes e a gengiva apresentava grande fibrose pelo traumatismo sofrido. Feitas as radiografias, constatou-se a existência de vários focos.

Diante do fato consultei o técnico Vicente Feola se seria o caso da dispensa do jogador. Respondeu-me ele que precisa do jogador por sua grande qualidade como profissional. Então executei a cirurgia removendo todos os focos e preparei duas novas dentaduras de acordo com a sua condição bucal. Em quinze dias o jogador já tinha condições de voltar a treinar (TRIGO, 2002, p. 66).

O próprio Pelé, que visto em retrospectiva é tido como um jogador portador de um conjunto de habilidades corpóreas assustadoramente favoráveis para os padrões de seu tempo, conjugando compleição física amplamente desenvolvida e recursos justificáveis até mesmo como oriundos de matrizes genéticas que lhe possibilitavam “a percepção dinâmica de todos os elementos envolvidos no espaço-tempo, bola-homem-campo-meta” (WISNIK, 2008, p. 289), também esteve sob a alça de mira do poder de veto médico na Copa de 1958. Embora não desprezemos que seu próprio corpo é testemunha de uma brutal evolução física ao longo dos anos nos quais atuou profissionalmente, e que na Suécia Pelé ainda era um jovem jogador que sequer havia completado 18 anos, é revelador lançar luz sobre uma contenda médica que o fustigou a poucos dias do embarque para a Suécia. Em suas próprias palavras, o ambiente de incertezas que cercava o jovem craque é relatado ao mesmo tempo em que dava a dimensão do poder que convergia para o médico da CBD, tendo como vetor determinante o próprio chefe da delegação brasileira:

A comissão técnica tinha organizado dois amistosos de treinamento contra clubes italianos como parte dos nossos preparativos para a Copa do Mundo. O primeiro era contra a Fiorentina, em Florença. Fui novamente examinado e deixado de fora desse jogo – não sabia disso na ocasião, mas o Dr. Gosling ainda estava preocupado, imaginando que eu poderia ficar sem condições de jogo por um mês ainda, ou mais. Consultei o Dr. Paulo, e de novo expressei a minha preocupação por estar deixando a equipe com um jogador a menos. É preciso lhe dar o crédito de ter deixado a decisão a cargo do Dr. Gosling, a ser tomada em termos puramente médicos, mas ele já sabia que José de Almeida, um dos diretores da seleção, começava a murmurar pelos cantos que teria que me mandar para a casa. Não me informaram nada disso, mas recebi um severo ultimato do médico: se quisesse ter alguma chance de jogar na Suécia, precisava passar por uma série de tratamentos intensivos e dolorosos para o joelho. É claro que não havia outra escolha, e iniciei o tratamento. Ele estava certo, foi duro – principalmente a parte que envolvia toalhas embebidas em água fervente (NASCIMENTO, 2006, p. 86-87).

De fato, no caso de Pelé, a juventude do jogador contribuiu para que sua recuperação fosse atingida a tempo de disputar o mundial, muito embora o futebolista tenha assistido as duas

primeiras partidas da seleção no banco de reservas – oficialmente em função de ainda não reunir as melhores condições físicas para entrar em campo.

Outro exemplo, para não ficarmos limitados aos jogadores que representaram o selecionado nacional em Copas, foi o caso de Chinesinho – meia com destacada passagem pelo Internacional-RS e pelo Palmeiras, outrora apontado como mais um representante da “fonte inesgotável de craques”³³⁵ do futebol brasileiro e tido como provável substituto de Didi na seleção brasileira – que após transferir-se em 1959 para o Real Madrid ficou impossibilitado de ser convocado por atuar no estrangeiro. Embora amiúde se noticiasse que no estágio preparatório para a Copa de 1962 a situação da saúde dos jogadores era muito boa, como fez o JB em diversas oportunidades, como em abril daquele ano, por meio da matéria que anunciava: “Gosling: convocados estão bem e nenhum tem contusão grave”³³⁶, estendendo ainda o mesmo entendimento para a área da saúde bucal: “Dentes não cortam ninguém”; ou mesmo quando Feola, exercendo a função de assessor técnico, chegou a afirmar que “Ninguém será dispensado por causa de dentes”³³⁷, o mesmo argumento médico serviu, em outros momentos, em um sentido completamente oposto, cumprindo a função de alerta aos jogadores que não apresentavam a propalada evolução. Noutra matéria, no mesmo início de abril daquele ano, eram apresentados os jogadores cujo enquadramento nos padrões normativos fugia àquela expectativa disseminada pelos novos valores encampados pela Comissão Técnica: “Comissão pensa em cortes: Chinesinho está ameaçado”, discorria sobre a possibilidade de corte envolvendo vários jogadores e vários problemas médicos, elencando aqueles com maior risco no tópico “Os prováveis”:

Chinesinho, que está com torção no joelho e em péssimo estado físico, tendo vários dentes ruins, é um dos que provavelmente serão cortados. Carlinhos, Valdir e Barbosinha, que também estão com problemas dentários — e ante-ontem não treinaram bem — passaram a figurar entre os prováveis a serem cortados. Ivã, que nem sequer pode treinar, é outro que também está sendo falado, por causa da boa atuação de Nilton Santos e Altair, no treino³³⁸.

Além dos casos apresentados, muito outros jogadores foram submetidos a situações similares, como exemplos podemos citar Quarentinha, Gérson e também Pelé.

Saindo do plano individual dos levantamentos de algumas passagens particulares de jogadores envolvidos pela questão médica, podemos chegar a acontecimentos relatados de modo mais generalizado, abrangendo a coletividade da seleção. Em maio de 1960, abordando

³³⁵ JB, 16 de maio de 1960, **Chinesinho já se firmou como sucessor de Didi: é o melhor da temporada**, p. 12.

³³⁶ JB, 06 de abril de 1962, **Gosling: convocados estão bem e nenhum tem contusão grave**, p. 12.

³³⁷ JB, 23 de março de 1962, **Dentes não cortam ninguém**, p. 12.

³³⁸ JB, 03 de abril de 1962, **Comissão pensa em cortes: Chinesinho está ameaçado**, p. 12.

os assuntos que envolviam uma partida contra a Argentina, pela Copa Roca, disputada no estádio Monumental de Nuñez, o JB anunciava no dia do embate que a escalação que defenderia a manutenção de uma “invencibilidade de 30 jogos”³³⁹ já estava definida pelo técnico Feola. A equipe projetada pelo técnico era apresentada, inclusive com várias experimentações em relação ao time que há dois anos tinha sido campeão do mundo, mas a efetiva definição acerca dos onze que entrariam em campo não estava restrita a Feola; no tópico “Médico decide”³⁴⁰, são apresentadas as causas que determinariam ao médico da seleção a aprovação do time montado: além da dependência em relação à aprovação de alguns jogadores pelo médico Hilton Gosling, que submeteria os selecionados a uma “revisão médica” a ser feita após a chegada a Buenos Aires, era ponderado também que “o frio intenso que tem feito nas noites portenhas”³⁴¹.

Outro exemplo relevante pode ser tomado a partir da preparação para o mundial de 1962. Com o estabelecimento de um cronograma de atividades que envolvia ciclo de exames, treinamento e aclimatação, que se alongou por cerca de três meses, passando pelas cidades de Campos do Jordão, Nova Friburgo e Serra Negra; as primeiras definições acerca do elenco já estavam esboçadas de antemão, antes mesmo do início dos treinamentos em conjunto. Após a convocação inicial de 41 jogadores e o estabelecimento de datas para apresentação e viagem, o JB trazia uma matéria, em 20 de março, com o tópico “Os primeiros cortes” relatando que “Já em Campos do Jordão o técnico Aimoré Moreira espera poder fazer os primeiros cortes na seleção, bastando que o médico lhe dê permissão para começar o treino”. Essa espécie de autorização ou chancela atribuída ao médico da CBD é reveladora dos regimes de poderes acionados a partir do escrete brasileiro. Alguns anos antes, o poder do veto médico, como procuramos demonstrar, estava praticamente restrito ao ambiente do vestiário, momentos antes da partida quando uma checagem era realizada; muitas vezes, a condição inapta de determinado jogador era anunciada por ele próprio, sem que houvesse a manifesta necessidade de submissão a exames ou avaliações. Em Campos do Jordão, em 62, foi seguida uma rotina de muitos exames e cuidados por parte das expertises médicas; especialistas foram deslocados do Rio de Janeiro para atender a tal finalidade, além de contarem com a complementação de profissionais locais, tendo, para tanto, mobilizado grande esforço para realização de suas atividades, o que significou a mobilização de aparatos, equipamentos e espaços físicos locais:

³³⁹ JB, 26 de maio de 1960, **Brasil estreia com frio, mas sem medo**, p. 12.

³⁴⁰ Ibid.

³⁴¹ Ibid.

O Dr. Hilton Gosling disse que a junta médica que vai examinar os jogadores será composta de 15 médicos, 12 do Rio e 3 de Campos do Jordão. Os médicos do Rio partirão amanhã, e começarão seus trabalhos imediatamente, e o Dr. Hilton Gosling acredita que os exames vão durar uma semana³⁴².

Enquanto os doutores não autorizavam o início dos treinamentos em campo, os jogadores seriam submetidos a rotinas que teoricamente já estavam sendo incorporadas à realidade do futebol. Paulo Amaral também cumpria o papel de trabalhar, a um só tempo, como agente catalisador no processo de otimização da performance e como fator decisivo no processo de recuperação daqueles que, por alguma razão, não se encontravam nas máximas condições atléticas, como fica ilustrado a partir dos exemplos de Gilmar e Quarentinha:

Paulo Amaral informou que vai esperar que todos os jogadores fiquem em boas condições físicas, para então começar os treinos. Nos 4 primeiros dias limitará os exercícios a passeios e diversões leves, e depois organizará um torneio de voleibol entre os jogadores.

Disse que terá grande facilidade em colocar Gilmar e Quarentinha em boa forma, pois os conhece bem e sabe de suas possibilidades de recuperação³⁴³.

Ainda dentro do âmbito preparatório para a Copa do Chile e reportando as prévias definições da Comissão Técnica, em fins de março de 62, o JB trazia a matéria intitulada “Aimoré diz que só o médico poderá fazer cortes por enquanto”³⁴⁴, que apresentava a argumentação de que em Campos do Jordão ainda não ocorreriam cortes por questões técnicas, restando somente as motivações de ordem médicas e físicas como condicionantes para a redução do alargado grupo de jogadores. Dando prosseguimento a essa mesma linha de abordagem, no início de abril, após os primeiros movimentos com bola, já eram noticiados os possíveis desligamentos de jogadores:

[...] a Comissão Técnica se reunirá para um estudo geral do estado técnico e físico dos jogadores convocados.

Coutinho, Chinesinho, Airton, Prado, Ivã e Carlinhos, por questões de ordem médica, são os mais ameaçados e provavelmente estarão na lista desta noite, se ela for realizada³⁴⁵.

De fato, instaurou-se um debate entre os membros da Comissão Técnica e até mesmo entre os jornalistas acerca da criação de uma atmosfera ruim pelo eminente risco de corte, que se alongou por um extenso período, sem que aqueles que não seriam aproveitados na Copa continuassem integrados ao elenco cercados de incertezas e insegurança. Tal problemática

³⁴² JB, 21 de março de 1962, **Garrincha faltou no Rio e só 7 se apresentaram em S. Paulo**, p. 12.

³⁴³ Ibid.

³⁴⁴ JB, 24 de março de 1962, **Aimoré diz que só o médico poderá fazer cortes por enquanto**, p. 12.

³⁴⁵ JB, 04 de abril de 1962, **Treino de hoje pode dar os primeiros cortes**, p. 12.

intensificou as abordagens psicologizadas acerca das ações e reações dos jogadores envolvidos, operando, também sob esse viés, o discurso médico como um agente desequilibrador nas dinâmicas de poder que submetiam os jogadores.

Com efeito, o processo de emergência e robustecimento desse saber médico no interior do corpo técnico da seleção após 1958, de chofre arrebatou os jogadores e intensificou suas esferas de atuação. Na grande maioria das vezes, as relações jogador(es)-médico(s) colocavam os futebolistas em um estado de amplo desfavorecimento, beirando, verdadeiramente, uma forma de rendição. Seria o caso, portanto, de voltarmos nossa atenção para as alterações que se estabelecem nas relações de poder existentes no ambiente da seleção brasileira a partir da atuação dos agentes portadores do saber e da discursiva médica. Nesse caso, seja pelo poder de interdição ou de autorização, o reconhecimento da implacabilidade médica repercutiria, em pouco tempo, nas concepções que os próprios jogadores desenvolveriam acerca a positividade desse exercício de controle. Submeter-se à enunciação médica, acatar seu diagnóstico, compreendê-la como uma manifestação positiva são os movimentos elementares que, partindo dos próprios jogadores – próprios sujeitos diretos desse processo – indicam uma depuração, um refinamento dos mecanismos de poder que os envolviam no sentido de validação das novas forças que se instauram. Ainda seria necessário um tempo médio para que a relação jogador(es)-médico(s) se reequilibrasse no sentido de possibilitar aos futebolistas o domínio dos novos repertórios colocados na ordem do dia³⁴⁶; enquanto estes saberes não passassem por um processo de reapropriação, a adequação aos padrões estabelecidos era um clamor observado tanto no corpo técnico da seleção, como nos veículos de imprensa que cobriam o futebol.

Evidentemente, não se trata de questionar o acesso aos cuidados médicos ou a tratamentos dessa natureza a jogadores lesionados ou sem condições físicas para a prática do futebol: “Ninguém, no fundo, saberá opor qualquer objeção que seja quando se sabe que um tratamento anódino pode vencer uma enfermidade ou que uma intervenção tecnicamente complexa pode salvar uma vida perdida. Não se derroga uma obrigação que é constituída por um saber assegurado” (CLAVREUL, 1983, p. 28), observa o psicanalista francês. O que queremos pôr em relevo ao trazer a baila essa questão, é que a autoridade médica que se instala por meio das funções de prestação de socorro àqueles que provisória ou terminantemente se revestiam da condição de doente ou lesionado/machucado, e também com

³⁴⁶ Sob tal propósito, a reapropriação dos discursos médicos pelos jogadores e clubes, na defesa de seus interesses, passaria ao longo dos anos seguintes a se manifestar na forma de lesões forjadas (durante os jogos ou antes deles), atestados médicos falsos solicitando dispensa, reivindicação de apólice de seguro para entrar em campo etc.

a incumbência de vetar ou avaliar que os jogadores selecionados estejam aptos a praticarem futebol – de prontidão ou dentro de um intervalo hábil de tempo – ou ainda, outras atribuições tecnicamente secundárias – como escolher a cidade mais bem aclimatada que oferece as melhores condições de hospedagem e salubridade para os jogadores – a partir disso, essa autoridade médica se expande alcançando um domínio que antes não lhe era próprio, compartilhando as competências sobre planejamento, organização e, sobretudo, preparação atlética dos jogadores, incluídos aí aqueles portadores de uma saúde plena e em condições normais para a prática do futebol. Se tal processo teve um demarcado início nas prévias observadas para a Copa de 1958, ao longo dos anos seguintes assentou uma forma de poder que deslocaria para sempre o eixo técnico da seleção nacional.

É pertinente, nestes termos, recorrermos novamente ao exemplo de Garrincha e à cobertura dada às suas adversidades médicas em um intervalo temporal que nos permita depreender as já aludidas alterações na subjetivação compartilhada pelos agentes envolvidos no campo futebolístico: em setembro de 1959, em uma reportagem mais bem elaborada, realizada após uma visita dos repórteres à cidade de Pau Grande, terra natal do jogador, e trazida a público pelo JB inclusive com apresentação de fotos (algo não usual no periódico, sobretudo por se tratar de uma publicação de uma quinta-feira) – uma das quais destacando as pernas tortas de uma das filhas do ponta, com o título de “Filha de peixe” e legendada com “As pernas mostram: é filha de Garrincha” – era abordada a ausência do jogador na partida a ser disputada naquele dia, entre os selecionados brasileiro e chileno pela Taça Bernardo O'Higgins. A matéria anunciava logo abaixo da coluna de Célio de Barros³⁴⁷, o título “Rezadeira disse que podia e Garrincha tirou o gesso ontem”³⁴⁸ (Imagem 14), desenvolvendo o argumento que “Garrincha jamais se incomodou com contusões”³⁴⁹, mas que daquela vez a situação havia chegado a outro grau de envolvimento e intervenção médica, já que o ponta, do joelho esquerdo pra baixo, teve a perna e o pé engessados. Ao que tudo indica, estar sendo submetido a um tratamento que imobilizava seu membro, tratava-se de algo inédito para o jogador³⁵⁰, que estava estranhando muito o tratamento ao qual fora submetido: “Já me

³⁴⁷ Em outros momentos já abordamos a coluna do ex-competidor do atletismo brasileiro e Dirigente da Federação Metropolitana de Futebol do Rio de Janeiro (colunista no JB durante fins dos anos 1950 e início dos 1960). Sem nos revestirmos da condição de analistas de sua coluna, entendemos ser importante apenas salientar que Célio de Barros notabilizou-se por colocar em debate, em diversas ocasiões, as questões relativas à modernização dos esportes nacionais.

³⁴⁸ JB, 17 de setembro de 1959, **Rezadeira disse que podia e Garrincha tirou o gesso ontem**, p. 12.

³⁴⁹ Ibid.

³⁵⁰ Na verdade, o ineditismo se estendia “aos meninos lá de Pau-Grande”, bastante sorridentes e curiosos, retratados ao lado do ponta, com gesso no pé. A legenda da foto dizia que os garotos foram os únicos que gostaram do gesso e que “deram autógrafos e sentiram o cheiro”. Ibid.

machuquei muitas vezes, mas nunca precisei disso. No tempo do ‘seu’ Zezé, eu jogava com um bruto calombo no tornozelo. Doía, mas dava. Bastava amarrar bem a atadura.”³⁵¹ O prosseguimento da cobertura relata as reações e atitudes tomadas pelo assustado e incomodado jogador: “Garrincha acabou deixando uma benzedeira livrar seu pé dos males da contusão conseguida no jogo contra o Fluminense. Terça-feira, ela foi à sua casa e, entre rezas e gestos confusos e misteriosos, afirmou que o mal não era de assustar e que no dia seguinte estaria bom”. O diagnóstico dado pela benzedeira foi mais longe, afirmando de modo terminante: “No fim de semana você já poderá chutar bola outra vez”³⁵².

O impacto do “diagnóstico” dado pela benzedeira animou Garrincha a tal ponto que o jogador imediatamente passou a se sentir melhor e ficou convencido da ideia de tirar o gesso logo no dia seguinte. A matéria destaca ainda que Sandro Moreira, o repórter do JB, e Ronaldo Theobald, seu parceiro repórter fotográfico, ainda o tentaram dissuadir da ideia, uma vez que tinham até mesmo acompanhado o procedimento de colocação do gesso realizado pelo médico do Botafogo, Dr. Nova Monteiro. No entanto, de nada adiantou o apelo dos profissionais da mídia: “Mané permaneceu irredutível” e procurou o médico da divisão local do exército, um velho conhecido, e o jogador o convenceu a retirar o gesso. Como projetado, em poucos dias Garrincha estaria em campo novamente para a prática do futebol.

Os aspectos que permeiam uma questão semelhante mudam radicalmente em um exemplo tomado a partir do mesmo Garrincha, cerca de seis anos após o episódio do diagnóstico dado pela benzedeira. Agora em uma fase após uma operação no joelho, em maio de 1965, a convocação do jogador era festejada na coluna Armando Nogueira (o colunista estava em período de férias, mas seu espaço era mantido, com a veiculação de seu nome e a assinatura de um simples “Interino” ao término do texto), que dava amplo destaque para sua nova condição física:

O Garrincha da seleção, desta vez, fisicamente não será um problema, como das últimas vezes. Com mais um período, ligeiro que seja, de treino continuado, ele vai reaparecer quase como o Garrincha de 62, e disso já deu uma boa amostra na sua última apresentação. O de que mais Garrincha precisava era, psicologicamente, um estágio na seleção, que marcasse a nova fase de sua carreira, essa dura fase pós-operação³⁵³.

O colunista ressaltava, além da recuperação física, a preocupação com o fator psicológico, que poderia tanto adiantar como prejudicar a reabilitação atlética do jogador.

³⁵¹ Ibid.

³⁵² Ibid.

³⁵³ JB, 18 de maio de 1965, **Na grande área**, coluna de Armando Nogueira, p. 19.

No mesmo diapasão, ainda no mesmo dia, a apresentação da “ficha” de todos os jogadores convocados para a realização de amistosos no Brasil e turnê internacional à Europa e África, mencionava o retorno de Garrincha:

Ao lado de Pelé, é o grande nome da seleção, agora de volta ao futebol **com a dedicação que lhe vinha faltando**. Há longo tempo. Bicampeão mundial, muitas vezes integrante da seleção, aqui e no exterior, testa nos próximos amistosos suas possibilidades para a Copa do Mundo³⁵⁴.

Cerca de um mês depois da convocação e já tendo sido cumprida a ritualística dos exames médicos prévios, a reunião dos jogadores para a preparação e treinamentos com bola se iniciava com alguns ajustes finais envolvendo a Comissão Técnica e alguns jogadores. Neste contexto, o JB registrava, fazendo uso das palavras do médico Hilton Gosling, a existência de um “novo Garrincha”³⁵⁵, tamanha a surpresa causada pela dedicação do jogador no cumprimento das recomendações passadas pelos técnicos da CBD – dentre eles, evidentemente, também o médico da seleção. Gosling mencionou estar “em dúvida se Garrincha ainda é o mesmo, pois nunca o viu tão interessado pela seleção brasileira, zeloso com sua saúde e cumpridor dos deveres”³⁵⁶. A sequência de comentários elogiosos à postura do jogador vai elencando atitudes que abonam o bom comportamento de Garrincha, transformado num verdadeiro atleta:

- Para dar uma ideia do novo Garrincha – contou o médico –, basta dizer que ele se apresentou no dia e hora marcados, é agora um dos mais dedicados para qualquer coisa da seleção e ainda me pediu um regime de dieta, afirmando que espera perder os dois quilos de excesso de peso até o primeiro jogo, contra a Bélgica³⁵⁷.

Também é exposta a intensa dedicação de Garrincha e a rápida recuperação atingida pelo ponta-direita: “Garrincha, que foi o último a deixar o campo, está em muita boa forma”³⁵⁸, enfatizava o preparador físico Paulo Amaral após submeter o jogador a “vários exercícios especiais”³⁵⁹. Tal reconhecimento seria atestado, finalmente, quando dos exames definitivos para a Copa de 1966; após a análise de seus joelhos por uma junta médica especializada, pertencente à Santa Casa do Rio de Janeiro, o médico responsável, Pedro da Cunha Jr., afirmou ao JB: “Não sei se a Comissão Técnica está preocupada com ele, mas examinei-o

³⁵⁴ JB, 18 de maio de 1965, **Ficha dos vinte e nove convocados**, p. 20, grifo nosso.

³⁵⁵ JB, 28 de maio de 1965, **Preocupação com Garrincha manteve Gosling afastado das piadas de Pelé e Trigo**, p. 18.

³⁵⁶ Ibid.

³⁵⁷ Ibid.

³⁵⁸ JB, 28 de maio de 1965, **Paulo gostou da força das pernas de Garrincha**, p. 18.

³⁵⁹ Ibid.

com os meus colegas e cheguei à conclusão de que o tal joelho complicado está totalmente curado.”³⁶⁰ Ainda que pairasse alguma desconfiança a respeito da boa recuperação do joelho de Garrincha, via de regra, as coberturas encontradas no jornalismo escrito procuravam salientar a melhora do jogador. Para tanto, as matérias apresentadas procuravam apresentar opiniões que ecoavam os diagnósticos obtidos por meio de exames ou mesmo repetiam a fórmula de passar a palavra para o(s) médico(s) que haviam tratado o jogador. Em relação a Garrincha, para que atingisse uma boa recuperação e impactasse positivamente os agentes do campo futebolístico, ele atendeu de modo disciplinado as recomendações da diretiva técnica da CBD e modulou uma imagem junto ao público torcedor como um jogador redimido, dedicado e consciencioso em relação às diretrizes médicas.

Dessarte, a evidência dos efeitos que a medicina passou a exercer, tanto objetiva como subjetivamente, fica delineada com a exposição de alguns exemplos voltados tanto para casos particulares – casos como o de Garrincha, Julinho, Pepe, Pelé e Chinesinho – como para o grupo de jogadores que serviam à seleção – incluindo, em algumas ocasiões, até mesmo alguns membros da Comissão Técnica. O entendimento de que “A medicina é um saber-poder que incide ao mesmo tempo sobre o corpo e sobre a população, sobre o organismo e sobre os processos biológicos e que vai, portanto, ter efeitos disciplinares e efeitos regulamentadores” (FOUCAULT, 2002b, p. 302) é bastante conveniente, especialmente se desdobrarmos essa lógica em uma correlação direta com o grupo de jogadores que constituíam a seleção brasileira, tomados individualmente ou em grupo. Atuando por meio de uma mecânica fundamentalmente baseada em uma lógica disciplinar, seja por concentrar poderes relacionados a decisões inversas, como veto ou liberação dos jogadores (a serem) convocados, proibição ou autorização de práticas, controle ou liberação, ou mesmo concepções sobre determinações complementares, tais como submissão a exames e diagnósticos, obediência a prescrições, recomendações de tratamentos etc., a medicina aplicada ao campo futebolístico rapidamente se constituiria em um discurso normativo portador e produtor de uma incontestável subjetivação junto aos jogadores, aos agentes do campo futebolístico e, numa ampla extensão, o público torcedor.

Podemos conceber que os processos encabeçados pelo médico da CBD em relação ao corpo de jogadores a partir de 1958, seja por meio de exames, inspeções, medições ou pelo acompanhamento dos jogadores e participação nas definições de calendários, treinos, viagens etc., marca um estágio de disseminação dos conceitos de normalidade, saúde e

³⁶⁰ JB, 07 de abril de 1966, **Santa Casa conclui exames com opinião de que todos os convocados estão em forma**, p. 20.

condicionamento atlético. O ocasional contato médico mediado pela demanda deste sujeito/jogador paciente, ou em função dos anseios produtivos de uma comissão técnica, ainda que fundamentais como cartazes de atuação, passariam a compor somente mais algumas das múltiplas funções que os agentes médicos passariam a concentrar no futebol brasileiro. Prescrições em relação aos cuidados com o corpo atlético dos jogadores, determinações diretas acerca dos jogadores convocados, interferências na ordem dos trabalhos técnicos e de preparo físico, mediações das relações internas etc., são somente alguns dos exemplos de alcance atingidos pelo saber médico no interior da seleção brasileira.

Mas a autorização e o reconhecimento desse saber, refletido nas relações de poder existentes na seleção da CBD, não se dariam somente pelas vias que envolviam os jogadores. Também os conhecimentos técnicos habilitados a pensarem e atuarem no futebol brasileiro passariam por uma redivisão das funções e, uma vez mais, a expertise médica ampliaria seu campo de atuação.

3.4. *Ressignificação, negociação e compartilhamento de saberes na Comissão Técnica de Futebol*

É bem sabido, de longa data, que a seleção brasileira foi utilizada e também se prestou a diversos interesses teoricamente alheios àqueles normalmente associados ao futebol. Igualmente, em termos da organização interna da CBD, os critérios meritocráticos ou de competência nem sempre pautaram as decisões assumidas, sejam elas em relação às medidas tomadas a partir da própria entidade, como também aquelas proveniente das intervenções externas – não restritas às de ordem política institucional – às quais esteve sujeita desde sua criação até o desmembramento em confederações específicas.

Ainda hodiernamente, em relação a qualquer convocação anunciada para a seleção brasileira, indiferentemente de se tratar de uma Copa do Mundo ou de mais um irrelevante amistoso, amiúde alguns nomes escolhidos sempre transitam em uma faixa de justificável questionamento que, inevitavelmente, trazem à tona dúvidas a respeito dos reais interesses e intervenções por trás de suas escolhas. De um modo geral, se nos dispuséssemos a tentar mapear a rede de influências concentradas por um jogador profissional de alto nível, ou mesmo quantificar seu desempenho nos gramados ou sua condição atlética por meio dos mais modernos *softwares* e sistemas de análise, certamente esbarraríamos em uma tarefa hercúlea e talvez pouco proveitosa em termos de determinação dos critérios que conduziram à escolha de determinados nomes em detrimento de outros. Nesse contexto, Damo (2007) captou bem como nos anos 2000 o manejo de variados componentes simbólicos, muito além das competências técnicas e atléticas, poderiam determinar o sucesso na afirmação da carreira de um futebolista profissional. Da mesma forma, ao longo dos anos contemplados pela presente pesquisa, algumas justificativas enunciadas em torno dos nomes escolhidos para representarem a seleção brasileira assumiriam diversos discursos, desde os já mencionados técnicos ou táticos, ou outros, como desempenho ou resistência, vinculação ao histórico vitorioso da seleção (ou, seu oposto, em relação à renovação do quadro), ou até mesmo, associados às condições médicas e psicológicas das quais desfrutavam alguns jogadores.

Esse abreviado introito se justifica em vista de realizarmos, a partir de agora, uma abordagem, em distintos momentos, acerca das relações de poder estabelecidas no interior da Comissão Técnica brasileira. Traremos de cinco passagens selecionadas que talvez nos ajudem a melhor ilustrarmos determinados aspectos sobre as possíveis relações negociais que se davam no ambiente composto pela Comissão Técnica; elas estão arroladas de modo a

exemplificarem, respectivamente: 1) negociações e acordos estabelecidos no âmbito das convocações – episódio apresentado de modo mais embasado e com maior desenvolvimento; 2) combinações técnicas e táticas no campo de jogo, ainda bastante relacionada com a primeira passagem; 3) relações conflituosas no interior da Comissão Técnica; 4) atritos envolvendo representantes da Comissão e alguns jogadores; 5) integração entre os componentes da Comissão e compartilhamento entre eles e os próprios jogadores.

Dessa forma, a primeira passagem remete à convocação do selecionado brasileiro ocorrida em maio de 1965, com vistas à disputa de três jogos amistosos no Rio de Janeiro, em comemoração ao IV centenário da capital fluminense (contra as seleções da Bélgica, Alemanha Ocidental e Argentina), seguidos de viagens pela África (Argélia) e outras partidas na Europa (Portugal, Suécia e União Soviética), a CBD anunciou a convocação de 29 jogadores. Novamente foi tornado público, de modo bastante pormenorizado, o “Programa Completo” a ser seguido pela seleção. Nele constam indicações de locais de treino, previsão de ocorrências de “coletivos”, “individuais”, “treino tático”, programação para jogadores que não tivessem atuado nas partidas e marcação de data para dispensa e embarque internacional – seis dos 29 convocados seriam dispensados antes da viagem internacional.

Outro fator apresentado na referida reportagem apontava para uma dinâmica até então não revelada nas abordagens acerca dos processos de escolha dos nomes a servirem a seleção: uma espécie de negociação no interior da Comissão Técnica em torno dos jogadores a serem escolhidos. Tal ideia fica evidenciada a partir de algumas passagens, dentre as quais selecionamos uma bastante simbólica: “Participaram da reunião que indicou os convocados, domingo, os Srs. Carlos Nascimento, Vicente Feola, Ernesto Santos, Paulo Amaral e Dr. Hilton Gosling, cabendo a cada um relacionar 44 nomes”³⁶¹.

Dentre os nomes arrolados como oficialmente habilitados a indicar os jogadores, de acordo com a ordem apresentada, temos: 1) o supervisor de futebol da CBD, Carlos Nascimento, homem de antiga relação com João Havelange e dirigente do Bangu A.C., à época, equipe de grande destaque no cenário futebolístico carioca e a principal agremiação suburbana a rivalizar com os quatro grandes clubes centrais; 2) Vicente Feola, treinador campeão mundial de seleções em 1958 e assessor técnico na campanha do bicampeonato em 1962, técnico de futebol já bastante experiente com longa trajetória, sobretudo, à frente do São Paulo F.C.; 3) Ernesto Santos, português de nascimento e radicado no Brasil, técnico de futebol durante os anos 40 e 50, professor da Escola Nacional de Educação Física e figura de

³⁶¹ JB, 18 de maio de 1965, **Santos quer 250 milhões pela convocação de Pelé e já trata de emprestá-lo para não cedê-lo à CBD**, p. 20.

grande influência junto à CBD desde o primeiro título mundial na seleção, atuando como observador (“olheiro”) e assessorando os estudos de preparação tática do time³⁶²; 4) Paulo Amaral³⁶³, treinador de futebol e preparador físico de extensa carreira junto à CBD e em vários clubes de ponta no futebol brasileiro e internacional; 5) Hilton Gosling, médico oficial da CBD desde 1958 e com marcante atuação no futebol nacional.

Mesmo não sendo nosso objetivo perquirir o grau de veracidade da informação e do detalhamento veiculados pelo JB a respeito da concepção sobre a convocação, não deixa de se inserir em um questionamento bastante relevante a enunciação da formação da Comissão Técnica e, a partir de uma reunião na qual cada um de seus componentes apresentou uma ampla lista de nomes a serem debatidos, ter-se chegado a um denominador comum na forma da lista oficial dos jogadores convocados. Como se sabe, nos primórdios do futebol no Brasil, mais especificamente na fase apontada como pertencente ao período do amadorismo, usou-se com frequência o expediente de dividir as responsabilidades, que mais tarde seriam atribuídas a um treinador, a mais de uma pessoa³⁶⁴; em um plano mais amplo e mais recente, em 1959, a seleção da Argentina experimentou com relativo sucesso a implantação de um triunvirato, como relembra Agostino a propósito das alterações implementadas após a fragorosa derrota na Suécia: “Stáble foi substituído por um triunvirato formado por José Barreiro, Victorio Spinetto e José Della Torre, cujo grande desafio foi o Sul-Americano, disputado na própria Argentina, em 1959.” (AGOSTINO, 2002, p. 171-172); também em alguns episódios esporádicos ainda hoje o tema ressurge sem grande efetividade em relação ao técnico de campo no Brasil³⁶⁵. Mas, no caso em tela, o que é mais significativo em relação à Comissão Técnica brasileira, nos idos de 1960, é a presença do médico Hilton Gosling em meio a dirigentes e técnicos de futebol, teórica e tecnicamente como um dos responsáveis por elaborar uma lista prévia de jogadores a ser submetida a uma negociação posterior entre os outros componentes da Comissão. Como procuramos evidenciar, ao longo das Copas de 1950 e 54, a convocação dos jogadores que formariam o escrete nacional passava necessariamente

³⁶² O jornal “A Noite” de 27 de dezembro de 1960, 1º Cad., p. 3, registra sobre Ernesto Santos: “Ernesto Santos, o maior teórico do futebol brasileiro apontou com exclusividade para A NOITE os jogadores cariocas que mais o impressionaram nesta temporada. Ernesto Santos, professor da Escola Nacional de Educação Física, foi mandado com a delegação brasileira em 1958, para fazer relatório sobre a esquematização de nossos adversários em campo. Suas observações muito nos valeram na conquista do ambicionado título.”

³⁶³ Será desenvolvido, ao longo da pesquisa, um capítulo específico para abordagem dos assuntos e métodos relativos à preparação física dos jogadores da seleção nacional.

³⁶⁴ A organização de *Ground Committeé* foi uma constante inclusive nos primeiros jogos disputados pela seleção da CBD desde a década de 1910.

³⁶⁵ Recentemente, em 2009, o Grêmio Barueri tentou implementar um sistema com três técnicos de campo. Toninho Moura, Luís Carlos Goiano e Diego Cerri não obtiveram os resultados esperados pela diretoria do clube da Grande São Paulo e após 10 rodadas viram ser desfeita a experiência colocada em prática no Campeonato Paulista daquele ano.

pela burocracia instituída na CBD, operacionalizada por meio da Comissão Técnica especialmente formada para a Copa do Mundo, ou pelo Conselho Técnico de Futebol; em ambos os casos, médico(s) e técnico do selecionado eram apêndices ao órgão da Confederação ou associados a ele, de acordo com as conveniências então em questão.

Efetivamente, ao menos na ordem dos discursos estabelecidos e levados a público, a competência atribuída ao médico da CBD compreendia verdadeiramente, ao menos de modo compartilhado, inclusive a convocação de jogadores para a seleção. Procedimento semelhante, inclusive, já havia sido anotado cerca de um ano antes, quando da convocação para a já mencionada Taça das Nações, em 1964. Em abril daquele ano, com a aproximação da data do torneio, a coluna de Armando Nogueira registrava alguns detalhes acerca da nova convocação que se aproximava:

Já e já, o assunto do futebol vai ser a lista da seleção elaborada pelos votos principais de Feola e Carlos Nascimento, mas, contando, também, com a participação do preparador físico (ainda não escolhido) e do médico Hilton Gosling. E, desde já, não se surpreendam se convocarem uma meia-dúzia de nomes à base da pura política de valorização profissional dos clubes mais influentes³⁶⁶.

Tal perspectiva ficou confirmada, alguns dias depois, com o anúncio dos selecionados. A própria manchete publicada pelo JB já referendava que a convocação era realizada não por Feola, mas pela própria Confederação: “CBD convocou 25 jogadores para a Taça das Nações”³⁶⁷. No corpo da matéria, duas observações endossam a perspectiva por nós apresentada. Num primeiro momento é mencionada a forma como foi feito o anúncio dos jogadores selecionados, novamente destacando a presença de Gosling:

Vinte e cinco jogadores – doze do Rio, sete de Santos, cinco de São Paulo e um do Recife, atualmente atuando por empréstimo em São Paulo – foram convocados ontem pela Comissão Técnica da CBD, representada apenas pelo Sr. Carlos Nascimento e o Dr. Hilton Gosling, para a Taça das Nações, que será realizada a partir de maio, no Rio e em São Paulo.

Os dois membros da Comissão Técnica haviam se reunido na véspera com Vicente Feola, no Hotel Paissandu, onde praticamente foram escolhidos os nomes e estabelecido o programa de treinamento³⁶⁸.

Um segundo detalhe que merece destaque diz respeito a uma pequena observação, mas que ilumina uma nova dimensão acerca da questão dos vetos ou interdições impostas, ainda que em conjunto com o técnico, pelo médico da seleção, sem que aparentes justificativas gravitem em torno de justificações de ordem médica: “Ao ser estudada a lista, os nomes de Procópio e

³⁶⁶ JB, 22 de abril de 1964, **Na grande área**, coluna de Armando Nogueira, p. 13.

³⁶⁷ JB, 30 de abril de 1964, **CBD convocou 25 jogadores para a Taça das Nações**, p. 20.

³⁶⁸ Ibid.

Modesto chegaram a ser indicados pelo Sr. Carlos Nascimento, mas Vicente Feola e o Dr. Hilton Gosling discordaram”³⁶⁹.

O que queremos demonstrar, desse modo, é que o exemplo tomado a partir da convocação de 1965, quando cada um dos membros da Comissão Técnica elaborou uma lista com 44 jogadores escolhidos, representa não uma ocorrência apartada ou eventual em relação a outras do mesmo período, mas sim ilustra um engajamento próprio de um movimento que ressignificou as funções técnicas dentro do aparato institucional da CBD. Por óbvio, essa negociação envolvendo os componentes da Comissão quando da necessidade de novas convocações, poderia assumir modulações variadas, não necessariamente implicando na hipótese de cada qual elaborar uma relação própria. De todo modo, queremos por em relevo que a função do médico da CBD, tendo atuado como propulsor de outras expertises que se assentaram a partir do deslocamento dos saberes situado no entorno de 1958, expandia-se em direção a domínios antes inimagináveis para seu repertório, angariando, assim, poderes tanto para definir jogadores que seriam convocados como para fazer objeção a outros sem aparente necessidade de recorrer a diagnósticos circunscritos a sua própria área de atuação.

Segunda passagem, ocorrida durante a disputa da já mencionada Taça das Nações, num épico jogo terminado com o placar Brasil 5x1 Inglaterra, ocorrido no Maracanã. O registro de uma abordagem ocorrida durante a partida³⁷⁰ endossava esta competência compartilhada entre os membros da Comissão Técnica; a vitória brasileira ocupava quase a totalidade das duas páginas da cobertura esportiva do JB e a matéria intitulada “Túnel brasileiro só se manifestou duas vezes durante o jogo”³⁷¹ trazia o seguinte relato:

Durante todo o jogo, o túnel dos brasileiros só se manifestou duas vezes, a primeira das quais aos 17 minutos do primeiro tempo, quando o supervisor Carlos Nascimento fez uma cara feia ao ver Joel por a mão na bola perto da área, e aos 36, quando o técnico Feola, após falar com o Dr. Gosling, mandou Pelé cair mais pela direita, ao lado de Julinho.

Como dito, o registro da orientação vinda do túnel³⁷² brasileiro, em um primeiro momento descreve somente um olhar repressivo do supervisor em atenção a uma falta cometida pelo

³⁶⁹ Ibid.

³⁷⁰ Por uma questão metodológica pré-definida, em raros momentos nos ativemos aos relatos de jogo. O fazemos agora, como um breve parêntese, dada a riqueza do evento abordado.

³⁷¹ JB, 01 de junho de 1964, **Túnel brasileiro só se manifestou duas vezes durante o jogo**, p. 27.

³⁷² O “túnel”, a que se refere a matéria, é o espaço compreendido pela desembocadura da conexão existente entre o vestiário e entrada para o gramado de jogo. Como a passagem do vestiário para o gramado geralmente compreendia um trajeto final em elevação, em vários estádios os últimos degraus desta escada compreendiam esse espaço mal delimitado que era entendido genericamente como “túnel”. Ali, antes do estabelecimento dos bancos de reserva e das “áreas técnicas”, o corpo técnico – também em processo de conquista do seu espaço – de

avante brasileiro. Depois disso, uma orientação vinda do técnico Feola só é passada ao jogador Pelé após a submissão da mesma ao médico Hilton Gosling. Importante registrarmos que não há indícios de que Pelé passasse por alguma contusão ou problemas físico, o que poderia atribuir ao verbo “cair” alguma acepção referente ao sentido de ir ao solo ou simular alguma contusão; em um sentido contrário a essas hipóteses, sua atuação na referida partida é relatada como “genial”. Se quisermos apenas ficar nas manchetes do dia que relatavam o jogo, ao menos três delas destacavam a monstruosidade da partida disputada pelo camisa 10: “Pelé foi outra vez o melhor”, “Pelé foi o mais feliz no vestiário e deu sua camisa ao inglês Moore” e “Ramsey mudou de opinião e passou a achar Pelé o maior jogador do mundo”³⁷³. O reconhecimento por parte do técnico inglês Alf Ramsey dava-se em função de, poucos dias antes, o treinador inglês ter discordado da opinião de um jornalista alemão sobre Pelé ser o melhor jogador do mundo em atividade; após o jogo, reconsiderou sua perspectiva: “Pelé é de fato a base de toda a seleção brasileira e um jogador de recursos que não encontra equivalente em qualquer parte do mundo”³⁷⁴, relatava o JB.

Deste modo, a partir dessas primeiras duas passagens evocadas, é possível inferir que o grau de influência e o poder simbólico concentrado pelo médico da CBD atingem um patamar bem mais sólido e mais amplo que aquele relacionado às funções de assessoramento à Comissão Técnica, como nos já evocados acompanhamentos médicos, estabelecimento de cortes ou determinação de tratamento aos jogadores sem condições de jogo. Com relação ao seccionamento de funções e estabelecimentos de especializações no âmbito do futebol na CBD, parece-nos que a associação do médico, ao menos na ordem dos discursos estabelecidos pelos veículos de comunicação, conflui para a realocação de sua condição junto à seleção brasileira, tanto em relação aos outros membros que poderiam compor a Comissão Técnica – embora em tal meio sua presença já tivesse destacada relevância – mas principalmente junto ao grupo de jogadores, incluindo não somente os selecionados como também aqueles que pleiteavam uma vaga na seleção. Em relação às questões atinentes à responsabilidade pela seleção de um grupo de jogadores, à participação nas instâncias que definem a convocação e ao registro de suas impressões como determinantes até mesmo para uma orientação de ordem tática, somente poderemos atribuir à função médica – e sua personalização por meio de Hilton Gosling – a penetração em diversas frentes fundamentais no processo de assentamento das

um time se concentrava para assistir e orientar os jogadores com uma vista do campo bem pouco privilegiada, semelhante àquela do público das gerais.

³⁷³ As três matérias estão em: JB, 01 de junho de 1964, p. 27.

³⁷⁴ JB, 01 de junho de 1964, **Ramsey mudou de opinião e passou a achar Pelé o maior jogador do mundo**, p. 27.

bases organizacionais de um futebol brasileiro reconhecido como vencedor após as conquistas mundiais.

Nessa medida, uma vez que a autoridade médica é definitivamente integrada às instâncias decisórias da Comissão Técnica, sendo legitimada, desta forma, a assumir posições anteriormente restritas ao grupo dos técnicos, podemos compreender, por um lado, que sua representatividade atingia patamares semelhantes àqueles ocupados pelo supervisor, pelo técnico de campo, pelo preparador físico ou alguma outra função semelhante. De outra parte, entretanto, em meio às diferenciações que cada especialista concentrava, uma característica diferia a função executada por Gosling dos demais técnicos da Comissão: o grau de incontestabilidade que a sua posição, como médico, poderia assumir. Já procuramos enfatizar a potência da palavra enunciada pelo médico; da mesma forma, trouxemos à baila a questão do desequilíbrio processado nas relações jogadores-médico a partir de sua definitiva emergência em meio aos agentes futebolísticos.

O terceiro episódio selecionado deu-se no início de março de 1963, quando Aimoré Moreira, então o técnico da seleção brasileira, havia convocado e levado para a Bolívia, por ocasião da disputa de mais um Campeonato Sul-Americano, uma equipe formada por jogadores da seleção mineira, acrescida de algumas revelações ainda inexperientes, oriundas do futebol paulista e carioca. Enquanto o Sul-Americano entrava em sua reta final, foi anunciada do Rio de Janeiro a convocação do quadro principal com vistas a mais uma Copa Roca e alguns amistosos internacionais. O anúncio para os jogos contra os argentinos contemplou 22 nomes, que seriam acrescidos de mais alguns jogadores participantes do sul-americano, mas a grande ressonância em torno da convocação deu-se pela exclusão do lateral Nílton Santos, o que acabou revelando uma disputa interna na Comissão Técnica que se alongaria por todo aquele ano. “Seus serviços não são mais úteis à CBD”³⁷⁵, afirmou João Havelange; logo depois, o JB registrava as impressões de Aimoré Moreira, que da Bolívia, se manifestava de modo contrário à opinião de Havelange: “Isto é um absurdo e um atentado contra o futebol brasileiro. Nílton Santos é um jogador da maior categoria, que apesar de sua idade corre muito mais que qualquer garoto, e não pode ficar de fora da seleção brasileira”³⁷⁶. A contenda se desdobraria para outras esferas, além do próprio jogador e da CBD, envolvendo também o Botafogo F.R. e a própria Federação carioca.

³⁷⁵ JB, 30 de março de 1963, **Botafogo ameaça CBD por não ter convocado Nílton**, p. 12.

³⁷⁶ JB, 01 de abril de 1963, **Aimoré diz que ausência de N. Santos é absurda e critica lista de convocados**, p. 31.

Pacheco (2010) captou bem como o fenômeno natural e implacável do envelhecimento passou a constituir, no imaginário futebolístico, um dos elementos centrais nas narrativas justificativas sobre queda de rendimento, perda de poder e medo da decadência por parte dos jogadores. A ocorrência do episódio envolvendo Nilton Santos e sua idade (então com 38 anos), encadeada com coberturas que validaram ou tentaram desmentir determinadas argumentações, só teria um encaminhamento resolutivo alguns dias depois, quando foi anunciado na matéria “Reunião da CBD deixa de convocar outros e mantém a lista de 22”³⁷⁷, anunciando que a partir daquele momento “A Comissão Técnica da CBD, por decisão do Sr. Mendonça Falcão, não mais decidirá os assuntos que lhe competem através do voto [...] – Todos poderão opinar, mas, na hora da decisão, vai prevalecer a opinião que no meu entender seja a melhor, tecnicamente, mesmo que o próprio técnico seja contrário a ela”³⁷⁸, como encerrou Falcão. Embora sinalizasse, no mesmo momento, a existência e a finalização de uma ambiência democrática, a determinação de Mendonça Falcão, segundo o JB, era representativa dos “pensamentos e ideias do presidente João Havelange”³⁷⁹. Contudo, a posição de Mendonça Falcão, de fato, foi muito mais significativa de um arroubo autoritário do deputado paulista³⁸⁰ que de uma dinâmica definitiva a ser assumida pela Comissão Técnica, sobretudo porque em relação aos jogos de poder existentes em suas relações internas, envolvendo técnicos, jogadores e outros membros da Comissão Técnica, naquele mesmo ano de 1963, seriam dadas contínuas provas acerca dos diminutos campos de conflito e da maior amplitude das negociações em torno de suas práticas. Portanto, um episódio evocado para exemplificar as negociações e decisões internas entre os membros da Comissão, que numa faceta se assumiam enquanto instâncias portadoras de um apreço democrático pelas instâncias deliberativas, segundo impressões compartilhadas e agenciadas por seus representantes e, noutra, não abandonava o ranço autoritário e as avocações acionadas em momentos de intensificações ou confrontos dos poderes instituídos.

A quarta passagem ocorreu em abril daquele mesmo ano, após a seleção brasileira vencer a argentina por 5x2 (4x1 no tempo normal e 1x1 na prorrogação, garantindo o título pelo critério *goal average*) na disputa da anunciada Copa Roca. O JB apresentava dentre as matérias e o descritivo do jogo um comentário que reforçava certa divisão de forças no interior da Comissão Técnica – e, evidentemente, algumas diretrizes do próprio jornal – e

³⁷⁷ JB, 04 de abril de 1963, **Reunião da CBD deixa de convocar outros e mantém a lista de 22**, p. 14.

³⁷⁸ Ibid.

³⁷⁹ Ibid.

³⁸⁰ Mendonça Falcão foi eleito, em 1959, deputado estadual por São Paulo, pelo PST, partido de pequena expressão, antiga dissidência do PTB.

expunha uma contenda que envolvia o técnico Aimoré Moreira e os jogadores: “Aimoré berrava como um desesperado na boca do túnel. Mas o time não jogava como um desesperado, porque tinha um Pelé e um Gerson”³⁸¹. Na argumentação da matéria, além da insinuação de uma insubordinação por parte dos jogadores em relação ao gestor técnico, há uma evidente valorização dos futebolistas frente aquele responsável por coordenar as ações dentro do campo de jogo; isso tudo exposto a despeito da solapante vitória brasileira frente a um fortíssimo rival de longa data. Também em 1963, na sequência da disputa da Copa Roca, uma extenuante turnê internacional (Portugal, Bélgica, França, Holanda, Alemanha Ocidental, Inglaterra, Itália, Egito, Israel e Alemanha Ocidental novamente, totalizando 12 jogos, sendo 3 não oficiais) que durou pouco mais de 30 dias e acarretou em pífios resultados – fazendo com que a representação brasileira fosse nomeada como “seleção do contra-senso” – desencadeou questionamentos ainda mais fortes em relação à figura de Aimoré Moreira, que acabou substituído ao fim daquele ano, ficando sua vaga novamente com Vicente Feola. Mendonça Falcão, que exerceu por ocasião dessa turnê a função de Chefe de delegação, foi também alvo do descontentamento da imprensa e de boa parte dos jogadores. O dirigente envolveu-se em atritos com jornalistas e com jogadores, principalmente os do Santos F.C., e em especial com Pelé, a quem chamou de “dengoso” e acusou de “boicotar a seleção”³⁸².

Ocorreram também alguns atritos em função das viagens internacionais realizadas pela seleção em solo europeu. Armando Nogueira apurou e descreveu o embate ocorrido entre os membros da Comissão Técnica, sobretudo por meio de seu superintendente, em função do desgaste físico e mental causado junto ao grupo de jogadores em razão da afronta ao planejamento traçado pelo médico da CBD, que previa que os deslocamentos brasileiros na Europa fossem realizados por linha férrea:

[...] o Supervisor Carlos Nascimento não soube ou não lhe quis dizer quem é o responsável pelo engavetamento da sugestão do médico Hilton Gosling para que as viagens da seleção na Europa se fizessem de trem, e não de avião.

Segundo as melhores fontes, posso dizer que o autor desse estranho golpe foi o Sr. Mozart di Giorgio, Superintendente da Confederação Brasileiro de Desportos. Com que objetivo, ignora-se. Sabe-se, apenas, que o roteiro de avião encareceu sobremaneira a excursão e agravou (dito pelo médico) o problema do desgaste emocional dos jogadores, que detestam viajar de avião.

[...]

Afinal de contas, por todos os aspectos, a ideia de viajar de trem, entre os países europeus, seria da maior conveniência: os técnicos da Comissão pensavam e pensam assim; o médico Hilton Gosling chegou a elaborar um programa de viagens que a CBD aprovou, em princípio. Por que, então, o Superintendente Mozart di Giorgio,

³⁸¹ JB, 17 de abril de 1963, **Brasil mantém Copa Roca com vitória, empate e ‘olé’**, p. 12.

³⁸² JB, 24 de maio de 1963, **Falcão chama jogadores de bêbados e quer Pelé fora das próximas seleções**, p. 12.

com o sacrifício dos nervos da equipe e dos cofres da CBD preferiu gastar mais dinheiro, soltando grossos dólares a uma companhia de aviação? Por que?³⁸³

Temos então, nessa passagem, uma negociação que expõe divergências tanto entre membros da Comissão, parte dos gestores da CBD, e desses em relação à parte do grupo de jogadores. Aqui, num primeiro momento, verificamos a valorização técnica dos jogadores frente a um desmerecimento das instruções oriundas da Comissão e, numa segunda esfera, uma mediação do planejamento de roteiro e viagens que passa pela valorização de um dos elementos componentes da Comissão Técnica, no caso, o próprio médico Hilton Gosling, que é evocado em detrimento dos ideais defendidos por cartolas como Carlos Nascimento e Mozart di Giorgio.

A quinta passagem arrolada, ainda no bojo das questões envolvendo as relações estabelecidas entre os membros da Comissão Técnica e o grupo de jogadores, se deu em 1966, quando a seleção brasileira já se encontrava a caminho da Copa do Mundo. Em meio a debates relacionados com a preocupação causada pela então crescente utilização de sistemas táticos tidos à época como excessivamente defensivos³⁸⁴, em abril daquele ano, buscando alternativas para enfrentar os tais “ferrolhos”, Pelé e Paulo Amaral, então de volta ao Brasil e atuando na seleção como auxiliar técnico de campo, tranquilamente estabeleciam um diálogo no sentido de planejar formas de superar as carregadas marcações adversárias. O sistema “homem-a-homem” e a defesa com líbero, estratégia então adotada com relativo sucesso pelos adversários dos brasileiros, ganhou destaque na conversa entre aquele que era o expoente técnico do grupo de jogadores e o coringa da Comissão Técnica (treinador, preparador físico, assessor), como ficou demonstrado na matéria “Pelé e Paulo Amaral chegam à conclusão de que só com muito físico se ganha a Copa”:

Depois de fazer seus exames radiográficos, Pelé sentou-se ao lado de Paulo Amaral e, durante cerca de uma hora e meia, conversaram entusiasticamente sobre os problemas técnicos que o Brasil enfrentará na Copa do Mundo. [...]

A única solução é realmente o preparo físico – aparteu Pelé – e justamente por causa das deslocções dos atacantes, que é o meio mais eficiente de furar o bloqueio defensivo deste sistema. No Santos, por exemplo, quando eles me marcam em cima eu venho para o meio de campo e o pessoal começa a lançar o Zito nas costas. [...]

³⁸³ JB, 22 de maio de 1963, **Na grande área**, coluna de Armando Nogueira, p. 11.

³⁸⁴ Desde pelo menos 1964, Armando Nogueira, em sua coluna “Na grande área”, desfiava uma verdadeira diatribe contra os sistemas de jogo baseado na maior preocupação defensiva. O tom das críticas ganhou especial vulto tanto com a conquista da Internazionale de Milão sobre o Real Madrid, na Taça dos Campeões Europeus, e principalmente após a seleção argentina ganhar a Taça das Nações, no Brasil, alcançando três vitórias, sem sofrer um gol sequer. Nogueira atenta contra o “espírito de retranca” e defende um ponto de vista baseado na ideia que “vencer sem correr riscos é triunfar sem glória”. JB, 09 de junho de 1964, **Na grande área**, coluna de Armando Nogueira, p. 16.

- Só mesmo com ótimo preparo físico – argumentou Paulo Amaral³⁸⁵.

As demandas encontradas pelo selecionado ganhariam outras formas de cobertura e abordagens por parte dos jornais consultados, perpassando momentos de maior aproximação e correspondência, e outros com mais acentuado pragmatismo. As impressões trocadas entre Amaral e Pelé são somente demonstrativas de como uma negociação amistosa entre um jogador e um representante da Comissão poderia ser ativada no sentido de planejar as ações do selecionado, sobretudo aquelas de ordem táticas, com vistas a lograr êxito no principal torneio de seleções.

Somemos a esses três últimos exemplos elencados as outras passagens anunciadas no início desse tópico (a negociação entre os membros da Comissão Técnica a partir das listas de 44 jogadores, a recomendação de Feola e Gosling pela não convocação de alguns nomes e Feola passando instrução a Pelé após consultar Gosling) e podemos aferir que os sistemas de compartilhamento de saberes na estrutura da Comissão Técnica de futebol passam por uma verdadeira reformulação no princípio dos anos 60, tendo contribuído determinantemente para tal processo a emergência e estabelecimento dos saberes representados pelos profissionais oriundos do campo médico (destacadamente o médico, mas também o preparador físico, o psicólogo, odontólogo e outras especialidades acionadas pontualmente).

Evidentemente, não se trata de evocar a incumbência de Gosling para determinar a convocação de algum jogador em vista de sua capacidade analítica em relação às qualidades técnicas ou táticas dos futebolistas – embora não se descarte que essa competência também tenha sido levada em conta em diferentes momentos; o que queremos colocar em questão é que, ora estabelecendo um canal de diálogo, ora tensionando a relação entre as partes, entendia-se como plenamente possível que os outros técnicos ou científicos desenvolvessem junto a algum jogador (ou junto a um grupo deles) um canal de troca, de negociação e discussão sobre os assuntos relativos à seleção. Por mais que tal correlação não se estabelecesse sempre de modo ameno, dificilmente isso seria compreendido como uma forma de afronta às autoridades técnicas instituídas. Todavia, tal abordagem, embora recorrente em determinados momentos em relação à generalidade dos técnicos da Comissão, não ousava se estender à figura do médico da CBD qualquer questionamento em relação às suas posições estritamente científicas. As decisões atribuídas a Gosling parecem assumir sempre status terminantes, categóricos. A proposição de Clavreul da qual “A medicina não pode ser julgada porque ela é seu próprio legislador. Não há lugar de onde se possa julgá-la. É preciso fiar-se à

³⁸⁵ JB, 04 de abril de 1966, **Pelé e Paulo Amaral chegam à conclusão de que só com muito físico se ganha a Copa**, p. 28.

sabedoria dos próprios médicos julgando-se entre eles. Seu discurso é um discurso de mestre sem partilha” (1983, p. 93.) parece ganhar respaldo a partir das passagens elencadas a respeito do posicionamento que a figura médica passaria a assumir junto à Comissão Técnica. Como veremos mais adiante, somente *a posteriori* se desenvolveria uma reapropriação de determinados conceitos médicos por parte dos jogadores, atendendo a demandas próprias dos futebolistas ou de seus clubes. E, como de modo geral essas demandas estavam inseridas em choques de interesses entre os clubes e a CBD, os usos desses saberes eram sempre realizados no sentido de tentar usurpar sua validade, mas nunca de ir num sentido contrário a ele. Também vale registrarmos que determinadas figuras associadas quase que exclusivamente à burocracia da CBD, figuras essas ainda dotadas de uma prática administrativa tributária de um modelo imperial de organização do esporte, vão insistentemente sendo minadas nas coberturas jornalísticas e até mesmo nos circuitos restritos aos próprios jogadores³⁸⁶.

Algumas outras atribuições pontuais, ainda, vão ao encontro do reforço dado ao papel médico junto à Comissão Técnica nesse período, podendo ser destacadas dentre aquelas levadas a conhecimento do público, por exemplo, a incumbência dada a Gosling para elaborar programações de viagens e – mais importante – seu deslocamento para a Inglaterra, já nos idos de 1963, com vistas a organizar as questões atinentes à estada brasileira para a disputa da Copa de 1966. Mas o ponto chave que talvez deixe de modo mais clarividente a importância assumida pela função exercida por Gosling no contexto da seleção brasileira venha de um exemplo pertencente a uma fase até mesmo anterior às passagens apresentadas, quando da preparação para o mundial de 1962. Em abril daquele ano, o repórter esportivo Dácio de Almeida, fazia um balanço dos trabalhos desenvolvidos pela Comissão Técnica na passagem da seleção brasileira pela cidade de Campos do Jordão, então a primeira cidade de uma série escolhida para melhor aclimação dos jogadores. Almeida analisa que a Comissão “apresentou um saldo favorável de acertos, sem eliminar totalmente os erros”³⁸⁷, mas que, dentre as práticas que obtiveram sucesso na empreitada, o “Trabalho que pode passar sem qualquer crítica é o da equipe médica”, uma vez que além de curar jogadores com antigas contusões, orientou as práticas que conduziram à recuperação física da totalidade dos jogadores; para tanto, é ressaltado que o “ambiente – de rigorosa disciplina – foi outro fator importante no bom trabalho da Comissão”. Passando à avaliação dos fatores negativos, nas seções “Erros” e “Ritmo de castigo”, o repórter trata da falta de aproximação entre Paulo

³⁸⁶ O ponta esquerda Pepe narra, em sua autobiografia, algumas passagens satíricas em relação ao cartola Mendonça Falcão, ridicularizado por seus desconhecimentos sobre história geral e por sua conduta truculenta. Cf. MACIA, 2006, p. 69-70.

³⁸⁷ JB, 09 de abril de 1962, **Comissão Técnica teve saldo de acertos e os médicos deram máximo**, p. 22.

Amaral, então preparador físico, e Aimoré Moreira, o técnico: “Nenhum dos dois quis se intrometer no setor do outro. Certo, mas é preciso que eles troquem opiniões”. E a crítica intensificava-se ao dirigir-se de modo mais direto a Amaral, condenando tanto a intensidade dos exercícios passados aos jogadores como a indiferenciação em relação às especificidades do grupo, que indistintamente era submetido às mesmas sequências pesadas de atividades:

Falharam também os individuais por falta de exercícios específicos, misturando os mais diversos tipos físicos de homens, casa um dentro de diferentes condições físicas no momento, a fazer os mesmos exercícios. Os mais pesados, por exemplo, a pedirem um treinamento especial, faziam os mesmos exercícios que os leves, apenas com camisas de lã para perder peso³⁸⁸.

Para avalizar tal ponto de vista, ainda é mencionado que “Além de Belini [há muito tempo parado], houve os casos de Valdir - que ficou acamado de tanta dor no corpo - Bené, Nilton Santos e Garrincha, com estiramentos ou princípio de distensão nos músculos.”

Tanto em relação à falta de entrosamento entre Aimoré Moreira e Paulo Amaral, como sobre a excessiva carga de exercícios, o repórter esportivo aponta para uma solução: no seu entendimento, sobre os integrantes da Comissão, “O ideal é que o Dr. Hilton Gosling fosse o mediador entre os dois trabalhos” e, sobre os indistintos exercícios em demasia, conclui que “É mais conveniente a inclusão do Dr. Hilton Gosling na supervisão dos individuais. É ele o homem que sabe realmente do estado atlético de cada jogador”. Em síntese, a fundamental atribuição destinada a Gosling junto à organização da Comissão Técnica, assume, com o passar dos anos, funções capazes de impor um reordenamento dos princípios normativos relacionados à saúde atlética dos jogadores. Também ganha realce o saber encampado por essa expertise médica, que condensa atributos múltiplos, sejam eles relacionados à organização, ao planejamento ou à gestão dos saberes futebolísticos, assumindo, assim, de maneira determinante, um papel decisivo junto às decisões atribuídas à Comissão Técnica de Futebol.

³⁸⁸ Ibid.

III. Conclusão

A inserção e importância assumidas pelo médico da CBD nos processos de preparação da seleção brasileira de futebol, delineados aqui, num primeiro momento, a partir dos anos que envolvem a Copa de 1950 até às vésperas da Copa de 1958, e posteriormente no período que se estende até 1966, demarcam um deslocamento na ordem dos poderes acionados no campo do futebol, mormente em relação aos agentes do campo esportivo legitimamente autorizados a anunciarem os saberes necessários à preparação dos jogadores.

Enquanto nas Copas de 1950 e 1954 a autoridade do médico esteve voltada predominantemente para os processos de recuperação e avaliação das condições dos jogadores, evidenciadas em ações pontualmente acionadas, em 1958, e a partir de então, verificamos um reordenamento dos saberes de orientação técnica da preparação dos futebolistas, que passava, numa boa medida, pela figura do médico Hilton Gosling – personagem que se mantém na Comissão Técnica desde 1958 até 66. A preocupação preventiva de maximização do desempenho dos futebolistas, a preservação de suas melhores condições de rendimento e, fundamentalmente, de alinhamento aos outros saberes técnicos ou científicos acionados compõem o repertório das funções atribuídas ao médico da CBD; entendemos que sua atuação é determinante no processo de transposição de um modelo de futebolista jogador para outro, de um futebolista de fundamentação atlética – como pode ser notado até mesmo pelo emprego de um novo linguajar nas referências corriqueiramente observadas na imprensa escrita por nós consultada.

Com a chegada do grupo de Havelange à presidência da CBD, a emergência das novas funções do médico da entidade ganha amplo respaldo. Como não poderia deixar de ser, com a conquista da Copa naquele ano uma alteração na configuração das leituras históricas sobre o futebol é processada com o suporte de um segmento grandioso da mídia brasileira (imprensa, radiofônica e televisiva), num processo de fortalecimento e manutenção das estruturas e da modulação política e administrativa do esporte brasileiro.

Dessa forma, após a primeira conquista brasileira em Copas, uma replicação do modelo vitorioso e de seus processos é ativada, desde as competições de menor vulto e até mesmo em partidas amistosas. Com o passar dos anos, alguns setores da preparação atlética dos futebolistas brasileiros são incrementados; é evidenciada a adoção de métodos científicos mais atuais, tanto na medicina, como na psicologia e na preparação física, e o franqueamento do acesso desses profissionais parece encontrar um ponto de ancoragem no futebol por meio

do médico a serviço da seleção. Num plano geral, podemos afirmar também que, por meio desses agentes técnicos e científicos, é provocado um desequilíbrio no regime dos poderes e saberes que passariam a ser reconhecidos na ambiência do futebol. Também aqui, o médico da seleção, uma vez mais, cumpre um papel de destaque na reestruturação e agenciamento dos discursos necessariamente acionados e legitimados.

IV. Bibliografia citada

- AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional.** FAPERJ, Rio de Janeiro: Mauad, 2002.
- ALBUQUERQUE, Almir. **Eu e o futebol.** São Paulo: Abril, 1973.
- ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. **“Com brasileiro, não há quem possa!”: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues.** São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- AQUINO, Maria Aparecida de. **Censura, Imprensa, Estado Autoritário (1968-1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência: O Estado de São Paulo e Movimento.** Bauru: Edusc, 1999.
- BUARQUE, Paulo Planet. **Uma vida no plural: jornal, rádio, televisão, política, justiça e muito futebol.** São Paulo: Nacional, 2003.
- CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- CARDOSO, Tom, ROCKMAN, Roberto. **O Marechal da Vitória – Uma história de rádio, TV e futebol.** São Paulo: A Girafa, 2005.
- CARDOSO, Fernando Henrique; FALETTO, Enzo. **Dependência e desenvolvimento econômico na América Latina.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação física no Brasil: a história que não se conta.** Campinas: Papirus, 2006
- CASTRO, Ruy. **Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha.** São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- CAVALCANTE, Diego Frank Marques. **Faces do Futebol-arte no Brasil: da Sedução Malandra à Imaginação Tática.** Fortaleza: Expressão, 2011.
- CLAVREUL, Jean. **A ordem médica: poder e impotência do discurso médico.** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983.
- COSTA, Leda Maria da. **A trajetória da queda: as narrativas da derrota e os principais vilões da Seleção Brasileira em Copas do Mundo.** Tese de doutoramento, Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2008.
- COUTO, André Alexandre Guimarães. **A hora e a vez dos esportes: a criação do Jornal dos Sports e a consolidação da imprensa esportiva no Rio de Janeiro (1931-1950).** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. São Gonçalo, 2011.
- DAMATTA, Roberto (Org.). **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira.** Rio de

Janeiro: Pinakothke, 1982.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Hucitec, 2007.

_____. **O simbólico e o econômico no futebol de espetáculo**: as estratégias da FIFA para tornar as copas lucrativas a partir de uma interpretação antropológica. *Razón y Palabra*, v. 69, p. 1-25, 2009.

DE CERTEAU, Michel. **“A escrita da História”**, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, v I.

_____. **O processo civilizador**: Formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, v. II.

FAUSTO, Boris, **A revolução de 1930**: historiografia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FOGAGNOLI, Marcela Martins. **“Almoçar bem é no SAPS!”**: os trabalhadores e o Serviço de Alimentação da Previdência Social (1940-1950). Dissertação de mestrado. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense; Departamento de História. Rio de Janeiro, 2011.

FLORENZANO, José Paulo. **Afonso & Edmundo**: a rebeldia no futebol brasileiro. São Paulo: Musa Editora, 1998.

_____. **A democracia corinthiana**: práticas de liberdade no futebol brasileiro. São Paulo: FAPESP; EDUC, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: o nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1999a.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2002a.

_____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **Arte, epistemologia, filosofia e história da medicina. Ditos e Escritos vol. VII**. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

_____. **A ordem do discurso**: Aula inaugural no collège de France. São Paulo: Edições Loyola, 1999b.

_____. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Ed. Forense-Universitária. 1977.

_____. **Em defesa da sociedade. Curso no Collège de France (1975-1976)**. São Paulo: Martins Fontes, 2002b.

_____. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

- FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- FRANZINI, Fábio. **Corações na ponta da chuteira** – capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919 – 1938). Rio de Janeiro, DP&A, 2003.
- FREITAS JUNIOR, Miguel Archanjo de. **No meio do caminho: tensões presentes nas representações sobre o futebol e o ideal de modernidade brasileira na década de 1950**; Tese Doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História, Departamento de História da Universidade Federal do Paraná. 2009.
- GUEDES, Simoni Lahud. **O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro**. Niterói: Eduff, 1998.
- _____. **Malandros, caxias e estrangeiros no futebol: de heróis e anti-heróis**. GOMES, L., BARBOSA, L. e DRUMMOND, J. A. (orgs.), **O Brasil não é para principiantes**. Carnavais, malandros e heróis, 20 anos depois. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000.
- GUILHERME, Paulo. **Goleiros: heróis e anti-heróis da camisa 1**. São Paulo: Alameda, 2006.
- GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. São Paulo: Contexto, 2009.
- HELAL, Ronaldo; GORDON Jr., Cesar. **Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol**. in: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 23, 1999.
- HELAL, Ronaldo. **As Idealizações do Sucesso no Imaginário Brasileiro**. Rio de Janeiro: Logos, v. 10, p. 38-42, 1999.
- HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISO, Hugo. **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro, Mauad, 2001.
- JENNINGS, Andrew. **Jogo sujo: o mundo secreto da Fifa**. 1.ed. São Paulo: Panda Books, 2011.
- MALAIA, João Manuel. **Torcer, torcedores, torcedoras, torcida (bras.): 1910-1950** in: HOLLANDA, Bernardo Buarque de [et. al.], **A torcida brasileira**, Rio de Janeiro: 7 Letras. 2011.
- MACIA, José. **Bombas de alegria**. Santos: Realejo. 2006
- MANHÃES, Eduardo Dias. **Políticas de esportes no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

- MIRA Y LÓPEZ, Emílio; SILVA, Athayde Ribeiro da. **Futebol e Psicologia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- MORAES NETO, Geneton. **Dossiê 50: Os Onze jogadores revelam os segredos da maior tragédia do futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
- NASCIMENTO, Edson Arantes do Nascimento. **Pelé, a autobiografia**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.
- NAPOLEÃO, Antonio Carlos; ASSAF, Roberto. **Confederação Brasileira de Futebol. Seleção brasileira: 1914-2006**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- NOGUEIRA, Armando; SOARES, Jô; MUYLAERT, Roberto. **A Copa que ninguém viu e a que não queremos lembrar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- PACHECO, Leonardo Turchi. **Tragédias, batalhas e fracassos: as derrotas brasileiras nas Copas do Mundo (1950-1982)**. Goiânia: Canône, 2010.
- PARDINI, Melina Nóbrega Miranda. **A narrativa da ordem e a voz da multidão: o futebol na imprensa durante o Estado Novo (1937-1945)**; Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2009.
- PEDROSA, Milton (org.). **Na boca do túnel**. Rio de Janeiro: Livraria Editôra Gol Ltda., 1968.
- PERDIGÃO, Paulo. **Anatomia de uma derrota**. Porto Alegre: L&PM, 1986.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania - Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- RODRIGUES, Ernesto. **Jogo duro: a história de João Havelange**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais**. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.
- SALDANHA, João. **Futebol & outras histórias**. Rio de Janeiro: Record, 1988.
- _____. **Os subterrâneos do futebol**. Rio de Janeiro: José Olympio Ed., 1963.
- SANTOS, Nilton. **Minha bola, minha vida**. Rio de Janeiro: Gryphus, 1998.
- SARMENTO, Carlos Eduardo. **A regra do jogo: uma história institucional da CBF**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.
- SOARES, Antonio Jorge Goncalves. **Copa de 50: uma pedagogia contra o racismo**. in: XXVI Encontro Anual ANPOCS, 2002, Caxambú-MG. São Paulo: ANPOCS, 2002. v. 26. p. 1-15.
- SOUZA, Denaldo Achorne de. **O Brasil entra em ação! Construções e reconstruções da**

identidade nacional (1930-1947). São Paulo: Annablume, 2008.

TOLEDO, Luíz Henrique de. **Lógicas no futebol.** São Paulo: Hucitec; FAPESP, 2002.

TRIGO, Mário. **O eterno futebol.** São Paulo: Thesaurus, 2002.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

V. ANEXO 1 – PPMC³⁸⁹

Preâmbulo necessário

Muito mais que o Supervisor, que assina este ensaio esportivo, devem os esportistas ter na lembrança os nomes dos grandes e admiráveis cooperadores deste serviço: Ary Silva, Flávio Iazzetti, Paulo Planet Buarque e Vicente Feola. Todos eles, sem o mínimo intuito de verem seus nomes lembrados ou discutidos, trabalharam de forma admirável para que se chegasse à presente solução.

Não foram convidados com o simples intuito de fazerem parte de "uma comissão", ou pelo fato de serem jornalistas. Foram, isto sim, porque são esportistas, estudiosos e conhecedores do assunto, tendo todos eles já acompanhado seleções e clubes do Brasil, quer em outras "Copa do Mundo", quer em viagens ao exterior. São homens, portanto, que sentiram as dificuldades em que sempre nos encontramos e que procuraram resolvê-las de uma forma compatível com o futebol brasileiro.

Outrossim, parece-me que o que aí está escrito representa o que se poderia fazer no momento. Acostumado, por força do esporte e da atividade social que exerço, a sempre trabalhar em colaboração, nada mais devo acrescentar "Todos fazemos parte de uma equipe que procura trabalhar pelo esporte do Brasil".

Paulo Machado de Carvalho

Honrado com a designação para Supervisor do selecionado nacional, com vistas à Copa do Mundo de 1958, e de acordo com o que em princípio tive oportunidade de manifestar a V.S., busquei traçar um regulamento que pudesse, sob os mais diversos aspectos, enfeixar os assuntos que dizem respeito à seleção, desde os preparativos iniciais até o instante em que deva ela estar em plena atividade para o importante torneio universal.

Aqui está agora aquele que foi o resultado do trabalho realizado. Contando com a cooperação de um grupo de amigos dedicados que comigo se prontificaram a colaborar na confecção daquele que seria o plano de trabalho para 'a seleção brasileira, apresento agora a V.S. para que, juntamente com quem de direito, examine o que se pretende fazer, o regulamento e plano elaborado para o Mundial de 1958.

Verá V.S., Sr. Presidente, que coisas que a experiência de anteriores jornadas indicava que deversem ser aproveitadas, estão incluídas no plano em anexo. Tanto quanto possível objetivei, junto com aqueles que foram meus companheiros de estudos, realizar algo que

³⁸⁹ A presente versão do Plano Paulo Machado de Carvalho foi retirada da obra de Buarque (2003, p. 316-338).

possa consubstanciar, num regulamento, aquilo que dirá respeito à seleção nos seus múltiplos aspectos. Procuramos cuidadosamente trabalhar no sentido de que nada fosse esquecido quanto às linhas gerais a serem observadas. E com esse objetivo entendemos que o regulamento deveria comportar não apenas as coisas que dizem respeito ao selecionado propriamente dito, mas, também, àquela que será a missão dos mais variados organismos, dentre os quais se incluem o CND, a CBD e o CTF, os quais, é óbvio, embora não subordinados a esta supervisão, também terão tarefas e responsabilidades correlatas, que nos aspectos objetivados não poderiam deixar de serem colocados dentro do plano agora submetido a apreciação.

No concernente ao Conselho Nacional de Desportos, a cuja digna Presidência sugerimos encaminhe V.S. cópia do presente regulamento, sem pretender ditar normas para o que deva ser a atuação daquele órgão, entendeu o Supervisor que algumas questões deveriam ser fixadas, para assegurar bem o tipo de cooperação que de uma forma direta venha a refletir no bom andamento dos trabalhos da seleção propriamente dita. As garantias quanto à requisição de elementos convocados; a necessidade de uma definição em tempo hábil quanto ao assunto da diplomação ou não dos elementos de parte técnica, para evitar confusões e complicações de última hora; a garantia de obtenção de licença para elementos convocados (jogadores ou colaboradores) que sejam servidores públicos ou estejam prestando serviço militar; a garantia quanto à proibição de excursões de clubes, ou regulamentação quanto à saída do País de atletas que possam a vir a ser convocados; as providências para facilidades de natureza alfandegária, diplomática, etc., tudo isso foi entendido por esta Supervisão como assunto diretamente relacionado com os próprios integrantes do selecionado. Dai a colocação de dispositivo atinente ao CND no regulamento elaborado, sem que com isso se pretenda traçar normas para a ação daquele organismo que, pela sua hierarquia, não poderia, evidentemente, estar subordinado ao nosso trabalho. Apenas se buscou facilitar, com definições de pontos mais precisos.

Idêntico princípio norteou o meu trabalho, e o dos meus colaboradores, no relativo à própria Confederação Brasileira de Desportos, no capítulo a ela atinente. Porque entendemos que a definição de funções deveria ser o objetivo principal, para inclusive estabelecer ordem nos trabalhos, quando estes estiverem a ser organizados e conduzidos.

Ressalta, no capítulo da CBD, a questão de natureza financeira. Não desconhece esta Supervisão as dificuldades de ordem material que se oferecerão. Mas entende também que afixação de um plano financeiro é indispensável, para que esse problema não venha a perturbar os trabalhos e atividades da seleção no momento adequado. Entendemos que o

assunto deva ser objeto de ampla definição com anterioridade. Vai a sugestão, no regulamento, quanto à adoção de um plano que estabeleça igualdade no recebimento dos atletas, enquanto durar o período de convocação. O espírito da sugestão é claro. Não se ignora o quanto de psicologicamente desfavorável se estabelece quando o regime é de desigualdade nos recebimentos financeiros dos atletas quando a serviço da seleção, onde o entendimento deve ser o de que todos os valores são iguais. Pareceu pois ao Supervisor que o indicado seria desconhecer as desigualdades salariais quanto aos contratos nos respectivos clubes, e se estabelecesse um regime igual para todos quanto aos vencimentos durante os três meses previstos para as atividades do selecionado, desde a sua convocação até a dispensa definitiva.

Relativamente aos outros artigos, o interesse da sua observação não é menor, quanto ao que toca à CBD. As disposições dos artigos 10º, 12º, 14º (muito particularmente), 15º, 16º, 17, 18º parecem-nos indispensáveis quanto ao seu atendimento. Porque eles refletem, no lado prático e também no lado psicológico, algo que diz respeito muito diretamente ao que será, na ocasião oportuna, a ação do selecionado, que não deve ficar à mercê de ausência de soluções antecipadas para problemas que a experiência ensina devam ser resolvidos antes, e não durante as atividades da seleção.

Quanto ao Conselho Técnico de Futebol, verá V.S. que o cuidado e a preocupação do Supervisor foi aquele de dar a esse importante e respeitável organismo uma função precisa, objetiva, em assuntos de entrosamento com a própria Supervisão. Parece aliás que se atendeu bem ao espírito daquela que deverá ser a atividade do CTF, como garantidor da retaguarda do selecionado, cuja direção está entregue ao Supervisor e seus elementos assessores, mas que necessita indubitavelmente de ampla cobertura quanto aos aspectos que dirão respeito à ação daquele organismo, numa colaboração estreita com a direção técnica, principalmente no relacionado com os dispositivos dos artigos 20º, 21º, 22º e 24º, de cuja obediência e boa execução muito poderá se beneficiar a equipe futebolística brasileira quando chegar o momento de entrar em ação.

No tocante ao capítulo destinado ao Supervisor, como elemento de responsabilidade máxima na condução do selecionado propriamente dito, tudo foi feito, no regulamento, no sentido de que as mais amplas responsabilidades sobre eles recaiam, quanto à direção da seleção, o que bem demonstra também o interesse e pleno sentido dessas mesmas responsabilidades com que é encarada por mim a missão que me foi atribuída.

Importante, sem dúvida alguma, a questão das convocações, cujo capítulo é dos mais extensos. O que se buscou no caso foi estabelecer um regime de ordem, de disciplina de trabalho, para que tanto quanto possível nada fique entregue aos azares das soluções

imediatistas. Todo o amplo período que vai das observações preliminares até a convocação definitiva e o período de atividades de preparação e jogos, no Brasil e no Exterior, foi objeto de minuciosos estudos, para que nada ficasse estabelecido em cará ter vago. A experiência ensina que esse é o capítulo em que maiores deverão ser os cuidados. Porque de uma boa ou defeituosa convocação poderão resultar o êxito ou o insucesso. Daí o cuidado com que o plano foi elaborado.

Perceberá V.S. que a preocupação é ampla. O que se procurará é encontrar os elementos certos para a atividade que se tem pela frente. Muita preocupação tem havido em outras oportunidades, quanto à escolha de valores essencialmente técnicos. Da mesma maneira, muita tem sido a preocupação quanto ao chamado aspecto disciplinar, levado a exceções que em determinados momentos apenas causaram perturbação e complicações quanto ao rendimento objetivado. E na medida do possível o trabalho agora apresentado busca orientar o capítulo da escolha e convocação dos elementos da seleção para outros planos. Sob certos aspectos não será exagero admitir-se que o lado técnico, embora importantíssimo, terá que ficar subordinado ao lado psicológico. Não bastará que se tenha à mão elementos tecnicamente: esportes e disciplinarmente exemplares. A experiência ensina que, nos torneios internacionais de vulto, os elementos voluntários, destituídos de recalques, mas psicologicamente indicados para o tipo de tarefa que se vai enfrentar, não devem absolutamente ser desprezados, e até certo ponto podem prevalecer sobre os outros, que no momento da ação direta e objetiva sacrificam os pontos essenciais aos princípios da beleza e da elegância. Esse o princípio adotado na elaboração do capítulo das convocações. Porque dele dependerá muito do que se tem em mira para o futuro do futebol brasileiro do campeonato mundial de 1958. E com ele se buscará introduzir o regime das mais amplas responsabilidades entregues a cada um dos convocados, sem a adoção de métodos e critérios disciplinarmente férreos, que a nada nos conduziram em oportunidades anteriores.

Quanto ao capítulo destinado à direção técnica, V.S. Sr. Presidente, que estamos dispostos a tentar algo diferente do que foi feito até agora. O regime será o de divisão de tarefas e responsabilidades, sem que, haja o senhor absoluto, outra coisa que a experiência indica não devesse subsistir. Distribuindo-se funções, com a equipe de direção técnica funcionando em conjunto, temos a impressão de que inclusive se corrigirão males decorrentes dos sistemas anteriores, de responsabilidade única, que a nada nos levaram.

Também criamos o capítulo do Capitão. Consideramos esse ponto indispensável. Muito de bom poderá ser tirado, em matéria de proveito, da adoção de tal disposição. Elaborando o regulamento dos jogadores e atribuindo a um deles a função específica de

responsável pelos mesmos e seu porta-voz, cremos estar inaugurando, em nosso meio, algo que muito proveitoso poderá ser para o futuro, principalmente se a escolha recair no homem certo.

Essa, Sr. Presidente, a exposição de motivos que entendemos ser necessária apresentar a V.S., juntamente com o regulamento em anexo, para a sua apreciação, e de quem de direito, esperando atender assim, de início, a uma indiscutível exigência dos fatos para a seleção nacional.

Novembro de 1957

Paulo Machado de Carvalho

DO CND

Competirá ao Conselho Nacional de Desportos, na colaboração a ser dada à direção da seleção nacional, o seguinte:

1º Garantir as requisições dos elementos convocados, tornando exeqüível o aproveitamento dos escolhidos.

§ Único. Nas garantias a que faz menção este artigo inclui-se a obtenção de licenças para os funcionários públicos em geral e para os que estejam prestando serviço militar.

2º Definir sobre os elementos que deverão exercer funções especializadas, de treinador, médico, massagista e preparador físico, quanto à obrigatoriedade ou não da apresentação de diploma esportivo.

3º Proibir a excursão de clubes ao exterior, a partir do mês de abril de 1958, possibilitando assim o aproveitamento integral dos elementos considerados necessários aos trabalhos da seleção.

§ Único. Na hipótese de permissão de licença de excursão a clubes possuidores de atletas ou elementos especializados que possam vir a ser convocados, o CND fixará as normas que regerão a apresentação dos mesmos na época da convocação, quando as excursões se iniciarem antes do mês de abril e possam se estender para o período de preparação do selecionado.

4º Providenciar as facilidades indispensáveis para a rápida expedição de passaportes aos integrantes da delegação organizada pela CBD, bem como colaborar para a maior facilidade na obtenção dos vistos.

5º Providenciar as facilidades indispensáveis para o rápido desembaraço de embarque do material necessário à delegação: alimentos, medicamentos, material especializado, a

exemplo do que foi feito nas Olimpíadas de 1948, em Londres, quando a harmonia entre o CND e o COB e a direção da delegação ensejou a perfeita organização desses serviços, que se refletiram no bom andamento dos assuntos ligados com a representação brasileira.

6º Providenciar, com entendimentos junto a quem de direito, a fim de que as autoridades diplomáticas brasileiras nos países a serem visitados dispensem a delegação futebolística nacional o entendimento compatível com as circunstâncias e exigências do assunto.

§ Único. Nesse entendimento das autoridades diplomáticas entende-se a assistência direta à delegação, a colocação de intérpretes à disposição, a colocação de um elemento encarregado dos contatos com as autoridades dos países visitados, a assistência aos elementos da delegação para o câmbio de moedas, e quantas facilidades mais possam decorrer dessa harmonia e atenção que incumbirá as representações diplomáticas brasileiras, dentro e fora do Brasil.

DA CBD

Competirá à Confederação Brasileira de Desportos:

7º Designar o chefe e demais componentes da direção da delegação.

8º Designar delegados junto ao Congresso da Fifa.

9º Designar um delegado junto à Comissão de Arbitragens da Fifa.

10º Designar pessoa que se encarregará especificamente de transportes e hospedagem da delegação, desde o início da preparação e até o dia da dispensa dos convocados, imprimindo-se o roteiro e distribuindo-o aos integrantes da delegação, para conhecimento de todos os detalhes.

11º Fixar, em harmonia com o Supervisor, o plano financeiro para o período de atividades da seleção, no relacionado com os elementos convocados.

§1º Fica ressaltado que nos estudos relativos aos atletas convocados poderá prevalecer o critério da instituição de regime de absoluta igualdade no recebimento dos salários entre os mesmos independente do valor fixado nos contratos que possuem com as respectivas associações de origem.

§2º No relativo às associações que fornecerem elementos ao selecionado, estudar a forma de ressarcimento financeiro, sempre que as condições o permitirem, levando em conta a eventualidade de saldos e o número de atletas requisitados.

12º Encarregar-se do transporte de correspondência, alimentos, material especializado, quando a delegação estiver em viagem, estabelecendo com quem de direito os entendimentos necessários à chegada ao local do destino com a rapidez e as facilidades indispensáveis.

13º Adotar, em harmonia com o CND e com o supervisor, em obediência também ao disposto no Código Brasileiro de Futebol, as medidas necessárias para a fiel observância da disciplina e do respeito que devem ser mantidos por todos os integrantes da delegação.

§ Único. No relativo aos atletas convocados e aos colaboradores especializados, serão elaboradas pela supervisão as normas a serem seguidas pelos mesmos, e a infringência às mesmas será posteriormente objeto de apreciação e julgamento, para efeito de aplicação das penalidades estabelecidas pelo código.

14º Afim de tornar exeqüível a aplicação adequada ao disposto no artigo anterior, a CBD providenciará a constituição de Tribunal Especial, junto à delegação, para estudo das questões de ordem disciplinar que forem consideradas objeto de julgamento, desde que as mesmas firam as disposições das normas a serem elaboradas pelo Supervisor.

15º Providenciar e promover o respectivo seguro dos atletas componentes da seleção brasileira, durante o período em que os mesmos estejam requisitados, desde o dia da apresentação até o dia do retorno dos mesmos aos clubes de origem.

16º A fim de promover tanto quanto possível a obtenção de elementos de colaboração para a direção técnica do selecionado, a CBD, providenciará a ida à Europa, com antecedência de elemento de absoluta confiança, para todas as observações que digam respeito a assuntos estritamente relacionados com os interesses da seleção, o qual, uma vez chegada a delegação à Suécia, estará em condições de oferecer relatório e informes úteis às atividades da mesma durante o torneio.

17º A CBD, providenciará a obtenção de películas cinematográficas sobre jogos realizados pelos selecionados classificados para o campeonato mundial, a fim de permitir, na medida do possível, os estudos necessários de parte da direção técnica e dos jogadores do selecionado nacional.

18º Em época oportuna a CBD providenciará o material necessário – fotografias, dados pessoais, dados sobre a carreira de cada atleta – para que sejam compiladas biografias dos jogadores da seleção, a serem fornecidas, na Suécia, aos órgãos de divulgação de qualquer nacionalidade que pelo assunto demonstrarem interesse. Tal material será fornecido por pessoa designada para a função, evitando-se com essa providência, na medida de possível, cansativos momentos de entrevista, tão comuns nessas oportunidades.

DO CTE

Ao Conselho Técnico de Futebol da CBD incumbirá:

19º Em harmonia com o Supervisor:

- a) Indicar o treinador e o assessor do selecionado.
- b) Indicar o médico da delegação.
- c) Indicar um ou mais massagistas.
- d) Indicar o preparador físico.
- e) Indicar o cozinheiro.
- f) Indicar o chefe dos locais de concentração e hospedagem.
- g) Indicar, ouvida a direção técnica, o capitão da equipe.

20º Providenciar a obtenção de todo o material técnico: uniformes, chuteiras, meias, bolas para treinamento e para jogos, bem como todo o material que for considerado indispensável para a boa marcha dos preparativos e dos jogos da seleção.

21º Estudar as condições a serem observadas, quando no estrangeiro, quanto aos regulamentos das competições, particularmente no que diz respeito ao uso de bolas, contagem de pontos, "goal average", prorrogações, uniformes dos contendores, arbitragens, datas de jogos, enfim, capaz de prevenir e evitar ignorâncias ou desconhecimentos de detalhes que possam influir no andamento dos trabalhos da seleção.

22º Estudar, em harmonia com o Supervisor, o calendário das atividades da seleção, na fase preparatória, dentro e fora do Brasil, e manter os entendimentos com as autoridades esportivas no sentido de ajustar a realização de treinos ou jogos das datas previstas.

23º Acompanhar, em conjunto ou através de elemento de sua indicação, o desenvolvimento das tarefas atribuídas aos demais órgãos de assistência ou colaboração ao selecionado, a fim de evitar confusões ou desatendimento a quanto tiver sido estabelecido e evitar ou minimizar os males daí decorrentes.

24º Providenciar a indicação de pessoa com conhecimentos especializados para orientar os jogadores nos conhecimentos das leis de jogos, e mais particularmente para se estabelecerem sobre diferentes de aplicação e interpretação das mesmas pelos jogadores e árbitros europeus.

DO SUPERVISOR

Ao Supervisor do Selecionado da CBD incumbirá:

25º Em harmonia com o CIF:

- a) Escolher o treinador e o assessor do selecionado.

b) Escolher o médico da delegação.

c) Escolher o massagista.

d) Escolher o preparador físico.

26º Indicar, ouvido o médico, o cozinheiro da delegação.

27º Escolher, ouvido o treinador, ou treinadores, o capitão da seleção.

28º Escolher, ou fixar processo para escolha do chefe dos locais de concentração e hospedagem.

29º Presidir todos os trabalhos relativos ao selecionado, na sua parte de direção técnica, subordinando a sua autoridade todos os elementos aos quais incumbem tarefas nesse setor.

30º Elaborar o regulamento a ser obedecido pelos componentes da seleção.

31º Participar ativamente das reuniões de chefia da delegação, com direito a opinar sobre quaisquer assuntos referentes à mesma, que possam vir a ter influência, direta ou indireta, nas atividades do selecionado.

32º Indicar, e escolher, se necessário, um elemento especializado para a execução de trabalhos da natureza psicotécnica que possam permitir uma contribuição mais efetiva ao assunto relacionado com a escolha dos jogadores para a seleção e a sua orientação posterior.

33º Designar elementos que se constituirão em observadores técnicos em todo o território brasileiro, para apreciação de atletas que possam vir a ser considerados úteis na convocação para a seleção.

34º Participar das decisões dos elementos especializados na parte médica e de preparação física dos jogadores.

35º O Supervisor prestará contas dos seus atos à CBD, ao CTF, ao CND, apresentando relatório das atividades da seleção, ao término das atividades da mesma, não estando obrigado, durante as mesmas, a regime de consultas com qualquer poder ou organismo da delegação, exceto as que o bom senso e o sentido de cooperação impuserem naturalmente.

DAS CONVOCAÇÕES

36º Antecedendo o período de convocação dos atletas, o Supervisor designará observador de sua confiança, para apreciação e indicação de valores nos Estados de São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Pernambuco, Bahia, no Distrito Federal, e onde mais for considerado útil.

§ Único. No Distrito Federal, a incumbência de observação de valores ficara" entregue exclusivamente aos membros do CTF da CBD, aos quais caberá a indicação dos atletas considerados em condições de merecerem convocação posterior.

37º Uma vez designados os observadores nos respectivos centros, e decorrido o período de tempo considerado bastante para uma primeira apreciação de valores técnicos, os mesmos deverão indicar ao Supervisor os nomes dos atletas que considerarem hábeis para futura convocação.

§ Único. Essa primeira indicação terá caráter exclusivamente provisório, e servirá de base para que o Supervisor oriente os trabalhos iniciais.

38º De posse da relação dos elementos considerados pelos observadores como merecedores de atenção especial, o Supervisor determinará em tempo hábil a ida do médico da CBD, o qual será também o médico da seleção, aos respectivos centros onde militam esses atletas, para submetê-los a quantos exames médicos forem considerados necessários, para atestarem as reais condições físicas dos elementos em questão.

§ Único. Os exames médicos a que se refere o presente artigo terão caráter absolutamente reservado, a ele não podendo eximir-se os atletas relacionados, e os clubes aos quais os mesmos prestam serviço, e ficarão em caráter sigiloso de posse do médico, com conhecimento da supervisão quanto aos seus resultados.

39º Para o perfeito desenvolvimento desse trabalho ligado aos exames médicos dos jogadores considerados convocados, baixará o CND, instruções tendentes a facilitar a sua execução, se necessário.

40º No decorrer da primeira quinzena do mês de março de 1958, o supervisor, em harmonia com os elementos de direção da seleção, preparará a relação definitiva dos atletas que deverão ser convocados para a preparação com vistas à Copa da Mundo, fazendo-se as convocações e as respectivas comunicações a quem de direito logo no início da segunda quinzena da mesmo mês.

41º A convocação definitiva poderá ser feita com base na apreciação dos valores apresentados pelos observadores na primeira indicação, e também nas observações feitas posteriormente, a critério do Supervisor, e tendo como base os resultados dos exames a que os atletas tenham sido submetidos.

42º A apresentação dos jogadores convocados deverá ser feita impreterivelmente a 1 de abril de 1958, devendo para tanto os atletas e os clubes aos quais os mesmos estejam presos por contratos terem tudo providenciado para a plena obediência à presente disposição.

43° Os atletas convocados, uma vez apresentados, serão submetidos aos exames médicos considerados indispensáveis na oportunidade, e entrarão imediatamente no regime de preparação que lhes tenha sido determinado pela direção técnica da seleção.

44° Para efeitos de alcançar-se tanto quanto possível uma preparação ideal do selecionado, o mês de abril deverá ser dedicado exclusivamente a treinamentos, não se realizando jogos nesse período.

45° No mês de maio, que antecede o início das disputas da Copa do Mundo, a seleção poderá realizar o número de partidas que for considerado útil para o encerramento de sua preparação, no Brasil ou no exterior, ouvido a respeito o Supervisor.

46° Durante o período de apresentação e preparação, até o momento da seleção deixar o Brasil, o Supervisor estabelecerá os locais onde serão agrupados os atletas convocados, em regime de concentração.

§1° Tanto quanto possível, e as circunstâncias aconselharem, os locais de agrupamento poderão ir sendo alternados, a fim de evitar as males decorrentes da permanência prolongada em um único ponto.

§2° A direção técnica da seleção poderá designar uma estância climatérica para concentração inicial dos atletas, para efeitos de desintoxicação, repouso e tratamento, ouvido o médico.

§3° Em qualquer caso, os locais de agrupamento e concentração dos atletas serão escolhidos sempre entre os que oferecem condições para que, a par do regime de tratamento e repouso, se possam realizar as práticas necessárias de treinamento físico e técnico.

§4° O regime de concentração obedecerá sempre aos princípios mais salutareis, do ponto de vista físico, técnico e espiritual, e será seguido sempre dentro dos critérios de mais ampla responsabilidade por parte dos próprios convocados, que não estarão sujeitos ao tipo de regime de reclusão, devendo apenas obediência aos regulamentos e ordens que lhes forem dadas pela direção.

47° O número de jogadores a serem convocados ficará a critério do Supervisor e seus assistentes imediatos – assessor e treinador – bem como caberá aos mesmos afixação daquele que será posteriormente o número definitivo dos que prosseguirão na preparação e jogos até o final dos compromissos pelo campeonato mundial, segundo as observações feitas no decorrer da preparação.

48° Na convocação dos jogadores para o selecionado, será levada em conta, tanto quanto possível, uma série de observações que digam respeito aos mesmos, observando-se os seguintes pontos:

a) Comportamento fora do gramado e suas relações.

b) Observações sobre as reações emocionais. Exemplo: Há jogadores que parecem render mais nos jogos locais e menos quando atuam na qualidade de visitantes, observação que se faz muito importante quando se cogita de jogos no estrangeiro; jogadores que rendem mais nos jogos, tidos como de menor responsabilidade, e bem menos nos jogos de maior expressão ou projeção. Nessas condições, convém que a observação sobre os atletas seja feita antes, em seus próprios clubes, entretanto para tanto a pessoa indicada pelo Supervisor, em contato direto com os técnicos dos clubes, sempre em caráter confidencial. Objetiva-se com isso a conclusão de que o jogador que somente atua bem em compromissos como local ou de menor responsabilidade, apesar do seu valor técnico, não poderá interessar. É preferível encontrar outro que, talvez não tão completo no setor técnico, possa ser perfeito no que concerne ao seu autodomínio. O atleta deverá merecer assim estudo completo sobre a sua personalidade como jogador durante uma temporada, além dos exames psicotécnicos que possam vir a ser feitos. Também deverá ser objeto de informações, saber se o jogador fuma, quantas cigarros fuma, se bebe, se gosta de tomar vinho ou cerveja, e qual o regime seguido pelo técnico nas concentrações do seu clube. Porque da média se deverá tirar o campo mais aproximadamente possível do ideal, visando tanto quanto possível o estabelecimento de um regime durante a convocação, que não quebre as normas habituais de vida de cada atleta. 49° Serão adotadas providências para evitai, na medida do possível, a convocação inicial, ou a posterior fixação no elenco do selecionado, de atletas com contrato expirado, ou em vias de terminar.

50° A fim de possibilitar as medidas indispensáveis para atender aos dispositivos atinentes ao capítulo de convocações, a indicação, convocação e requisição do treinador, assessor técnico e médico, serão feitas com a antecedência julgada necessária pelo Supervisor.

DA DIREÇÃO TÉCNICA

51° A direção técnica do selecionado será exercida pelo Supervisor, que terá como auxiliares diretos um treinador e um assessor, aos quais incumbirá:

Ao treinador:

a) Conduzir aparte da preparação dos jogadores, orientando-os no treinamento em campo, em obediência aos planos traçados por ele e o assessor, e aprovados pelo Supervisor.

b) Orientar toda a parte de preparação técnica dos jogadores, com a indispensável correção de defeitos de natureza técnica que os mesmos estejam apresentando, traçando o plano e a direção que a tarefa deverá ter, sempre em harmonia com o Supervisor e com o assessor.

c) Traçar a orientação e a planificação a ser obedecida pelo selecionado por ocasião de cada jogo, ouvido o assessor, submetendo-se ainda as questões a isso atinentes ao Supervisor, o qual dará palavra definitiva a respeito.

Ao assessor:

a) Cuidar da parte administrativa do selecionado, no concernente aos assuntos que não estejam devidamente prescritos para qualquer outro organismo dentro do presente regulamento.

b) Acompanhar todos os trabalhos de preparação do selecionado, servindo de ponto de ligação entre o treinador e o supervisor, do qual será porta-voz.

c) Assistir ao treinador no desenvolvimento de todas as tarefas a este atribuídas, acompanhando-o no decurso de seu trabalho e participando das decisões a serem tomadas quanto aos planos de treinamento e de jogos, para a posterior subordinação de tais assuntos ao Supervisor.

52° Serão ainda elementos participantes da direção técnica do selecionado um médico e um preparador físico, aos quais incumbirá:

Ao médico:

a) Dar toda a assistência de sua especialidade aos jogadores convocados.

b) Traçar, em harmonia com o supervisor, o assessor e o treinador, o regime a ser seguido pelos jogadores na parte dietética e aquele que diz respeito às condições de cada local onde estiver a seleção.

c) O médico terá ainda sob as suas diretas ordens um ou mais massagistas, e um cozinheiro, aos quais ministrará ordens e as instruções para bem conduzirem os trabalhos que lhes estarão afetos.

Ao preparador físico:

a) Ministrará aos jogadores o treinamento especializado necessário à preservação do estado físico indispensável para bem realizarem sua tarefa.

b) O preparador físico não terá a menor interferência em assuntos de natureza técnica, ficando inteiramente subordinado, no exercício de suas funções, às determinações da Direção Técnica e à orientação do médico.

53º A escalação do selecionado para os treinos e jogos será planificada pelo treinador, em harmonia com o assessor, dando-se conta do planificado ao Supervisor, que uma vez esclarecido e ilustrado sobre as razões que presidiram as decisões sugeridas, dirá sobre o assunto palavra definitiva.

54º Diariamente a Direção Técnica providenciará afixação de Ordem do Dia, em local previamente designado, com as instruções - necessárias aos atletas, incluindo-se na mesma os assuntos relacionados com a Chefia da Delegação.

DO CAPITÃO DO SELECIONADO

55º O selecionado nacional terá um capitão, indicado pelo Supervisor, ouvidos o treinador e assessor.

56º O capitão será escolhido entre os elementos convocados, tendo em vista a reputação adquirida, quer técnica, quer disciplinarmente, pela sua capacidade técnica, renome, conduta moral disciplinar e pela estima e consideração que lhe dispensarem seus companheiros.

57º Ao capitão do selecionado incumbe:

a) Orientar a equipe em campo, sendo o zelador das instruções que a direção técnica mandar executar, e coordenador de ordens.

b) Orientar a conduta dos atletas em campo, em virtude de qualquer ocorrência, no decurso de uma partida.

c) Indicar o companheiro a quem deva caber, durante o jogo, a cobrança de faltas de qualquer natureza, de acordo com as instruções recebidas pela direção técnica.

d) Impor cordialidade e respeito em campo entre os seus companheiros, aceitando ou não indicações ou sugestões que estes lhe formularem durante a partida, com o fito de aumentar o rendimento do quadro, tendo em vista a aplicação das instruções recomendadas pela direção técnica.

e) Não ter qualquer preferência para com companheiros de quadro, afim de que possa ser o elemento de constante ligação entre todos, dentro e fora do campo.

58º Os atletas devem acatamento e respeito aos avisos, instruções e orientação que durante a partida lhes forem dados pelo capitão, o qual poderá chamar-lhes a atenção por falta

ou inobservância às recomendações expedidas pela direção técnica, que responsabilizará o infrator, mediante comunicação do capitão.

59º O capitão é o representante direto dos jogadores junto à Direção Técnica do selecionado, a ele incumbindo a transmissão de problemas ou assuntos que diretamente se relacionem com os mesmos.

60º Ao capitão incumbe ainda a apresentação de qualquer representação ao árbitro, auxiliares e representante, durante uma partida, sobre assuntos que digam respeito à mesma, no que é assegurado pelas leis e regulamentos da competição.

61º O capitão será obrigatoriamente ouvido pela direção técnica, à qual apresentará relatório escrito depois de cada partida, pronunciando-se, esclarecendo sobre todas as ocorrências havidas em campo, para apuração de responsabilidade, quer na parte técnica, quer na parte disciplinar.

62º Ao capitão da equipe a Direção Técnica transmitirá todas as instruções relativas a cada partida que deva ser jogada, para que o mesmo seja o fiel executor e observador do cumprimento das mesmas em campo.

63º O capitão será substituído, nos seus impedimentos, ou quando tal for julgado conveniente, pelo atleta que a comissão técnica designar.

REGULAMENTO DOS ATLETAS

Aos atletas convocados para o treinamento, concentração, viagens e jogos da seleção nacional é estabelecido o presente regulamento, cuja obediência deverá ser absoluta.

64º Comparecer pontualmente aos locais de concentração, treinamento e jogos.

65º Tratar com o devido respeito e urbanidade aos dirigentes, aos responsáveis e auxiliares da seleção, aos representantes da crônica esportiva, aos funcionários de hotéis e alojamentos/bem como observar o maior espírito de coleguismo para com os seus companheiros.

66º Quando da assinatura diária do livro de ponto, nos locais de treinos, concentração ou alojamento, ler atentamente as instruções e a Ordem do Dia nele contidas, para sua fiel observância, e submeter-se a pesagem para anotação no respectivo livro de ponto.

67º Manter regime de vida adequado a sua condição de atleta e esportista em serviço da seleção nacional, preservando assim sua melhor forma física e cultivando o respeito devido ao atleta em tal posição.

68º Não se fazer acompanhar de quem quer que seja, estranho à seleção, nos treinos, jogos, vestiários, locais de concentração e alojamento, nem pretender proporcionar facilidades de entradas nos estádios a terceiros, ou meios de condução utilizados pela delegação.

69º Observar estritamente, com a mais fiel obediência, aos horários determinados pelos responsáveis, quanto a refeições, passeios, treinos, jogos, recolhimento ao local de concentração, e para repouso.

70º Comunicar ao médico, com a máxima urgência, toda e qualquer anomalia verificada no seu estado de saúde, não se submetendo a consultas ou tratamento com terceiros sem conhecimento e ordem do médico da seleção.

71º Não tomar parte em jogos de azar ou dinheiro.

72º Não se ausentar dos hotéis ou locais de concentração sem prévia autorização da direção técnica.

73º Fica expressamente proibido aos atletas da seleção nacional, durante o período de convocação, até a dispensa definitiva, imiscuir-se em assuntos que digam respeito a pedido de donativos, bem como lhes é vedada a participação, a qualquer título –, gracioso ou remunerado – em qualquer tipo de propaganda comercial.

74º Quando em viagem, nos locais de concentração, hotéis, visitas, observar a mais absoluta correção de atitudes, de comportamento e de trajar.

75º Quando em viagem pelo exterior, os atletas deverão usar obrigatoriamente a indumentária que lhes for determinada, a qual será fornecida pela CBD, e que se constitui de dois tipos:

a) Uniforme de viagem, visitas e recepções, de uso obrigatório nessas oportunidades, e pela conservação do qual é responsável o próprio atleta durante o tempo em que estiver ligado à seleção.

b) Uniforme para permanência no interior dos hotéis ou locais de concentração, nas mesmas condições da anterior.

76º Em qualquer época, durante o período de convocação, devem os atletas apresentar-se sempre bem trajados, segundo as instruções dadas, não sendo permitido o uso de pijamas, chabres, chinelos, tamancos, calções curtos, sandálias, fora dos dormitórios ou vestiários, sob pena de vir o atleta a ser punido pela transgressão a tais disposições, devendo também apresentar-se sempre barbeado e penteado.

77º Nos hotéis ou locais de concentração é proibida a permanência dos atletas no bar, bem como o uso de bebidas alcoólicas.

78° No período de convocação, em território nacional ou estrangeiro, fica proibida a frequência a lugares pouco recomendáveis, casas de jogos, cabarés, dancings, etc; ainda quando licenças tenham sido concedidas para passeios e distrações.

79° Ausentar-se da cidade ou pernoitar fora do local de concentração, sem conhecimento prévio e expressa autorização da direção técnica, constitui falta gravíssima, que importará no desligamento sumário da delegação, ainda que em viagem pelo exterior.

80° Em viagem, os atletas deverão estar sempre munidos dos documentos pessoais exigidos pelas autoridades, os quais lhes serão fornecidos pela CBD, e de cuja conservação, e apresentação, são diretos responsáveis.

81° Nas viagens – ônibus, trens, aviões, automóveis –, nos hotéis, concentração, nas homenagens – banquetes, recepções, etc. – os atletas só poderão tomar posse dos lugares, de mesa ou alojamento, depois de designadas pelos responsáveis.

82° Durante o período de convocação, quando não estiverem concentrados os atletas devem obrigatoriamente apresentar-se uma hora antes do início dos treinos, quando não tiverem ordens diferentes.

83° Quando por ocasião de jogos, os atletas não escalados para integrarem a equipe não poderão ausentar-se, devendo permanecer em lugar de fácil localização, e sendo obrigados, em qualquer hipótese, a assisti-los.

84° Nos vestiários, antes e no intervalo das partidas é expressamente proibido o uso do fumo, estendendo-se essa proibição, naquele local, aos eventuais presentes ao mesmo, ainda que com posição na delegação ou visitantes.

85° Durante o período de convocação, até a dispensa final, fica expressamente proibida aos atletas a prática de qualquer modalidade esportiva ou a realização de qualquer esforço que possa prejudicar seu físico, sem expressa autorização da direção técnica.

86° Não será permitido aos atletas, em qualquer circunstância, comentários sobre assuntos de natureza ou de ordem interna, ligados à delegação ou à seleção em si, bem como a concessão de entrevistas e declarações que digam respeito a países visitados ou seleções adversárias, salvo expressa autorização neste último caso, e com as cautelas indispensáveis que o bom senso recomenda nessas ocasiões.

87° Não será permitida a permanência dos atletas nos quartos de alojamentos, fora dos horários estabelecidos para repouso, a não ser para mudança de roupa ou por indicação do médico.

88º Com exceção dos que estão autorizados, não será permitida a saída do recinto de concentração, sob qualquer pretexto, bem como o recebimento de visitas sem aquela autorização da direção técnica.

89º Fica limitado ao mínimo indispensável o uso dos telefones nos hotéis e locais de concentração, estabelecendo-se para o assunto as seguintes disposições:

a) O telefone estará sempre sob guarda de elementos indicados, que atenderá os chamados de fora, decidindo sobre a conveniência ou não de chamar o atleta procurado;

b) O elemento indicado para a guarda do telefone deverá conceder autorização para o uso do telefone quando o atleta quiser fazer chamadas para fora, devendo ser inteirado, nesse caso, do assunto do telefonema, para autorizá-lo ou não;

c) Será permitido o uso do telefone aos atletas, para comunicações com seus familiares, recomendando-se entretanto o uso dessa faculdade para os casos imperiosos, e com duração restrita da ligação;

d) Nos casos de ligações interurbanas, interestaduais ou internacionais, devidamente autorizadas pela direção, correrá por conta do atleta a despesa relativa ao chamado.

90º Durante a permanência nos hotéis, o trânsito dos atletas será livre, segundo os regulamentos dos mesmos, sendo que a permanência somente será facultada nos locais previamente estabelecidos pela direção técnica, que nesse sentido baixará instruções em cada oportunidade.

91º Aos atletas não é permitida a assinatura de vales de despesas nos hotéis ou locais de concentração, correndo por sua conta os gastos sobre o que não esteja facultado e autorizado pela chefia da delegação.

92º Diariamente será escolhido, entre os próprios atletas integrantes da seleção nacional, aquele que será o chefe da concentração naquele dia, o qual apresentará no fim do dia, ao capitão do selecionado, um relatório das ocorrências havidas, tornando-se responsável por qualquer anormalidade não relatada, incumbindo-se o capitão de transmitir à direção técnica o relatório recebido, diariamente.

93º As determinações diárias dos responsáveis serão afixadas no livro de ponto, ou local apropriado, e os atletas estarão obrigados a delas tomar conhecimento, de manhã, ao levantar, após as refeições, e ao se recolherem.

94º Qualquer anormalidade que se verifique, ou reclamação cabível, deverá ser levada pelos atletas ao conhecimento do capitão, o qual delas tomará nota para comunicação à direção técnica, para o exame de sua procedência e as providências cabíveis em cada caso.

95º O não cumprimento de qualquer dos itens do presente regulamento, que poderá sofrer alterações no decurso do período de atividades do selecionado, importará em infração e nas consequentes penalidades, que serão aplicadas pelo Tribunal Especial a ser constituído junto à delegação, não procedendo qualquer alegação de desconhecimento deste regulamento, que será fornecido a cada um dos atletas convocados.

96º Os casos omissos no presente regulamento para os atletas serão resolvidos pelo Supervisor, o qual tomará em consideração, na natureza de cada caso específico, os elementos de contato e de informações que por ele forem considerados hábeis para o esclarecimento e a decisão a ser proferida.

MATERIAL PARA A SELEÇÃO

São os seguintes os objetos de material de uso para treinos e jogos, dos quais a mordomia do selecionado deverá estar sempre munida, para fornecimento nas mais diversas circunstâncias:

1. Agasalhos (1 de lã e 1 de algodão)
2. Balança portátil
3. Bolas de futebol (do tipo a ser usado na Suécia)
4. Bolas de basquete e voley
5. Chuteiras (3 para cada atleta) - Ferradura baixa, média, alta (cano longo e lingueta alta)
6. Cordões – para chuteiras e meias
7. Chumaço (algodão bruto)
8. Caneleiras (diversos tipos)
9. Coxeiras
10. Camisas para jogo (algodão e lã) – 2 cores
11. Camisas para treino (algodão e lã) – 2 cores
12. Calções para jogo – 2 cores
13. Calções para treinos
14. Calções de banho — lã ou algodão (para suspensórios)
15. Faixas – lã ou flanela (4 mts x 20 cms.) para emagrecimento
16. Faixas (ataduras) crepe – 8 cm e 10 cm
17. Joelheiras (com feltro e lisas)
18. Gorros – próprios para proteção contra o frio
19. Luvas - para proteção contra o frio

20. Luvas – especiais para os arqueiros
21. Keds ou sapatos para treinos (1 para cada atleta)
22. Medicinebol (2, 3, 4 e 5 quilos)
23. Suspensórios
24. Palmilhas de látex (amortecedores)
25. Protetores para contusões
26. Sapatos para treinos e concentração
27. Agulhas (direta e meia-lua) – 3 de cada – para sapateiro
28. Agulhas de roupa
29. Breu
30. Bombas para librar bolas (2)
31. Barbante para costurar chuteiras
32. Carretéis de linha (branca e preta)
33. Camurças ou flanela para limpeza de material
34. Cera para linha e barbante
35. Cera ou graxa, para chuteiras e sapatos
36. Escovas para limpar chuteiras (de aço e de pêlo)
37. Ferraduras de sola e fibra (soltas e prontas) – diversos tiros – travessões de fibra e sola – sola e pelica
38. Furador
39. Grosas sapateiro, raspadeira, lima e lixas
40. Pé de ferro (3 quilos), martelo, alicate, turquesas, facas
41. Pregos (vários tamanhos)
42. Toalhas
43. Tamancos

MATERIAL DE CONCENTRAÇÃO

Camisetas (2 cada atleta)

Short (2 cada atleta)

Sapatilha

Meias curtas (lã e algodão)